

VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS
DOS
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO
PROF. A. DELLA NINA
(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XVIII

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0983

SAO PAULO
Caixa Postal 4468

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

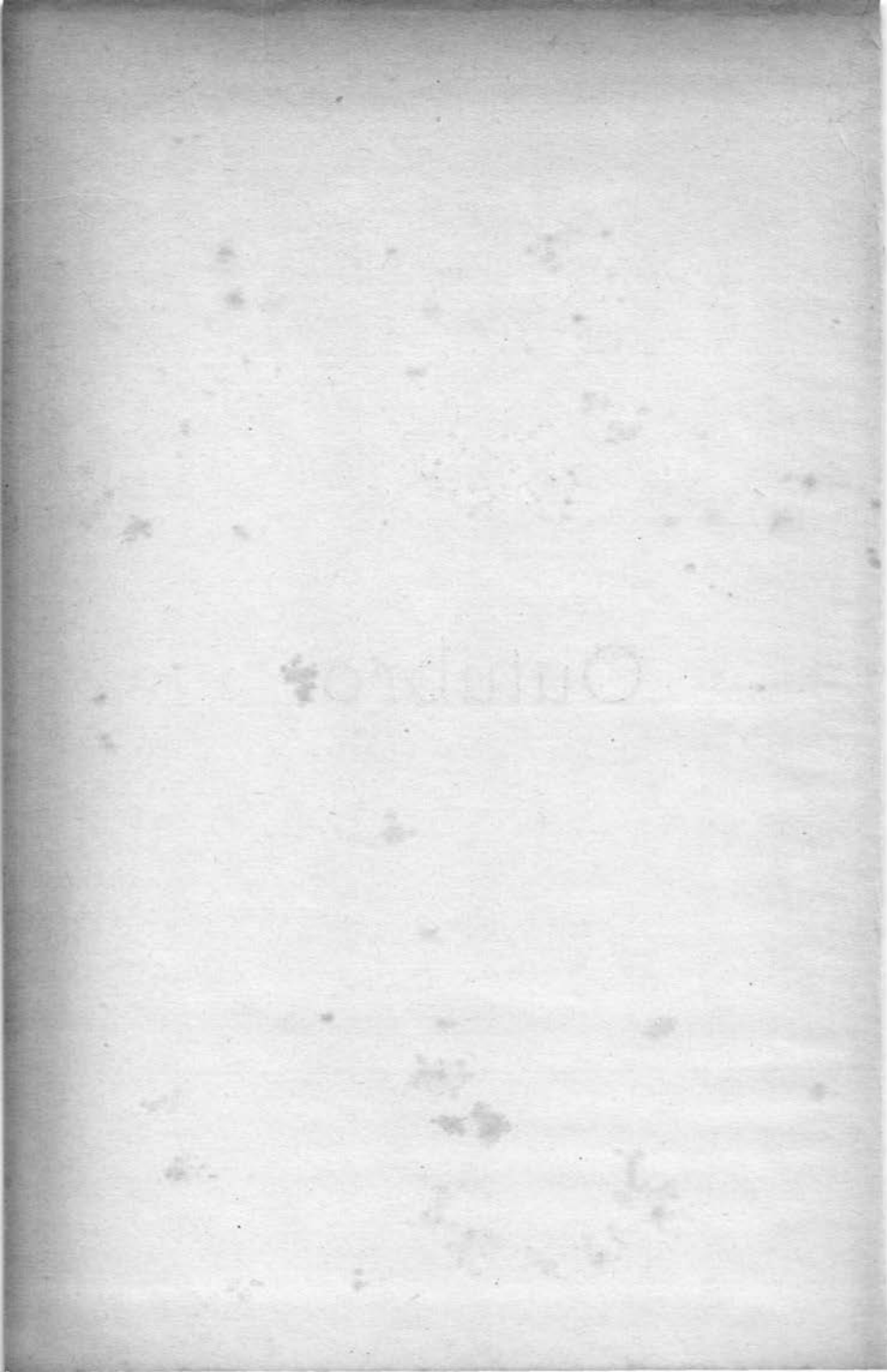
† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Vidas dos Santos

Outubro



9.º DIA DE OUTUBRO

SÃO DIONÍSIO, O AREOPAGITA

*Discípulo de São Paulo, e primeiro Bispo
de Atenas*

Temos três vidas de São Dionísio, de autores gregos: a primeira, de São Metódio, Patriarca de Constantinopla, nascido pelos fins do oitavo século, e falecido em 847; a segunda, de Miguel Syngello ou Syncello, sacerdote de Jerusalém, contemporâneo de São Metódio, e que, tal como êle, sofreu pela causa das santas imagens; a terceira, de Simeão, homem notável pela estirpe, pelos cargos que ocupou, e pela cultura que, no décimo século, reuniu tôdas as vidas de santos que conseguiu encontrar. Na maioria das vêzes, como podemos verificar, comparando a biografia de São Dionísio com as anteriores, não fêz outra alteração a não ser transformar as frases, a fim de tornar o estilo mais ameno, o que lhe valeu a alcunha de Metafrasto ou transformador de frases. A essas três vidas podemos acrescentar o resumo inserido pelo grego Nicéforo na sua *História Eclesiástica*. (1)

(1) Obras de São Dionísio, o Areopagita em grego e latim, 2 v. in-fólio, Paris 1644, t. II, p. 315 e seqq.

De acôrdo com a narrativa dêsses autcres, Dionísio, o Areopagita, nasceu numa cidade de Atenas, de família ilustre; cultivou as ciências, especialmente a astronomia, e foi um dos juizes do areópago. Ainda pagão, observou o extraordinário escurecimento do sol por ocasião da morte de Jesus Cristo, e concluiu uma de duas coisas: ou o Deus da natureza sofria, ou a máquina do mundo se desconcertara. Quando São Paulo foi anunciar aos atenienses aquêle Deus desconhecido, que adoravam sem conhecer, Dionísio foi um de seus discípulos. Também aproveitou as lições de um sábio cristão, chamado Hieroteu, que foi o primeiro bispo de Atenas, e não se distinguiu menos pelo zêlo e virtude do que pela cultura. Mereceu estar presente, com os apóstolos, à morte e aos funerais da Santa Virgem Maria, mãe de Deus, cujo corpo foi transportado pelas mãos dos apóstolos, da montanha de Sion ao sepulcro do jardim de Getsêmani, do qual passou para o céu. É o que afirma categòricamente o sacerdote de Jerusalém. Mais de dois séculos antes, São Sofrônio, patriarca da mesma cidade santa, cantava com amor um hino sôbre os santos lugares, "o jardim de Getsêmani, que outrora recebera o corpo da Santa Mãe de Deus, e onde estava seu sepulcro". Mas não se refere ao corpo, como nêle tendo permanecido. (2) Temos aqui, pois, relativamente a êsse memorável acontecimento, a tradição expressa e constante da Igreja de Jerusalém, e mesmo de todo o Oriente.

Ao retornar de Jerusalém, São Dionísio não se fixou em Atenas, mas rumou para o Ocidente, se-

(2) *Spicilegium romanum*, do Cardeal Mai, t. IV, p. 116, vers. 96-100.

guindo o exemplo dos apóstolos, em particular do mestre, São Paulo. Em Roma, apresentou-se ao Papa São Clemente, discípulo e sucessor de São Pedro. Clemente enviou-o à Gália com alguns companheiros. Saturnino, um deles, pregou o Evangelho na Aquitânia. Dionísio, na busca de países nos quais a idolatria ainda imperasse, avançou até Paris, pequena cidade dominada pelo paganismo. Seu companheiro foi pregar o verdadeiro Deus em Beauvais. Dois outros, o sacerdote Rústico e o diácono Eleutério, permaneceram a seu lado, a fim de trabalharem pela conversão dos parisienses. A cidade, também chamada Lutécia, resumia-se à ilha. Dionísio lá construiu um templo dedicado ao verdadeiro Deus e converteu um bom número de pessoas, tanto com as suas prédicas como com os seus milagres. Suportou a perseguição com maravilhosa firmeza, sob Domiciano, e continuou a evangelizar os povos até durante o governo de Trajano. Enfim, coroou com o martírio a vida de apóstolo, e foi decapitado com os santos Rústico e Eleutério. São Metódio e Simeão Metafrasto acrescentam que São Dionísio tomou a cabeça nas mãos e carregou-a durante um percurso de mil passos, indo depositá-la nas mãos de uma mulher cristã. Tal é, em resumo, a narrativa dos autores gregos. Como os gregos nunca foram acusados de lisonjear os latinos, naturalmente essa narração deve inspirar certa confiança.

Os mais antigos martirologios situam o martírio de São Dionísio, o Areopagita, no dia 3 de outubro, sob o governo de Adriano, que começou a reinar no ano de 119. Asseguram que a colina onde foi decapitado com seus companheiros, tomou por isso o nome de Monte dos Mártires, ou Montmartre. Mais tarde,



São Dionísio carregando sua cabeça, segundo a lenda, e dirigindo-se ao local da sepultura, amparado por dois anjos, e seguido por uma mulher cristã, Santa Catula, que o deve inumar (segundo miniatura de um missal do séc. XIV).

foi construído um pouco além o mosteiro de São Dionísio, cuja igreja serviu de sepultura para os reis da França, e ao redor do qual a cidade foi-se formando. Pelos meados do nono século, em 834, Luís, o Bondoso, acreditando dever a São Dionísio a restauração no trono, ordenou a Hilduíno, abade do célebre mosteiro, que reunisse tudo quanto pudesse encontrar sobre a vida e as obras do santo patrono. Hilduíno, sob o nome de Areopagita, compôs uma biografia, cujos dados foram colhidos nas histórias dos gregos, nos livros de São Dionísio, e sobretudo, nos atos do martírio de São Dionísio, redigidos por Visbic, testemunha ocular. O dominicano francês, Noel Alexandre acredita na autenticidade desses documentos; conclui, assim como de dezoito outras provas, que o bispo de Atenas e o de Paris são uma só pessoa, o verdadeiro São Dionísio, o Areopagita, e que os argumentos dos contraditores podem ser contestados. (3) Estamos de acordo com o dominicano francês e com os jesuítas franceses Lancel, Cordier, Halloix e outros: ou melhor, estamos de acordo com os gregos, São Metódio, Patriarca de Constantinopla, o beato Miguel, sacerdote de Jerusalém, e Simeão Metafrasto. E o que nos confirma nessa convicção são a origem, e os argumentos do partido contrário. Os autores da *Gália Cristã*, artigo *Igreja de Paris* expõem três opiniões: a primeira, que sustenta e prova com argumentos positivos que o primeiro bispo de Atenas e o primeiro bispo de Paris são o mesmo São Dionísio, o Areopagita, enviado à Gália pelo Papa São Clemente, discípulo e

(3) Ver as citações e os textos no tomo V da *História Universal da Igreja Católica*, 2.^a edição.

sucessor de São Pedro: a segunda, sem admitir a identidade da pessoa, sustenta e prova com argumentos positivos que São Dionísio, primeiro bispo de Paris foi enviado no primeiro século pelo Papa São Clemente: a terceira, para rejeitar as duas primeiras e só fazer São Dionísio chegar à Gália no terceiro século, apóia-se mais sôbre argumentações negativas do que sôbre argumentações positivas. Os autores da *Gália Cristã* citam em favor da terceira opinião, a autoridade científica do doutor Launoy, e a autoridade judicial de Luís Antônio de Ncailles, arcebispo de Paris que em 1700 *reformou* a doutrina vigente da sua igreja e, de um único e mesmo São Dionísio fêz dois, situando o Areopagita no terceiro dia de outubro, e o parisiense no nono. Mas todos sabem que êsse prelado, mais notável pela piedade do que pelos ensinamentos, foi durante a vida vítima e joguete da seita jansenista. Quanto ao doutor Launoy, todos os católicos o conhecem hoje como espírito temerário, de um catolicismo pelos menos duvidoso, e que, para sustentar suas idéias, não se vexa de falsificar textos dos Padres e dos concílios. Em suma, foi por influência daquela mesma seita que o breviário de Paris dividiu Santa Maria Madalena em três pessoas, e São Dionísio em duas. O breviário romano continua, baseado nos autores gregos, a considerar São Dionísio, o Areopagita, o mesmo bispo que viveu em Atenas e em Paris. O acôrdo de Roma e da Grécia não deixa de merecer consideração, até mesmo da parte dos católicos.

Em relação aos jansenistas, tudo difere. Para êles é bastante que Roma aprove uma coisa, ou pareça aprovar, para que a contradigam. Essa antipatia é tão profunda que se estende a todos os que

concordam com Roma, sejam gregos, e gregos do Baixo-Império. São Metódio, Patriarca de Constantinopla, Miguel, sacerdote de Jerusalém, que Cedreno considera beato, Simeão Metafrasto, Nicéforo Callista concordam em afirmar que Dionísio, o Areopagita, foi bispo de Atenas e depois de Paris; o que é incontestável. Sim, mas Roma assevera o mesmo: assim sendo, os gregos, Metódio, Miguel, Simeão e Nicéforo não sabem o que dizem e não merecem fé. Há outro motivo para os jansenistas repudiarem os historiadores gregos: é que, de acôrdo com suas obras, São Dionísio, o Areopagita, antes de vir para o Ocidente, teria assistido, com os apóstolos, à morte e aos funerais da Santa Virgem, em Jerusalém, e não em Éfeso, onde os jansenistas e outros a fazem morrer e ser sepultada, pela razão de existir nessa cidade uma igreja dedicada à Santa Virgem Maria. É natural, pois, que os jansenistas repudiem a autoridade dos nossos três ou quatro historiadores gregos. A argumentação que empregam é por isso das mais curiosas. A autoridade do abade Hilduíno e dos outros escritores do Ocidente em relação à identidade de São Dionísio, de Paris, e São Dionísio, de Atenas, nada prova, pois basearam nos gregos seus pareceres; de outro lado, a opinião dos gregos sôbre a identidade de São Dionísio, de Paris, e São Dionísio, de Atenas, nada prova, pois basearam seus pareceres nos latinos do Ocidente, no abade Hilduíno e em outros. Encontramos um eco complacente e gracioso dessa argumentação justamente onde não esperamos encontrá-la. Confiamos, porém, para a honra de Paris e da França, que ainda surgirá um católico francês, crente de coração, e conhecendo a fundo os ensinamentos da igreja sôbre a natureza humana

e a graça divina, com bastante cultura e coragem para examinar a questão de São Dionísio sem outro objetivo a não ser a conquista da verdade.

Dissemos *um católico francês, crente de coração e conhecendo a fundo os ensinamentos da Igreja sobre a natureza humana e a graça divina*. Pois a causa fundamental da antipatia dos jansenistas contra São Dionísio do areópago e suas obras, é o fato de, nos citados assuntos, o pensamento do santo não se harmonizar com o deles e sim como o da Igreja Romana.

Ensina-nos a Igreja com Santo Tomás: "A graça é um dom *sobrenatural* que Deus concede ao homem para alcançar a vida eterna. Essa graça é um dom *sobrenatural*, não apenas para o homem decaído da perfeição da sua natureza, mas para o homem na sua natureza inteira: *sobrenatural*, não apenas para o homem, mas para tôdas as criaturas; não apenas para tôdas as criaturas atualmente existentes, mas também para tôdas as criaturas possíveis". Aí está a razão, exposta pelo Anjo da escola. A vida eterna consiste em conhecer Deus, em ver Deus, não mais através do véu das criaturas, o que constitui a teologia natural; não mais como num espelho, como um enigma, e através de similitudes, o que constitui a fé: mas em vê-lo tal como é, em conhecê-lo tal como ele se conhece. *Nós o veremos como é*, disse o discípulo bem-amado. E São Paulo: *Agora o vemos através de um espelho como enigma, mas então o veremos face a face. Agora conheço-o em parte, mas então o conhecerei como sou conhecido; ou melhor, de acôrdo com a fôrça do texto original, eu superconhecerei como sou superconhecido*. Ora, todos sabem, todos concordam em que de Deus a uma criatura

qualquer há uma infinita distância. É, pois, naturalmente impossível a uma criatura, seja quem fôr, ver Deus tal qual é. tal qual êle mesmo se vê. Ser-lhe-ia preciso para tanto uma infinita faculdade de ver, faculdade que não possui, que evidentemente não pode possuir. Ainda mais: a visão intuitiva de Deus, que constitui a vida eterna, está de modo acima das criaturas, que ninguém saberia com seus próprios recursos concebê-la, nem ao menos em idéia. Sim, diz São Paulo, de acôrdo com o profeta Isaías: "*O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu, o que não se ergue no coração do homem, eis o que Deus preparou para os que o amam*". Assim, para que o homem possa merecer a vida eterna, e mesmo concebê-la em pensamento, é necessário, em todo e qualquer estado natural, uma certa participação da natureza divina. Não sendo possível ao homem elevar-se até Deus, é preciso que Deus desça até o homem, e de certo modo o deifique. Ora, essa infável condescendência da parte de Deus, essa participação da natureza divina, essa deificação do homem, é a graça. Aí está o que ensina São Tomás na sua Suma Teológica, a Igreja nas suas decisões, e São Dionísio, o Areopagita, nas suas obras.

Ora, os jansenistas pensam diferentemente, tanto de São Dionísio, como de São Tomás e da Igreja. Baius e os jansenistas supõem que no primeiro homem a graça nada mais fôsse do que a natureza; que, assim sendo, o primeiro homem poderia, pelas suas forças naturais, elevar-se acima de si mesmo, transpor a distância infinita que separa a criatura do Criador, e ver Deus imediatamente na sua essência. De onde necessariamente concluem que, se o homem decaído tem necessidade da graça própria-

mente dita, é apenas para curar e restaurar a natureza. A Igreja de Deus condenou, pois, essa proposição do jansenista Quesnel: *A graça do primeiro homem é uma consequência da criação, e era devida à natureza sã e perfeita.* E esta outra de Baius: *A elevação da natureza humana à participação da natureza divina era devida à integridade da primeira criação, e por conseguinte deve ser chamada natural e não sobrenatural.* Não é de admirar, em face de semelhantes juízos, que os próprios católicos não sejam capazes de apreciar devidamente as obras de São Dionísio, o Areopagita, nem as questões a elas ligadas.

Os críticos modernos, propuseram em princípio: "As obras atribuídas a Dionísio, o Areopagita, não podem ter sido escritas por êle. Uma prova disso é que no primeiro e no segundo século ninguém falava como êle fala: ninguém tinha as idéias que tem, nem usava as expressões que usa, tais como *superessência, supersubstancial, superbondade, bondade superminente, superciência, superconhecimento*, etc. Tais críticos, por numerosos que sejam, permitirão contudo que lhes oponhamos certas obras do primeiro século, nas quais as mesmas idéias e as mesmas expressões podem ser encontradas. Essas obras curiosas, ordinariamente impressas num só volume, são os quatro Evangelhos e as Epístolas dos Apóstolos, em particular as Epístolas de São Paulo, o próprio mestre de São Dionísio, o Areopagita. Uma passagem bastante conhecida dessas obras é a Oração Dominical. No texto grego, que é original, pode-se ler esta súplica: *Dai-nos hoje o nosso pão superessencial, supersubstancial*; o que a Vulgata assim traduz em São Mateus: "*Panem nostram*

supersubstantialem da nobis hodie!" Seria exigir demais dos críticos modernos que, antes de julgarem os Padres da Igreja, aprendam ao menos o seu *pater?*

Em tôdas as Epístolas, especialmente naquelas dirigidas aos cristãos de Éfeso e de Colosso, exorta os fiéis a elevarem-se pela graça de Deus à santificação de suas vidas e ao conhecimento perfeito de Deus e de seu Cristo. Denomina êsse conhecimento perfeito, não simplesmente *gnose*, conhecimento, ciência, mas *epignose*, *superconhecimento*, *superciência*; visto que dá da sua essência, de seus atributos e de suas obras idéias infinitamente mais altas do que tudo quanto a ciência humana pode conceber de mais sublime. A ciência, conhecimento ou *gnose*, diz Paulo aos coríntios, será destruída. Pois conhecemos em parte, e em parte profetizamos. Mas quando vier o que é perfeito, então desaparecerá o que é parcial. Agora vemos por um espelho, como um enigma; mas então veremos face a face. Agora conheço em parte, mas então *superconhecerei*; como sou *superconhecido*. São Pedro, na sua segunda Epístola, serve-se por várias vêzes da mesma expressão.

Há mais, ainda. O único mestre dos apóstolos, Jesus Cristo dá-lhes o exemplo dessa linguagem. No texto grego de São Mateus, está escrito literalmente: "Tôdas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém *superconhece* o Filho, se não é o Pai; nem ninguém *superconhece* o Pai, se não é o Filho, e quem o Filho o quizer revelar". Trata-se, como se vê, do conhecimento supereminente, supercientífico, superintelectual, que o Pai tem essencialmente do Filho, e o Filho essencialmente do Pai. Nenhuma criatura pode participar a não ser pela graça e pela revelação do

Filho. Por isso esse mesmo Filho disse até duas vezes aos seus apóstolos: "Só tendes um mestre ou doutor, é o Cristo". Os primeiros heréticos, sob o pretexto de uma suposta gnose, procuravam colocar Jesus Cristo abaixo dos poderes celestes. Eis porque os apóstolos, em quase tôdas suas epístolas, especialmente São Paulo nas suas epístolas aos efésios e aos colossenses, lembra que Jesus Cristo é a imagem substancial do Deus invisível, que nasceu antes de tôdas as criaturas. É por êle e para êle que tudo foi criado no céu e na terra, tanto as coisas visíveis como as invisíveis, os tronos, as dominações, os principados, as potestades. Êle é antes de tôdas as coisas e tôdas as coisas se concentram e subsistem nêle. Está sentado à direita de seu pai nas regiões *super-celestes*, acima de todos os principados, de tôdas as potestades, de tôdas as virtudes e de tôdas as dominações, e de tudo a que se possa dar nome, não apenas no século presente, mas também no século futuro. E tudo está sujeito aos seus pés. Êle é a cabeça do corpo da Igreja, o primogênito dentre os mortos; de maneira que êle tem a primazia em tôdas as coisas: porque foi do agrado do Pai que nêle residisse tôda a plenitude, e que por êle fôsem reconciliadas entre elas tôdas as coisas do céu. É nêle que estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência: tesouros cuja participação produz a *epignose*, conhecimento sobrenatural e perfeito do mistério de Deus e de seu Cristo.

Ora, o que os apóstolos dizem contra os gnósticos em tôdas as suas epístolas, sobre tudo o que diz São Paulo, seu discípulo, São Dionísio continua a dizê-lo, nas suas obras, contra os mesmos gnósticos. O mesmo objetivo, o mesmo fundo de doutrina, fre-

qüentemente as mesmas expressões, ou semelhantes; expressões que podem parecer estranhas, a quem não estiver familiarizado com o texto original do Novo Testamento; mas que, quando dêle temos conhecimento, tornam-se como que a marca de identificação de um discípulo e contemporâneo dos apóstolos.

As obras de São Dionísio, o Areopagita, adquiriram fama desde o século quinto e merecem tanta celebridade por causa da alta teologia que encerram; são os livros *Da Hierarquia Celeste e da Hierarquia Eclesiástica*; os tratados *Dos Nomes Divinos e Da Teologia Mística*, acrescidos de dez cartas. Escreveu mais alguns trabalhos que não chegaram até nós. Quanto às obras de São Dionísio, em geral, são mencionadas numa homilia de Orígenes, traduzida por Rufino. São Dionísio da Alexandria, contemporâneo de Orígenes, escreveu notas para serem utilizadas pelo talento de São Dionísio do areópago, citado com louvores no sermão de São Crisóstomo. São Cirilo de Alexandria, que viveu nos primeiros anos do século quinto, invoca, entre outros testemunhos, o de São Dionísio, o Areopagita, contra os heréticos que negavam o dogma da Incarnação. Juvenal, bispo de Jerusalém, numa carta ao Imperador Marciano, em que se refere à morte da Santa Virgem, menciona, como uma tradição da Igreja, a narrativa do nosso Areopagita: "Estavam lá, além dos apóstolos, Timóteo, primeiro bispo de Éfeso, e Dionísio, o Areopagita, como êle próprio nos relata no seu livro" (*Dos Nomes divinos*, c. III). Na primeira metade do século sexto, Leôncio de Bizâncio, num livro que escreveu contra Nestório e Eutíquio, cita em primeiro lugar, entre os antigos, Dionísio, o Areopagita, contemporâneo dos apóstolos. Em

outro tratado dá a lista dos Padres que ilustraram a Igreja desde Jesus Cristo até o reinado de Constantino, e entre êles menciona o nosso autor: "Foram êsses doutôres Inácio, cognominado Teóforo, Ireneu, Justino, Dionísio, o Areopagita, Metódio de Patare, Gregório Taumaturgo, etc." Santo Anastácio, o Sinaíta, compôs algumas reflexões místicas sôbre a obra dos seis dias; nelas evoca uma passagem do livro *Dos Nomes Divinos*, assim se expressando: "Êsse Dionísio, célebre contemporâneo dos apóstolos, versado na ciência das coisas divinas, ensina na sua sublime teologia que o nome dado pelos gregos à divindade significa que ela tudo vê e contempla". O Papa São Gregório, o Grande, explica algumas funções dos espíritos bem-aventurados com as próprias palavras de São Dionísio, denominando-o antigo e venerável Padre.

Se as obras de São Dionísio não são mencionadas com mais freqüência nos quatro primeiros séculos, explica-se o fato por uma razão relacionada com a própria natureza das suas obras. O autor nelas desenvolve a mais alta teologia, que não era ensinada a todos os fiéis, mas apenas aos mais aptos, como São Paulo esclarece na sua primeira epístola aos coríntios: *Spientiam autem loquimur inter perfectos*. É por isso que o autor dedica seus escritos a um bispo, Timóteo, lembrando-lhe a necessidade de conservar secretas aquelas coisas às pessoas que não estivessem preparadas para compreendê-las.

A glória de São Dionísio resplandece no sétimo século. Os melhores escritores, santos bispos, papas e concílios, o Oriente e o Ocidente, proclamam-no autor dos livros que chegaram até nós com o seu nome. Nem uma só voz discordante rompe a solene

unanimidade. A própria heresia invoca ou tolera essa incontestada autoridade. O filósofo e mártir São Máximo a ela alude, ao dirigir-se ao monotelita Pirro, que se convertera; além disso, enriquece com piedosas e sábias notas as obras do doutor apostólico. O Papa São Martinho, em pleno Concílio de Latrão, invoca contra o monoteísmo a autoridade de São Dionísio de Atenas: "O ilustre Dionísio, no seu livro *Dos Nomes Divinos*, ensina-nos que o Senhor foi formado do puro sangue de uma virgem, contrariamente às leis da natureza, e que pisou as ondas com pé enxuto, sem que cedessem sob o pêso do seu corpo". E disse também na sua carta a Caio: "O Senhor, baixando até à nossa substância, comunicou-lhe a superioridade do seu ser, etc". E o Concílio de Latrão, composto de centô e quarenta bispos, ouviu essas referências feitas por ordem do Papa, e aprovou-as, tanto por expressarem o dogma católico, como por provirem de São Dionísio, o Areopagita. Outro Papa, Santo Agaton, na sua carta aos imperadores, também se apoia nos trechos que acabamos de transcrever, e cujo autor designa com estas palavras: "Dionísio, o Areopagita, Bispo de Atenas". As citações do Papa foram cotejadas no sexto concílio-geral, e achadas conformes. São Sofrônio, Patriarca de Jerusalém, numa carta endereçada a Sérgio, de Constantinopla, que favorecia o monoteísmo, recorre à autoridade de São Dionísio, tal como os Papas e os concílios já mencionados. E nem o monotelita Sérgio de Constantinopla, nem o monotelita Ciro de Alexandria, nem Macário de Antioquia contestam a autoridade que lhes é oposta, apenas a interpretam à sua maneira. Como se vê, todos os grandes centros do catolicismo, Roma pela

bôca de seus pontífices; Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Constantinopla, pelos seus patriarcas; a Igreja, em vários concílios, declaram autênticas as obras conhecidas como sendo da autoria de São Dionísio, o Areopagita.

Entre as subseqüentes testemunhas dessa tradição, destacam-se, no oitavo século, São Metódio, de Constantinopla, São João Damasceno, o Papa Adriano, o segundo Concílio Ecumênico de Nicéia; no nono, Miguel, sacerdote de Jerusalém, o sábio Fócio, o abade Hilduino, Hincmaro de Reims, o Papa São Nicolau; no décimo, Suidas e Simeão Metafrasto; o célebre monge Eutímio, do décimo-primeiro; no décimo-segundo e terceiro, o historiador Jorge Paquímero entre os gregos, e entre os latinos, Hugo de São Vítor, Pedro Lambard, Alexandre de Hales, Alberto, o Grande, São Beaventura, Santo Tomás. Mais tarde, o Concílio de Florença, os ilustres cardeais, Bessarion, Barônio, Ballarmino, os sábios Marsílio Ficino e Pico de la Mirandola. Do décimo século em diante, porém, certos críticos, fôssem protestantes, fôssem de um catolicismo duvidoso, alegaram a falsidade dessa tradição secular, e levantaram, dúvidas sôbre a autenticidade das obras de São Dionísio, o Areopagita. Outros críticos, porém, mais judiciosos, Halloix, Schelstrato, o Padre Honré de Santa Maria, o Padre Noel Alexandre, demonstraram que as razões alegadas não eram concludentes. Também assim pensamos.

São Dionísio do areópago escreveu em primeiro lugar as *Instituições Teológicas* às quais alude mais de uma vez, mas que não chegaram até nós. Nessa obra explica tudo quanto se relacionava com a unidade da natureza e a trindade das pessoas em Deus.

O livro *Dos Nomes Divinos* é dedicado a São Timóteo. Nêle, São Dionísio propõe-se o objetivo, tal como nas *Instituições*, de revelar a verdade sobre Deus, não com as palavras persuasivas da sabedoria humana, mas através da inspirada demonstração do poder do Espírito Santo. O melhor comentário a essas palavras do discípulo são encontradas nas palavras do mestre, mencionadas por São Paulo aos fiéis de Corinto: "Minha palavra e minha pregação não consistem em palavras persuasivas de humana sabedoria; mas na manifestação do Espírito e da virtude de Deus; a fim de que vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens mas sobre o poder de Deus. Não obstante, é a sabedoria que pregamos, mas aos perfeitos; não, porém, uma sabedoria dêste século, nem dos príncipes dêste século: mas pregamos a sabedoria de Deus no mistério, a sabedoria oculta, e que Deus destinou antes dos séculos para a nossa glória, a qual nenhum dos príncipes dêste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória. Mas como está escrito: "Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aquêles que o amam; a nós, porém, Deus revelou-o por meio do seu Espírito; porque o Espírito tudo penetra, mesmo nas profundezas de Deus. Porque, qual dos homens conhece as coisas que são do homem, senão o espírito do homem, que está nêle. Assim também as coisas que são de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não recebemos o espírito dêste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos as coisas, que por Deus nos foram dadas; as quais também anunciamos, não com palavras doudas

de humana sabedoria, mas com a doutrina do Espírito, adaptando o espiritual ao espiritual. Mas o homem animal não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus porque, para êle, são uma estultícia, e não as pode entender; porque elas só espiritualmente se ponderam. Mas o homem espiritual julga bem tôdas as coisas; e êle não é julgado por ninguém. Porque quem conheceu o pensamento do Senhor, para que o possa instruir? Nós, porém, temos o pensamento de Cristo". (4) Dessas palavras de São Paulo, seu discípulo concluiu que todos os ensinamentos sôbre Deus devem ser tirados das Escrituras, onde Deus nos comunica o conhecimento de si mesmo, segundo a nossa capacidade.

Sôbre os nomes divinos, mesmo tirados das Escrituras Sagradas, São Dionísio faz a seguinte observação: "Como Deus está infinitamente acima de tôdas as coisas, e, contudo, é a causa de tôdas, o nome de algumas delas não lhe convém prôpriamente, mas os nomes de tôdas lhes convém até certo ponto". Prova ambas as coisas pela própria Escritura. Quando Jacó indagou: *Como te chamas?* Respondeu-lhe Deus, como para repreendê-lo: *Por que me perguntas o meu nome?* (5) E quando Manué fez a mesma pergunta, foi-lhe respondido: *"Por que perguntas tu o meu nome que é admirável"*. (6) Com efeito, conclui São Dionísio, não é um nome verdadeiramente admirável, um nome acima de qualquer outro, que pode ser nomeado não apenas neste mundo mas

(4) Cor. II, 4-16.

(5) Gênesis XXXII, 29.

(6) Judic., XIII, 18.

também no outro? (7) Contudo, na mesma Escritura, Deus é chamado e chama a si mesmo de vários nomes: Aquêlê que é, Jeová, Deus ou Elohim, Senhor ou Adcnai, Deus dos deuses, Senhor dos senhores, Santo dos santos, Rei dos reis, o amigo dos dias, vida, luz, verdade, sabedoria, inteligência, verbo, salvação, justiça, santificação e redenção. Habita os corações, os espíritos e os corpos, o céu e a terra; permanentemente imutável, está no mundo, ao redor do mundo, além dos céus, além de toda substância; é sol, estrela, fogo e água, vento, orvalho e nuvem, pedra angular e rochedo; é tudo que é, não é o que não é. Quer dizer, como explica São Dionísio, que é supereminentemente, superessencialmente, tudo que é, e não é formalmente, superessencialmente tudo que não é. É por isso que convém igualmente não aplicar nenhuma denominação e aplicá-las todas ao supremo autor de tudo quanto existe; com isso, confessamos que êle possui sobre a criação um império absoluto; que todas as coisas estão prêsas a êle como ao seu núcleo, reconhecendo-o por causa, princípio e fim, e que *êle é todas as coisas em todas* (8) segundo a expressão das Escrituras. Tal é o conjunto da doutrina que São Dionísio expõe no primeiro capítulo dos *Nomes Divinos* (9) e que desenvolve e demonstra nos doze outros.

No segundo, reproduz o seguinte extrato dos *Elementos de Teologia* da autoria do bem-aventurado Hieroteu, seu mestre depois de São Paulo.

(7) Ephes., I 21.

(8) Omnia in omnibus. I, Cor., XV, 28.

(9) S. Dion. Areopag., de divinis Nominibus c. I.

“A Divindade do Senhor Jesus é a causa e o complemento de tudo; ela mantém as coisas num harmonioso conjunto sem ser, nem tudo, nem parte; e, contudo, ela é tudo e parte, porque encerra em si e possui por excelência em toda eternidade o tudo e as partes. Como princípio de perfeição, ela é perfeita nas coisas que não o são; e no sentido em que ela brilha com uma perfeição superior e antecedente, não é perfeita nas coisas que o são. Forma suprema e original, dá forma ao que não a tem; e no que tem forma, parece desprovida, precisamente por causa da excelência da sua própria forma. Substância superesencial, penetra todas as substâncias sem macular-lhes a pureza, sem descer de sua sublime elevação. Determina e classifica entre si os princípios das coisas, e permanece eminentemente acima de todo princípio e de toda classificação. Fixa a essência dos seres. É permanência, é mais forte do que os séculos e anterior a todos os séculos. Sua plenitude aparece em tudo quanto falta às criaturas: sua superabundância manifesta-se no que as criaturas possuem. Indivizível, inefável, superior a todo entendimento, a toda vida, a toda substância, é sobrenaturalmente o que é sobrenatural, e supereminente no que é supereminente. Disso decorre (e possam obter-nos misericórdia os louvores que outorgamos a esses prodígios que ultrapassaram toda inteligência e toda palavra), disso decorre que, abaixando-se até à nossa natureza, tomando na realidade a nossa substância, e deixando-se chamar homem, o Verbo Divino se elevou acima da nossa natureza e da nossa substância, não apenas porque está unido à humanidade sem alteração nem confusão da sua divindade pois sua plenitude infinita não sofreu esse inefável aniquilamento; mas,

o que é bem mais admirável, porque se mostrou superior à nossa natureza e à nossa substância nas próprias coisas que são comuns à nossa natureza e à nossa substância, e porque possuiu de maneira transcendente o que é nosso, o que vem de nós. (10)

No capítulo IV, São Dionísio examina entre outros estes problemas: "Que é o mal? e de onde vem?" Conclui: "Em primeiro lugar o mal não vem de Deus, e tudo que existe é bom enquanto existe. O mal, como tal, para nada serve: apenas traz em si uma aparência de bem que pode seduzir, mas não existe puro e por si mesmo: é um acidente do bem. O mal não vem de Deus e não está em Deus: também não está nas coisas. Não está nos anjos, igualmente; por conseguinte os demônios não são maus por natureza, mas por uma decadência que não logrou privá-los de suas faculdades essenciais. Há também certo sentido dentro do qual podemos dizer que o mal atinge nossas almas, mas é sempre como privação, e não como substância; da mesma forma ele não existe nos animais, nem na totalidade da natureza, nem nos corpos, nem na matéria bruta. Ainda mais, a privação não é má por si. O bem é, pois, a perfeição, o mal, a carência. O bem só tem uma causa, o mal tem várias. O mal não passa de um acidente que sobrevém às substâncias. O mal não pode subsistir sob o império da Providência, que o impede de alterar substancialmente as naturezas de que se apodera. Decorre disso que o mal não é realidade, nem qualquer potência.

No capítulo VII, ele desenvolve as seguintes proposições: "Toda sabedoria vem da sabedoria

(10) Darboy, p. 361.

divina, que é insondável, incompreensível e inapreciável para o homem. É dessa infinita sabedoria que os anjos receberam a inteligência, o homem a razão, o animal a sensibilidade. Por meio dessa sabedoria, Deus conhece tudo de maneira inexprimível. Quanto a nós, só nos é dado conhecê-la imperfeitamente. Esse conhecimento de Deus é dado ao homem pela palavra revelada que assim institui a fé”.

Depois do livro *Dos Nomes Divinos*, São Dionísio escreveu uma *Teologia Simbólica*, que não chegou até nós. Nela demonstrava como as coisas divinas emprestam seus nomes às coisas sensíveis; que Deus tem forma e rosto, membros e órgãos; como habita os lugares e reveste adornos; enfim, porque lhe atribuem coragem, tristeza, cólera, arroubos, juramentos e maldições, sono e despertar, e outros símbolos e piedosas imagens sob as quais nos é representada a Divindade.

Enfim, compôs, em cinco capítulos bastante curtos, uma *Teologia Mística*, na qual, referindo-se a Moisés, apresenta-nos a seguinte imagem. Antes do mais, Deus lhe ordenara que se purificasse, afastando-se de tudo quanto fôsse profano. Depois dessa purificação, Moisés ouve trombetas, vê inúmeras luzes, cujos puríssimos raios resplandecem de todos os lados. Em seguida, isolado da multidão e acompanhado pelo escol dos sacerdotes, atinge o cume das elevações divinas. Mesmo assim não se comunica familiarmente com Deus, não o contempla com seus próprios olhos (pois nenhum homem poderá vê-lo e continuar a viver) mas avista o lugar onde êle se encontra.

É assim que Deus amorosamente eleva, mesmo neste mundo, as almas de escol, que se preparam pela

prece e pela pureza de coração, não para chegar a vê-lo, como o veremos no céu, mas para conhecê-lo, a ponto de entrevê-lo com clareza superior à dos pensamentos, das palavras e da ciência terrenas. Assim foram elevados Moisés e Elias; assim foi São Paulo arrebatado até o terceiro céu; assim chegaram entrevê-lo São Boaventura, São Tomás de Aquino, Santa Teresa, São João da Cruz. Esse conhecimento supereminente de Deus e das coisas divinas forma a teologia mística.

Para encaminhar os entes intelectuais na direção dessa infinita felicidade, da qual aquela concedida a Moisés foi somente um prelúdio, Deus instituiu duas administrações: a hierarquia celeste entre os anjos, e a hierarquia eclesiástica entre os homens. São Dionísio escreveu um tratado sobre ambas.

Desde a criação do mundo continuamente estamos em contacto com os espíritos administradores, enviados por Deus para a salvação dos homens. São os querubins à porta do paraíso terrestre, os três anjos de Abraão, os dois de Lot. É a providência ministerial do anjo em relação a Agar e Ismael, pai dos árabes; o anjo de Deus no sacrifício de Isaac; os anjos de Deus subindo e descendo pela escada de Jacó. A luta de Jacó contra um anjo. Os anjos de Deus, e Satanás entre eles. O anjo de Jeová na sarça ardente, dando uma missão a Moisés. O anjo de Deus conduzindo o campo de Israel. Depois de ter o povo pecado, Deus faz-se substituir por um anjo. Um anjo aparece a Balaam. O anjo de Deus dá suas ordens a Josué. Um anjo anuncia o nascimento de Sansão. O profeta Elias é alimentado por um anjo. Isaías vê os serafins diante do trono de Deus, e deles recebe sua missão. O anjo de Rafael

e Tobias. Os querubins avistados pelo profeta Ezequiel. O anjo de Gabriel revela a Daniel a época da vinda de Cristo. Os três anjos dos persas, dos gregos, e do povo de Deus. Os anjos protetores de Judas Macabeu. O anjo Gabriel anuncia a Zacarias o nascimento do precursor. Anuncia a Maria o nascimento do mesmo Salvador. Os anjos anunciam aos pastores de Belém que o Salvador nasceu. Jesus Cristo fala-nos nos anjos das criancinhas. Um anjo assiste Jesus Cristo na sua agonia. Os anjos anunciam a ressurreição de Jesus Cristo. Os apóstolos, particularmente São Pedro quando encarcerado, são libertados por um anjo. São Paulo nas suas epístolas, principalmente naquela aos colossenses, designa vários graus na hierarquia dos anjos. São João, na Revelação, vê os querubins, e também o ministério dos anjos sobre as nações e sobre a Igreja.

Dêses fatos e de mais outros, assim como do ensino dos profetas e dos apóstolos, aos quais denomina antigos teólogos, São Dionísio deduz a base da sua *hierarquia celeste*. Uma só hierarquia, mas distinta em três ordens, e cada ordem em três coros. Os serafins, os querubins, e os tronos formam a primeira ordem; as virtudes, as potestades e as dominações, a segunda; os principados, os arcanjos e os anjos, a terceira.

O princípio da hierarquia, seja celeste, seja eclesiástica, é a fonte da vida, a essência da bondade, a única causa de tudo quanto existe, a Trindade que, por bondade, dá ao que existe o dom de ser e de bem ser. Essa soberana e muito alta beatitude, essa unidade trina, que existe realmente, de uma maneira que nos é incompreensível, mas que conhece muito bem, deseja a salvação dos seres inteligentes,

tanto a nossa como a dos seres de inteligência superior; mas essa salvação, que consiste em ver Deus tal como é, não pode acontecer aos que se salvam, senão na proporção em que forem deificados. Ora, essa deificação é a semelhança e a união com Deus, na medida do possível. O objetivo comum de toda hierarquia, é a contínua dilecção para com Deus e para com as coisas divinas, dilecção inspirada em Deus e consumada pela união; também é, antes disso, a fuga absoluta e irrevogável a tudo o que fôr contrário a essa dilecção; é o conhecimento das coisas na realidade do ser, a vista e a ciência da verdade sagrada; é a divina participação, tanto quanto possível, da perfeição única, daquele que é soberanamente um; é o gôzo da intuição, que nutre intelectualmente e deifica os que o contemplam, sejam quem forem. Dizemos, pois, que essa divinamente suprema beatitude, a divindade pela natureza, o princípio da deificação, que deifica os que são deificados, por bondade e graça divina, estabeleceu a hierarquia para a salvação e a deificação de todos os seres, sejam racionais, sejam puramente espirituais. (11)

São Dionísio demonstra na obra inteira que essa doutrina é a doutrina das Escrituras Sagradas, em particular a dos apóstolos. Inicia a *hierarquia celeste* com estas palavras: "Tôda graça excelente e todo dom perfeito vem do alto, e desce do Pai das luzes. Ainda mais: tôda emanação do esplendor que o Pai, por benevolência, deixa transbordar sôbre nós, simplifica-nos como potência unificadora, que nos chama e nos leva para a unidade do Pai que nos reúne, e para sua simplicidade deificadora. Pois tôdas as

(11) Da hierarquia eclesiástica, c. 1.

coisas vêm de Deus e retornam a Deus, como dizem as Santas Letras”.

Efetivamente é o apóstolo São Tiago quem afirma: Tõda graça excelente e todo dom perfeito vem do alto e desce do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem sombra de revolução. Pois voluntariamente nos gerou pela palavra da verdade, por sermos como que as primícias das suas criaturas”. (12) É São Paulo quem diz aos romanos, referindo-se a Deus: “Tudo é dêle, e para êle e por êle”. (13) Tudo é dêle como causa, tudo é para êle como meio, tudo é por êle como fim. É o discípulo bem-amado que nos fala da nossa futura semelhança com Deus: “Sabemos que quando êle aparecer, seremos semelhantes a êle, porque o veremos como é”. (14) São Paulo fala-nos da nossa transformação em Deus, quando diz aos Coríntios: “Mas todos nós, contemplando sem véus a glória do Senhor nos transformamos na mesma imagem de claridade em claridade, como através do Espírito do Senhor”. (15) É ainda o mesmo apóstolo que nos fala da nossa unificação espiritual com Deus, quando diz aos mesmos: “O que está unido ao Senhor é um só espírito com êle”. (16) Também é São Paulo que nos ensina que Deus está finalmente em tôdas as coisas, quando diz aos mesmos coríntios: “Tudo está sujeito ao Filho, com exceção

(12) Jacob, I. XVII e XVIII.

(13) Ex ipso et per ipsum, et in ipso. Rom., XI, 36.

(14) Scimus quoniam cum apparuerit, similes ei erimus: quoniam videbimus eum sicuti est. I, Joann., III, 2.

(15) Nos vero omnes, revelata facie, gloriam Domini speculantes, in eadem imaginem transformamur, a claritate in claritatem tanquam a Domini spiritu. II, Cor., III, 18.

(16) Qui adhaeret Domino, unus spiritus est. I, Cor., VI, 17.

naturalmente daquele que a êle sujeitou tôdas as coisas. E quando tudo lhe estiver sujeito, então ainda o mesmo Filho estará sujeito àquele que sujeitou a êle tôdas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos". (17)

Para que o leitor cristão possa apreciar mais fâcilmente a doutrina e o estilo de São Dionísio, traduziremos o mais literalmente possível o conteúdo do quarto capítulo da *Hierarquia Celeste*.

"Antes de tudo, devemos dizer que a superessencial Trindade (18), fazendo subsistir tôdas as essências das coisas, as levou por bondade à existência. Pois é próprio à causa de tôdas as coisas, e à bondade soberana, chamar os seres à sua própria comunhão, segundo a capacidade dos mesmos. É por isso que tôdas as coisas têm parte na providência emanada da Divindade superessencial e causa universal. Pois elas nem mesmo existiriam, se não participassem da essência e do princípio dos seres. Assim tôdas as coisas inanimadas, por existirem, dela participam: pois a existência de tôdas, é a Divindade acima da existência; as coisas vivas participam dessa mesma potência vivificante que ultrapassa tôda vida; os seres racionais e intelectuais participam dessa mesma sabedoria, que ultrapassa tôda razão e tôda inteligência, e que é por si mesma, e eternamente perfeita. É claro, pois, que as diversas naturezas estão tanto mais próximas da Divindade, quanto mais dela participarem de diversas maneiras. É por isso que as

(17) *Omina autem subjecta sunt ei, sine dubio praeter eum qui subiecit ei omnia. Cum autem subjecta fuerint illi omnia, tunc et ipse Filius subjectus erit ei, qui subiecit sibi omnia, ut sit Deus omnia in omnibus. I Cor., XV, 27 et 28.*

(18) Em grego théarchie.

santas falanges das naturezas celestes participaram da liberalidade divina em maior proporção do que as naturezas que existem simplesmente, cu que têm vida irracional, ou mesmo que são, como nós, dotadas de razão. Pois experimentando imitar a Deus, e pela contemplação transcendente do sublime exemplar, impelidos pelo desejo de reformar-se à sua imagem, os puros espíritos obtêm com direito os mais abundantes tesouros de graça: assíduos, generosos e invencíveis nos esforços de seu santo amor para elevar-se sempre mais alto, extraindo da própria fonte a luz pura e inalterável em relação à qual se ordenam, vivendo uma vida inteiramente intelectual. Assim são êles, sob vários títulos, os primeiros admitidos a participar da divindade e que expressam menos imperfeitamente e de várias maneiras, o mistério da natureza infinita: do que decorre serem especialmente e por excelência honrados com o nome de anjos, pois o esplendor divino lhes foi concedido de início e a revelação dos segredos a nós inacessíveis nos foi feita por seu intermédio. Assim, como ensina a Teologia (as Sagradas Escrituras) a lei foi-nos dada pelos anjos. (19) Assim, antes e depois da lei, os anjos conduziram a Deus nossos ilustres antepassados, ora prescrevendo-lhes regras de comportamento, ora levando-os do erro e de uma vida profana ao caminho reto da verdade, (20) ora revelando-lhes a constituição da hierarquia celeste, ou oferecendo-lhes o espetáculo misterioso das coisas sôbre-humanas,

(19) Act., III, VII, 38 a 53. Galat.; III, 19 Hebr., II, 2.

(20) Math., II, 13. Act. XI, 13.

ou explicando-lhes, em nome do Céu, os acontecimentos futuros. (21)

“Se alguém declarar que Deus se revelou imediatamente, e por si mesmo, a pessoas piedosas, saiba pelas afirmações positivas das Escrituras que ninguém na terra viu ou verá a essência íntima de Deus”; (22) mas que Deus aparecia aos santos, da maneira que lhe convinha e através de visões que pudessem suportar. (23) Ora, retraçando essas visões como que uma imagem da Divindade, na medida em que quem tem uma forma pode assemelhar-se ao que está acima de toda a forma, a Teologia, na sua linguagem cheia de sabedoria, chama-as teofanias; e essa denominação lhes convém, visto terem comunicado ao homem uma divina luz e uma certa ciência das coisas divinas.

“Ora, nossos gloriosos antepassados recebiam do ministério das potências celestes a inteligência dessas visões divinas. A tradição das Escrituras não ensina que o próprio Deus deu a Moisés a legislação sagrada (24) para fazer-nos compreender que era o esboço de outra mais santa e mais divina? Ao mesmo tempo a Teologia (As Escrituras) ensina-nos claramente que essa legislação nos foi transmitida pelos anjos para mostrar-nos que é da exigência da ordem divina que as coisas inferiores se elevem a Deus por intermédio das coisas superiores. E essa regra não se refere apenas aos espíritos superiores e inferiores, mas também a todos aqueles incluídos na mesma categoria; o soberano autor de toda ordem

(21) Daniel, VII, 10. Isaias, 10.

(22) I, João, IV, 123.

(23) Gên, III, 8 e XVIII, 1.

(24) Num., IX, Act., VII, Gal., III.

quis que em cada hierarquia houvesse potências primeiras, médias e últimas, a fim de que os mais divinos fôsem os iniciadores e os guias dos inferiores, relativamente à aproximação, à iluminação, e à comunhão divinas.

“Assim vemos que o mistério da filantropia de Jesus foi primeiro revelado aos anjos e que, em seguida, pela sua meditação, a graça dêsse conhecimento desceu até nós. É assim que o muito divino Gabriel deu a conhecer a Zacarias, hierarca, entretanto, que a criança que lhe nasceria, contra tôda esperança, pela graça de Deus, seria o profeta da operação divina que Jesus deveria misericordiosamente sofrer em sua carne pela salvação do mundo. (25) O mesmo anjo revelou a Maria como se cumpriria nela o mistério inefável da Incarnação divina. Outro anjo informa José da plena realização das divinas promessas feitas a seu antepassado Davi. Outro, ainda, anuncia a boa nova aos pastôres purificados pela tranqüilidade e pelo silêncio da solidão, e com êle as multidões dos exércitos celestes ensinam aos filhos da terra o tão célebre hino de glória. Elevemos, porém, os olhos para outras, e ainda mais sublimes, revelações das Escrituras. Pois vejo que o próprio Jesus, causa superessencial das substâncias supercelestes, tomando a nossa natureza sem alterar a sua natureza divina, não desdenhou em aceitar a ordem das coisas estabelecidas pela humanidade; mas sujeitou-se dôcilmente às prescrições que seu Pai determinou por intermédio do ministério dos anjos. Assim foi um anjo que deu a conhecer a José a vontade divina relativamente à fuga do Egito, e também

(25) Luc. 1, 13.

relativamente à volta para a Judéia. (26) Que digo? Vemos o Filho em pessoa sujeito às ordens do Pai transmitidas pelos anjos. Como conheceis muito bem o que dizem nossas santas tradições, não será preciso lembrar-vos que um anjo confortou Jesus agonizante, (27) e que o próprio Jesus foi chamado anjo do grande conselho (28) quando, para operar com êxito a nossa redenção, se collocou entre os intérpretes da Divindade: pois êle mesmo diz na qualidade de mensageiro ou de anjo: "Porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu pai". (29)

Tal é a *Teologia* de São Dionísio do areópago: nada mais é senão a Sagrada Escritura, a palavra de Deus. Os teólogos que cita, seus mestres na ciência de Deus e das coisas divinas, são os profetas e os apóstolos. São os únicos por êle mencionados. Mas acrescenta-lhes um ou dois contemporâneos: Hieroteu, seu mestre depois de São Paulo, e seu amigo Inácio de Antioquia, que encerrou sua carreira alguns anos antes: ainda assim, essa última citação é considerada por alguns como uma adição posterior feita ao texto por mão estranha.

A hierarquia eclesiástica tem o mesmo objetivo da hierarquia celeste, isto é, a santificação das almas e sua semelhança com Deus. Também se compõe de três ordens, o pontífice ou bispo, o sacerdote, o diácono, que se perpetuam pela ordenação pontifical. Essas três ordens purificam, iluminam e aperfeiçoam as almas por meio dos três principais sacramentos,

(26) Matth., 2.

(27) Luc., XXII, 43.

(28) Isaias, VI.

(29) João, XV, 15.

o batismo, a confirmação, a eucaristia. Também há como três ordens no povo fiel: os catecúmenos, os neófitos, e aquêles que aspiram à perfeição, como os monges, ascetas ou terapeutas, imitadores dos essênianos e dos antigos discípulos dos profetas. Essa hierarquia cristã foi precedida na terra por outra, a de Moisés, que a prefigura. Eis como São Dionísio expõe o conjunto dessas três hierarquias.

“A mui santa hierarquia das naturezas supracelestes não tem outro sacramento além do puro e inteligível conhecimento de Deus e das coisas divinas, no grau de que são capazes, e igualmente um estado proporcional de conformidade e de assimilação à Divindade. São iluminadores e mestres na santa perfeição os espíritos mais próximos de Deus; pois com bondade e discreção, fazem chegar às ordens subalternas as deíficas luzes que lhe são dadas diretamente pela Trindade, perfeição essencial e fonte de toda sabedoria. As ordens inferiores às naturezas primeiras, sendo a elas conduzidas pela graça da iluminação divina, são iniciadas, e assim devem ser denominadas.

“Depois dessa hierarquia sobre-humana e toda celeste, Deus, na sua bondade, querendo espargir sobre nós a santidade dos seus dons preciosos, a princípio deu à infância da humanidade, como dizem as Escrituras (30) a hierarquia legal, e enviou-lhe uma luz, passível de ser suprcrtada pelos seus débeis olhos, que dissimulava a verdade sob imagens imperfeitas, sob sinais muito afastados da pureza dos originais, sob símbolos obscuros, sob enigmas, cujo sentido profundo só muito dificilmente eram decifrados. Ora,

(30) Galat., III, 24.

nessa hierarquia da lei, o mistério, a graça, consistia na elevação do homem à adoração espiritual de Deus. Os chefes (pontífices, sacerdotes, levitas), são aqueles que foram iniciados na ciência do tabernáculo por Moisés, primeiro iniciador e mestre dos pontífices: pois, ao descrever o tabernáculo espiritual na hierarquia que preparava a nossa, denominou as cerimônias legais imagens do exemplar que lhe fôra revelado no monte Sinai. (31) Os iniciados são os que, ajudados pelos símbolos sacramentais, elevaram-se, na proporção das suas forças, a uma inteligência mais perfeita dos místérios.

“Ora, por essa iniciação mais alta, a teologia (palavra de Deus) entende nossa hierarquia, à qual denomina o complemento sagrado e o fim da precedente. Pois nossa hierarquia é, ao mesmo tempo, celeste e legal, e, como um meio que une dois extremos, ela participa de ambos: da primeira, em razão das contemplações espirituais com que se enriqueceu; da segunda, por causa dos numerosos símbolos que a materializam, por assim dizer, e com o auxílio dos quais se eleva até a Divindade”. (32)

Referindo-se à ordenação eclesiástica, São Dionísio assim se estende sobre a vocação divina:

“O pontífice proclama o nome dos ordenandos e as ordens que vão receber. Essa misteriosa cerimônia anuncia que, inflamado do amor de Deus, o oficiante se considera o intérprete da eleição celeste: que não é por caprichoso favor que chama às dignidades sagradas os ministros da Igreja, mas que, ao consagrá-los, age sob a inspiração do alto. Assim,

(31) Exod., XXV, 40.

(32) De ecclesiastica hierarchia, c. V.

Moisés, que instituiu as cerimônias da lei, não elevou à dignidade pontifical a Aarão, seu irmão, e por êle considerado agradável à Deus e digno do sacerdócio, até o momento em que, impellido por um impulso divino, o consagrou pontífice, de acôrdo com o rito a êle prescrito pelo próprio Deus, soberano consagrante. Ainda mais, nosso primeiro e divino chefe hierárquico (pois o dulcíssimo Jesus quis fazer-se nosso pontífice), não se glorificou a si mesmo, como atestam as Escrituras; (33) mas foi glorificado por aquêle que lhe disse: "Tu és sacerdote eternamente segundo a crdem de Melquisedec. (34) É por isso que, ao chegar a hora de chamar os apóstolos à honra do episcopado, embora, como Deus, tivesse sido o autor de tôda consagração, segundo o espírito da Hierarquia, atribuiu essa ação a seu Pai adorável e ao Espírito Santo, recomendando aos discípulos, tal como se vê nas Escrituras, que não deixassem Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, "que ouvistes de minha bôca; e que sereis batizados no Espírito Santo". (35) Assim age também o corifeu dos apóstolos com seus dez colegas da dignidade pontifical: em se tratando de consagrar um décimo-segundo apóstolo, êle deixou religiosamente a escolha à Divindade: "Mostrai aquêle que escolheste"; (36) e recebeu no número dos doze aquêle que fôra designado por uma sorte divina. (37)

No trato *Da Hierarquia Eclesiástica*, São Dionísio assinala o sentido espiritual de tôdas as cerimô-

(33) Hebr., v. 5.

(34) Psalm. CIX, 4.

(35) Act., I, 4.

(36) Ibid., I, 24.

(37) De eclesiástica Hierarquia, c. V.

nias dos sacramentos, em particular do batismo e da ordenação. Revela-se, no assunto, discípulo fiel de Paulo que, em tôdas as suas Epístolas, especialmente naquela dirigida aos hebreus, sempre se esforça para revelar-nos o sentido misterioso das palavras do Antigo Testamento, tal como o sacerdócio de Melquisedec, o sacerdócio de Aarão, as funções dos sacerdotes e dos levitas no tabernáculo.

Ainda mais. Alguns críticos modernos disseram, outros repetiram: "As obras atribuídas a São Dionísio, o Areopagita, não podem ter sido escritas por êle, pois nelas são mencionadas cerimônias apenas usadas no quinto século, como por exemplo os incensórios e o ato de incensar no divino sacrificio. Essa objeção só prova que os que a propõem ou a repetem não leram os escritos dos apóstolos, em particular os do apóstolo São João, cu dêles se esqueceram. Pois naquela época já existia uma liturgia pomposa. Foi num domingo que São João teve a sua divina revelação, estando êle numa assembleia presidida por um venerável pontífice, sentado num trono e rodeado por vinte e quatro anciões ou sacerdotes: vestimentas sacerdotais, vestes brancas, faixas, coroas, objetos do culto divino, um altar, candelabros, incensórios, um livro lacrado. E tanto o altar, como as coroas, as faixas, os candelabros, os incensórios eram de ouro. Hinos são mencionados, cânticos, e uma fonte que dá a vida. Diante do trono, no centro dos sacerdotes, encontra-se um cordeiro, na posição de vítima, ao qual são prestadas as honras da divindade. Sob o altar, os mártires pedem que seu sangue seja vingado. Um anjo apresenta a Deus o incenso e diz que é o conjunto das preces dos santos e dos fiéis. Em suma, São João faz-nos nossas cerimônias sagra-

das, transportadas do céu ou transportadas para o céu. Dir-se-ia, que há três séculos os críticos fecham os olhos para nada enxergar.

Enfim, pelo menos fica-nos uma íntima convicção: os católicos que lerem com fé, amor e inteligência, sobretudo no texto original, de um lado o Novo Testamento, em particular as Epístolas de São Paulo, e do outro, as obras de São Dionísio, o Areopagita, não terão dificuldade em reconhecer que São Paulo e São Dionísio são escritores da mesma época, com idênticos pensamentos, e que o segundo realmente foi discípulo do primeiro.

* * *

SANTO ABRAÃO E SANTA SARA (*)

Antigo Testamento

Abraão, que antes se chamou Abrão, era originário de Ur, na Caldéia. Era filho de Taré, que deixara a cidade para ir a Canaan. Tomara a seu filho Abrão e a Loth, seu neto, filho de Aran, e a Sarai, sua nora, mulher de Abrão. Foram todos até Haran, e ali viveram. E Taré viveu duzentos e cinco anos, e morreu em Haran.

“Ora, o Senhor disse a Abrão:

“— Sai da tua terra, da tua parentela, da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar. Farei (*sair*) de ti um grande povo, e te abençoarei, engrandecerei o teu nome e serás bendito. Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas tôdas as nações da terra”. (1)

“Partiu, pois, Abrão, como o Senhor lhe tinha ordenado, e foi com êle Loth. Tinha Abrão setenta e cinco anos, quando saiu de Haran. Levou consigo Sarai, sua mulher, Loth, filho de seu irmão, todos os bens que possuíam e as pessoas que tinham adqui-

(1) Isto é, na tua descendência, principalmente em Jesus Cristo.

rido em Haran. (2) Partiram a caminho da terra de Canaan, e lá chegaram. Abrão atravessou este país até o lugar de Siquém, até a aldeia de Moré. Os cananeus estavam então naquela terra. O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe:

“— Darei esta terra aos teus descendentes”.

“Naquele lugar (Abrão) edificou um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido. Passando dali ao monte, que estava ao oriente de Betel, aí levantou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente e Hai ao oriente. Aí edificou também um altar ao Senhor, e invocou o seu nome. Abrão continuou a sua viagem, andando e avançando para o meio-dia”.

Uma fome, porém, que sobreveio no país, forçou-o a procurar o Egito. Disse então, à espôsa:

“— Conheço que és uma mulher formosa e que, quando os egípcios te virem, dirão: é sua mulher — e matar-me-ão, conservando-te a ti. Dize, pois, peço-te, que és minha irmã, para que eu seja bem tratado por causa de ti, e me conservem a vida, em atenção a ti”.

Este modo de proceder do grande patriarca que domina a história das origens de Israel não tem nada de censurável. Levado talvez a perder a vida e a ver violada a castidade da espôsa, agiu de forma a evitar dois males — morrer e expor a mulher. Tomando o partido que lhe pareceu ser o mais próprio, confiava em Deus.

Por causa dela, Abrão recebeu ovelhas, bois, jumentos, servos, servas, jumentas e camelos. Deus, então, feriu a Faraó, que restituiu Sarai ao espôso.

(2) Escravos.

De volta a Canaan, Abrão e Loth separaram-se. Loth desceu para os lados do mar Morto e Abrão habitou na terra de Canaan.

Disse o Senhor a Abrão, depois que Loth se separou d'êles:

“— Levanta os teus olhos e repara, desde o lugar em que agora estás, para o setentrião e para o meio-dia, para o oriente e para o ocidente. Tõda a terra que vês, eu a darei para sempre a ti e à tua posteridade. Multiplicarei a tua descendência como o pó da terra; se alguns dos homens pode contar o pó da terra, poderá também contar o número dos teus descendentes. Levanta-te e percorre o país em todo o seu comprimento, porque eu to hei de dar”.

“Portanto, levantando Abrão a sua tenda, foi habitar ao pé da cadeia de Mambré, que está em Hebron; e aí edificou um altar ao Senhor”.

Eis que alguns reis estrangeiros fizeram guerra a inimigos, pelos lados do mar Morto. Entre os cativos que levaram, Loth foi um d'êles. Um dos fugitivos, contudo, foi dar parte a Abrão, o qual, tendo ouvido que Loth ficara, prisioneiro, escolheu os mais valorosos dos servos que possuía, “em número de trezentos e dezoito”, e correu em busca dos que lhe levavam o filho de Aran, seu irmão. Em Dan, “repartidos em destacamentos, deu sôbre êles, de noite, e desbaratou-os; e perseguiu-os até Hoba, que fica à esquerda de Damasco. Recobrou todos os seus bens, e Loth, seu irmão, com tudo o que lhe pertencia, assim como as mulheres e o povo”.

Quando voltava de derrotar os inimigos, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma, no vale Save, o vale do Rei. “E Melquisedec, rei de Salem, tra-

zendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou-o e disse-lhe:

“— Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo, por cuja proteção os inimigos estão nas tuas mãos”.

Abrão, então, deu-lhe o dízimo de tudo.

— — — —

O patriarca Abrão não tinha filhos. Por isso vivia inquieto.

“— Senhor Deus, que me darás tu? Eu irei sem filhos, e o herdeiro da minha casa é este Eliezer de Damasco”.

E depois:

“— A mim não me deste filhos, e meu escravo será meu herdeiro”.

“Imediatamente, o Senhor dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

“— Este não será o teu herdeiro, mas terás por herdeiro aquêle que nascer de ti”.

“Depois conduziu-o fora, e disse-lhe:

“— Olha para o céu e conta, se podes, as estrêlas”.

“Depois acrescentou:

“— Assim será a tua descendência”.

“Creu Abrão em Deus, e (*este ato de fé*) lhe foi imputado como justiça. (3)

“Disse-lhe mais o Senhor:

“— Eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus, para te dar esta terra, e a possuíres”.

(3) A graça santificante que Deus concedeu ao patriarca.

“Abrão respondeu:

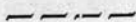
“— Senhor Deus, por onde poderei eu conhecer que a hei de possuir?

“E o Senhor continuou:

“— Toma-me (*para sacrificar*) uma vaca de três anos, uma cabra de três anos, um carneiro de três anos, e também uma rôla e uma pomba”.

“Ele, tomando todos êstes animais, dividiu-os pelo meio e pôs as duas partes uma defronte da outra, mas não dividiu as aves. Ora, as aves (*de rapina*) desciam sôbre os cadáveres, e Abrão as enxotava”.

Ao pôr do sol, veio um profundo sono a Abrão, e um horror grande e tenebroso o acometeu. Deus, então, falou-lhe, predizendo a escravidão no Egito, o êxodo. Quanto a êle, Abrão, morreria em paz. E quando o sol se pôs e se formaram “densas trevas, apareceu um forno fumegante e um facho ardente que passavam pelo meio dos animais divididos”. (4)



“Ora, Sarai, mulher de Abrão, não tinha gerado filhos; mas tendo uma escrava egípcia, chamada Agar, disse a seu marido:

“— Eis que o Senhor me fêz estéril, para que não dê à luz; toma, pois, a minha escrava (5), a ver se, ao menos por ela, posso ter filhos”. (6)

“Como Abrão anuísse aos seus rogos, (*Sarai*) tomou Agar egípcia, sua escrava, passados dez anos

(4) Ver Ex., 13, 21 (?).

(5) O que era lícito, segundo as leis antigas, naquelas circunstâncias.

(6) Os filhos das escravas pertenciam à senhora.

desde que tinham começado a habitar na terra de Canaan, e deu-a por mulher a seu marido. E êle aproximou-se dela, que concebeu; ela, vendo que tinha concebido, desprezou sua senhora.

“Sarai disse a Abrão:

“— Tu me tratas dum modo injusto; eu te dei a minha escrava para tua mulher, e ela, vendo que concebeu, despreza-me; o Senhor seja juiz entre mim e ti”.

“Abrão respondeu-lhe:

“— Eis que a tua escrava está em teu poder, usa dela como te aprouver”.

“Então Sarai a maltratou e Agar fugiu.

“Tendo-a o anjo do Senhor achado no deserto junto da fonte, que está no caminho de Sur no deserto, disse-lhe:

“— Agar, escrava de Sarai, donde vens e para onde vais?”

“Ela respondeu:

“— Fugo da face de Sarai, minha senhora”.

“E o anjo disse-lhe:

“— Volta para a tua senhora, e humilha-te debaixo da sua mão”.

“E acrescentou:

“— Multiplicarei extraordinariamente a tua descendência e a farei tão numerosa que não se poderá contar”.

“Disse ainda mais:

“— Eis que concebeste, darás à luz um filho e lhe porás o nome de Ismael, porque o Senhor te ouviu na tua aflição. Êste será como um cavalo selvagem; a sua mão (*se levantará*) contra todos, e as mãos de todos (*se levantarão*) contra êle; levantará a sua tenda defronte de todos os seus irmãos”.

“Então (*Agar*) invocou o nome do Senhor que lhe falava, chamando-o Atta-El-Roi (7), porque, dizia ela, não vi eu, aqui mesmo, o Deus que me via? Por esta razão chamou ela aquêlê poço, o Poço Lachar-Roi (8), o qual fica situado entre Cades e Barad.

“Agar deu à luz um filho a Abrão, o qual lhe pôs o nome de Ismael. Tinha Abrão oitenta e seis anos, quando Agar lhe deu à luz Ismael.

“Mas quando (*Abrão*) chegou à idade de noventa e nove anos, o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe:

“— Eu (*sou*) o Deus onipotente; anda em minha presença e sê perfeito. Farei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extraordinariamente.”

“Abrão prostrou-se com o rosto por terra. Deus disse-lhe:

“— Eis a minha aliança contigo: tu serás pai de muita gente, e não mais serás chamado com o nome de Abrão, mas chamar-te-ás Abraão (9), porque te destinei para pai de muitas gentes. Eu te farei crescer (*na tua posteridade*) extraordinariamente, farei de ti nações, e de ti sairão reis. E estabelecerei a minha que eu seja o teu Deus, e da tua descendência, depois de ti, no decurso das suas gerações, por um pacto eterno, para que eu seja o teu Deus, e da tua descendência, depois de ti. Darei a ti e à tua posteridade a terra da tua peregrinação

(7) Tu és um Deus de visão.

(8) Poço do vivente que vê.

(9) **Ab-raham**, pai de multidão.

(10), (que é) tôda a terra de Canaan, em possessão eterna”.

“Disse mais Deus a Abraão:

“— Tu, pois, guardarás a minha aliança, tu e os teus descendentes depois de ti, nas suas gerações. Eis o pacto, que haveis de guardar, tu e a tua posteridade, depois de ti: todo o varão será circuncidado. Circuncidareis a carne do vosso propúcio, e êste será o sinal da aliança entre mim e vós. O menino de oito dias será circuncidado entre vós, nas vossas gerações; os escravos, tanto o escravo (*nascido em casa*), como o que comprardes, mesmo que não seja da vossa linhagem, serão circuncidados. Êste meu pacto (*será marcado*) na vossa carne para (*sinal de*) aliança eterna. O indivíduo do sexo masculino, cuja carne não tiver sido circuncidada, será excluído do seu povo, porque violou a minha aliança”.

“Disse também Deus a Abraão:

“— A Sarai, tua mulher, não chamarás mais Sarai, mas Sara. (11) E eu a abençoarei, e dela te darei um filho, o qual abençoarei, e será chefe de nações, e dêle sairão reis de povos”.

“Abraão prostrou-se com o rosto por terra e riu, dizendo no seu coração:

“— É possível que a um homem de cem anos nasça um filho, e que Sara dê a luz aos noventa?”

“E disse a Deus:

“— Oxalá que Ismael viva na tua presença!

“Deus respondeu a Abraão:

“— Sara, tua mulher, dar-te-á à luz um filho, e lhe porás o nome de Isaac, e farei o meu pacto com

(10) Quer dizer: onde vives como estrangeiro.

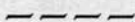
(11) Princesa.

êle e com a sua descendência, depois dêle, por uma aliança eterna. Eu te ouvi também acêrca de Ismael; abençoá-lo-ei, fá-lo-ei crescer e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e farei dêle uma grande nação. Mas o meu pacto, firmá-lo-ei com Isaac, que Sara te dará à luz no próximo ano, nesta mesma época”.

“Acabada que foi esta conversação com êle, retirou-se Deus de Abraão”.

Circuncidou, pois, Abraão, tôda a família: todos os escravos que haviam nascido em sua casa, todos os que comprara, e, em geral, todos os homens de sua casa.

Ismael contava, quando foi circuncidado, treze anos.



Deus apareceu a Abraão, perto da cadeia de Mambré, quando o grande patriarca estava sentado à porta da tenda, na hora mais quente do dia: levantando os olhos, deu com três homens diante dêle. Correu, então, para êles, prosternou-se por terra, e dirigiu-se ao que lhe pareceu mais nobre, e que representava o Senhor. Disse-lhe:

“— Senhor, se achei graça diante dos teus olhos, não passes (*sem parar junto do*) teu servo: trarei um pouco de água para lavar vossos pés, e descansai debaixo desta árvore; servir-vos-ei um pedaço de pão, refareis as vossas fôrças e depois continuareis o vosso caminho, porque para isso viestes até junto do vosso servo”.

Abraão começou por dirigir-se a um dos personagens, que era o mais nobre, como se viu, e repre-

sentava Deus, mas depois estendeu as palavras aos três, os quais aceitaram o oferecimento do patriarca, e, enquanto comiam, perguntaram-lhe:

“— Onde está Sara, tua mulher?”

Abraão respondeu:

“— Está ali, na tenda”.

Disse ao patriarca um dos três personagens:

“— Tornarei a vir ter contigo neste mesmo tempo no próximo ano, e Sara, tua mulher, terá um filho”.

Sara, quando ouviu o que diziam ao marido, alegrou-se, porque estava por detrás da porta da tenda.

Levantaram-se os três, e partiram para a direção de Sodoma. Abraão acompanhou-os, e, em caminho, Deus confiou ao velho patriarca o desejo que tinha de destruir Sodoma, cidade pecadora.

— Vais tu, disse então Abraão, fazer com que morra o justo com o culpado? Se houver cinquenta justos na cidade, perecerão todos? Não perdoarias o lugar por causa dos cinquenta justos, se ali os houver? Longe de ti, isso! Tu que julgas tôda a terra, não farás tal juízo.

“O Senhor disse-lhe:

“— Se eu achar no meio da cidade de Sodoma cinquenta justos, perdoarei por amor dêles a tôda a cidade”.

“Respondendo Abraão, disse:

“— Uma vez que comecei, falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó e cinza. Que sucederá, se faltarem cinco para os cinquenta justos? Destruirás tôda a cidade, porque nela se acham sòmente quarenta e cinco?”

“E (o Senhor) disse:

“— Não a destruirei, se achar nela quarenta e cinco”.

Pelo que segue, veremos claramente o valor, a eficácia da oração e a bondade de Deus:

“(Abraão) continuou e disse-lhe:

“— E se nela houver quarenta (*justos*), que farás tu?”

“— Não a castigarei, disse o Senhor, por amor dos quarenta”.

“— Rogo-te, Senhor, diz (*Abraão*), que não te indignes, se eu (*ainda continuo* a) falar. Que farás tu, se houver trinta (*justos*)?”

“Respondeu:

“— Se eu achar nela trinta, não farei” (*a sua destruição*).

“— Visto que comecei, disse Abraão, falarei (*ainda*) ao meu Senhor. E se ali forem achados vinte?”

“Respondeu:

“— Não a arruinarei por amor dos vinte”.

“— Eu te conjuro, continuou Abraão, não te enfades, se eu te falar ainda uma vez: que será se lá forem achados dez justos?”

“E (*o Senhor*) disse:

“— Não a destruirei por amor dos dez”.

Depois que acabou de falar com Abraão, Deus o deixou, retirou-se, e o patriarca regressou à sua tenda.

Deus já conhecia os crimes de Sodoma e de Gomorra: “o clamor de Sodoma e de Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente”.

riamente". Assim, fêz chover sôbre as cidades enxôfre e fogo vindos do céu, e destruiu-as. Desta destruição, resultou os moabitas e os amonitas, descendentes das duas filhas de Loth.

Quanto a Abraão, partiu para o meio-dia, habitou entre Cades e Sur, e viveu como peregrino em Gerara.

"Falando de Sara, sua mulher, dizia:

"— É minha irmã". (12)

"Mandou, pois, Abimelech, rei de Gerara, buscá-la. Mas Deus apareceu de nóite em sonhos a Abimelech e disse-lhe:

"— Eis que morrerás por causa da mulher que roubaste, porque ela tem marido".

Abimelech, que não a tinha tocado, disse:

"— Senhor, matarás tu assim mesmo um inocente? Porventura não me disse êle: ela é minha irmã? Fiz isto na simplicidade do meu coração, e com pureza das minhas mãos".

"Deus disse-lhe:

"— Sei que procedestes com um coração simples, e, por isso, preservei-te de pecar contra mim, e não permiti que a tocasses. Agora, pois, entrega a mulher a seu marido, porque êle é profeta, rogará por ti, e viverás; se, porém, não quiseses restituí-la, sabe que morrerás indubitavelmente, tu e tudo o que é teu".

"Abimelech, levantando-se logo, sendo ainda noite, chamou todos os seus servos, contou-lhes tôdas estas coisas, e êles ficaram muito atemorizados. Depois Abimelech chamou também Abraão e disse-lhe:

(12) Coisa que fizera no Egito, vinte anos atrás.

“— Que nos fizeste tu? Que mal te fizemos nós para atraires sôbre mim e sôbre o meu reino um (tão) grande pecado? Fizeste-nos o que não deverias fazer”.

“E, continuando ainda as suas queixas, disse:

“— O que tiveste em vista fazendo isto?”

“Abraão respondeu-lhe:

“— Pensei comigo mesmo: com certeza, nesta terra, não há temor de Deus e me matarão por causa de minha mulher. Por outra parte, ela é verdadeiramente minha irmã, (como) filha de meu pai, (embora) não (seja) filha de minha mãe, e eu a recebi por mulher. Depois que Deus me tirou da casa de meu pai, eu lhe disse: faze-me esta graça: em qualquer lugar onde entrarmos, dirás que eu sou teu irmão”.

“Tomou, pois, Abimelech ovelhas e bois, escravos e escravas, deu-os a Abraão, restituiu-lhe Sara, sua mulher, e disse-lhe:

“— Esta terra está diante de ti, habita onde te agradar”.

“E disse a Sara:

“— Eis que dei mil moedas de prata a teu irmão, e êste dinheiro será para ti um véu sôbre os olhos, diante de todos os que estiverem contigo: eis-te justificada”.

“E crando Abraão, Deus sarou Abimelech, sua mulher e suas escravas, que tiveram novamentê filhos. Com efeito, o Senhor tinha tornado estéreis tôdas as mulheres da casa de Abimelech, por causa de Sara, mulher de Abraão”.

A criança prometida nasceu de Sara, no tempo que Deus predissera. Abraão pôs-lhe o nome de Isaac e circuncidou o filho no oitavo dia, como Deus lhe ordenara.

“Tinha Abraão cem anos, quando lhe nasceu seu filho Isaac. E Sara disse:

“— Deus me deu (*um motivo de*) riso, e todo aquêlo que ouvir (*a nova*) rirá juntamente comigo”.

“E acrescentou:

“— Quem acreditaria que Abraão havia de cuvir dizer que Sara amamentaria um filho, que lhe havia de dar à luz, sendo êle já velho?”

“Entretanto, cresceu o menino e foi desmamado; no dia em que foi desmamado, deu Abraão um grande banquete. Sara, porém, tendo visto o filho de Agar Egípcia, que escarnecia de seu filho Isaac, disse para Abraão:

“— Expulsa esta escrava e o seu filho, porque o filho da escrava não há de ser herdeiro com meu filho Isaac”.

“Êste falar foi duro para Abraão por causa de seu filho (*Ismael*). Deus, porém, disse-lhe:

“— Não te pareça áspero tratar assim o menino e a tua escrava. Atende Sara em tudo o que ela te disser, porque de Isaac sairá a descendência que há de ter o teu nome. Mas também do filho da escrava farei um grande povo, por ser teu sangue”.

“Abraão, pois, levantou-se de manhã, tomou pão e um odre de água, pô-lo às costas de Agar, entregou-lhe o menino e despediu-a. Ela, tendo partido, andava errando pelo deserto de Bersabéia. Quando se acabou a água do odre, deixou o menino deitado debaixo duma das árvores, que ali havia, afastou-se,

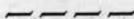
e sentou-se defronte à distância dum tiro de flecha, dizendo:

“— Não verei morrer o menino”.

“Sentando-se em frente, levantou a sua voz e chorou. Deus ouviu a voz do menino, e o anjo de Deus chamou Agar do céu, dizendo:

“— Que fazes, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino do lugar em que está. Levanta-te, toma o menino, tem-no pela mão, porque eu farei dêle um grande povo”.

“E Deus abriu-lhe os olhos, e ela vendo um poço de água, foi a êle, encheu o odre e deu de beber ao menino. E (*Deus*) foi com êle, que cresceu, habitou no deserto e que, depois de crescido, tornou-se flecheiro. Habitou no deserto de Faran, e sua mãe tomou para êle uma mulher do país do Egito”.



Isaac, criado perto de Abraão, cresceu. E, quando cresceu, Deus quis experimentar a obediência do velho patriarca.

Disse-lhe:

“— Abraão, Abraão!

“Êle respondeu:

“— Aqui estou.

“E (*Deus*) disse-lhe:

“— Toma Isaac, teu filho único, a quem amas, vai ao país de Moriab, e aí o oferecerás em holocausto sobre um dos montes, que eu te mostrar”.

“Abraão, pois, levantando-se de noite, pôs a sela ao seu jumento, levando consigo dois jovens (*servos*), e Isaac, seu filho; cortou a lenha para o holocausto e partiu para o lugar que Deus lhe tinha dito. Ao ter-

ceiro dia, levantando os olhos, viu o lugar de longe, e disse aos seus servos:

“— Esperai aqui com o jumento; eu e o menino vamos até acolá, e, depois de adorarmos, voltaremos a vós”.

“Tomou também a lenha do holocausto, e pô-la sobre Isaac, seu filho; êle, porém, levava nas mãos o fogo e o cutelo. Enquanto ambos caminhavam juntos, disse Isaac a seu pai:

“— Meu pai”.

“Êle respondeu:

“— Que queres, filho?”

“— Eis, disse (*Isaac*), o fogo e a lenha, (*mas*) onde está a vítima para o holocausto?”

“Abraão respondeu:

“— Meu filho, Deus deparará a vítima para o seu holocausto”.

“Caminharam, pois, ambos juntos. Chegaram (*finalmente*) ao lugar em que Deus lhe tinha designado, no qual levantou um altar, e sobre êle preparou a lenha; tendo ligado Isaac, seu filho, pô-lo no altar sobre o feixe da lenha. Estendeu a mão e pegou no cutelo, para imolar seu filho. Então o anjo do Senhor gritou do céu, dizendo:

“— Abraão, Abraão.

“Êle respondeu:

“— Aqui estou.

“E (o anjo) disse-lhe:

“— Não estendas a tua mão sobre o menino, nem lhe faças mal algum; agora conheci que temes a Deus e não perdoaste a teu filho único por amor de mim”.

Abraão, embora torturado pela dor, levado a perder o filho, trazia, contudo, no coração, uma espe-

rança, qual seja a de que Deus ressuscitava os mortos. Quanto ao pequeno Isaac, estava êle convencido de que ia ser imolado, mas conformou-se com a vontade de Deus, merecendo, assim, ser uma figura de Jesus, o qual, por obediência, deixou-se crucificar.

Na segunda parte da Epístola aos Hebreus, em que São Paulo trata da perseverança na fé, diz o grande Apóstolo:

“Pela fé, Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac, ofereceu o (*seu filho*) unigênito, aquêle que tinha recebido as promessas, aquêle a quem tinha sido dito: *É de Isaac que sairá a tua descendência* (Gên., 21, 12). Todavia (*Abraão*) considerava que Deus é poderoso até para ressuscitar os mortos; por isso o recuperou (*como*) uma figura”. (13)

Recuperou como uma figura de Cristo, aquêle Jesus que, mais tarde, havia de ser crucificado e depois ressuscitado da morte.

Assim, Abraão viu atrás de si, prêso pelos chifres entre os espinhos, um carneiro. Agarrando-o, ofereceu-o em holocausto, em lugar do filho que amava.



“Segunda vez chamou o anjo do Senhor a Abraão do céu, dizendo:

“— Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, que, porque fizeste tal coisa e não perdeste a teu filho único por amor de mim, eu te abençoarei e multipli-

(13) Heb. 11, 19.

carei a tua estirpe como as estrêlas do céu, e como a areia das praias; a tua descendência possuirá as portas (14) de seus inimigos, e na tua descendência *serão benditas* tôdas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz”.

Abraão retornou para o lugar onde havia deixado os servos, e juntos foram a Bersabéia, onde viveu.

— — — —

Santa Sara viveu cento e vinte e sete anos, e faleceu. Morreu na cidade de Arbéia, “que é o Hebron, na terra de Canaan. Abraão veio para a prantear e chorar.

“Quando se levantou, depois de acabado o pranto fúnebre, falou aos filhos de Heth, dizendo:

“— Sou forasteiro e peregrino entre vós; dai-me o direito da sepultura entre vós para eu sepultar a minha defunta”.

“Os filhos de Heth responderam, dizendo:

“— Senhor, ouve-nos: tu és um príncipe de Deus; sepulta a tua defunta nas nossas mais belas sepulturas, que nem um de nós te proibirá que a sepultes no seu túmulo”.

“Abraão levantou-se e inclinou-se diante do povo daquela terra, isto é, diante dos filhos de Heth, e disse-lhe:

“— Se é do vosso agrado que eu sepulte a minha defunta, ouvi-me e intercedei por mim junto de Efron, filho de Seor, para que êle me ceda a dupla

(14) As cidades.

caverna, que tem na extremidade do seu campo; pelo seu justo preço ma ceda diante de vós, para que eu seja dono, e dela faça um sepulcro”.

“Ora, Efron estava (*sentado*) no meio dos filhos de Heth. Efron respondeu a Abraão, ouvindo-o todos os que entravam pela porta da cidade, assim:

“— De nenhuma sorte, meu senhor, mas antes ouve o que digo: dou-te o campo e a caverna que nêle há, em presença dos filhos do meu povo; sepulta a tua defunta”.

“Abraão inclinou-se, outra vez, diante do povo daquela terra, e disse a Efron em presença da multidão:

“— Peço-te que me ouças: eu te darei o dinheiro pelo campo; recebe-o, e assim sepultarei nêle a minha defunta”.

“Efron respondeu:

“— Meu senhor, ouve-me: a terra, que tu pedes, vale quatrocentos ciclos de prata; êste é o (*seu*) preço entre mim e ti; mas que é isto? Sepulta a tua defunta”.

“Tendo ouvido isto, Abraão pesou na presença dos filhos de Heth o dinheiro que Efron tinha pedido, isto é, quatrocentos ciclos de prata de boa moeda corrente. E o campo, outrora de Efron, no qual estava uma dupla caverna, que olhava para Mambré, tanto o campo como a caverna, e tôdas as árvores que estavam em redor dentro dos seus confins, tudo foi cedido em pleno domínio a Abraão, na presença dos filhos de Heth e de todos os que entravam pela porta daquela cidade.

“Dêste modo, Abraão sepultou Sara, sua mulher, na dupla caverna do campo que olha para Mambré,

que é Hebron, na terra de Canaan. E foi confirmado a Abraão pelos filhos de Heth o domínio do campo e da caverna, que havia nêle, para servir de sepulcro”

— — — —

Morta Sara, Abraão enviou um homem de confiança em busca, na sua parentela, duma espôsa para Isaac.

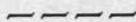
Transbordando de poesia, o que se segue, depois do sepultamento de Sara, são páginas de encantadora simplicidade, onde sobressai a figura de Rebeca, filha de Batuel, filho de Melca, mulher de Naccr, irmão de Abraão, “donzela linda em extremo, virgem formosíssima”, que Isaac amou “tão extremosamente” que “moderou a dor que lhe ocasionara a morte de sua mãe”.

“Abraão, porém, tomou outra mulher para si chamada Cetura, a qual lhe deu à luz Zanran, Jecsan, Madan, Madian, Jesboc e Sué. Jecsan gerou Saba e Dadan. Os filhos de Dadan foram Assurim, Latussim e Lacmin. De Madian nasceram Efa, Ofer, Henocho, Abida e Eldaa. Êstes são todos os filhos de Cetura. Abraão deu tudo o que possuía a Isaac; pelos filhos das mulheres secundárias distribuiu dádivas, mas separou-os de Isaac, seu filho, ainda em sua vida, (*mandando-os*) para as partes do oriente.

“Ora, os dias da vida de Abraão foram cento e setenta e cinco. Faltando-lhe as forças, morreu numa ditosa velhice, em avançada idade, cheio de dias, e foi unirse ao seu povo. Isaac e Ismael, seus filhos, sepultaram-no na dupla caverna que está situada no campo de Efron, filho de Seor Heteu,

defronte de Mambré, o qual (*campo Abraão*) tinha comprado aos filhos de Heth; aí foi sepultado com Sara, sua mulher. E, depois de sua morte, Deus abençoou Isaac, seu filho, o qual habitava junto do poço chamado (*poço*) do que vive e do que vê".

Quanto aos filhos de Ismael, êsses foram os doze chefes das suas tribos e habitaram de Hevila até Sur, "que clha para o Egito, caminhando para a Assíria. (15)



Abraão é nomeado no *Benedictus*, no *Magnificat* e no cânon da missa romana, quando o sacerdote pede a Deus que acolha a vítima perfeita, o pão sagrado da vida eterna e o cálice da eterna salvação.

Santo Abraão, lemos, é o herói da vida espiritual, pela fé e pela obediência. É o símbolo do cristão, estrangeiro na terra, terra em que jaz de passagem, para caminhar para a pátria celeste, onde permanecerá para sempre.

No que diz respeito a Santa Sara, Isaías apresenta-a como a mãe do povo eleito: "Ouvi-me, vós todos os que seguis a justiça e buscais o Senhor; considerai a rocha donde fostes cortados, a pedreira donde fostes tirados. Lançai os olhos para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz, porque eu o chamei, quando êle estava só (*sem esperança de ter filhos*), e o abençeei e multipliquei". (16)

(15) Gên. I-XXV.

(16) Is. 51, 1-2.

São Paulo exalta-a, na Epístola aos Gálatas, como o símbolo da liberdade cristã:

“Dizei-me, vós, os que quereis estar debaixo da lei, não lestes a lei? Com efeito, está escrito que Abraão teve dois filhos: um da escrava e outro da (*mulher*) livre. Mas o da escrava, nasceu segundo a carne, e o da livre, (*nasceu*) em virtude da promessa; estas coisas foram ditas por alegoria, porque estas (*duas mães*) são os dois testamentos. Um do monte Sinai, que gera para a escravidão; êste é (*figurado em*) Agar, porque o Sinai é um monte da Arábia, o qual corresponde à Jerusalém daqui de baixo (*isto é, a Sinagoga*), a qual é escrava com seus filhos. Mas aquela Jerusalém, que é de cima, (*isto é, a Igreja de Jesus figurada em Sara*) é livre e é nossa mãe. Porque está escrito: *Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são muitos mais os filhos da* (que estava) *abandcnada* (como estéril), *que daquela que tem marido* (Is. 54, 1). E nós, Irmãos, somos filhos da promessa como Isaac. Mas, assim como então aquêle que tinha nascido segundo a carne perseguia o que tinha nascido segundo o espírito, assim (*acontece*) também agora. Mas que diz a Escritura? *Lança fora a escrava e o seu filho, porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre* (Gên., 21, 10). Por isso, Irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre: e é com esta liberdade que Cristo nos fêz livres”. (17)

Santo Abraão estêve, por mais de uma vez, nos lábios de Jesus. Um dia, contou Nosso Senhor a história do rico e do pobre Lázaro, dizendo:

(17) Gal., 4, 21-31.

“Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho fino, e todos os dias se banqueteara esplêndidamente. Havia também um mendigo, chamado Lázaro, o qual coberto de chagas, estava deitado à sua porta, desejando saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; porém, até os cães vinham lambe-lhe as chagas.

“Sucedeu morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos no seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado. E, quando estava nos tormentos do inferno, levantando os olhos, viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio; e, gritando, disse:

“— Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda Lázaro que molhe em água a ponta do seu dedo, para refrescar a minha língua, pois estou atormentado nesta chama”.

“Abraão disse-lhe:

“— Filho, lembra-te que recebeste os (*teus*) bens em tua vida, e Lázaro, ao contrário, (*recebeu*) males; por isso êle é agora consolado, e tu és atormentado. Além disso, há entre vós e nós um grande abismo; de maneira que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de aí (*podem*) passar para nós”.

“O rico disse:

“— Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que os advirta disto, e não suceda virem também êles parar a êste lugar de tormentos”.

“Abraão disse-lhe:

“— Tem Moisés e os profetas; ouçam-nos”.

“Êle, porém, disse:

“— Não (*basta isso*), pai Abraão, mas se algum dos mortos fôr ter com êles, farão penitência”.

“Ele lhe disse:

“— Se não ouvem Moisés e os profetas, tão pouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos”. (18)

★ ★ ★

SANTA PÚBLIA (*)

Abadêssa

Século IV

Públia era uma piedosa viúva de Antioquia, mãe de João, o qual teve importante papel na Igreja da cidade.

Depois que o marido faleceu, buscou um convento, e logo foi escolhida para abadêssa.

Juliano, o Apóstata, constantemente passava por perto do convento, e Públia, aproveitando a ocasião, cantava alto, com as companheiras:

“Os ídolos das nações nada mais são do que ouro e prata, obra das mãos dos homens. Os que os fazem e os que nêles confiam, a êles mesmos são semelhantes”.

Um dia, Juliano, furioso, ordenou às religiosas que se calassem, mas Públia, desprezando a ordem, encorajou as filhas para que continuassem a entoar o salmo, e depois, o *Exsurgat Deus*. E cantaram:

“Que Deus se alevante e seus inimigos sejam dispersos”.

Juliano pediu a um dos comandados que lhe trouxessem a abadêssa impertinente, e, quando a teve ao alcance, esbofeteou-a duramente.

Públia, que considerou aquêle ignominioso tratamento como uma grande glória, não cessou de cantar. Juliano, então, confundido, deixou-a e se retirou.

Santa Públia faleceu em grande paz. Ignora-se o ano em que foi para Deus.

* * *

SÃO GODUÍNO (*)

Abade

São Goduíno, abade de Anchin, foi discípulo do abade Alviso. Conhecido também pelos nomes de Gossen e Goswin, nasceu em Douai, em fins do século XI.

Tendo-se, desde a mais baixa idade, sobressaído pela inteligência, feitos os primeiros estudos, enviaram-no os pais, para continuar estudando, a Paris. Ali, encontrou Abelardo, o mestre que, dizem os biógrafos, foi vencido pelo discípulo, tão senhor era Goduíno das argumentações.

De regresso à terra natal, logo foi feito cônego de Santo Aneu. Como desejava vida mais austera, pensou em Anchin.

O Santo teve destacada atuação no original movimento de renascença monástica que se desenvolveu naquela fundação, no século XII. Ali, sob o abade Alviso, completou a educação que tivera, cristalizando-se, mas o noviciado foi penoso, principalmente numa fase da vida, em que, provado fisicamente, viu-se, por outra parte, privado de toda consolação na oração.

De vontade férrea, entretanto, a todos os obstáculos conseguiu superar, e, ao cabo de um ano de

grandes asperezas, fêz profissão e foi ordenado padre. Era em 1118.

Não demorcu muito para que Alviso o mandasse reformar São Crispin de Soissons, onde trabalhou febrilmente, passando de sucesso a sucesso.

Prior, pouco depois, de São Medardo de Soissons, ia, mais uma vez, encontrar-se com o antigo rival, Abelardo. Abelardo, porém, era, agora, um condenado pelo concílio de Soissons (1121). Obrigado a recolher-se na abadia do discípulo doutros tempos, ali foi muito bem recebido e hospedado.

Goduíno, naquela altura, adoeceu tão gravemente que não duvidou da morte. Soara-lhe a hora final? Grande devoto de São Gregório, cujas obras sempre trazia consigo, foi curado pelo Santo, que, aparecendo-lhe, deu-lhe uma poção miraculosa.

Enviado para outro mosteiro, como prior de São Remi de Reims, dali passou para Anchin. Novamente ao lado de Alviso, a quem amava, em 1130 era o abade daquela fundação: Alviso tornou-se bispo de Cambrai e de Arras e Goduíno foi eleito para tomá-lo o pôsto.

Se já se tornara notável nas fundações pelas quais passara, o Santo, como abade de Anchin, havia de crescer mais ainda, tal a atividade que desenvolveu. Falecido no auge das reformas que levava a efeito, a 9 de outubro de 1165, deixava o mosteiro mais rico, mais povoado e com a melhor fama daqueles longínquos tempos.

Um monge, Alexandre, escreveu-lhe a *Vida, Beati Goswini Vita*.

SÃO DEMÉTRIO (*)

Patriarca de Alexandria

Em fins do século X, o bispo de El-Eschmounen, no Egito, ajudado pela *História Eclesiástica* de Eusébio e por outras fontes, bem como por tradições, escreveu a sua *História dos Patriarcas da Igreja Copta de Alexandria*. Na obra, diz o bispo que na noite que precedeu a morte do patriarca Juliano, um anjo do Senhor apareceu àquele patriarca e lhe disse:

— Tu, agora, vais para o Messias: aquêlê que, amanhã aparecer aqui em tua casa com um cacho de uvas, deve ser o patriarca depois de ti.

No dia seguinte, surgiu-lhe um camponês que não sabia ler nem escrever, e que, tendo encontrado nos seus parreirais um belo cacho de uvas, porque não era o tempo delas, admirado, colheu-o, e, algo insólito que era, resolveu presentear o patriarca com o achado.

Juliano recebeu o camponês com grande respeito. Não era êle um eleito? Contou-lhe a visão que tivera e morreu logo depois.

Demétrio, assim se chamava o camponês, foi sagrado imediatamente.

Ora, o novo patriarca era casado, e pois, alguns fiéis entraram a murmurar, descontentes. Um anjo, então, apareceu ao recém-eleito, e prescreveu-lhe uma

fórmula que iria fazer com que as murmurações cessassem.

No dia 12 de março de 189, Demétrio celebrou o santo sacrifício. Finda a cerimônia, enviou alguém que lhe trouxesse a espôsa, e, enquanto a mulher não chegava, acendeu um grande fogo e ficou à espera. Quando a espôsa chegou, diante de todos Demétrio encaminhou-se para as brasas e pôs-se a andar sobre elas. E tomando um tição, encostou-o sobre as vestes, assim ficando, sobre o fogo e com o tição nas roupas, por muito tempo, sem que se magoasse ou as vestes se queimassem. Aquelas operações repetiu-as com a espôsa, sem que nada lhe sucedesse.

Todos admirados, não sabiam o que dizer nem o que pensar. O novo patriarca, então, rompendo o silêncio que caíra pelo templo, disse a todos que êle e a espôsa, casados contra a vontade dos pais, viviam na castidade, sem que jamais tivessem tido qualquer carnal relação.

Se Demétrio era respeitado por alguns, desde aquêle dia passou a sê-lo por todos, e venerado: os fiéis louvaram grandemente a Deus, e ao patriarca, muito envergonhadamente, pediram perdão das coisas que propalaram.

Durante o patriarcado de São Demétrio, três eminentes mestres dirigiram a famosa escola de Alexandria. Foram Panteno, Clemente e Orígenes.

São Jerônimo ensina-nos que Demétrio enviou Panteno, para pregar o Evangelho, na Índia. Quanto a Clemente, relacionado com o patriarca, nada se sabe. Orígenes, quando São Demétrio o colocou à frente da escola, contava dezoito anos. Aos vinte e um, viajou para a Arábia, e, em 230, foi autorizado

a combater os heréticos de Acaia. Ao passar por Cesaréia, os bispos ordenaram-no padre.

Era, aquela, uma ordenação irregular e, pois, Demétrio contra ela se insurgiu, daí os dois sínodos que reuniu no ano seguinte, isto é, em 231, contra Orígenes: repreendendo-o, porque se prestara aos desejos dos bispos, e, acusando-o de ter favorecido a heresia, acabou por depô-lo, excomungando-o e interdizendo-lhe a faculdade de ensinar.

Naquele mesmo ano de 231, depois de quarenta e três anos, cheios anos, de episcopado, São Demétrio docemente faleceu, diz-se que com cento e cinco anos de idade.

No mesmo dia, em Roma, o bem-aventurado João Leonardo, confessor, fundador da congregação dos clérigos regulares da Mãe de Deus, célebre pelos trabalhos e milagres: por seus cuidados, foram estabelecidas as missões da Propagação da Fé. Nascido em Diecimo, na Toscana, em 1541 ou 1543, era filho de pais modestos. Depois de vida toda ela cheia de grandes trabalhos, faleceu em 1609.

Em Paris, a morte dos mártires Dionísio, o Areopagita, bispo, Rústico, sacerdote, e Eleutério, diácono. O MARTIROLÓGIO ROMANO CONFUNDE DOIS PERSONAGENS: DIONÍSIO, O AREOPAGITA E DIONÍSIO, PRIMEIRO BISPO DE PARIS. Gregório de Tours, na sua *História dos Francos*, conta que, no tempo de Décio, 250, sete bispos foram enviados de Roma para pregar nas

Gálias: Gatiano a Tours, Trofimo a Arles, Paulo a Narbona, Saturnino a Tolosa, Austremonie a Auvergne, Marcial a Limoges e Dionísio a Paris. Primeiro organizador da Igreja de Paris, viveu no século III.

Perto do Cassino, São Deúsdedit, abade, que o tirano Sicardo encerrou numa horrível masmorra: ali morreu de fome e miséria, em 834.

Perto de Júlia, no território de Parma, na via Cláudia, São Donino, mártir: sob o imperador Maximiano, queria, pela fuga, evitar o rigor da perseguição, mas, sendo prêso, acabou pela espada, gloriosamente, morto pelos que o perseguiram.

Festa de São Guileno, bispo e confessor: renunciou ao episcopado para levar vida solitária no mosteiro que construira; tornou-se célebre pelos milagres que operou. Faleceu entre 681 e 685.

Em Valença, na Espanha, São Luís Beltrão, da ordem dos Pregadores, confessor, que levou vida pura e operou milagres, falecendo em 1581.

Em Jerusalém, os santos Andrônico e Atanásia, sua espôsa.

Em Poitiers, São Savino e São Cipriano, mártires.

Em Orléans, Santa Austregilda, mãe de São Lôbo de Sens.

No mosteiro de Guileno, São Lamberto e São Balero, discípulos do santo fundador, Guileno.

No mosteiro de São Focas, perto de Constantinopla, São Pedro, o Gálata, monge (século IX).

Em Augsburgo, São Nidgar, falecido em 832, e Santo Adalberão, falecido em 910, bispos.

Festa de Santa Ola, virgem.

Na diocese de Passau, São Gontier, monge ermitão, falecido em 1045.

Em Montsalvi, São Bernardo de Rodez, abade, desaparecido em 1110.

Na Prússia, o bem-aventurado João de Lobe-deau, franciscano, falecido em 1264. Doutor em teologia, pregador infatigável, zeloso director de almas, foi contemplativo e, como Santo Antônio de Pádua, gozou das familiaridades do Menino Jesus. É padroeiro da Prússia.

* * *

10.º DIA DE OUTUBRO

SÃO FRANCISCO DE BORJA

Superior-Geral da Companhia de Jesus

Filho de João de Borja, Duque de Gândia, nasceu em 1572. Descendia, do lado materno, de Fernando V, rei de Aragão. Sua mãe, uma piedosa senhora, Joana de Aragão, fôra muito devota de São Francisco de Assis e fizera o voto de, se desse à luz um filho, em felizes circunstâncias, receberia êste o nome do santo da sua devoção. Por isso o menino se chamou Francisco. Mal começou a articular as primeiras palavras, Joana lhe ensinou a pronunciar os nomes de Jesus e de Maria. Com a idade de cinco anos, Francisco já conhecia os primeiros elementos da religião e parecia embebido na santidade do cristianismo. Mostrava-se sempre atencioso, afável, grato e generoso para com todos. Fêz rápidos progressos nas letras e também na virtude. Sobretudo, alimentava uma terna devoção para com os sofrimentos de Jesus Cristo, a quem honrava todos os dias com determinadas práticas. Tendo a piedosa mãe caído gravemente doente, Francisco, que apenas contava dez anos, ia fechar-se no seu quarto para rezar por ela, desfeito em lágrimas; em seguida, disciplinava-se

severamente. Foi vontade de Deus, porém, que a Duquesa de Gândia não se restabelecesse; morreu no ano de 1520. Aquela perda feriu profundamente a Francisco; mas a fé prevaleceu sobre os sentimentos. Moderou a mágoa e submeteu-se, com resignação, à vontade divina. Relembra constantemente os sábios conselhos maternos, e tomou a resolução de sempre fazer dêles a sua norma de conduta, resolução que cumpriu devidamente.

Terminou os estudos ao lado de seu tio materno, João de Aragão, arcebispo de Saragoça. Aos dezoito anos, sentiu-se fortemente inclinado a abraçar o estado religioso e, se dispusesse de liberdade, teria obedecido à sua inclinação. Ao mesmo tempo, era atormentado por violentas tentações carnaes; mas delas triunfava por meio de freqüentes confissões, de preces fervorosas e de leituras devotas, de práticas de mortificação e de humildade, da desconfiança de si mesmo e de uma firme confiança em Deus, de quem, unicamente, poderia receber o inestimável tesouro da castidade. Seu pai e seu tio, que desejavam distraí-lo da idéia de tornar-se religioso, enviaram-no em 1528 à côrte de Carlos V; esperavam que o novo gênero de vida que ia conhecer lhe alterassem os projetos.

Na côrte, Francisco deu provas de uma prudência que apenas marcava pessoas de idade avançada. Sua assiduidade aos deveres, realçada pelo brilho de suas virtudes, não tardou a chamar a atenção sobre a sua pessoa. Tinha um coração nobre, generoso e grato. Honrava Deus na pessoa do príncipe, e era aos pés do Senhor que depunha suas ações, e também os favores com que seus serviços eram recompensados. Em sua vida doméstica reinava a mais severa ordem. Ia diàriamente à missa, e tinha horas deter-

minadas para a leitura e a oração. O imperador estimava-o e admirava-o tanto que o chamava de *milagre* dos príncipes. A imperatriz Isabel, de Portugal, também lhe dedicava grande aprêço; e formou o projeto de fazê-lo desposar Eleonora de Castro, donzela que trouxera consigo de Portugal, e que merecia a sua inteira confiança, pois reunia a um nascimento ilustre uma rara piedade, acompanhada de tôdas as qualidades do espírito e do coração. O imperador apoiou aquêlê projeto, e fêz com que o Duque de Gândia também o aprovasse. Francisco e Eleonora casaram-se como outrora Tobias e Sara. Nessa ocasião, o imperador deu ao santo uma nova prova da sua estima, concedendo-lhe o título de marquês de Lombay, e nomeando-o grande escudeiro da imperatriz. Como a prudência e a fidelidade de Francisco cada vez mais se acentuassem, admitiu-o ao seu conselho, e muitas vêzes conferenciava com êle sôbre negócios do Estado de máxima importância.

Em 1537, Francisco perdeu a avó paterna, Dona Maria Henriquez, que enviuvara aos dezessete anos com dois filhos: João, pai do santo, e Isabel, que se tornara abadêssa das Clarissas de Gândia. Aos trinta e quatro anos, Dona Maria Henriquez também ingressara no mesmo instituto, onde vivera trinta e três anos sob a direção de sua própria filha. As virtudes que praticou proporcionaram-lhe numerosas consolações na derradeira moléstia; tanto assim que pediu às irmãs que cantassem o *Te Deum* imediatamente após a sua morte, em ação de graças pela sua feliz passagem para a eternidade.

No mesmo ano de 1537, São Francisco de Borja sofreu mais um grande golpe com a morte do poeta Garcilaso de la Vega, seu amigo íntimo. É um fato

digno de admiração: no mesmo tempo em que Portugal, Espanha e Itália produziam grandes santos, também produziam grandes poetas. Na Espanha surgiu Garcilaso de la Vega; em Portugal, Luís de Camões; na Itália, Tasso.

Dois anos depois de ter Francisco perdido o amigo, assistiu à morte da imperatriz Isabel, cujos despojos foi incumbido de levar até Granada, onde receberiam sepultura. Ao chegar à referida cidade, o esquife foi aberto, a fim de que Francisco prestasse testemunho de que realmente continha o corpo da imperatriz. Mas o rosto da soberana estava tão desfigurado, que não lhe foi possível fazer o reconhecimento; aliás, o cadáver exalava tão nauseabundo odor que ninguém conseguia suportá-lo. Esse tétrico espetáculo causou uma impressão imperecível em Francisco, que passou, insone, a noite seguinte. Prostrado no chão do quarto, dizia a si mesmo, entre lágrimas: "Ó minha alma! que posso buscar no mundo? Até quando continuarei a ser uma sombra vã? Que terá acontecido a essa princesa que se nos afigurava tão bela, tão nobre, tão digna do nosso respeito? A morte, que tratou de semelhante maneira o diadema imperial, também pode ferir-me de uma hora para outra! Não será mais sábio prevenir-lhe os golpes, morrendo desde já para o mundo, a fim de que, depois da minha morte, eu possa viver em Deus?" No dia seguinte, ouviu o venerável João de Ávila recitar uma oração fúnebre, que acabou de convertê-lo. Obedecendo ao conselho daquele santo homem, comprometeu-se sob voto a abandonar a corte, e, caso sobrevivesse à sua mulher, a ingressar em qualquer ordem religiosa.

Porém, longe de consentir no seu afastamento, o imperador nomeou-o vice-rei da Catalonha. Empossado no novo pôsto, Francisco desempenhou, ao mesmo tempo, os deveres de um perfeito governador e de fervoroso cristão. Tôdas as manhãs consagrava cinco horas à prece ou à meditação. Todos os dias recitava o officio divino, e tôdas as suas horas eram seguidas de uma meditação sôbre algum trecho da Paixão. Também recitava diâriamente o rosário e meditava sôbre as virtudes e os principais mistérios da vida da Santa Virgem. São incríveis as austeridades que praticava. Suprimiu definitivamente a ceia, a fim de dispor de mais tempo para a oração. Depois de ter passado duas quaresmas sem outro alimento a não ser um prato de legumes e um copo de água por dia, formou o projeto de jejuar assim o ano inteiro. Isso não significa que a sua mesa não fôsse servida de maneira adequada à sua posição; entretinha seus convidados com palestras amenas, a fim de furtar-se à observação dos outros, e, na medida do possível, encaminhava-as para assuntos piedosos. Comungava tôdas as semanas, sendo que os três dias anteriores à comunhão eram dedicados à preparação, e os três posteriores, à ação de graças. Tendo entrado em contacto com a Companhia de Jesus, empenhou-se em difundi-la.

Entrementes, perdeu o pai, João, Duque de Gândia, e sua espôsa, Eleonora de Castro; ambos morreram nos mais profundos sentimentos de piedade. Corria o ano de 1546. Viúvo, e Duque de Gândia, com a idade de trinta e seis anos, Francisco fêz um retiro sob a orientação do jesuíta Lefrève, de acôrdo com os exercícios espirituais de Santo Inácio. Discussam juntos os meics de levar a efeito o projeto,

concebido por Francisco, de fundar um Colégio de Jesuítas em Gândia. A fim de preservar o fruto que colhera nas suas palestras com o primeiro companheiro de Santo Inácio, Francisco compôs alguns pequenos tratados de piedade. Dois dêles têm por objeto a obtenção dos meios de conseguir um perfeito conhecimento de si mesmo, e uma verdadeira humildade. Ao mesmo tempo resolveu pôr em execução a determinação de consagrar-se a Deus em algum instituto religioso. Resolveu-se pela Companhia de Jesus, cuja regra lhe pareceu melhor convir ao zêlo que o animava, e à repulsa que experimentava em relação às dignidades eclesiásticas. Teria desejado realizar imediatamente o seu projeto. Mas Santo Inácio ordenou que adiasse o seu ingresso na ordem, encaminhando devidamente seus filhos, antes, e terminando as fundações iniciadas; também lhe aconselhou a seguir um curso regular de teologia, em Gândia, e a receber o grau de doutor nessa ciência. O Duque obedeceu-lhe rigorosamente.

Tendo, em 1549, solucionado todos os problemas que o retinham no mundo, Francisco partiu para Roma, onde chegou em fins de agosto de 1550. Chegando-lhe aos ouvidos rumores de que o Papa Júlio III tencionava fazê-lo cardeal, deixou a cidade após quatro meses de estada e voltou secretamente para a Espanha. Refugiou-se na casa dos Jesuítas, em Ognata, a quatro léguas do castelo de Loyola, onde se considerava o último dos religiosos, incumbindo-se dos serviços mais grosseiros. Acima de tudo aprazia-lhe pedir esmolas de porta em porta nos povoados vizinhos. Freqüentemente percorria as aldeias munido de uma campainha, a fim de atrair as crianças, catequizá-las e ensinar-lhes a rezar. Dou-

trinava pessoas de tôdas as condições; os pobres, porém, mereciam-lhe particular atenção. Santo Inácio obrigou-o a pregar em várias partes da Espanha, nas quais havia muito a sua presença era solicitada. O êxito das prédicas correspondeu às esperanças. Várias pessoas de alta categoria collocaram-se sob a direção do santo, e famílias inteiras dispuseram-se a seguir a norma de vida que lhes traçara. Depois de operar prodígios de zêlo em Castela e na Andaluzia, Francisco dirigiu-se a Portugal, onde, por assim dizer, se ultrapassou a si mesmo, sobretudo em Évora e em Lisboa.

Tendo-se multiplicado na Espanha as províncias da Companhia de Jesus, foi nomeado superior geral. Os Jesuítas de Portugal e das Índias Orientais a êle ficaram sujeitos. Mas como as suas austeridades punham em risco a sua vida, Santo Inácio ordenou-lhe que prestasse obediência a um diretor: precaução necessária para moderar o fervor do seu zêlo.

Havendo, em 1565, falecido o Padre Laynez, segundo superior geral dos Jesuítas. Francisco foi eleito para ocupar-lhe o cargo no dia 2 de julho do mesmo ano. Conseguiram invalidar as precauções por êle tomadas para frustrar a eleição. Francisco dirigiu ternas exortações aos padres que compunham a assembléia-geral, e fêz questão de beijar-lhes os pés antes de separar-se dêles. Seu primeiro cuidado foi fundar em Roma uma casa de noviciado. Com tanto êxito trabalhou pelos interêsses da Sociedade nas várias partes do mundo, que pode ser considerado o segundo fundador da Companhia de Jesus. Mostrou tanto zêlo em ampliar as missões e em formar operários evangélicos, que lhe coube, perante Deus, uma larga parte no mérito dos pregadores

que anunciaram a fé nos mais longínquos países. Não era menor o seu ardor relativamente à formação de padres destinados a permanecerem na Europa, embuindo-os do espírito do instituto, cuja finalidade é a reforma dos costumes da cristandade. Sendo a prédica o principal meio de que Deus se serve na conversão das almas, recomendava insistentemente aos religiosos que se consagassem a êsse ministério, cujas regras, destinadas à obtenção de felizes resultados, êle mesmo traçou.

São Francisco de Borja encerrou sua santa vida na noite de 30 de setembro a 1.º de outubro de 1572, aos setenta e dois anos de idade. Sepultaram-no na antiga igreja da casa professa; porém, em 1617, o Cardeal Duque de Lerme, seu neto, primeiro ministro de Filipe III, rei da Espanha, mandou trasladar seu corpo para a Igreja da casa professa dos jesuítas de Madri. Francisco de Borja, beatificado por Urbano VIII, em 1624, foi canonizado por Clemente IX, em 1670. Inocência XI fixou sua festa no dia 10 de outubro de 1683. (1)

* * *

(1) Acta SS., e Godescard, 10 octob.

SÃO PAULINO (*)

Arcebispo de York

São Paulino foi o primeiro grande missionário cristão de Nortúmbria, o mais importante dos reinos da Inglaterra, no século VII.

Monge de Santo André do Célio, São Gregório, o Grande, enviou-o com Santo Agostinho, mais a Melito, Justo e outros, à Inglaterra.

São Paulino foi quem acompanhou Etelburga, irmã do rei Eadbaldo de Kent, quando aquela princesa se dirigiu à corte de Nortúmbria para desposar o rei Eduíno, que ainda era pagão.

Convertido o rei, Paulino batizou-o pela Páscoa de 627, quando, então, grande número de súditos o imitou, convertendo-se e recebendo as águas salvadoras.

Com o apoio de Eduíno, São Paulino estabeleceu a sede episcopal em York. Falecido em outubro de 644, onze anos depois da morte do rei, assassinado por Penda de Mércia, foi enterrado na catedral.

Para maiores detalhes, ver São Justo, 10 de novembro.

No mesmo dia, em Nantes, São Claro, bispo (século IV).

Na diocese de Troyes, Santa Tancha, virgem e mártir.

Em Constantinopla, São Bassiano, monge, no século V. Nascido na Síria, viveu em Constantinopla, sob o imperador Marciano (450-457). Foi o fundador dum mosteiro para homens, que recebeu seu nome.

Na abadia de Jouarre, Santa Telchida, abadessa, falecida em 670. O culto é antiquíssimo em Jouarre.

São Venant, mártir, no século VIII, que uma legenda sem valor dá como pertencendo à família de Carlos Magno.

Em Sens, Santo Aldrico, bispo, falecido em 841. Bispo de Sens, antes abade de Ferrières, nasceu no Gatinais, em 775. Foi chanceler de Pepino I, rei da Aquitânia.

Em Bridlington, na Inglaterra, São João, cônego regular, desaparecido em 1379.

Em Rímini, o bem-aventurado Roberto Malatesta, terciário franciscano, que se notabilizou pela piedade e caridade para com os pobres e os enfermos, principalmente os leprosos. Faleceu em 1432, com vinte e três anos de idade.

Na ermida de Camaldoli, o bem-aventurado Miguel Pini, ermitão camaldulo, falecido em 1522.

11.º DIA DE OUTUBRO

SANTOS TÁRACO, PROBO E ANDRÔNICO

Mártires

Entre os atos verídicos dos mártires, talvez não existam outros mais dignos de admiração que os dos santos Táraco, militar, Probo, burguês, e Andrônico, nobre. Êsses atos compõem-se de quatro partes. As três primeiras contêm o processo verbal dos interrogatórios a que foram submetidos em Tarso, Mopsuesto e Anazarbo, cidades da Cilícia. É uma cópia autêntica dos registros proconsulares comprada pelos cristãos dos notários públicos, como atestam onze testemunhas dêsses últimos, uma carta dirigida aos cristãos de Icona, na ocasião em que lhes enviaram os referidos atos. A quarta parte é composta do depoimento de testemunhas oculares, que carregaram secretamente os corpos dos santos mártires e os sepultaram, decididos a permanecerem junto ao túmulo durante o resto de suas vidas. Com relação a isso, estão em acôrdo todos os sábios. Êsses atos podem, pois, servir de modelo para que por êles sejam outros aferidos, e assim retificarem definitivamente os arbitrários pareceres dos críticos modernos.

Por êsse motivo é que foram integralmente inseridos no tomo VI da *História Ecclesiástica*. Nesta obra só incluiremos os atos do terceiro mártir, o mais jovem de todos.

No dia 25 de março, depois de Táraco e Probo terem sido interrogados, ordenou o governador Máximo: "Trazei o outro para o centro do tribunal". Demétrio, centurião, respondeu: "Aqui está êle, Senhor." Máximo: "Como te chamas?" Andrônico: "Sou cristão; é isso que desejais saber. Digo-vos, pois, que sou cristão." Máximo: "Já que tal título de nada serviu aos que te precederam, dize-me teu nome, que te pergunto." Andrônico: "Se perguntais meu nome comum entre os homens, chamo-me Andrônico". "Qual é o teu nascimento?" "Sou nobre e filho dos primeiros da cidade de Éfeso." Máximo: "Deixa de palavras rebuscadas; falo-te como um pai, podes crer: os que te precederam preferiram mostrar-se insensatos, e nada lucraram. Honra os imperadores e sacrifica aos nossos deuses paternais, e serás bem tratado." Andrônico: "Com muita propriedade chamais paternais aos vossos deuses, pois tendes Satanás como pai, e vos transformastes em demônios, pois estais a serviço dêles." Máximo: "Tua juventude te torna insolente." Andrônico: "Pareço-vos jovem pela idade; mas meu espírito está maduro e preparado para tudo". Máximo: "Cessa de falar e sacrifica, para te poupares às torturas." Andrônico: "Julgais que na minha idade eu não seja sensato e que tenha menos coragem do que os outros? estou disposto a tudo." Máximo ordenou, então: "Tirai-lhe as roupas, amarraí-o e suspendei-o". Por sua vez, Demétrio, o centurião, observou: "Obedece, miserável, antes que teu corpo seja destruído". An-

drônico: "É melhor perder o corpo do que a alma; faze o que quizeres." Máximo: "Obedece e sacrifica, antes que eu ordene que te façam perecer." Andrônico: "Nunca sacrifiquei aos demônios, nem mesmo na minha infância; não começarei, agora." Máximo: "Que seja espancado." Atanásio, escrivão, disse ao jovem: "Obedece ao governador: tenho idade para ser teu pai e aconselho-te a fazê-lo." Responde Andrônico: "Afasta-te e corrige-te; pois, nem por seres velho, por isso tens juízo, já que me aconselhas a sacrificar a pedras e a demônios." Máximo: "Miserável, serás insensível aos tormentos, para não te apiedares de ti e não desistires dessa loucura?" Andrônico: "Essa loucura é-nos imprescindível, a nós, que confiamos em Cristo; mas a sabedoria temporal atrai os que estão destinados à morte eterna." Máximo: "Quem te ensinou semelhante estultícia?" Andrônico: "O Verbo Salvador, por quem vivemos e viveremos, tendo no céu o próprio Deus como garantia da ressurreição." Máximo: "Dilacerai-lhe bem as pernas." Andrônico: "Sirva Deus de testemunha te julgue prontamente! pois, embora eu nada tenha feito de mal, atormentais-me como se fôsse um assassino." Máximo: "És ímpio para com os deuses e para com os augustos, desprezas meu tribunal, e dizes que nada fizestes de mal?" Andrônico: "Luto pela piedade para com o verdadeiro Deus." Máximo: "Se tivesses piedade, honrarias os deuses que os próprios imperadores honram". Andrônico: "É impiedade, e não piedade, abandonar o Deus vivo para adorar madeira e pedras." Máximo: "Os imperadores são ímpios, pois, desgraçado que és." Andrônico: "Sim, na minha opinião, eles o são. Vós mesmo, se quizerdes raciocinar com justiça,

vereis que é uma impiedade sacrificar aos demônios." Máximo: "Voltai-o e furai-lhe as costas." Andrônico: "Estou em vossas mãos; podeis fazer meu corpo sofrer tudo que vos aprouver." Máximo: "Ponde sal e esfregai-lhes as costas com cacos de lcuça." Andrônico: "Fortificastes meu corpo com as chagas." Máximo: "Far-te-ei morrer aos poucos." Andrônico: "Não temo as vossas ameaças; minha resolução é mais forte do que tôdas vossas invenções e tôda a vossa malícia; é por isso que desprezo vossos tormentos." Finalmente o governador ordenou: "Ponde-lhe ferrcs no pescoço e nos pés e encerrai-o num cárcere."

O segundo interrogatório foi levado a efeito em Mopsuesto. Depois de ter mandado torturar atrozmente a Táraco e Probo, o governador deu ordens para que lhe trouxessem Andrônico. "Aqui está êle, senhor", observou o centurião Demétrio. O governador Máximo então disse: "Os que foram interrogados antes de ti, miserável, inútilmente sofreram vários tormentos; porém, depois de mil torturas, finalmente se deixaram persuadir e sacrificaram aos deuses; agora irão receber honras extraordinárias dos imperadores. Convence-te, também, antes do suplício, poupa-te a tormentos, sacrifica aos deuses e farás jus às devidas honras. Senão, juro-te pelos deuses e pelos imperadores invencíveis, serás severamente punido pela desobediência." Andrônico: "Não acuses de semelhante fraqueza os que te responderam antes de mim, e não julgues que me enganas com os teus artifícios, nem creias que me obrigarás a obedecer-te; não me mostrarei covarde a tal ponto. Continuo firme, armado pela fé que tenho em meu Senhor, e não creio em ti, nem no teu tribunal. Executa, pois, tôdas as tuas ameaças e torturas." Má-

ximo: "Estendei-o num poste, açoitai-o com nervos crus". Andrônico: "Não é muita coisa depois de tão solene juramento por teus deuses e teus imperadores. Nisso se resumem as ameaças?" O escrivão Atanásio disse ao mártir: "Teu corpo inteiro é uma só chaga, e achas que nada é, desgraçado!" Andrônico: "Os que amam a Deus vivo não se preocupam com essas coisas". Máximo: "Esfregai-o com sal." Andrônico: "Sinto-me completamente curado das chagas produzidas pelos vossos primeiros tormentos, tal como vistes, quando me apresentaram ao vosso tribunal. Aquêlle que me curou tornará a curar-me." Imediatamente Máximo observou: "Soldados infiéis, não vos proibi que permitísseis que suas feridas fôsem pensadas, a fim de que elas o obrigassem a obedecer-nos?" "Por Vossa Grandeza, respondeu o carcereiro Pégaso, nenhum dos três foi pensado, e ninguém entrou na prisão, permaneceram acorrentados no fundo do cárcere. Se julgais que minto, tenha uma cabeça, e tendes o poder". "Então as feridas desapareceram?" indagou Máximo. O carcereiro replicou: "Por vossa virtude, não sei como foram curadas". Andrônico: "Insensato, nosso Salvador é médico e muito poderoso. Cura os que confiam nêlle, não com a aplicação de remédios, mas com a sua palavra. Embora habite os céus, está presente em tôda parte; mas não o conheces, insensato que és". Disse Máximo: "Essas tolas palavras de nada te servirão; aproxima-te e sacrifica aos deuses, senão mandarei torturar-te." Andrônico: "Nada tenho a responder, a não ser o que já vos disse mais de uma vez; pois não sou criança para permitir que me distraiais com lisonjas." Máximo: "Não me vencereis, e não desprezareis meu tribunal." Andrônico: "Tam-

bém não nos deixaremos vencer pelas vossas ameaças; sempre encontrareis em nós intrépidos atletas de Deus, pois Cristo nos dá forças. Talvez, ó procônsul! já vos tenhais convencido em parte de que não tememos nem a vós, nem aos vossos tormentos." O governador Máximo ordenou: "Preparai vários suplícios para a próxima sessão; e ponde êste homem na prisão com correntes de ferro, e não permitais que ninguém entre no calabouço."

O terceiro interrogatório deu-se em Anazarba. Depois de haver mandado mutilar impiedosamente a Táraco e Probo, o governador observou: "Trazei-me o ímpio Andrônico." Demétrio, centurião, respondeu: "Aqui está êle, senhor". O governador Máximo indagou: "Agora, pelo menos, te compadeces da tua mocidade, Andrônico, e tomaste a sábia resolução de honrar os deuses? ou persistes na tua loucura, que de nada te servirá? Se não quiseses atender-me, sacrificando aos deuses e prestando aos imperadores as honras que lhes são devidas, não encontrarás em mim a menor piedade. Aproxima-te, pois, sacrifica e vai-te." Andrônico: "Desgraçado sejas, inimigo de tôda verdade, tirano mais impudente do que as feras! Suportei tôdas as torturas que me infligiste e ainda julgas que me persuadirás a proceder mal? Não, não quebrarás a minha confissão; estou pronto a enfrentar, pelo Senhor, todos os ataques, e mostrar-te o vigor da minha mocidade e a firmeza da minha alma". Máximo: "Pareces-me furioso e possuído pelo demônio." Andrônico: "Se eu estivesse possuído pelo demônio, sem dúvida te obedeceria; mas como o demônio não está comigo, não te obedeco. Quanto a ti, és demônio dos pés à cabeça, e dêle são as tuas obras." Máximo: "Os que te pre-

cederam também disseram que preferiam as torturas, mas o rigor dos castigos persuadiu-os a mostrarem-se piedosos para com os deuses e obedientes para com os imperadores; sacrificaram e foram postos em liberdade.” Andrônico: “Quando mentes, nada fazes que não esteja de acôrdo com as tuas máximas malélicas; pois àqueles a quem cegamente adoras não apraz a verdade. És mentiroso como teu pai; e por isso Deus te julgará sem demora, ministro de Satanás e de todos os demônios.” Máximo: “Nada ganharei se não te tratar como a um ímpio e não abater a tua suficiência.” Andrônico: “Não temo nem a ti nem às tuas ameaças ao nome do meu Deus.” Máximo: “Fazei mechas de papel e queimai-lhe o ventre.” Andrônico: “Mesmo que me queimasses inteiramente, enquanto eu respirar, não me vencerás, maldito tirano; o Deus a quem sirvo me assiste e me dá fôrças.” Máximo: “Ainda resistes, insensato? no teu interêsse pede ao menos que te matem.” Andrônico: “Enquanto viver, superarei a tua maldade, e desejo que me dês a morte, pois nela estará a minha glória diante de Deus.” Máximo: “Aquecei os espetos e applicai-os em brasa entre seus dedos.” Andrônico: “Insensato, inimigo de Deus, cheio das idéias de Satanás, vês meu corpo queimado pelas torturas e julgas que temo as tuas invenções? Deus está comigo, Deus a quem sirvo por intermédio de Jesus Cristo: desprezo-te.” Máximo: “Não sabes, insensato, que aquêlê a quem invocas foi um malfeitor crucificado por ordem de um governador chamado Pilatos, e do qual temos todo o processo?” Andrônico: “Cala-te, maldito; não te é permitido dizer semelhante coisa, pois não és digno de referir-te a êle, ímpio. Se fôsses digno, não perseguirias os

servos de Deus. Mas, como não partilhas as suas esperanças, não somente te perdes, mas também violentas os servos de Cristo, juiz iníquo que és.” Máximo: “E tu, insensato, que proveito encontras em crer e em confiar num malfeitor a quem chamas de Cristo?” Andrônico: “Encontro um grande proveito e terei uma enorme recompensa em troca de tudo quanto sofro.” Máximo: “Não quero que morras de uma só vez; vou entregar-te às feras e terás todos os teus membros devorados, um por um.” Andrônico: “Não és mais feroz que tôdas as feras, mais cruel que todos os homicidas, pois castigas como se fôsem assassins pessoas que não cometeram nenhum crime e nem mesmo foram acusadas de nenhuma injustiça? É por isso que sirvo a meu Deus no Cristo, e não me preocupo com as tuas ameaças. Podes servir-te da tortura que consideras a mais atroz de tôdas e verás a minha coragem.” Máximo: “Abri-lhe a bôca, colcai dentro as carnes e derramai o vinho que se encontram em cima do altar.” Andrônico: “Senhor meu Deus, testemunhai a violência de que sou vítima.” Máximo: “Que fazes, maldito demônio? Provas as oferendas do altar daqueles aos quais vos negastes a sacrificar.” Andrônico: “Insensato tirano, estúpido e cego, tu me forçaste a fazê-lo. Deus o sabe, êle que lê os pensamentos, e que pode livrar-me de Satanás e de seus ministros.” Máximo: “Até quando dirás disparates e futilidades que de nada te valerão?” Andrônico: “Tudo suporte porque espero a recompensa de Deus; mas não pode conceber os motivos da minha paciência.” Máximo: “Até quando continuarás a dizer disparates? Mandarei cortar-te a língua para impedir-te de falar tanto. Faça mal em dar-te atenção, pois ainda te tornas

mais insensato." Andrônico: "Peço-te, manda cortar meus lábios e minha língua, onde julgas que recebi as tuas abominações." Máximo: "Até quando, louco, te deixarás torturar? já provaste, como afirmei." Andrônico: "Infame tirano, que nunca tenhas o gosto, tal como aquêles que te concederam o poder, de ver-me maculado por teus ímpios sacrifícios! Verás o que praticaste contra os servos de Deus." Máximo: "Infame, ousas ultrajar os imperadores que proporcionaram ao mundo tão grande período de paz?" Andrônico: "Desprezo e desprezarei êsses indivíduos perversos, êsses bebedores de sangue que convulsionaram o mundo. Praza a Deus feri-los com seu braço imortal, a fim de que possam arrepender-se do mal que fazem aos seus servos!" Máximo: "Metei um ferro na sua bôca, arrancai-lhe os dentes e cortai-lhe a língua blasfema, para que aprenda a não blasfemar contra os imperadores. Levai embora seus dentes e sua língua, queimai-os e reduzi-os a cinzas, que atirareis ao vento, de maneira a impedir que os adeptos dessa religião, ou qualquer mulherzinha possa recolhê-los, carregá-los e guardá-los como algo precioso e santo; quanto a êle, levai-o para o cárcere e vigiai-o bem, pois será exposto às feras, assim como seus companheiros, no primeiro combate."

São êsses os três interrogatórios tirados dos arquivos do procônsul. Na carta que acompanha a sua remessa aos cristãos de Icona, os onze cristãos de Anazarba acrescentam a continuação e o fim dos referidos processos. Depois de terem sido os mártires interrogados pela terceira vez, o ímpio Máximo mandou chamar Terenciano, pontífice da Cilícia, e

ordenou-lhe que oferecesse, no dia seguinte, um espetáculo com feras ao povo da cidade. Imediatamente Terenciano deu ordens aos responsáveis pelas feras, para que as preparassem. Desde muito cedo a cidade inteira, até mulheres e crianças, dirigiu-se para o anfiteatro, que comportava cêrca de mil pessoas. As arquibancadas já estavam cheias quando o ímpio Máximo chegou para assistir ao espetáculo. Os jogos preencheram uma parte do dia; depois, relatam os cristãos, quando já havia vários homens estendidos no chão, mortos pelos gladiadores ou pelas feras, vimos, do ponto onde tudo observávamos ocultamente, o celerado Máximo mandar buscar os mártires; êstes foram conduzidos ao anfiteatro carregados, pois não podiam andar, tão maltratados tinham sido pelo fogo e outras torturas. Ao vê-los chegar, trazidos pelos soldados, aproximamo-nos um pouco mais do alto da montanha vizinha, e, sentados nos rochedos, oramos, entre lágrimas e gemidos. Quando os santos foram levados para o centro do anfiteatro, um denso murmúrio ergueu-se sôbre o povo. Vários assistentes mostravam-se indignados com aquela condenação injusta; muitos, que não quiseram assistir ao espetáculo, retiraram-se, atirando injúrias a Máximo. Êste deu ordens para que tomassem nota dos que iam embora, e para que os fizessem comparecer ao tribunal no dia seguinte, a fim de condená-los.

Várias feras foram sôltas, mas não tocaram nos corpos dos santos. Máximo enfureceu-se. Mandou chamar o administrador, ordenou que o açoitassem, e, por entre as mais violentas ameaças, ordenou-lhe que, se tivesse alguma fera perigosa, imediatamente a lançasse sôbre aquêles criminosos. O administrador,

trêmulo, soltou uma fera terrível, uma fêmea de urso, que já matara três homens naquele dia. O animal passou por cima dos outros mártires e, correndo, aproximou-se da santo mártir Andrônico, agachou-se a seu lado, e lambeu-lhe as chagas, pois fôra dito nas Escrituras: "Os animais selvagens tornaram-se mansos diante de ti". Santo Andrônico pousava a cabeça em cima dela, esforçando-se para irritá-la: o seu desejo era deixar a vida quanto antes. O urso, porém, permaneceu deitado ao lado do santo. Tomado de cólera, Máximo, mandou matar a fera, que foi degolada junto ao mártir. O pontífice da Cilícia, temendo que Máximo o culpasse, foi pessoalmente mandar que soltassem uma leoa que Herodes, pontífice da Anticquia, lhe enviara. Esta ao surgir na arena, fêz estremecer os espectadores com os rugidos e o ranger de seus dentes; passou pelos santos estendidos no chão, acercou-se do bem-aventurado Táraco, abaixou-se e prosterneu-se a seus pés. São Táraco estendeu a mão, e puxando o animal pelos pêlos e pelas orelhas, procurava atraí-lo para si. A leoa deixava-se levar sem opor resistência, tal uma ovelha. Depois sacudiu a mão de Táraco e encaminhou-se para a porta; sem se deter junto de São Probo e de Santo Andrônico. Máximo proibiu que lhe abrissem a porta; e metendo os dentes nas tábuas, ela se esforçava para quebrá-las, a tal ponto que o povo, amedrontado, gritou que a deixassem passar. Indignado, Máximo responsabilizava Terenciano, e ordenou que mandassem buscar gladiadores para degolar os mártires: o que foi executado. Ao deixar o anfiteatro, Máximo deu ordens a dez soldados no sentido de vigiarem os corpos dos santos mártires, que tinham

sido misturados aos corpos dos criminosos; pois já era noite.

“Então descemos da montanha devagar, ajoelhamo-nos e cramos ao Senhor para que nos concedesse a graça de conseguir retirar as relíquias dos santos mártires. Depois de termos rezado, descemos mais um pouco, e avistamos os guardas que se banquetavam em tórno de uma fogueira, erguida junto aos cadáveres. Retrocedemos um pouco, novamente nos ajoelhamos e oramos juntos a Deus e a seu Cristo para que nos auxiliasse a retirar aquêles corpos santos do meio dos corpos profanos e imundos. Imediatamente a terra estremeceu, o ar foi abalado por trovões e raios, caiu uma chuva violenta, e a noite ainda mais escureceu. Pouco depois, tendo amainado o temporal, tornamos a orar e aproximamo-nos dos corpos; a chuva apagara o fogo e os guardas tinham-se retirado. Nessas circunstâncias, ousamos aproximar-mo-nos mais; porém, como não podíamos distinguir os santos corpos, elevamos as mãos ao céu e rogamos a Deus que nos permitisse reconhecê-los. Súbitamente o Deus de tóda misericórdia enviou-nos do céu uma estrêla brilhante que assinalou os corpos dos mártires, detendo-se sôbre cada um dêles. Cheios de piedosa alegria, transportamo-los para a montanha vizinha, erguendo preces a Deus que nos favorecera. Depois de transpormos grande parte da montanha, descarregamos nossos fardos a fim de repousar um pouco e rogamos a Deus que nos permitisse concluir a tarefa e nos desse a conhecer o lugar onde deveríamos colocar as relíquias dos santos. Êle ouviu a nossa prece e novamente enviou a estrêla para guiar-nos. Quando chegamos junto de um rochedo ôco, ela nos deixou; cuidadosamente ocultamos os corpos

lá dentro e retornamos à cidade para ver o que se passava; pois temíamos as buscas que Máximo ordenaria. Três dias depois, tendo Máximo deixado a cidade, depois de mandar castigar os guardas por terem permitido que os corpos fôsem retirados, cantamos um hino para agradecermos a Deus a graça que nos fizera por intermédio do Cristo. Nós, Marcicn, Félix e Barbas, permanecemos no lugar onde se encontravam as santas relíquias para melhor guardá-las, resolvidos a nêle passarmos a nossa vida, e na esperança de sermos sepultados junto aos despojos dos santos. (1)

* * *

(1) Ruinart. *Et Acta SS.*, 11 octob.

SÃO CAINNECH OU KENNY (*)

Abade

Como quase todos os santos da Irlanda e da Escócia, São Cainnech ou Kenny aparece-nos envolto em deliciosas passagens, em que o condimento essencial é o maravilhoso. A *Vita* que dêle temos, riquíssima em fantasias, é bem a representação da hagiografia celta.

São Cainnech, que foi popularíssimo, quase tanto quanto São Patrício, São Columba e Santa Brígida, teria nascido na Irlanda do Norte, supõe-se que perto de Derry. Diz-se que viveu, por algum tempo, com São Cadoc, no País de Gales, donde partiu para a Escócia e visitou Columba.

São Cainnech, de quem veio o nome para a cidade de Killkenny, nasceu, possivelmente, entre 521 e 527. Foi abade de *Achad-bo*, ou seja *Campo da Vaca*, no sul do Leinster.

Filho dum pobre e velho poeta, a mãe chamava-se Mella. Quando Cainnech nasceu, a boa mulher, sem leite para amamentá-lo, e sem cabra ou vaca que lhe valesse, entrou a entristecer-se. Deus, então, na noite mesma do nascimento, enviou-lhe uma vaca muito mansa e grandemente leiteira, de modo que o santo menino pôde ser aleitado

Batizado por um bispo venerabilíssimo, expressamente enviado por Deus, Cainnech foi crescendo, a vagar pelos verdes pastos e umbrosas florestas, com um amiguinho da mesma idade. Enquanto o companheiro, dispersivamente, pulava, corria e gritava, o Santo matutava em coisas sérias e piedosas.

Moço, os pensamentos e as cismas da infância levaram-no a desejar, ardentemente, o estudo, o aprendizado das ciências e a conhecer a vida religiosa. Foi assim que, passando à Bretanha, principiou a estudar com um sábio homem, muito religioso, piedoso e quieto, superior duma quieta abadia.

Humilde e obediente, conta-se dêle que, um dia, chamando-o o mestre, o Santo, deixando pela metade o traçado dum O, correu atender o homem que carinhosamente o ensinava: desde aquêle dia, o mestre, que já o amava, deu de venerá-lo.

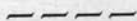
Quando principiou a ler os cânones e as regras eclesiásticas, um grande desejo invadiu-lhe a alma pura e simples: ir a Roma. Falou, apagadamente, ao abade, medrosamente. E o abade, encantado, consentiu naquilo que o Santo trazia no coração como irrealizável.

São Cainnech partiu. Em Roma foi ordenado, e protagonista duma aventura, aventura que serviu para levar ao Senhor muitos corações.

Conta a *Vita* que, um dia, Cainnech encontrou um vaqueiro dum duque e lhe deu um presente, um objeto de ouro. O duque, pagão, irritado, insurgindo-se contra o Santo, quis queimá-lo. Atirou-o, pois, ao fogo. O fogo, todavia, apagou-se. Mais irritado ainda, o mau duque recorreu à cal viva. Da cal viva, Cainnech saiu indene. Agarrado, para terceiro suplício, ataram-lhe enorme pedra ao pescoço, e o atira-

ram às águas dum rio profundo. Nada, entretanto, aconteceu-lhe: Cainnech ficou a flutuar, à tona, e a pedra, afundando-se, não conseguiu levá-lo, tornando-se leve como se fôra de cortiça.

A conversão foi geral. É por êste episódio que São Cainnech ainda é venerado na Itália. Diz a *Vita* que o duque, ferocíssimo, qual lobo, transmudou-se completamente. Dir-se-ia mansíssimo cordeiro, e acabou por ser feito bispo.



Certa tarde, passeava São Cainnech com um dos discípulos. Seguiam por um trilho êrmo, pouco freqüentado. Senão quando, toparam com um crânio, largado à beira da vereda, abandonado. Ambos estacaram, surpreendidos. Disse, então, o discípulo:

— Se pudesse falar! Se pudesse, que antigas, que velhas histórias havia de contar-nos!

São Cainnech, de olhos voltados para o céu, orou longa, contritamente. E, enquanto o fazia, o crânio foi-se cobrindo de carne, de pele, depois de cabelos. E a bôca, abrindo-se, exclamou, saudando:

— Benvindo, santo de Deus, Cainnech!

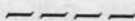
E, apresentando-se, contando coisas do tempo de dantes, acabou por indicar sua tumba. Há trezentos anos, a alma daquele cuja cabeça ali estava jazia no purgatório. Necessitava de orações, orações que, dum modo particular, não recebia de ninguém. Que crassem especialmente àquela alma. E Cainnech, muito reverentemente, tomando a cabeça nas mãos, levou-a à sepultura.

Doutra feita, quando duma viagem, o Santo, de repente, desapareceu do meio daqueles que o

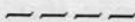
acompanhavam. Atônitos, os discípulos ficaram, a conjecturar, a levantar hipóteses, por longo tempo. Que sucedera? Para onde fôra, tão misteriosa e abruptamente o mestre?

Duas horas depois, São Cainnech apareceu. E aos discípulos, boquiabertos, contou que recebera, inopinadamente, um aviso que lhe dizia estar a alma dum amigo, assassinado havia pouco, nas mãos do demônio, que lha laceravam.

— Ao seu apêlo, disse Cainnech, anjos levaram-me até ela, e eu a salvei, a alma, que me era mais querida que o corpo.



Quando São Cainnech vivia numa casa de madeira, aconteceu o caso muito contado do incêndio que lhe destruiu a moradia. Estava êle lendo, muito atentamente, o Evangelho. Quando saiu, deixou o livro aberto onde interrompera a leitura, fechou a porta e esqueceu o fogo que crepitava dentro, para esquentar o cômodo onde estivera, porque era no mais frio inverno. Quando voltou, a casa estava totalmente destruída, mas, num montão de brasas acesas, encontrou o Evangelho como deixara: aberto e intato. Tomou-o, beijou-o e louvou a Deus, com lágrimas nos olhos.



Um dia, foi o Santo *dar a paz* ao altar duma igreja. Ao abaixar-se, numa reverência, bateu a testa num dos seus cantos, ferindo-a. E uma gôta de sangue ficou na pedra, vermelha e brilhante. Um

dos grandes dum clã escocês, que tinha Cainnech na conta de santo, tomando cuidadosamente aquela gôta rubra, que brilhava, sem que ninguém o percebesse, com ela curou a filha do rei dos pictos, jovem e bela princesa que era cega, surda e muda.

— — — —

São Cainnech, Kenny, ou, como se grafa em Galloway, Kenneth, faleceu em 599 ou 600. Todos os calendários irlandeses e escoceses inscrevem-no no seu martirológio.

* * *

SÃO GOMÁRIO (*)

Confessor

São Gomário nasceu numa nobre família de Emblehem. Jovem ainda, foi enviado à côrte do rei Pepino, o Breve, que lhe confiou um pôsto de grande responsabilidade.

Alguns anos depois, desejoso de empreender uma peregrinação a Roma, partiu com alguns amigos. Na tarde do primeiro dia de jornada, acamparam no prado dum rico homem. Tendo os servidores que o acompanhavam, e aos amigos, cortado uma bela árvore para construir-lhes uma grande tenda, tal ato suscitou séria discussão entre os servidores e o proprietário das terras, que apareceu de repente.

Gomário, doce e gentil, depois de grandes esforços, tendo apaziguado a cólera do homem em cujos campos pararam, conseguiu autorização para ali permanecerem até a manhã seguinte. E o Santo, tomando dois pedaços da árvore, porque os servidores dela tinham feito dois postes, uniu-os apertadamente com o seu cinto, e todo sinal de que havia sido cortada desapareceu.

Abismado, o dono daquelas paragens tudo fêz para que Gomário aceitasse aquêlê terreno. Recusando, o Santo acabou por aceitar a doação — uma vez que, à noite, um anjo, aparecendo-lhe na

forma duma branca pomba, ordenou-lhe que não continuasse a peregrinação, aceitasse as terras e nelas construísse um oratório. Foi o oratório que mais tarde recebeu o nome de Ledon ou Lierre.

Logo, surgiu uma capela, que Gomário dedicou a São Pedro. Ali, na fundação, São Gomário levou vida de contemplativo, enquanto que, em Emblehem, onde às vêzes ia, fazia vida ativa, dedicando-se febrilmente às obras de misericórdia.

São Gomário adoeceu, e morreu no mesmo dia — 11 de outubro de 775. Estava, então, em Emblehem, mas foi levado para Lierre e ali enterrado.

No mesmo dia, a festa da Maternidade Divina da Bem-aventurada Virgem, o mais glorioso privilégio da Santíssima Mãe de Deus, sem sombra de dúvida. 1. Maria, realmente, concebeu e deu à luz a Jesus. 2. É chamada Mãe de Deus. 3. Tudo aquilo que concerne a Jesus deve ser atribuído à pessoa do Verbo encarnado — I Jo., IV, 15; Jo., II, 1; St. Tomás, Summa theol., q. XXXV, art. 4, *ad lum.* A proclamação do Dogma, provocou na população de Éfeso um entusiasmo tal que a multidão entrou a aclamar os Padres do concílio, levando-os, alumiados com círios, até onde cada qual morava. Era a *Vox populi*, que expressava já o desejo de celebrar, oficialmente, a divina Mãe. No Oriente, uma festa comemorativa da Maternidade Divina foi fixada aos 26 de dezembro. No século XVIII, bem mais tarde, pois, Bento XIV instituiu uma festa particular, em 1751, para Portugal, a pedido do rei José. Tendo

diversas dioceses solicitado a mesma graça, a festa foi inserta nalguns missais entre as missas *Pro aliquibus locis*, aos segundo e terceiro domingos de outubro. Gregório XVI introduziu-a em Roma. Pio XI, desejando comemorar brilhantemente o décimo-quinto centenário do concílio de Éfeso (431-1931) estendeu à Igreja universal a solenidade da Maternidade Divina da Santíssima Virgem Maria. A sua *Lux veritatis* (25 de dezembro de 1931) instituiu a festa para 11 de outubro.

Em Tarso, na Cilícia, as santas mulheres Zenaide e Filonila, irmãs, parentas próximas do bem-aventurado Paulo, apóstolo, e suas discípulas na fé. Zenaide e Filonila não são mencionadas no Novo Testamento. Diz-se que se trata duma fabulosa *Paixão* grega.

No Vexin, na Gália, os santos mártires Nicásio, que foi bispo de Ruão, Quirino, padre, Escobículo, diácono, e Piência, virgem, sob o prefeito Fescenino.

Em Besançon, também na Gália, São Germano, bispo e mártir. Massacrado pelos arianos em 372, acabou decapitado. Tomando, então, a cabeça entre as mãos, foi caminhando até Baume-les-Dames (trinta quilômetros), onde foi enterrado. Parece que em Besançon jamais houve um Germano que fôsse bispo. Êste, ao que se supõe, seria São Germano de Grandval, morto em 666.

Festa dos santos mártires Anastácio, padre, Plácido, Genésio e seus companheiros.

Na Tebaida, São Sármeta, discípulo do bem-aventurado Antônio, abade: foi morto pelos sarra-cenos, em 357.

São Firmino, bispo e confessor, falecido depois de 552. Bispo de Uzès, assistiu ao concílio de Orléans

(549) e ao de Paris (552). Morreu pouco depois deste último. O culto é bastante antigo.

Em Calosso, Santo Alexandre Saulo, da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, bispo e confessor: célebre pelo nascimento, virtudes, ciência e milagres, foi inscrito no Catálogo dos Santos pelo Soberano Pontífice São Pio X. Faleceu em 1592.

Na Gália, Santo Emiliano, confessor.

Em Verona, Santa Placídia, virgem, falecida em 532. "Aqui repousa em paz Placídia, jovem de nobre família, instruída nas letras, que viveu dezoito anos e onze meses e foi enterrada a 11 de outubro", é o que se lê no seu epitáfio.

Na diocese de Langres, São Vinardo ou Guenardo.

Em Crissolo, São Chiaffredo, mártir, ou Ciafre, Zofredo, Sinfredo, Zafredo e Eufredo.

Santa Susana, virgem. Terceira irmã de Santa Elófia (16 de outubro).

Na Etiópia, São Miguel Aragavo, monge (século IV?). Discípulo de São Frumêncio e um dos primeiros monges daquele país africano.

Em Oloron, São Grato, bispo.

Na abadia de Lagny, Santo Ansilião, no século VIII.

No mosteiro de Barking, na Inglaterra, Santa Etelburça ou Edilberga, abadessa, irmã de Earconwaldo, bispo de Londres, a qual Santa Hildelita sucedeu. Desaparecida em 664 ou 678 (?).

Na abadia de Jouarre, Santo Agilberto, bispo de Paris, irmão, ao que parece, de Telchida. Faleceu depois de 680.

Em Pavilly, diocese de Ruão, Santa Juliana, abadessa (século VIII),

Em Colônia, São Bruno, arcebispo daquela cidade, irmão do imperador alemão Otão I, o Grande. Terceiro filho de Henrique I e de Santa Matilde, nasceu em 925. Fundou a abadia beneditina de São Pantaleão. Roma reconheceu-lhe o culto em 1870. Faleceu em 965.

Em Gnesen, São Gaudêncio, arcebispo, irmão de Santo Adalberto de Praga. Faleceu em 1004.

Em Madri, a bem-aventurada Maria Soledad Torres y Acosta, *Sierva* de Maria, fundadora das Religiosas Enfermeiras Servas de Maria. Nascida na Capital da Espanha, em 1826, aos 2 de dezembro, ali faleceu aos 11 de outubro de 1887. Soledad viveu na época turbulenta dos *absolutistas e liberais*, cujos conflitos levaram penosos dias à Igreja. Foi beatificada aos 5 de fevereiro do Ano Santo de 1950, um domingo.

* * *

12.º DIA DE OUTUBRO

O BEATO TIAGO DE ULM

Filho de um virtuoso comerciante da cidade de Ulm, na Suábia, nasceu em 1407 o beato Tiago, freqüentemente alcunhado de Alemão, por causa do país em que nascera. Recebeu uma educação cristã e permaneceu no seio da sua família até à idade de vinte e cinco anos. Nessa época, o desejo de conhecer Roma e de visitar os túmulos dos santos apóstolos determinou-o a empreender uma viagem à Itália; mas só se pôs a caminho depois de ter obtido a permissão de seu venerável pai, que lhe disse, ao abençoá-lo: "Ide, querido filho; lembrai-vos do vosso Criador durante toda a jornada, e dai preferência à morte, a pecar na sua presença." Em seguida, recomendou-lhe que rezasse por ele nos lugares santificados e que retornasse, dentro em breve, à casa paterna. Tiago, acompanhado de mais alguns peregrinos, que também se dirigiam à capital do mundo cristão, chegou a Roma no começo da quaresma. Passou todos esses dias santos visitando igrejas e preparou-se para celebrar as festas da Páscoa com uma confissão geral. De Roma, transportou-se a Nápoles em busca de meio de subsistência. Era bem feito e tinha uma aparência agradável; uma senhora nobre, que dis-

punha de grande número de criados, tendo-o visto, resolveu tomá-lo a seu serviço; mas o virtuoso jovem, no temor de arriscar a salvação da sua alma, não aceitou seus oferecimentos, preferindo preservar sua pureza às vantagens temporais que lhe eram propostas.

A necessidade obrigou Tiago a alistar-se como soldado nas tropas de Afonso II, rei de Nápoles; mas a nova profissão em nada lhe alterou os costumes, e êle continuou a proceder como fervoroso cristão. O roubo inspirava-lhe insopitável aversão. Certo dia, estando alojado com outros soldados na casa de um judeu, e tendo chegado muito tarde para jantar, pois passara a manhã nas igrejas, um de seus companheiros deu-lhe para comer os restos de um prato de legumes, explicando que tinham sido roubados. O servo de Deus repeliu o prato com indignação e, logo no dia seguinte foi solicitar baixa ao capitão. Obteve-a, e dirigiu-se a Cápua, onde entrou a serviço de um nobre, de quem mereceu inteira confiança, e que o tratou mais como filho do que como criado. Tiago passou cinco anos nessa casa, desfrutando da estima e da afeição do patrão; mas a lembrança do pai distante determinou-o a regressar à pátria, não obstante as tentativas feitas pelo fidalgo para retê-lo.

Ao passar por Bolonha, a piedade levou-o à igreja dos Irmãos Pregadores, na qual são conservadas as relíquias de São Domingos; e de tal modo o edificou a modéstia dos religiosos que, fazendo a Deus o sacrifício de sua pátria e de sua família, solicitou a graça de ser admitido no convento na qualidade de irmão converso. Seu pedido foi bem acolhido; vestiu o hábito e iniciou o noviciado. Alguns

dias após a sua admissão, os antigos companheiros de viagem a Roma, que então trabalhavam em Bolonha, e que tinham ficado muito satisfeitos por tornar a encontrá-lo nesta cidade, foram visitá-lo, acompanhados pelo comandante da cidadela em que serviam, e na qual, também Tiago trabalhara. Dirigindo-se aos religiosos, o comandante falou: "Meus padres, o jovem que acabais de acolher é a pessoa mais modesta e honrada que conheço. Nenhum de nós jamais teve notícia de que houvesse dito ou feito a mínima coisa digna de censura; de nosso lado, não ousaríamos pronunciar na sua frente uma única palavra inútil. Lamento, não que haja sido admitido em vossa casa, mas por ter sido privado de um auxiliar tão piedoso e tão modesto."

Bem depressa a experiência convenceu os dominicanos de que aquêlo elogio não fôra exagerado. Desde o início do noviciado, Tiago mostrou-se um religioso dos mais fervorosos. Tendo um dia indagado a seu pai-mestre qual seria o caminho mais seguro para chegar à santidade, e tendo-lhe sido respondido que era o da humildade, num sermão muito belo que fêz sôbre o tema, de tal modo o servo de Deus se impressionou que se consagrou inteiramente à prática dessa virtude, da qual não tardou a tornar-se um perfeito modelo. Considerava-se o último dos irmãos e o mais vil de todos; é essa convicção levava-o a respeitar e a servir de boa vontade todos os religiosos que compunham a casa. Admitido a pronunciar os votos, em nada alterou o procedimento após a profissão; ao contrário, animou-o um novo ardor pela santificação. Usava um grosseiro cilício, dilacerava o corpo com freqüentes disciplinas, e muitas vêzes passava uma parte da noite em oração.

Mas essas mortificações não lhe emprestavam um ar austero; ocultava-as sob uma fisionomia sempre agradável. Constantemente afável, procurava tôdas as oportunidades para ajudar o próximo, mostrava-se muito apegado à vida comum e fugia à menor originalidade.

O santo religioso costumava ir muito cedo à igreja, e, depois de recitar as orações da regra, visitava tôdas as capelas, começando pela da Santa Virgem; pois sempre se mostrara ternamente devoto da Mãe de Deus. Na véspera dos dias em que devia comungar, conservava-se em profundo recolhimento, e, depois de ter recebido a Deus, permanecia em completa abstração. Cumpridos seus deveres de piedade, punha-se ao trabalho; pois nunca o viram perder um único momento. Repetia freqüentemente aos seus irmãos estas palavras do Apóstolo: "Quem não quer trabalhar não deve comer". Nada lhe interrompia as tarefas. Rigoroso observador do silêncio, só falava para responder, e só dizia coisas edificantes. Dera-lhe Deus dons excepcionais em relação às artes mecânicas e, sobretudo, destacava-se na pintura sobre o vidro; mas seu trabalho era subordinado à mais estrita obediência. O autor de sua biografia relata-nos alguns exemplos admiráveis da sua obediência, que demonstram o grau de perfeição a que chegara o Irmão Tiago no exercício dessa virtude.

A reputação da santidade do servo de Deus acabou por espalhar-se ao longe. Chegou até Afonso, duque da Calábria, que foi depois rei da Sicília. Encontrando-se êsse príncipe em Bolonha, e tendo ido visitar o convento dos Irmãos Pregadores, manifestou o desejo de ver o santo religioso. Ao ser-lhe apresentado, abraçou-o e recomendou-se humilde-

mente às suas orações. Depois de Tiago ter-se retirado, o príncipe a êle se referiu em têrmos que bem demonstraram a alta estima em que o tinha.

As enfermidades, companheiras quase inseparáveis da velhice, começaram a acometer o bem-aventurado Tiago, à medida que avançava em anos; mas soube suportá-las com invencível paciência. Não apenas sofria sem murmurar, mas sofria alegremente, repetindo amiude as palavras do Apóstolo: "A virtude aperfeiçoa-se pela enfermidade. Era octogenário quando foi prêsã de uma febre muito violenta que lhe consumiu as últimas energias, vitimando-o no dia 12 de outubro de 1491. Uma grande multidão acompanhou seus funerais e todos o invocavam como a um santo. Pouco tempo depois, os religiosos foram obrigados a deprecitar-lhe o corpo numa capela de sua igreja, a fim de satisfazer a devoção dos fiéis para com o virtuoso frade. Seu culto foi aprovado pelo Papa Leão XII, no dia 30 de julho de 1823. (1)

* * *

(1) Acta SS., 11 octob. e Godescard, 12 octob.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA (*)

Padroeira do Brasil

Os primeiros habitantes do vasto vale do Paraíba, entre a Serra do Mar e a Serra da Mantiqueira, vale banhado pelo famoso rio Paraíba do Sul (1), eram, sem dúvida, os Tamoios, pertencentes a grande família Tupi.

Os nomes mesmos das cidades que pelo vale surgiram — *Mogi* ou *Rio das Ccbras*, *Jacaré*, ou *Rio dos Jacarés*, *Caçapava*, ou *Clareira na Mata*, *Taubaté*, ou *Aldeia Grande* — os nomes mesmos bem

(1) **Rio Ruim**, Teod. Sampaio, **O Tupi na Geografia Nacional**, 1928. Segundo J. Mendes, Paraíba vem de **Paró - aib - a** e significa «excessivamente escabroso», alusão às muitas obstruções, bancos de areia, cachoeiras e saltos, que se observam no leito do rio. Azevedo Marques escreveu: «**Paraíba**, corrupção de **pira**, peixe, **haiba**, ruim — **Peixe Ruim**. O caudaloso rio, porém, diz Athayde Marcondes no seu célebre **Pindamonhangaba**, «é o que nos fornece os melhores peixes, tais como **piabanha**, **traíra**, **bagre**, **surubi**, **timburê**, **mandi** e inúmeros outros. Não é, portanto, aceitável a definição de Azevedo Marques por ser contraditória. Ele mesmo nos diz que o Paraíba nos fornece peixes **ótimos** e **variados**». Varnhagen traduz — **Rio Mau**. O rio Paraíba do Sul faz parte da chamada **Bacia do Leste**. Formado pelo **Paraibuna** e pelo **Paraitinga**, nasce na Serra da Bocaina, próximo ao **Morro da Boa Vista**, no Estado de São Paulo, descendo duma altura de

estão a indicar que os primeiros povoadores do vale foram os índios.

Mais de duzentos anos depois da descoberta do Brasil, as viagens entre São Paulo de Piratininga e São Sebastião do Rio de Janeiro, bem como as idas e vindas que viajantes, mascates e mercadores emprendiam daquelas cidades a Minas, eram viagens que se faziam de modo irregularíssimo, penosas e grandemente demoradas.

Em outubro de 1717, foi encontrada a prodigiosa Imagem de Maria nas águas do rio Paraíba. O achado, é fato histórico, prendeu-se a uma viagem, a viagem que fazia Dcm Pedro de Almeida, Conde de Assumar, Governador e Capitão-General de São Paulo e Minas Gerais, a Minas.

Narra desta maneira o *Guia dos Romeiros* (2) o sucesso:

“O sítio, onde hoje se ergue a Basílica de Nossa Senhora, distante de Guaratinguetá (ou *Garças*) alguns quilômetros, chamava-se simplesmente Morro dos Coqueiros. Havia por ali pouquíssimos moradores, dentre os quais podemos nomear Domingos Martins Garcia, João Alves e Filipe Pedroso, os

mil e quinhentos metros. Tomando, inicialmente, a direção do oeste, segue bruscamente a direção oposta. Correndo pelo Estado de São Paulo e atravessando o Estado do Rio de Janeiro do oeste a leste, seu leito tem mil e cinqüenta e oito quilômetros de extensão. Com dois trechos navegáveis, o primeiro deles tem cem quilômetros, enquanto o segundo apresenta oitenta e sete. Possuindo muitas corredeiras, **Funil, Salto e Lavrinhas** são suas principais quedas. O vale do Paraíba é a passagem natural seguida pelos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, e por estradas de rodagem, rumo a São Paulo e Minas Gerais. No imenso vale, outrora, prosperaram grandes fazendas de café.

(2) Edição de 1952.

afortunados pescadores que encontraram a prodigiosa Imagem.

“O fato deu-se do modo seguinte: Em outubro de 1717, por ali tinha de passar, de São Paulo para Minas Gerais, Dom Pedro de Almeida, conde de Assumar, nomeado pela Côrte Governador dessas Províncias. Sabendo que o ilustre hóspede e sua comitiva se deliciariam com uma mesa bem servida de saborosos peixes, a Câmara de Guaratinguetá ordenou aos pescadores da redondeza que saíssem a pescar e trouxessem todo o peixe que conseguissem apanhar.

“Os três pescadores principiaram a lançar suas rêdes no pôrto de José Correia Leite, continuando até o pôrto de Itaguaçu, bem distante, sem tirar peixe algum. Foi quando João Alves aí lançou sua rêde e “tirou o corpo da Senhora, sem a cabeça; lançando mais abaixo outra vez a rêde, tirou a cabeça da mesma Senhora”.

“Jcão Alves, homem, sem dúvida, religioso, envolveu-a respeitosamente num pano, depositou-a na sua canoa e continuou a lançar a rêde. Daquele momento em diante, a pesca foi de tal modo abundante, que êle e os companheiros, receosos de naufragar, devido à enorme quantidade de peixes, retiraram-se para suas casas, narrando a todos, cheios de espanto, o que lhes acontecera.

“Filipe Pedroso, ao que parece, o mais afeiçoado à pequena Imagem, conservou-a em sua casa durante uns quinze anos. Indo, mais tarde, morar no Itaguaçu, deu a Imagem a seu filho Atanásio Pedroso, o qual lhe fez um altarzinho ou oratório de madeira, onde a colocou. Era ali que, todos os sábados, reuniam-se os vizinhos “para cantar o têrço e mais devoções”.

Foi também ali que se deu o prodígio, várias vezes repetido, das velas que se apagavam e, sem intervenção de ninguém, de novo se acendiam.

“No lugar histórico, onde apareceu milagrosamente a Imagem de Nossa Senhora *Aparecida*, foi, mais tarde, erigida uma Cruz comemorativa e, num ponto pouco mais elevado, uma Capela, em cujas paredes externas se liam os nomes dos três felizes pescadores que encontraram a Imagem da Imaculada, hoje venerada como *Padroeira do Brasil*”.

— — — —

Passados alguns anos, como era grande o concurso das gentes, tornou-se imperiosa a construção duma igreja. A capela, visitadíssima, não mais comportava as multidões que vinham visitar a Virgem e orar.

Era então vigário de Guaratinguetá o Padre José Alves de Vilela, que dirigiu um requerimento ao bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz (3), no qual solicitava licença para erguer uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Era em 1743, e aos 5 de maio daquele mesmo ano, a licença era concedida.

“O local escolhido, diz o *Guia* já citado, para a construção da igreja foi o Morro dos Coqueiros. Com prazer os proprietários fizeram a doação do terreno necessário para o patrimônio e, em 1744,

(3) Bispo de 1740 a 1745. Tendo renunciado ao bispado, faleceu em 1756.

foram iniciadas as obras com tão grande animação que, aos 26 de julho de 1745, festa de Sant'Ana, o vigário Padre José Alves de Vilela pôde benzer a igreja e inaugurá-la, celebrando a Santa Missa.

"Conforme o costume daquele tempo, apenas construída a igreja, constituiu-se uma irmandade leiga para zelar por ela. O bispo de São Paulo, Dom Frei Antônio da Madre de Deus, aprovou o Compromisso dessa Irmandade aos 25 de maio de 1756. Durante quase cem anos, não se fizeram na igreja melhoramentos de vulto.

"Em março do ano de 1842, foi Aparecida elevada à freguesia, pela Assembléia Legislativa de São Paulo, mas, como não se encontraram no lugar pessoas competentes para os cargos de juiz de paz, escrivão, etc., em março de 1844, a mesma Assembléia, por nova lei, suprimiu a freguesia.

"Durante cem anos, serviu de cemitério o pátio da igreja; em 1843, porém, resolveu-se localizar o cemitério atrás da igreja, no terreno onde hoje se acha a Casa de Noviciado São Carlos. Naquele tempo, não havia por ali habitações, a não ser o casarão para romeiros, e a menos de cinqüenta metros começava a capoeira. Ruas, não as havia, mas somente alguns caminhos mal conservados em direção à capela de Santa Rita".

A igreja, todavia, não era de construção sólida, não fôra alevantada, como muitas, para desafiar os tempos, de modo que, em menos dum século, as tôrres e o frontispício ameaçavam ruir.

Ficou, assim, resolvido que haviam de construir, de novo, as tôrres e o frontispício. Iniciados os trabalhos em julho de 1843, por morosidade, em virtude

da falta de recursos e materiais, as duas tôrres foram concluídas, uma no ano de 1846, e a outra em 1848.

— — — —

Os indígenas, primitivos habitantes do país, desconhecerao animais domésticos: não possuíram, pois, veículos puxados por tração animal; nem usaram troncos que fizessem de rodas, para transportar o que quer que seja. Os meios de transportes que usaram foram *igaras*, *igarités*, *ubás*, tosquíssimas embarcações movidas a remo.

Destarte, foram os rios as primeiras vias de transportes utilizadas no Brasil. Embora não possuíssem veículos nem animais de carga, os índios abriram *estradas*, ou seja, precaríssimos trilhos de penetração para o interior.

Os descobridores e colonizadores de nossa terra, localizaram-se no litoral. Com o passar dos anos, o povoamento da terra buscou o interior, tomando os trilhos que os indígenas utilizavam na penetração do sertão bruto. Tais trilhos, selvagens trilhos, palmilhados pelos colonizadores, foram as primitivas *estradas* do Brasil.

Com a expansão colonial e a descoberta das minas, novas *estradas* surgiram. É o caso do *Caminho Novo*, que levava a Minas Gerais, a primeira grande via de transporte do Brasil daquele período de colonização.

No início do século XIX, foi aberta a estrada conhecida pelo nome de *Estrada do Comércio*, construída por proposta feita, no ano de 1811, pela Real Junta de Comércio, e aprovada pelo Príncipe Regente, Dom João VI. Saía da antiga vila de Iguazu e ter-

minava à margem do rio Paraíba. O interessante desta estrada, diga-se de passagem, era o trecho, na serra de Tinguá, de quase dois quilômetros, *que era calçado a pedra*.

Também no século passado, foi construída a primeira grande *via carroçável* do Brasil, a *Estrada União e Indústria*, devido a iniciativa de Mariano Procópio Ferreira Lage, homem de negócios na Capital.

Mariano Procópio foi deputado pela Província de Minas Gerais e diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, na época Estrada de Ferro Dom Pedro II. Graças aos esforços dêsse homem de visão, os trilhos daquela estrada foram prolongados até o território mineiro.

A 29 de março de 1858, foi inaugurada a segunda ferrovia do país (a primeira foi a Estrada de Ferro Mauá, construída por Irineu Evangelista de Sousa, depois Visconde de Mauá): a já citada Central do Brasil. Estendia-se da Côrte até Queimados, ligando Engenho Novo, Cascadura e Maxambomba.

Com o correr dos anos, transpondo as serras por meio de rampas, ou varando-as pelos túneis, as estradas de ferro, partindo da costa, alcançaram o vale do Paraíba do Sul.

Notável foi o progresso que a Estrada de Ferro Central do Brasil levou a Aparecida. Era em 1877. A estação foi batizada com o nome de Aparecida e tudo entrou a mudar de aspecto.

Naquele mesmo ano de 1877, chegava a Aparecida Frei Joaquim do Monte Carmelo, nascido na Bahia.

Em janeiro do ano seguinte, apresentou Frei Joaquim à Mesa Administrativa uma proposta de

construção do corpo da igreja. A planta, examinada pela Mesa, foi aceita e, assim, aprovada a proposta.

As obras foram iniciadas quase que imediatamente, e, "pelo fim do ano o Padre construtor demonstrou que era imprescindível construir também a Capela-mor, com suas dependências. A Mesa concordou. A construção foi concluída em fevereiro de 1888. As despesas elevaram-se a cento e noventa e cinco contos de réis.

"No dia 8 de dezembro de 1888, Dom Lino Deodato de Carvalho (4), bispo de São Paulo benzeu e inaugurou solenemente a atual igreja de Nossa Senhora Aparecida. Frei Joaquim do Monte Carmelo, terminadas as obras da igreja, regressou ao seu mosteiro na Bahia".

Mais tarde, ou seja, em 1893, Dom Lino concedeu ao Curato o título de *Episcopal Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. Em novembro, no dia 18 do mesmo ano, foi nomeado capelão o Padre Claro Monteiro do Amaral. Tendo tomado posse aos 23 daquele mês, permaneceu no Curato até 1895. E o Santuário, em virtude das graças e favores que os fiéis, constantemente, alcançavam, ia-se tornando mais conhecido, pois, mais procurado. Desta maneira, como não houvesse sacerdotes que cuidassem do bem espiritual dos romeiros, o bispo de São Paulo, Dom Lino, amoroso filho da Senhora Aparecida, desejando para o serviço religioso do Santuário um número mais elevado de padres, teve a idéia

(4) Bispo de São Paulo de 1871 a 1894. A 6 de agosto deste último ano, benzeu a primeira pedra do Seminário Central, falecendo dias depois, a 19 do mesmo mês.

de ali formar uma comunidade de religiosos missionários,

Naquele tempo, era bispo coadjutor de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. (5) Em 1894, quando dum viagem a Roma, de Dom Lino recebeu a incumbência de obter uma comunidade de verdadeiros missionários para Aparecida. O bispo-coadjutor, vencendo tôdas as barreiras, acabou por conseguir que o Superior-Geral dos Redentoristas aceitasse a nova fundação.

A 28 de outubro do mesmo 1894, chegavam os primeiro Redentoristas. O bom bispo Dom Lino Deodato não pôde ver aquêles que iriam, por primeiro, reger o Santuário: como vimos em nota 4, falecia a 19 de agosto.

(5) Dom Joaquim Arcoverde foi, em 1904, Delegado do Cabido Vaticano para proceder à solene coroação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida. A Dom José de Camargo Barros, porém, concedeu aquela honra. Em 1905, Dom Joaquim recebeu o título de **Cardeal da América do Sul**. A 18 de abril de 1930, com oitenta anos de idade, faleceu no Rio de Janeiro. Dom José de Camargo Barros foi bispo de São Paulo até 1908, ano em que, retornando de Roma, foi colhido pela morte, quando do naufrágio do **Sírio**, em águas espanholas. Grande devoto de Nossa Senhora, inúmeras vezes celebrou a Santa Missa no Santuário e ali pregou. A narrativa do naufrágio do **Sírio**, com pormenores, saiu estampada num diário português, colhida que foi por um repórter dos próprios lábios de Dom José Marcondes Homem de Melo, que se salvou, amigo de Dom José de Camargo Barros (Athayde Marcondes, **Pindamonhangaba**, 1922). O célebre pintor Benedito Calisto, fixou na tela o sinistro. No quadro, representa êle a terrível cena do naufrágio do **Sírio**, momentos antes de ser tragado pelas águas. Dom José de Camargo, que havia cedido o seu salva-vidas a um passageiro, está dando a absolvição geral aos desventurados viajantes.

Assim, o último capelão secular de Aparecida foi o já citado Padre Claro Monteiro do Amaral. O primeiro capelão-cura redentorista foi o Padre José Wendel, que exerceu as funções durante dez meses, tendo como sucessor o Padre Gebardo Wiggermann, que foi nomeado Superior da comunidade religiosa e Visitador. E Aparecida, a pouco e pouco, ia-se transformando, tornando-se, tanto para os moradores do lugar, como para os romeiros, um centro excepcional de piedade e reflorescimento espiritual.

De 1817 a 1894, a devoção a Nossa Senhora Aparecida transpusera, mais ou menos, as fronteiras paulistas. Com a chegada dos redentoristas, porém, grande impulso material, principalmente espiritual, entrou a engrandecer a cidadezinha. É que as notícias do lugar, antes levadas por êste ou aquêle que vinha visitar Nossa Senhora, eram agora propagadas pelo jornal de Maria — o *Santuário de Aparecida* — fundado em 1900.

Em 1895, no Livro do Tombo, houve em Aparecida cêrca de três mil comunhões. Oito anos mais tarde, ou seja, em 1903, aquêle número elevou-se para dezesseis mil. Com as viagens cada vez mais fáceis, não havia quem não desejasse visitar a Senhora. E os atos religiosos mais regulares e atraentes e as maiores comodidades que os romeiros podiam desfrutar, iam concorrendo admiravelmente para que as gentes de São Paulo e de outros Estados fôsem levadas às visitas e ao cumprimento de promessas, promessas que, antes, iam-se contemporizando, o que não convinha.

Em 1904, surgiu o *Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida*, grande devocionário que os Redentoristas publicaram carinhosamente,

As grandes romarias tiveram comêço em 1900. Dom Alvarenga, bispo de São Paulo, no dia 8 de setembro, compareceu em Aparecida com mil e duzentos peregrinos. Doutra feita, de Guaratinguetá, foram visitar o Santuário perto de cinco mil pessoas. Dom Joaquim Arcoverde, deixando o Rio de Janeiro com mil romeiros, pessoas da alta sociedade, chegou alegremente em Aparecida a 16 de dezembro de 1900.

Desde então, as romarias tornaram-se freqüentes e quase ininterruptas. Várias cidades dos Estados de São Paulo e Minas Gerais organizam romarias a Aparecida todos os anos. Na Capital bandeirante há igrejas matrizes que, reunindo anualmente os paroquianos, dirigem-se ao Santuário em visita a Maria.

Atualmente é comum encontrar-se na cidade ladeirenta, à antiga, de Aparecida, romeiros vindos dos pontos mais distantes do país, tais como do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Bahia e outros Estados, em caminhões, de trem, de automóvel, nas antiquíssimas, desconfortáveis e sacolejantes jardineiras, que ainda as há por êste Brasil afora, e em grande quantidade. "Que sacrifícios não fazem os devotos de Nossa Senhora Aparecida, para chegar a lugar tão privilegiado!"

"Nos Anais de Aparecida encontram-se fatos memoráveis que não podem ficar esquecidos — diz o *Guia*.

E cita:

“A solene coroação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, em 1904, é um desses acontecimentos.

“Em 1903, os senhores Bispos pediram ao Santo Padre Pio X a faculdade de coroar solenemente a Imagem milagrosa de Nossa Senhora Aparecida, comemorando o quinquagésimo aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição. A faculdade foi concedida e a solenidade foi marcada para 8 de setembro de 1904.

“Naquele dia, que foi um dos mais notáveis para Aparecida, achavam-se presentes o Núncio Apostólico, o Arcebispo do Rio de Janeiro, onze bispos, um representante do Presidente da República, muitos dignitários eclesiásticos, sacerdotes, religiosos e enorme multidão de povo. O Senhor Núncio celebrou a Missa Pontifical. Dom João Braga fez o sermão e rezou com o povo o ato de consagração. Dom José de Camargo Barros benzeu a coroa, e entou o *Regina Caeli* e depositou a coroa sobre a frente da veneranda Imagem”.

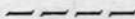
Aparecida, então, estava engalanada. De todas as casas, dos antigos casarões, dos quais ainda existem vários, flutuavam bandeiras, sobressaiam-se *bouquets* maravilhosos, e dos balcões dos velhos sobradões do tempo do império, pendiam adamacados magníficos. E as ruas todas, enfeitadas, eram uma festa para os olhos.

Foi cantado o *Te Deum*. Inaugurou-se o belíssimo monumento da Imaculada, erguido na praça do Santuário.

“À tarde, saiu soleníssima procissão com assistência do Senhor Núncio Apostólico e de todos os bispos, sendo a Imagem carregada por monsenhores

e cônegos. À entrada da procissão, fêz eloqüente cração Dom João B. Correia Nery, então bispo de Pouso Alegre.

“O dia 8 de setembro, aniversário da Coroação, vem sendo celebrado todos os anos com grande pompa e numeroso concurso de fiéis”.



A 29 de abril de 1908, o Santo Padre Pio X, agora elevado à honra dos altares, concedeu ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida o título e a dignidade de Basílica. (6) No dia 2 de janeiro de 1910, chegaram à Basílica as relíquias de São Vicente, mártir, que jazem num nicho, debaixo do altar-mor.

“O ano de 1917 — conta-nos o *Guia dos Romeiros*, belíssimo trabalho do Doutor Mário de Assis Moura, com Prefácio do insigne brasileiro e grande devoto de Nossa Senhora Aparecida, Doutor Altino Arantes — o ano de 1917, segundo Centenário do encontro da veneranda Imagem, foi um ano de homenagens extraordinárias a Nossa Senhora Aparecida. O papa Bento XV concedeu indulgência plenária, em forma de jubileu, aos que visitassem a Basílica.

(6) As basílicas têm, cada qual, o seu brasão. O brasão de Aparecida apresenta as seguintes insignias: o **Gonfalone** e o **Tintinabulum**. O primeiro é um pavilhão de seda, um como grande guarda-sol meio aberto, que é o símbolo comum das basílicas de Roma e de tôdas as basílicas menores, fora da cidade. O segundo tem a forma duma pequena torre, coroada com as armas papais. Prêsa na extremidade duma haste, a pequena torre tem suspenso, no meio, um sininho (daí também chamar-se **Tintinabulum** de **Campanelo**).

“Durante um ano (11-5-1917 a 11-5-1918), houve Reza solene diariamente, Missa cantada todos os sábados e, nos primeiros domingos, Missa solene e Procissão de Nossa Senhora Aparecida. Foi um dos mais movimentados em romarias e visitantes que acorreram para ganhar o jubileu.

“Em setembro de 1929, vigésimo-quinto aniversário da Coroação da Imagem milagrosa, celebrou-se em Aparecida um Congresso Mariano, ao qual assistiram vinte e cinco arcebispos e bispos e avultado número de sacerdotes do clero secular e regular. Nas sessões e manifestações públicas, foi sempre externado o desejo unânime de que Nossa Senhora Aparecida fôsse declarada *Padroeira de todo o Brasil*”.

Brevemente ia concretizar-se aquêlê desejo do povo brasileiro, e a alegria dos habitantes desta terra de Santa Cruz ia ser imensa.

“O episcopado, ensina-nos o utilíssimo *Guia do Doutor Assis Moura*, apresentou, pois, ao Santo Padre Pio XI êsse pedido, sendo o mesmo acolhido com muito agrado. No dia 16 de julho de 1930, o grande Pio XI assinou o decreto pontifício que declarou e proclamou *Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira da Nação Brasileira*. Diz o decreto:

Por motu proprio e por conhecimento certo e madura reflexão Nossa, na plenitude de Nosso poder apostólico, pelo teor das presentes letras, constituimos e declaramos a Beatíssima Virgem Maria concebida sem mancha, sob o título de APARECIDA, PADROEIRA PRINCIPAL DE TODO

O BRASIL diante de Deus. Concedemos isto para promover o bem espiritual dos fiéis no Brasil e para aumentar cada vez mais a sua devoção à Imaculada Mãe de Deus.

A alegria do povo brasileiro foi indescritível. E na Basílica Nacional foi, imediatamente, realizada a CONSAGRAÇÃO SOLENE A NOSSA SENHORA APARECIDA.

"Entretanto, diz o *Guia*, o cardeal Dom Sebastião Leme (7), arcebispo do Rio de Janeiro, quis promover, na Capital Federal, a proclamação solene do Padroado e a Consagração do Brasil a Nossa Senhora Aparecida, escolhendo para isso o dia 31 de maio de 1931.

"Em preparação para essa solenidade memorável, realizou no Rio de Janeiro um Congresso Mariano, que excedeu em brilho tôdas as expectativas".

Tudo preparado, no dia 30 de maio, em trem especial, que se compunha dum carro que se chamou *carro-capela*, e de mais três vagões para passageiros, a Imagem rumou para a Capital, acompanhada de Dom Duarte (8), de cônegos do Cabido de São

(7) Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, paulista, arcebispo de Olinda, depois arcebispo do Rio de Janeiro. Fervorosíssimo devoto de Nossa Senhora, estava constantemente em Aparecida, a visitar a Mãe de Deus. Foi Dom Sebastião o prelado que preparou, na Capital do País, o maior triunfo de Maria em nossa terra. Por sua iniciativa devemos também a proclamação da Virgem Aparecida como Rainha e Padroeira do Brasil. Dom Sebastião Leme faleceu em 1942. A notícia da morte daquele grande brasileiro consternou o país em todos os seus quadrantes.

(8) Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo (1908-1938), notabilizou-se pela grande devoção a Nossa Senhora Aparecida. Ia, com muita freqüência, visitar a Padroeira.

Paulo, de muitos sacerdotes e comissões da Capital e de Aparecida.

“Em tôdas as cidades do itinerário esperavam os sacerdotes e o povo com velas acesas, foguetes e banda de música; até nas pequenas estações o trem tinha de parar e, mesmo à beira da estrada, viam-se inúmeras pessoas ajoelhadas, assistindo à passagem de Nossa Senhora Aparecida.

“Dizem todos que a chegada e permanência de Nossa Senhora no Rio foi um triunfo sem igual. A procissão partindo da Catedral, levou três horas e meia para chegar à Esplanada do Castelo”.

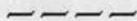
Naqueles dias festivos, Dom Sebastião Leme enviou ao papa, entusiasmado, o seguinte telegrama:

Multidão, cerca de um milhão de pessoas, presença vinte e cinco bispos, Núncio Apostólico, membros Corpo Diplomático, Presidente da República, autoridades civis e militares, instituições religiosas e civis, classes populares, levou triunfo Imagem Padroeira, Mãe povo Brasileiro. A cidade inteira, representando Nação, jurou fidelidade Cristo-Rei, adesão Santa Sé, Romano Pontífice, cuja bênção implora todo Brasil genuflexo, vibrante alma religioso povo fiel, generoso e bom minha Capital.

A volta da Imagem de Maria Aparecida à sua cidade do Vale do Paraíba foi outra apoteose. Era

Foi quem sagrou a igreja e conseguiu o privilégio de Basílica. Teve longo episcopado. Foi um dos maiores beneméritos de Aparecida, cujo progresso religioso e material muito lhe interessavam.

o 1.º de junho, e a população tôda do lugar comparcia em pêso na estação da *Central do Brasil* e ruas próximas, para recepcioná-la e acompanhá-la de volta à Basílica.



Em 1942, quando o Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, a Capital bandeirante recebeu-a em *fac-simile*. A Senhora Aparecida, Padroeira do Congresso, foi alvo de extraordinárias homenagens.

Igualmente, os Congressos do Recife e de Belo Horizonte tiveram Nossa Senhora Aparecida a presidi-los.

Em 1948, na oportuniidade do Congresso Eucarístico Nacional de Pôrto Alegre, foi também a Imagem *fac-simile* de Nossa Senhora Aparecida levada à capital do Rio Grande do Sul, por estrada de rodagem. As homenagens enternecedoras que Maria Santíssima recebeu pelo caminho foram infindas.

"Grandes têm sido os triunfos da Padroeira do Brasil, assevera o *Guia dos Romeiros*. Não só nestas ocasiões extraordinárias, mas, continuamente, aqui e acolá, nas missões, nos congressos, nas grandes solenidades, que se celebram nas sedes episcopais e nas paróquias. Nossa Senhora Aparecida, em tôda a parte, é homenageada e fervorosamente invocada pelo nosso povo, que goza da sua proteção e recebe as suas bênçãos".



Dom José Gaspar de Afonseca e Silva foi bispo auxiliar de Dom Duarte e a êle sucedeu no govêrno da arquidiocese de São Paulo. Morto, prematura-

mente, num desastre, em 1943, Dom José, que tinha projetos grandiosos para realizar em Aparecida, o desejo ardente de iniciar a construção da nova Basílica que, queria, fôsse a maior da América Latina, foi levado por Deus. Assim, nem sequer pôde principiar as obras do futuro templo.

Depois de sua morte, choradíssima, a arquidiocese de São Paulo ficou por quase dois anos sem pastor. A Santa Sé, então, nomeou Arcebispo Metropolitano Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Transferido do Maranhão, de São Luís, veio para São Paulo.

Dom Carlos, antes de tomar posse do cargo, estêve em Aparecida, e ali, com unção, implorou as bênçãos da Padroeira. Primeiro Cardeal de São Paulo, Sua Eminência tem trabalhado com denodo e sem esmorecimento para levar avante o plano de Dom José Gaspar.

A nova Basílica virá contribuir grandemente para o confôrto das multidões que acorrem a Aparecida. O pequeno templo já não mais comporta o número elevado de peregrinos. O atual, já bem adiantado, assenta-se numa colina mais próxima do decantado pôrto de Itaguaçu, onde a Imagem de Maria apareceu.

No dia 10 de setembro de 1946, o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, de Portugal, com a presença dos nossos dois cardeais, e a do representante do Presidente da República, com o governador do Estado, e muitos bispos, grande número de sacerdotes e uma infinidade de fiéis, procedeu a bênção da *Primeira Pedra* da nova Basílica Nacional.

A planta do templo foi confiada ao arquiteto Benedito Calisto de Jesus Neto. Tendo elaborado o

ante-projeto, recebeu o louvor e a aprovação da Comissão Pontifícia de Arte Sacra.

A maquete, belíssima, "que figurou na *Exposição Vaticana do Ano Santo*, em Roma, foi muito admirada e julgada a mais importante e original obra de arquitetura religiosa da atualidade".

— — — —

Verdadeira exaltação a Maria é a *Carta Pastoral*, de 1954, que damos, a seguir, aos leitores, de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, do Título de São Pancrácio, Arcebispo Metropolitano de São Paulo:

"Na excelsa transcorrência da efeméride litúrgica da Anunciação do Arcanjo a Maria Santíssima, 25 de março, dia da Encarnação do Verbo e da Maternidade Divina, apraz-Nos anunciar aos nossos amados Diocesanos paulistas a magna solenidade do Primeiro Congresso da *Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. E, outrossim, convidá-los, todos, a participarem, espiritualmente e pessoalmente, deste acontecimento que visa comemorar, triplicemente, o Jubileu de Ouro da Coroação da Taumaturga Imagem Aparecida Nossa Senhora da Conceição, Mãe de Deus e Nossa; o Centenário do Dogma de sua Imaculada Conceição, em filial obediência à Encíclica *Fulgens corona* do Santo Padre Pio XII, de 8 de setembro de 1953; e o quarto Centenário da Fundação de São Paulo de Piratininga.

"Se quem viveu em São Paulo o dia 25 de janeiro de 1954, reviveu quatrocentos anos da história cívica e religiosa de Piratininga, simbolizados na inauguração da monumental Catedral Metropoli-

tana, bem esperamos que os piedosos devotos de Nossa Senhora Aparecida, que tiveram a ventura de participar do próximo Congresso da Celestial Padroeira de todo o Brasil, hão de rememorar e comemorar condignamente todos os milênios da Sagrada Mariologia, ou os fulgurantes capítulos da nova Eva, preconizada por Deus no Éden.

“Como escrevemos alhures, os filhos bem-nascidos e espiritualmente bem formados exultam sempre em conhecer a vida da criatura abençoada que lhes deu o sêr e o materno leite e amor de mãe.

“Se assim é na ordem natural, mormente na ordem sobrenatural ou na ordem da vida da graça.

“Aquela que é a *Mater Divinae Gratiae* tem todo o direito ao mais sublime amor e ao mais acendrado culto por parte de todos os verdadeiros cristãos, regenerados pelo divino sangue do Salvador dos homens. Pois êsse sangue redentor, Cristo o recebeu do seio imaculado e sempre virgem de Maria: *Mariae, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

“A salvação moral e espiritual da cristandade descansará perenemente na proteção superna de nossa Mãe do Céu, tal qual em seus braços maternais descansava o próprio Salvador, Jesus, o Cristo Filho de Deus Vivo.

“A devoção a Nossa Senhora é a salvaguarda da fidelidade religiosa do nosso povo; e, para cada um de nós, o penhor da conquista do Paraíso.

“Para sermos verdadeiros e bons brasileiros, havemos de ser fiéis devotos da Mãe de Deus e Nossa.

“Em seus braços veio Jesus para nós; em seus braços iremos nós para Jesus,

“Os dois Congressos Marianos realizados em Aparecida, um em 1904, para a Coroação da Imagem Milagrosa e em comemoração do Dogma da Imaculada Conceição, outro em 1929, para o Jubileu comemorativo dos vinte e cinco anos da Coroação Litúrgica da referida Imagem, não tiveram ainda o caráter de *Congresso da Padroeira do Brasil*. Porque só a 16 de julho de 1930 foi Nossa Senhora Aparecida oficialmente proclamada Padroeira do Brasil por *MOTU PROPRIO* do Santo Padre Pio XI, e com a assinatura do então Cardeal Pacelli, Secretário de Estado de Sua Santidade.

“A convocação do Primeiro Congresso Mariano da Padroeira do Brasil está concretizada na *MENSAGEM* dirigida do Rio de Janeiro, em data de 15 de outubro de 1952, por todos os Senhores Arcebispos Metropolitanos do Brasil a todo o Episcopado, Clero, Religiosos e Fiéis. Foi deliberação da primeira reunião da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*.

“Nessa *MENSAGEM* lê-se que: A 8 de dezembro de 1954, o mundo cristão vai comemorar o primeiro centenário da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe Nossa.

“Rainha dos Céus e da Terra, Maria Imaculada quis ser, especialmente, a Mãe do Povo Brasileiro, aparecendo na humildade de uma pequenina e devota Imagem, numa predestinada curva do Rio Paraíba, no pôrto de Itaguaçu, em São Paulo, no Mês do Rosário de 1717.

“Desde logo cercada pela piedade carinhosa de nossa gente, a Senhora da Conceição Aparecida acolheu o amor filial do Brasil, multiplicando favores

taumaturgos, extraordinários benefícios espirituais e temporais.

“Envolvida nas rêdes que a levantaram das águas — Prisioneira de amor dos nossos corações — em tórno da Imagem querida teceram-se preces e romarias, desde o lar cristão de Atanásio Pedroso, que viu as primeiras peregrinações e os primeiros prodígios, e desde a Capela do Padre José Alves de Vilela — substituída pela atual igreja (ou Basílica Nacional, a partir de 1908) — até as primeiras orações e louvores que já se começam a erguer à Padroeira do Brasil, no local da futura e monumental Basílica, cuja primeira pedra foi lançada a 10 de setembro de 1946, em cerimônia presidida pelo Eminentíssimo Cardeal Gonçalves Cerejeira e assistida pelos dois Cardeais do Brasil.

“No cinqüentenário da Imaculada Conceição, acedendo ao pedido dos Senhores Bispos Brasileiros, Sua Santidade, o Beato Pio X, mediante o Cabido Vaticano, distinguiu a veneranda Imagem da Senhora Aparecida com a solene Coroação, que se realizou a 8 de setembro de 1904, oficiada por Dom José de Camargo Barros, numa das festas mais concorridas e mais lembradas da história de Aparecida.

“Por ocasião do Jubileu de Prata da Coroação, em 1929, os Senhores Bispos da Província Eclesiástica de São Paulo reuniram-se em Aparecida, solemnizando com um Congresso Mariano a efeméride e determinando que, todos os quartéis de século, a comemoração fôsse recordada com as pompas de um novo Congresso, em tórno da Virgem Aparecida.

“A 16 de julho de 1930, todos os corações brasileiros receberam com insopitada alegria a desejada palavra do Santo Padre Pio XI, declarando Nossa

Senhora da Conceição Aparecida PADROEIRA DO BRASIL.

"E a 31 de maio do ano seguinte, 1931, o Eminentíssimo Cardeal Dom Sebastião Leme organizou no Rio de Janeiro o maior triunfo de Nossa Senhora em nossa terra, levando a querida Imagem até a Capital Federal, a fim de realizar a Consagração da Pátria à Rainha e Padroeira do Brasil.

"Ainda, a 14 de julho de 1945, por ocasião de angústia e sobressalto nacional, a milagrosa Imagem peregrinou até a Capital Paulista, onde, na sempre memorável *Noite de Nossa Senhora*, abençoou a decisão cristã do Povo Brasileiro, na defensiva contra os *Sem Deus*. Em 1950, ano jubileu, todo o Brasil exultou com o Dogma Mariano da Assunção.

"É essa Magna Assembléia que temos o prazer e a honra de anunciar, convidando para o Congresso Mariano Nacional de 1954 todos os Excelentíssimos e Reverendíssimos Senhores Bispos, o Reverendíssimo Clero e Fiéis, a fim de trazer, numa expressiva comunhão de preces e louvores, a alma de nossa Pátria genuflecta ante a Virgem Santíssima, para agradecer os favores já recebidos e exorar novas mercês para a Nação Brasileira, que de todo lhe pertence.

"Ó Senhora da Conceição Aparecida, mostrai que sois a Padroeira da nossa Pátria e a Mãe querida do Povo Brasileiro! Abençoai, defendei, salvai o vosso caro Brasil!"

"E assim terminava a Mensagem da Conferência Nacional dos Bispos, com as palavras que estão gravadas sob os pés da Imagem na Basílica".

Continuando, com um Parágrafo intitulado *Recordando*, diz Dom Carlos Carmelo:

“Foi no meado do Mês do Rosário, outubro de 1717, que, no *Vale Mariano do Rio Paraíba*, nas águas do pôrto de Itaguaçu, da paróquia de Guaratinguetá, deu-se o evento milagroso da Imagem Aparecida de Nossa Senhora da Conceição.

“O então vigário de Guaratinguetá, Padre José Alves de Vilela, deixou registrado no Livro do Tombo dessa sua privilegiada paróquia, um interessantíssimo relato de como a Imagem fôra colhida pelas rêdes abençoadas do feliz pescador João Alves, que tinha por companheiros Domingos Martins Garcia e Filipe Pedroso.

“É de justiça ressaltar a benemerência dêsse sacerdote virtuoso e culto que, durante os primeiros trinta anos, cuidou zelosamente da devoção a Nossa Senhora Aparecida.

“Por iniciativa sua, com outros devotos, erigiu primitiva ermida, por êle mesmo, posteriormente transplantada e transformada em capela digna dêste nome, cito no próprio local em que, cem anos mais tarde, construir-se-ia a magestosa igreja que é agora *Basílica Nacional*. A capela, benzera-a êle a 26 de julho de 1745 justamente no ano da criação do Bispado de São Paulo, pela Bula *Candor lucis aeternae*.

“A data precisa do aparecimento da Imagem é, em boa conjectura, 17 de outubro de 1717, pois que foi êste dia, como consta oficialmente, o da chegada de Dom Pedro de Almeida Portugal, Governador e Capitão-General de São Paulo e Minas, à Vila de Guaratinguetá. Ora, é sabido que os pescadores, quando retiraram a Imagem das águas do Paraíba, estavam pescando por ordem do Senado da Câmara Municipal para oferecer o peixe à mesa do Governador, insigne hóspede da Vila.

“O Barão de Brasília Machado, grande católico e literato paulista, escreveu, em 1909, interessante trabalho crítico sobre a questão da data autêntica do aparecimento da Imagem. O seu trabalho tem por título: A BASÍLICA DA APARECIDA, e por subtítulo: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA DATA HISTÓRICA.

“Para êsse fato histórico, firmou êle, como certos, o ano de 1717 e o mês de outubro, e, como provável, o dia 12 do referido mês.

“Agora, entretanto, desde que a REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, número 3, de 1939, revelou o DIÁRIO DA JORNADA, de Dom Pedro de Almeida, não resta mais dúvida de que no dia 17 de outubro foi quando chegou o Governador e Capitão-General à zona da atual cidade de Aparecida, transitando de São Paulo para Minas, em 1717.

“Em 1718, o emérito Governador e Capitão-General era agraciado por Dom João VI com o título de Conde de Assumar, mais tarde, foi Vice-Rei da Índia e também Marquês de Castelo Novo e Marquês de Alorna.

“Fôra sempre um cristão fervoroso, homem de oração e de comunhão, notável homem de letras.

“É de ressaltar que, desde 1709 até 1720, São Paulo e Minas Gerais constituíam uma só Capitania, eclesiasticamente pertencente ao Bispado do Rio de Janeiro. Assim era, pois, quando do aparecimento da Imagem.

“O culto à Imagem de Nossa Senhora Aparecida, durante os primeiros vinte anos, foi prestado no próprio sítio de Itaguaçu, dali se transferindo

para onde se instalou, mais tarde, a sede da paróquia de Aparecida, no Morro dos Coqueiros, onde está a Cidade atual.

“Era em Itaguaçu que, todos os sábados, reunia-se a gente da vizinhança a cantar o têrço, o ofício litúrgico popular e outros louvores a Nossa Senhora. Oxalá que tão belo exemplo de piedade de nossos antepassados não seja nunca jamais esquecido na tradição das famílias católicas de nossa Pátria!

“Ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida poderíamos aplicar o texto do Eclesiástico:

Sicut nebula texi omnem terram et thronus meus in columna nubis.

“À moda de neblina cobri tôda a terra e o meu trono está entre colunas de nuvens”.

“As colunas de nuvens que habitualmente encapotam a Serra da Mantiqueira na zona de Aparecida, e os nevoeiros da garca, tão freqüentes na Paulicéia, traduzem bem o texto do Eclesiástico supramencionado, aplicado à Imagem e à Basílica da Celestial Padroeira do Brasil.

“A propósito da festa litúrgica de Nossa Senhora Aparecida: celebrava-se ela, de princípio, no dia 11 de maio; transferiu-se, depois, para 7 de setembro, a pedido do Episcopado no Concílio Plenário Brasileiro; e, desde o ano passado (9), está fixada aos 12 de outubro, dia da descoberta da América e, portanto, data inicial do culto da Santíssima Virgem no nosso Continente. A fixação aos

12 de outubro foi concedida pela Santa Sé, por solicitação da CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, reunidos no Congresso Nacional Eucarístico, em Belém do Pará. Aliás, fôra verificado o inconveniente da celebração da festa de Nossa Senhora Aparecida, simultâneamente com os festejos do dia da Independência, visto as solenidades cívicas realizarem-se habitualmente pela manhã, à hora das Missas.

OS CONGRESSOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA

“Há duas preciosas Poliantéias comemorativas dos dois Congressos Marianos realizados em Aparecida. Uma referente à COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA APARECIDA, em 1904, redigida por Monsenhor José Marcondes Homem de Melo; e outra DAS FESTAS JUBILARES DA COROAÇÃO, em 1929, editada pelos Padres Redentoristas residentes na Cidade de Aparecida.

O CONGRESSO DE 1904

“O Congresso de 1904, ano jubilar do Dogma da Imaculada Conceição de Maria, fôra deliberada pelo Episcopado da Província Meridional do Rio de Janeiro, em sua reunião em São Paulo, em 1901, quando foi também resolvida a Coroação da Imagem da Virgem Aparecida. Tudo constou da Pastoral Coletiva publicada a 12 de novembro do mesmo ano.

“A Missa Pontifical da Coroação foi celebrada pelo Excelentíssimo Senhor Núncio Apostólico no Brasil, Arcebispo Dom Júlio Tonti, e o ato de Coroa-

ção oficiado por Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo, a quem o Senhor Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, comissionado pelo Cabido do Vaticano, gentilmente subdelegou a honrosíssima incumbência. Estavam presentes, além do Excelentíssimo Representante da Santa Sé, o Excelentíssimo Metropolita do Rio de Janeiro e mais doze Excelentíssimos Prelados.

O CONGRESSO DE 1929

“O segundo Congresso foi oficialmente anunciado a 6 de maio de 1929, por ato do Excelentíssimo Senhor Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo. E efetuou-se de 5 a 8 de setembro do mesmo ano, sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima e com a presença de mais vinte e quatro Prelados.

“Do documento deixado pelo Excelentíssimo Metropolita Paulista, relativamente à devoção da alma brasileira a Nossa Senhora Aparecida e àquele seu segundo Congresso, citemos, por importantes, textuais palavras que nos parecem de flagrante oportunidade para o próximo PRIMEIRO CONGRESSO DA PADROEIRA:

“É o Brasil católico ajoelhado aos pés da Imaculada Conceição, é a alma brasileira que, em protestos de fé, cimenta e consolida os sentimentos que trouxemos do bérço da nossa Pátria. Quer em romarias, mais ou menos organizadas, quer em grupos de famílias ou em visitas isoladas, sempre características do filial amor que devotamos à Mãe Santíssima, quantos saem daqui levando para a vida novas energias; quantos se regeneram no batismo da peni-

tência; quantos abençoam a feliz inspiração que os trouxe um dia aos pés de Maria Santíssima!

“A Aparecida é no Brasil a terra predileta de Nossa Senhora. É o Santuário em que ela se compraz de derramar as suas bênçãos, consolando e acariciando, a uns fortalecendo-lhes a fé e a coragem cristã, a outros inspirando nobres e salutares resoluções, quantas vêzes restituindo-lhes a saúde do corpo, sempre a saúde da alma aos bem intencionados e sinceramente arrependidos”.

“Foi o Segundo Congresso de Nossa Senhora Aparecida uma confirmação apoteótica das assertivas de sua Excelência, que posterior e jubilosamente, pôde assim escrever:

“Foram dias de Céu, dias que jamais se esquecem, como se não esquecem os carinhos maternos. Não foram apenas discursos e afirmações de fé; foi também, e principalmente, a prática da fé, no que ela tem de mais consolador e delicado — a carinhosa devoção à Senhora Aparecida, eleita e proclamada Rainha do Brasil.

“Ainda as almas simples, as desse povo religioso e bom, que não sabe falar, mas sabe rezar, sentiam, como por instinto, que a Senhora Aparecida quer e deve reinar nos corações, nos lares, na família e na sociedade, em todos os recantos da Pátria estremecida, como Senhora absoluta de tudo quanto somos e de tudo quanto é nosso.

“Este Santuário é água que satisfaz ao paladar do humilde e pequenino, e ao dos sábios; tanto atrai a devoção do caboclo do sertão, como a do gênio de Tomás de Aquino. Aqui na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, reza-se pela paz do Brasil grandioso e unido.

“Que Nossa Senhora Aparecida, doravante, e para sempre, Rainha incontestada, e Soberana do Brasil, conserve-nos a todos a unidade da fé na unidade inquebrantável da Pátria!”

“Irmãos nossos: Em consonância com os votos do primeiro e inolvidável Arcebispo de São Paulo, redigamos a popular antífona piedosamente entoada nas novenas da Aparecida:

*Senhora Aparecida,
Milagrosa Padroeira!
Sêde nossa guia
Nesta mórtal carreiral*

“E confiemos que, sob as bênçãos da Celestial Padroeira, o Povo Brasileiro saberá guardar, ciosa e conscienciosamente, qual depósito sagrado e qual patrimônio nacional, as duas preciosíssimas relíquias — uma, relíquia da Igreja, que é a Imagem Aparecida da Padroeira; e outra, relíquia da Pátria, que é a colina histórica do Ipiranga, terra berço do Brasil Independente e Soberano. E o *Auriverde Pendão* da nossa terra há de sempre panejar glorioso à destra da Virgem no trono da Basílica Nacional.

PONTIFÍCIA PROCLAMAÇÃO DA PADROEIRA DO BRASIL

“No mencionado e histórico documento de 6 de maio de 1929, o saudoso Dom Duarte certificava que *assentou o venerando Episcopado Brasileiro em pedir à Santa Sé se dignasse reconhecer e proclamar a milagrosa Virgem da Aparecida como Padroeira*

do Brasil, dêste nosso Brasil que tanto amamos e queremos grande, glorioso e unido, sob a bandeira da Virgem Imaculada.

“Pois bem: Aquiescendo paternalmente à patriótica e piedosa súplica do colendo Episcopado Nacional, houve por bem Sua Santidade, o Papa Pio XI, por MOTU PROPRIO de 16 de julho de 1930, oficialmente proclamar a Beatíssima e Imaculada Virgem Maria, sob o título de APARECIDA — PRECÍPUA PADROEIRA DE TODO O BRASIL junto de Deus.

“Eis as formais palavras da referida proclamação:

Motu proprio atque ex certa sciencia, ac matura deliberatione nostris, deque Apostolicae Nostrae potestatis plenitudine, praesentium Litterarum tenore, BEATISSIMAM VIRGINEM MARIAM SINE LABE CONCEPTAM, SUB TITULO DE APPARECIDA NUNCUPATAM, PRAECIPIAM APUD DEUM PATRONAM TOTIUS BRASILLIAE, privilegiis liturgicis adnexis ceterisque honorificentis, quae de more Patronis locorum principalium competunt, CONSTITUIMOS AC DECLARAMOS.

O NOSSO SANTO PADRE PIO XII E O PRIMEIRO CONGRESSO DA PADROEIRA

“Como primeira e mais preciosa bênção de Maria Santíssima sobre o nosso Congresso e penhor seguro dos opimos frutos advindouros, é-Nos profundamente

grato comunicar aos nossos diletos diocesanos que temos já a certeza da presença oficial de um Eminentíssimo Cardeal da Cúria Romana, Legado de Sua Santidade.

“Assim, teremos, não só a aprovação e a bênção, mas também — e com que ufania nossa! — a própria augusta pessoa do Sumo Pontífice, na pessoa de seu Eminentíssimo Legado.

“Registrar-se-á assim, pela primeira vez na história da Igreja no Brasil, a vinda de um Purpurado de Cúria ao País, como o mais insigne participante do Congresso Religioso.

O PRIMEIRO CONGRESSO DA PADROEIRA E O PROGRAMA DAS CONFERÊNCIAS

“De alma e coração genuflexos em preces, auguramos que o PRIMEIRO CONGRESSO DA PADROEIRA seja uma apoteose de amor e de fé, empolgante entre os que mais o tenham sido em nossa Paulicéia; enquanto que entrelaçados estejam os bons brasileiros, presentes e ausentes, pelo elo da mais terna piedade mariana, a vinculá-los mais e mais nestas horas conturbadas que vive o mundo.

“E então, de suas dadivosas mãos, a Virgem Imaculada — onipotência suplicante como é — fará jorrar sobre nós caudais de bênçãos; bênçãos que sejam luz para o nosso espírito em trevas de sobresaltos, que sejam força para a nossa vontade trepidante e quase a capitular, que sejam tranqüilidade para a nossa consciência em desassossêgo, e que sejam vibrações de sadio entusiasmo para o nosso coração abafado e desiludido.

“Mas se tanto almejamos de uma piedade que queremos muito sincera e profundamente arraigada em todos quantos habitam êste Brasil de Nossa Senhora Aparecida, não nos pairam nem sequer visos de dúvida sôbre a necessidade de um fortalecimento íntimo da doutrina mariológica, pois que uma é consequência da outra, ambas paralelas na vida do cristão; e, por isso, quanto mais perfeito fôr o conhecimento dos dogmas e privilégios de Maria Santíssima, tanto mais acendrado será, mais convicto e convincente, o amor à mesma Virgem Imaculada: *Nihil volitum quin praecognitum*.

“Dai um programa de teses atualíssimas, concernentes do que mais precisamos saber ou recordar dentre tantas quantas prerrogativas exornam a alma privilegiada de nossa incomparável Mãe Celestial.

“Confiadas a personalidades de reconhecida autoridade na hierarquia eclesiástica, tais dissertações hão de, por certo, despertar o interêsse dos assistentes, que todos, mais instruídos e melhor orientados possam ascender às cimeiras do culto à Virgem Aparecida. E receberá Ela, do relicário de cada coração, a hóstia perene de uma devoção que jamais transigirá com a apatia ou displicência.

“Sim, tal devoção, se foi até então um sentimento vago, herdado dos ancestrais, não há de ser mais para o futuro, porque fundada em bases seguras e inabaláveis. Amar-se-á Maria porque, com Ela, sente-se a alma certamente norteada para Deus; é a *Estrêla do Céu!* Porque, afinal, já não se poderá mais compreender a vida cristãmente vivida sem Maria, a Imaculada, Mãe de Deus, a Mediadora de tôdas as graças, a Mãe de todos os homens, a Padroeira de todos os brasileiros.

“Programados estão para o devido estudo e desenvolvimento à luz da razão e da fé, os seguintes títulos de glória da Mãe de Deus, qual mais importante, qual mais empolgante, qual mais digno de nossas lucubrações apologéticas:

- IMACULADA CONCEIÇÃO;
- MATERNIDADE DIVINA;
- ASSUNÇÃO CORPÓREA AO CÉU;
- CELESTIAL PADROEIRA DO BRASIL.

“Com referência à IMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA, primeiro tema do nosso programa, são para salientar os fatos miraculosos que providencialmente precederam a proclamação do Dogma, como que preparando todos os católicos, através dos anos e das gerações, para receberem, com submissão e gratidão, a apostólica definição de Pio IX, aos 8 de dezembro de 1854.

“Sensibilizados e ternissimamente agradecidos, podemos e devemos afirmar que, assim como a França foi o histórico cenário escolhido pela Virgem Imaculada para sua aparição a Catarina Labouré, a 27 de novembro de 1830, exigindo a cunhagem da Medalha, por autonomasia a MEDALHA MILAGROSA, assim como foi a Itália o palco majestoso da visão de Afonso Ratisbonne, a 20 de janeiro de 1842, na igreja de Santo André *delle Fratte*, em Roma, triunfando a Virgem da Medalha sobre o seu espírito de judeu acérrimo; assim também, e muito antes, fôra o Brasil, em águas do Paraíba, o recesso tranqüilo e humilde, eleito por Nossa Senhora da Conceição, para o miraculoso aparecimento de sua

Imagem a 17 de outubro de 1717. Imagem tão pequena em sua dimensão, quão grande, na veneração e no amor dos brasileiros.

“Aliás, este amor nasceu com o próprio Brasil! Foi-se transmitindo de geração em geração, e, em 1640, era este querido Brasil, como parte integrante do Reino Lusitano, dedicado oficialmente a Maria por Dom João IV, El-Rei de Portugal — o que consta de preciosa lápide marmórea, conservada até o presente na sala nobre da Universidade de Coimbra, onde tivemos a ventura de contemplá-la.

“Depois, foi renovada a consagração por decreto de Dom Pedro I, logo após proclamada a Independência do Brasil. Assim cumpria o Imperador, em ato público de reconhecimento à Virgem Aparecida, o voto que lhe fizera, pouco antes de nossa emancipação política, a 21 de agosto de 1882. A este voto refere-se o fervoroso devoto da Aparecida ex-presidente da República, Doutor Wenceslau Brás, na tese relatada por Sua Excelência, em 1929, quando das solenidades jubilares, comemorativas da COROAÇÃO DA IMAGEM MILAGROSA.

“Citemos suas palavras:

“Entre os inúmeros devotos, crentes de seu poder e de sua magnanimidade, que se ajoelharam aos pés de Nossa Senhora Aparecida conta-se que esteve o próprio Dom Pedro, quando de sua viagem a São Paulo em 1882.

“Afirma-se que ele aqui estivera, fizera as suas preces, e, com estas, o voto de proclamar Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil, se corressem à feição os acontecimentos de São Paulo.

“É bem de assinalar que a proclamação oficial da Independência do Brasil teve exatamente a data de 8 de setembro de 1822, dia de Nossa Senhora”.

.....

“Grande e sublime em sua missão, Maria é grande e admirável na própria etimologia de seu nome predestinado. Escritores antigos e modernos descobriram-lhe sessenta e sete significados, segundo um trabalho compilado por F. Vigouroux.

“Entretanto, após o estudo do grande filólogo francês, uma mais recente e plausível pesquisa etimológica, atingindo primitiva língua semítica autoriza para *Maria* ou *Miryam* (*Maryan*), o sentido de: *a altura*, ou *a alteza*, ou *a altíssima*; o que melhor se enquadra nos planos de Deus com relação à pessoa e funções da Virgem Maria.

“Sim, *Altíssima* foi Ela na perfeição de sua natureza pessoal, em virtude do privilégio da sua Imaculada Conceição. *Altíssima* na plenitude da graça, *gratia plena*, em virtude da sua *Maternidade Divina*. *Altíssima* na consumação da glória, em virtude de sua *Assunção* em alma e corpo ao Céu, onde, entronizada acima de tôdas as criaturas, foi coroada Filha de Deus Padre, Mãe de Deus Filho, Espôsa do Espírito Santo, Rainha dos Anjos, dos Apóstolos, das Virgens, dos Mártires e de todos os Santos, Mãe e Medianeira dos homens.

“É pertinente notar: Porque Maria Santíssima havia de ser Mãe de Deus por isso foi Imaculada em sua Conceição. E, depois, porque era a Mãe de Deus e Imaculada, por isso foi ressuscitada e assunta ao Céu, na integridade de sua pessoa. Em Maria, o Sol da graça infinita e da infinita justiça, refulgiu no seu

zênite no mistério augusto e inefável da Maternidade Divina. Mas, na Imaculada Conceição, na gloriosa Ressurreição e na excelsa Assunção, rebrilhou o mesmo Solstício. Maria obteve vitória total sôbre o pecado, pela plenitude da graça de Imaculada e Mãe de Deus; bem como obteve vitória total sôbre a morte, pela plenitude da vida ressurreta e imortalizada na Glória do Paraíso.

“Pois essa Criatura super-privilegiada, OBRA PRIMA do Criador onipotente, onisciente e onibondoso, é a PRINCIPAL E CELESTIAL PADROEIRA DE TODO O BRASIL, JUNTO DE DEUS. É a nessa Mãe do Céu a quem filialmente iremos cultuar e rogar no Congresso porvindouro”.

.....

“Que Nossa Senhora Aparecida console os que choram, conforte os que sofrem, encaminhe os transviados, reconcilie os inimigos, consolide as famílias, harmonize as sociedades, salve o Brasil! E assim como foi sua milagrosa Imagem recolhida nas rêdes dos pescadores, assim também se digne a querida Mãe e Padroeira recolher-nos a todos nas rêdes de sua bondade e de seu poder, levando-nos para o Céu, levando-nos para Jesus: AD JESUM PER MARIAM!”

— — — —

A Imagem da Senhora Aparecida, que os três felizes pescadores colheram nas águas do Rio Paraíba, é pequena. Feita de terra-cota, rústica, escura, mas bem talhada, mede trinta e nove centímetros de altura. Maria, representada com as mãos postas, tem, aos pés,

uma cabecinha de anjo, e a meia-lua, como é geralmente representada a Imaculada.

Na Capelinha do piedoso e zeloso Atanásio Pedroso, foi venerada como apareceu — sem manto. Atualmente, num nicho, recobre-a um todo azul, muito rico, bordado a ouro, onde se lê: REGINA BRASILIÆ. Ornando-lhe a cabeça, linda coroa de pedras preciosas dá-lhe a realeza a que faz jus.

Pequenina, o Povo Brasileiro quer vê-la numa Basílica portentosa, vasta, digna de tão grande Rainha e Mãe. A nova, que se está alevantando numa área de quatrocentos mil metros quadrados, “constituirá, como diz Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, o motivo central de um vasto programa que visa *transformar Aparecida no principal centro das peregrinações brasileiras*.”

A Basílica, colocada no alto duma colina, terá a forma duma cruz grega, “com o altar da Imagem milagrosa colocado exatamente no centro geométrico do cruzeiro. O altar da Virgem Aparecida ficará sobre uma plataforma elevada, de maneira a permitir que seja perfeitamente visível de qualquer parte da igreja. Ao redor do altar, em tórno da plataforma, doze pequenos altares permitirão a celebração de treze missas simultâneas em volta da Sagrada Imagem”.

Três grandes arcos dão entrada ao templo. Sobre eles, a *loggia* para as bênçãos e solenes proclamações. A decoração da *loggia*, em mosaicos, representará a glorificação da Senhora Aparecida.

A futura Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida será o mais importante centro religioso do Brasil.

SINOPSE DOS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

- 1717 — Ano que marca o encontro da Imagem Aparecida milagrosamente.
- 1733 — Primeiros prodígios operados por Maria. Ergue-se o Oratório de pau-a-pique.
- 1743 — Permissão do bispo do Rio de Janeiro para que se levantasse a primeira igreja.
- 1744 — No Morro dos Coqueiros tem início as obras.
- 1745 — Benzimento da igreja, no dia de Sant' Ana, pelo Padre José Alves de Vilela, que celebrou a primeira missa no novo templo.
- 1745 — Criação do Bispado de São Paulo.
- 1834 — Principia-se a construção da igreja atual.
- 1887 — Inauguração da estação de Aparecida da Estrada de Ferro Central do Brasil.
- 1893 — À igreja é conferido o título, por Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, de Episcopal Santuário.
- 1894 — Ano que marca a chegada dos Padres Redentoristas.
- 1895 — Deixa o Curato o Padre Claro. O Padre Wendel estabelecido Primeiro

- Capelão-Cura. O Padre Gebardo, Segundo Capelão-Cura e Visitador.
- 1896 — Benze-se a Capela de Santa Rita, aos 9 de junho.
- 1900 — Sai da Capital do Estado de São Paulo a primeira romaria.
- 1904 — Coroação de Nossa Senhora Aparecida, aos 8 de setembro.
- 1908 — O Santuário é elevado a Basílica.
- 1914 — Inauguração do Convento dos Padres.
- 1917 — Festejos do Segundo Centenário do encontro da Imagem e inauguração duma igreja sob a invocação de São Benedito.
- 1929 — Jubileu de Prata da Coroação e Congresso Mariano.
- 1930 — Nossa Senhora da Conceição Aparecida é declarada Padroeira do Brasil, aos 16 de julho.
- 1931 — A Imagem da Padroeira, triunfalmente, é levada à Capital Federal, aos 31 de maio.
- 1935 — Inauguração solene do Carrilhão da Basílica.
- 1942 — A Virgem Aparecida eleita Padroeira do Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo.

- 1945 — Em São Paulo, a visita da verdadeira Imagem.
- 1946 — Lançada a Primeira Pedra da futura Basílica Nacional.
- 1948 — Chegada do belo Carro-Andor de Nossa Senhora Aparecida.
- 1950 — Na *Exposição Vaticana* é elogiada a maquete da nova Basílica.

* * *

SANTO EDWIN (*)

Rei de Northumbria

Edwin nasceu em 585. Era filho de Aella, rei de Deira. À morte do pai, foi expulso da côrte por Etelfredo, rei dos bernicianos. Refugiou-se, então, junto de Redwaldo, rei do Este Inglês.

Certa tarde, sigilosamente, informaram-no que Redwaldo, secretamente, preparava-se para entregá-lo ao péssimo Etelfredo. Que fazer? A fuga era, naquela conjuntura, o mais aconselhável, mas Edwin respondeu ao que o informara dos propósitos do rei e o aconselhara a deixar a cidade:

— Tu és um bom amigo, mas não posso fazer o que me sugeres. Tenho obrigações para com o rei. Assim, não poderia agir intempestivamente, já que o rei nada me fêz e sempre me recebe amigavelmente. Destarte, se tiver de morrer, antes morrer às suas mãos que às dum plebeu.

Triste, sentou-se numa pedra, diante do palácio de Redwaldo. A noite descera, e descera escura, profunda. De repente, Edwin percebeu que alguém se aproximava, vagarosa, mas, não sabia por que, sentiu-se confortado ao invés de amedrontado, porque tudo o sobressaltava.

Um desconhecido estacou diante dêle. E, dizendo ao rei fugitivo palavras altamente consola-

doras, pedindo-lhe que tivesse coragem, e, antes de mais nada, muita fé, acabou por pousar-lhe a mão na cabeça, dizendo:

— Lembra-te, a êste sinal, da nossa palestra, e não te esqueças de cumprir o que nela me prometeste.

Dito isto, afastou-se.

Redwaldo não o entregou a Etelfredo. Pelo contrário, moveu guerra ao rei dos bernicianos, e o matou. Assim, Edwin foi estabelecido rei de Northumbria, de Deira e de Bernicia, e, à morte de Redwaldo, mais tarde, recebeu vassalagem do Este Inglês.

Edwin, àquela repentina reviravolta, admirava-se: cumpria-se totalmente as predições do misterioso homem (1) que com êle longamente conversara naquela noite escura, quando se sentara, desalentado, diante do palácio de Redwaldo.

Casado, Edwin enviuvou. Pediu, então, a mão de Eteburga, irmã de Eadbald, rei de Kent, que mandou dizer ao monarca de Northumbria, de Deira, de Bernicia e que recebia vassalagem do Este Inglês, que uma virgem cristã não poderia casar-se com um pagão.

Edwin prometeu tãda a liberdade a Eteburga, caso se dignasse desposá-lo, liberdade total para praticar a religião que professava. Diante disto, Eadbald consentiu no casamento, e Eteburga partiu, acompanhada de Paulino, como tivemos oportunidade de ver aos 10 de outubro, tratando dêste santo bispo, que, todavia, melhor se verá aos 10 de novembro.

Edwin hesitava entre converter-se à religião da espôsa ou permanecer como até então vivera: um dia,

(1) Beda, o Venerável diz ter sido um espírito.

o bispo Paulino, aproximando-se dêle, pôs-lhe a mão na cabeça e lhe perguntou:

— Lembras-te dêste sinal?

Emocionadíssimo, o rei emudeceu de espanto. E ouviu o santo bispo dizer-lhe que Deus o poupara para o bem da própria alma, para levá-lo ao cristianismo e, finalmente, um dia, a Êle, na glória. Havia que adotar a religião da boa espôsa, se quisesse reinar com Deus eternamente.

Tendo aceito submissamente a religião cristã, foi Edwin instruído nas verdades da fé. E os nobres da côrte e muitos homens do povo, imitando-o, também abraçaram o mesmo credo, sendo batizados.

Assassinado por Penda de Mércia, aos 12 de outubro de 633, Santo Edwin reinou por dezessete anos, sendo que dez sob a bandeira de Cristo. Paulino, recolhendo Etelburga e os filhos, pô-los em segurança em Kent, todos, na fuga, bondosamente protegidos pelo conde Bass, guerreiro desassombrado e piedoso cristão.

Santo Edwin, honrado como mártir, teve a cabeça levada para São Pedro de York, cidade que o tem como padroeiro, juntamente com Nossa Senhora.

No mesmo dia em que se festeja a Rainha e Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, festejam-se também, em Roma, os santos mártires Evágrio, Prisciano e seus companheiros.

Na África, os santos confessores e mártires que, durante a perseguição dos vândalos, sob Hunerico, rei ariano, foram mortos pela fé: quatro mil novecentos e sessenta e seis almas que agora gozam do Paraíso. Havia, entre os santos confessores e már-

tires, bispos, sacerdotes e diáconos, aos quais se tinham juntado um grande número de cristãos de tôdas as condições: foram todos expulsos da pátria por defenderem a verdade católica, e levados para o exílio através dum pavoroso deserto. Em caminho, os mouros que os escoltavam, a fim de fazê-los andar mais apressadamente, a uns espetavam com as azagaias, a outros feriam com pedradas. A muitos, amarraram-nos pelos pés, e os arrastaram, como se fôsem coisas, pelos caminhos ásperos e acidentados, assim lhes dilacerando todo o corpo. Afinal, depois de terem sofrido muitos tormentos, todos mereceram a coroa do martírio. Os que mais se destacaram foram os bispos Félix e Cipriano.

Em Ravenna, na estrada de Loreto, a morte de Santo Edístio, mártir. Edístio, Hedisto, Hedesto, Aristo ou Orestes, no tempo de Nero, foi batizado por São Pedro, tendo sido morto pela fé.

Na Lícia, Santa Donina, mártir, sob o imperador Diocleciano. Depois de ter passado por diversos suplicios — nervos, ferro em brasa, chicote, contorsão dos membros — foi levada ao cárcere, onde expirou.

Em Cilli, na Panônia, São Maximiano, bispo de Lorch, que muitos dizem ter sido o apóstolo da Nórlica.

Em York, na Inglaterra, São Valfredo, bispo e confessor, falecido em 709, ou Wilfredo.

Em Milão, São Monas, bispo: no momento em que se tratava da eleição dum bispo, São Monas apareceu envolto em grande luminosidade; por êste sinal, foi escolhido como pontífice daquela Igreja, pelo ano de 300.

Em Verona, São Salvino, bispo. É São Salvino, nomeado a 12 de setembro.

Na Síria, Santo Eustáquio, padre e confessor.

Em Áscoli Piceno, São Serafim, confessor, da ordem dos Irmãos Menores Capuchinhos, notável pela santidade de vida e humildade. Inscrito no Catálogo dos Santos pelo papa Clemente XIII. Faleceu em 1604.

Em Bourges, Santo Opílio, sacerdote.

Em Roma, Santa Teodósia, mártir.

Em Lodi, São Juliano, bispo.

Em Colônia, São Pântalo, bispo de Bale.

Festa de Santo Opílio, diácono, venerado na igreja de Santo Antonino.

Na Irlanda, São Fiacc, abade-bispo, entre 450 e 700.

Festa de Santa Exupéria, virgem e mártir. Conta-se que Exupéria era irmã dum jovem castelão chamado Claro. Claro queria casá-la com um vizinho, Helídio, para pôr fim às lutas de família, que vinham de longos anos. A jovem, porém, votara a Deus a virgindade, e, quando soube do plano do irmão, fugiu. Procurada por Claro e por Helídio, foi descoberta. Como se negasse, enfaticamente, a casar-se, dizendo que preferia morrer, mataram-na no mesmo instante. A Santa, como outros mártires que já tivemos oportunidade de ver, tomou nas mãos a cabeça e deixou o local do martírio, estacando, longe, ao pé duma fonte, a qual, depois, recebeu o nome de Santa Exupéria.

Em Mortara, os santos mártires Amigo e Amilo, cuja legenda é de origem obscura e os situa sob Carlos Magno.

Em Pavia, São Redobaldo, bispo, falecido em 1254, depois de vinte e quatro anos de episcopado.

13.º DIA DE OUTUBRO

SÃO GERALDO

Conde de Aurillac

Geraldo nasceu em Aurillac, cidade da alta Auvergne, cêrca do ano de 855. Geraldo, conde de Aurillac, seu pai, e a condêssa Adaltrudes, sua mãe, eram ainda mais recomendáveis pela piedade do que pela nobreza. Havia na família dois illustres santos, ou sejam: São Cesário de Arles, e Santo Irier ou Are dius, e era êsse o título de nobreza de que mais se orgulhavam seus descendentes. Como o filho deveria suceder à dignidade do pai, mandaram ministrar-lhe a educação comum à nobreza: aprender a ler o bastante para recitar o saltério, conduzir matilhas de cães à caça, atirar ao arco e lançar o falcão. Aprove a Deus que durante muito tempo Geraldo fôsse bastante doentio para não lhe ser possível dedicar-se aos exercícios da época, mas não tanto que o impedisse de estudar. Por isso seus pais resolveram que se consagrasse mais particularmente às letras para assim fazê-lo ingressar no clero. Aprendeu não apenas canto, mas também gramática, o que muito serviu para estimular seus pendores naturais. Ao atingir a adolescência, sua saúde consolidou-se; tornou-se tão ágil que saltava fâcilmente por cima de um cavalo.

Destacava-se nos exercícios militares, mas continuava a amar o estudo; as Escrituras Sagradas tornaram-se-lhe tão familiares como a poucos clérigos. Tendo o pai falecido, foi obrigado, muito jovem ainda, a governar o domínio na qualidade de conde. Nem por isso se tornou mais orgulhoso, como frequentemente acontece. O dever levava-o a ocupar-se de negócios temporais, mas sentia-se cada vez mais atraído pela meditação das coisas divinas. Meigo e pacífico, a vingar-se preferia sofrer o mal que lhe faziam. Porém, demonstraram-lhe que tanta indulgência prejudicava o povo, exposto às incursões e à pilhagem. Então, pôs-se a imaginar um meio de proteger os órfãos, as viúvas, e os habitantes do campo. O amor aos pobres fêz dêle um militar. Sempre disposto a perdoar e a aceitar a paz, lutou por diversas vezes e sempre derrotou os inimigos renitentes. Tal era o jovem conde de Aurillac.

Despeitado por ver tantas virtudes reunidas num jovem, e, sobretudo, com a sua grande pureza, o inimigo do bem armou-lhe uma cilada, onde quase caiu. Tendo um dia detido o olhar numa jovem escrava que lhe pertencia, Geraldo enamorou-se da sua rara beleza; num primeiro impulso de paixão, mandou dizer à mãe da rapariga que iria visitá-la à noite. Foi, efetivamente; mas, em caminho, rogava a Deus que não o deixasse succumbir à tentação. A môça e seu pai permaneciam junto ao fogo, pois estava-se no rigor do inverno. O jovem conde achou-a tão disforme que julgou à princípio que fôsse outra pessoa. Ao ouvir o pai afirmar que era a mesma môça, Geraldo viu naquele fato uma advertência do céu, tornou a montar precipitadamente no cavalo, dando graças a Deus, e permaneceu durante a noite inteira exposto

ao fric intenso, a fim de punir-se, e extinguir os ardores da concupiscência.

Mal retornou à casa, o jovem conde tomou precauções para fugir àquela situação delicada. Assim sendo, libertou a jovem escrava e ordenou a seus pais que a casassem imediatamente. Algum tempo depois, Geraldo perdeu o uso dos olhos e permaneceu cego durante mais de um ano. Aceitou a provação como um castigo com o qual Deus o punia pelos olhares criminosos que lançara à jovem escrava.

Tendo recobrado a vista, Geraldo ainda se tornou mais fervoroso e só se preocupou com os exercícios de piedade compatíveis com seu estado. Na intenção de afastá-lo do rei da França, Guilherme, o Indulgente, duque da Aquitânia, ofereceu-lhe sua irmã em casamento. O conde de Aurillac permaneceu fiel ao rei da França, agradeceu a honrosa proposta ao duque, sem deixar por isso de continuar a ser um de seus amigos mais íntimos. Decidira conservar-se solteiro, a fim de mais livremente se entregar à prática das boas obras. Quando lhe afirmavam que devia dar herdeiros à sua ilustre família, respondia que mais valia morrer sem filhos do que deixar maus filhos. Torncu-se particularmente estimado por causa da sua caridade para com os pobres, do seu amor pela castidade, do seu zêlo em relação à justiça que, às vêzes, beirava o escrúpulo. Fêz, no mínimo, sete peregrinações a Roma, desejoso de reverenciar o túmulo dos santos apóstolos; e nunca se apresentava de mãos vazias; pois pagava à Igreja de São Pedro um tributo anual dos seus bens.

Dava um sem número de esmolos; não mandava embora um único pobre; às vêzes ordenava que arrumassem mesas para os indigentes e assistia à distri-

buição do alimento, a fim de certificar-se da qualidade da comida fornecida, chegando ao ponto de experimentá-la. Seus oficiais conservavam pronto, sempre, um prato que êle mesmo servia aos pobres. Além dos que apareciam à última hora, costumava alimentar um determinado número de mendigos. Contudo, vivia muito frugalmente. Nunca ceava, contentando-se à noite, e em certos dias de estio, com uma ligeira colação. Ao jantar, sua mesa era bem servida, e convidava pessoas cultas e piedosas para participarem da refeição, e com as quais se entretinha à respeito da leitura feita em voz alta enquanto comiam. Era de estatura média, mas bem proporcionado, com uma fisionomia atraente, e uma palestra que não o era menos. Quando um dos convivas levava um gracejo um pouco longe, admoestava-o polidamente em tom de brincadeira. Ocupava-se durante o resto do dia com a administração de seus negócios, com resolver contendas, dar instrução aos seus subordinados, visitar hospitais, ler as Sagradas Escrituras. Jejuava três vêzes por semana; e se acontecia haver uma festa no seu dia de jejum, transferia-o para outro e antecipava no sábado o do domingo. Não usava sêda, nem tecidos preciosos, em qualquer ocasião que fôsse; suas roupas eram sempre simples e modestas.

Reproduzimos algumas passagens da sua vida. Certo dia, quando voltava de Roma, acampou perto de Pavia. Alguns mercadores de Veneza vieram oferecer-lhe tecidos preciosos. Respondeu-lhes que já fizera suas compras em Roma, mas que ficaria muito satisfeito caso se certificasse de que fizera bom negócio. Entre os tecidos que mostrou aos mercadores, havia um que êstes garantiram poderia ser

vendido por preço bem mais alto em Constantinopla. Imediatamente o piedoso fidalgo foi assaltado por escrúpulos e pediu a um de seus amigos que entregasse ao mercador de Roma o excedente do preço já pago, de acôrdo com a avaliação do mercador de Veneza.

Durante a mesma viagem, seus servos descobriram um dos escravos fugidos da propriedade de Geraldo e que era considerado um indivíduo de importância na nova pátria por êle adotada. Levaram-no, pálido e trêmulo, à presença do conde e êste, interrogando-o, ficou sabendo que ocupava uma bela posição naquele lugar. Disse-lhe, então: "Não quero prejudicar-vos". E proibiu aos criados contarem a quem quer que fôsse o passado do ex-escravo. Ao mesmo tempo, à vista dos vizinhos, fêz-lhes alguns presentes e designou-lhe um lugar de destaque na mesa.

Outra vez, ao atravessar um campo, avista uma mulher dirigindo a charrua. Aproxima-se e indaga-lhe porque está fazendo o trabalho de um homem. Ela responde que a necessidade a obriga a isso, pois seu marido se encontrava doente, havia bastante tempo, e o tempo da sementeira já passara. Imediatamente êle lhe dá o dinheiro necessário para contratar um homem que terminasse em seu lugar aquêle trabalho.

Certo dia, os criados lhe prepararam a refeição sob a cerejeira de um camponês. Como as cerejas estavam maduras, quebraram os ramos mais baixos. O camponês queixou-se e o conde pagou-lhe mais do que o valor do prejuízo. Durante uma viagem, viu seus criados comendo ervilhas, depois de terem atravessado o campo de um camponês ocupado com a co-

lheita. Imediatamente orienta o cavalo na direção do homem e pergunta-lhe se os criados lhe haviam tirado alguma coisa. "Não, senhor, eu mesmo dei", responde o camponês. "Possa Deus recompensar-vos", responde Geraldo. Outra vez, deu com vários camponeses que abandonavam seus domínios para instalarem-se noutra província. Perguntou-lhes porque assim procediam. Apresentaram como razão terem sido prejudicados pelo conde, enquanto, êles, camponeses, só o tinham favorecido. Os soldados da escolta de Geraldo incitaram-no a que mandasse açoitar aquela gente e depois a obrigasse a voltar para as suas choupanas. Lembrando-se, porém, de que tanto êle como os camponeses tinham no céu o mesmo senhor, permitiu-lhes instalarem-se onde lhes aprouvesse.

Aplicava a justiça aos criminosos, mas acompanhada de piedade. Havia salteadores que infestavam uma floresta e roubavam os viandantes, chegando, mesmo a matá-los. Geraldo enviou uma tropa de soldados que capturaram os bandidos e, juntamente com êles, um camponês que a contragosto os acompanhava. Receando que Geraldo perdoasse os criminosos, os soldados vasaram os olhos de todos êles, inclusive os do camponês. Tempos depois, chegando aos ouvidos do conde que o infeliz homem não era cúmplice dos salteadores, lamentou muito o ocorrido e, informado de que êle se encontrava na região de Toulouse, mandou pedir-lhe perdão, enviando-lhe ao mesmo tempo cem moedas de prata.

Certo dia, apresentaram-lhe dois criminosos carregados de cadeias. Os que os acusavam, pediam que fôsem enforcados sem demora. O compassivo conde, na intenção de salvar as vidas dos desgraça-

dos, disse aos acusadores: "Bem, se vão morrer, precisam comer, primeiro, de acôrdo com o provérbio". E mandou-lhes dar de comer e beber, depois de tê-los desembaraçados das cadeias. Assim que os viu restaurados, entregou-lhes uma faca, dizendo: "Ide à floresta vizinha e trazei as cordas com que sereis enforcados". Os homens apressaram-se em internar-se pela floresta a dentro e assim escaparam à morte; pois os presentes, percebendo a intenção do conde, não ousaram perseguí-los. Em geral, o bom Geraldo, como era habitualmente chamado, só castigava os malfeitores contumazes e profissionais, e de boa vontade perdoava aos outros. Quanto às incursões de estrangeiros, tão bem soube coibi-las com a sua vigilância, as suas vitórias, a sua clemência e generosidade para com os vencidos, e, sobretudo, pela sua reputação de justiça e santidade, que a paz reinou em tôdas as suas terras; nem mesmo havia comandantes em seus castelos, exceto em um, que ficava muito afastado dos outros, e estava rodeado de maus vizinhos.

Era assim, naqueles séculos tão difamados, que o conde de Aurillac vivia e governava seus domínios. Apesar disso, nunca achava que trabalhava suficientemente para Deus no meio da confusão gerada por seus encargos, e quis renunciar a tudo aquilo para abraçar a vida monástica. Mas, como desconfiasse de suas próprias luzes, chamou o amigo, Santo Gausberto, Bispo de Cahors, e mais algumas pessoas altamente recomendáveis, e assim lhes falou confidencialmente: "Estava desgostoso com a sua vida atual e desejava vestir o hábito religioso; tencionava ir para Roma e legar seus domínios por testamento ao bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos". De-

pois de ter maduramente estudado o assunto, São Gausberto disse-lhe que poderia entregar seus bens a São Pedro, se assim o quisesse, mas que prestaria maiores serviços à religião, caso continuasse a viver no mundo da maneira edificante por que vivia; que assim o seu exemplo seria mais eficaz, e que um senhor que tão bem usava a sua autoridade, tinha maiores merecimentos e poderia atrair mais glória para Deus do que o mais austero solitário.

Geraldo aceitou aquêlê sábio conselho; porém, sem abandonar o mundo, encontrou meio de observar quase tôdas as práticas da vida monástica, sujeitando-se a jejuns, orando, e recitando todos os dias o saltério. Só lhe faltava o hábito de monge: procurou suprir essa carência. Vestia-se modestamente e mandou fazer na cabeça uma pequena coroa, que tinha o cuidado de ocultar sob os cabelos. Não mandou raspar inteiramente a barba, como faziam os monges, mas usava-a menos longa do que os leigos. Também deixou de levar a espada consigo, contentando-se, quando saía, com mandar que a carregassem à sua frente. Enfim, desejoso de possuir um retiro, onde pudesse de tempos em tempos, recolher-se para subtrair-se aos negócios temporais, mandou construir um mosteiro em Aurillac. Mas era tão alta a sua idéia da perfeição religiosa, que custou muito para encontrar monges bastante fervorosos para habitarem a nova casa. Costumava dizer que um monge perfeito era semelhante aos anjos fiéis, e que um monge mau se parecia com os anjos apóstatas. Fêz, durante a sua vida, e a contragosto, um grande número de milagres; a água com que lavava as mãos, e que seus criados ocultamente entregavam a doentes, restituiu

vista a sete cegos, fato, entre outros, mencionado na sua biografia.

O próprio conde Geraldo perdeu o uso dos olhos vários anos antes de falecer e aproveitou a provação como meio de preparar-se para a morte com redobrado fervor. Libertara grande número de escravos no decurso da vida; muitos dêles, porém, tinham preferido permanecer a seu serviço. No seu testamento deu a liberdade e mais cem escravos, e legou as melhores terras ao mosteiro de Aurillac, ao redor do qual se formou depois a cidade do mesmo nome. Ao sentir que o fim se aproximava, mandou pedir a Amblard, ou melhor Adalardo, Bispo de Clermont, que viesse vê-lo; pois Aurillac então pertencia à diocese de Clermont.

Enquanto permaneceu enfêrmo, Geraldo mandava que o levassem diariamente à igreja, onde primeiro ouvia a missa do dia; em seguida, mandava dizer em sua intenção uma missa pelos mortos. Na manhã de sexta-feira, 13 de outubro, sentiu-se mal e pediu a seus capelães que oficiassem no quarto; depois de terem sido cantadas as completas, fêz o sinal da cruz e pronunciou as palavras que compõem a recomendação da alma, palavras que constantemente tinha na bôca: *Subvenite sancti Dei*. Depois, fechou os olhos e permaneceu em silêncio; acreditaram que fôsse expirar. Por isso, apressaram-se em chamar o Bispo Adalardo para assisti-lo, enquanto um padre imediatamente começou a celebrar a missa, a fim de dar-lhe a comunhão, o que demonstra que naquele lugar não costumavam guardar hóstias consagradas para o viático dos agonizantes, como tantas vêzes fôra ordenado.

Quando o sacerdote terminou de dizer a missa, trouxeram o santo viático ao doente, que já parecia morto; porém, assim que a êle se dirigiram, abriu os olhos, recebeu o sacramento com grande piedade e expirou suavemente pouco depois. Assim morreu Geraldo em Cezenac, na sexta-feira, dia 13 de outubro do ano de 909. Seu corpo foi transportado para Aurillac, tal como determinara, e sepultado junto ao altar de São Pedro, na igreja do mosteiro que mandara edificar. Deus permitira que a virtude de seu servo resplandesse, enquanto vivera, através de um grande número de milagres; e os que foram operados por sua intercessão, depois de morto, tornaram famosos seu culto e seu túmulo. A vida de São Geraldo foi narrada em quatro livros por Santo Odon, abade de Clugni, a pedido de pessoas que tinham convivido com o santo conde. (1) A obra é dedicada a Aimon, abade de São Martial, de Limoges, irmão de Turpião, bispo da mesma cidade. O mosteiro de Aurillac subsistiu até há pouco tempo.

* * *

(1) Acta SS., 13 octob.

SÃO COLMANO (*)

M á r t i r

Depois da época merovíngia, monges irlandeses entraram a peregrinar, "pelo amor de Deus", como diziam, ou "para a cura da alma", ou, ainda, "para ganhar a pátria dos céus".

São Colmano, monge, nasceu na Irlanda. Querem alguns que na Escócia. Tendo deixado o mosteiro, dirigiu-se a Jerusalém. Depois de áspera caminhada, tendo passado por duras provas, antes de alcançar a meta final, terminou os dias: tomado por espião, prenderam-no. E, sem que se fizesse qualquer coisa para averiguar a verdade, enforcaram-no aos 17 de julho de 1012, em Stockerau, perto de Viena, às margens do Danúbio.

A 13 de outubro de 1014, transferiram-lhe o corpo para Melk, onde o imperador Henrique II lhe erigiu uma tumba magnífica.

No mesmo dia, na Inglaterra, Santo Eduardo, o Confessor, rei da Inglaterra, que faleceu no dia 5 de janeiro e cuja festa é celebrada no dia de hoje, data que lhe assinala a translação do corpo (1066).

Perto de Trôade, cidade da Ásia Menor, a morte de São Carpo, discípulo do bem-aventurado Paulo apóstolo, no 1.º século: "Apressa-te a vir ter comigo. Demas abandonou-me por amor dêste século, e foi para Tessalônica; Crescente (foi) para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Só Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, porque me é útil para o ministério (evangélico). Tíquico enviei-o a Éfeso. Quando vieres, traze contigo a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos" (II Tim., 4, 8-13).

Em Córdova, na Espanha, a morte dos santos Fausto, Januário e Marçal: atormentados primeiramente com o suplício do cavalete, tiveram as sobranças arrancadas, os dentes quebrados, as orelhas e o nariz cortados; consumindo o martírio pelo fogo, mereceram a coroa gloriosa dos mártires.

Na Tessalônica, São Florêncio, mártir, que, depois de inúmeros tormentos, foi consumido pelo fogo.

Em Tours, São Venâncio, abade e confessor, no século V.

Em Antioquia, São Teófilo, bispo: foi o sexto a ocupar aquela sede, depois do bem-aventurado Pedro, apóstolo. Faleceu depois de 180.

Perto de Subiaco, no Lácio, Santa Celidônia, virgem, no século XII. Santa Celidônia é a principal padroeira de Subiaco. Foi célebre pelos milagres que operou, tanto quando em vida como depois de morta.

Em Dietkirchen, na diocese de Tréveris, São Lubêncio, padre, no século IV.

Festa de São Rômulo, bispo de Gênova (século V).

Em Salagnac, na diocese de Limoges, São Leobon, ermitão (século VI?).

Em Cambrai, São Bertoaldo, bispo, falecido depois de 627.

Na Escócia, São Comgan, abade, no século VIII. São Comgan era filho dum rei de Leinster — Irlanda do Centro-Este — e irmão de Santa Kentigerna, mãe de São Fillan.

Em Augsburgo, São Simperto, bispo, falecido em 807.

Na Calábria, São Lucas, abade basiliano. Nascido na Sicília, fêz-se monge sob São Sabas, o Jovem. Da Sicília, passou para a Calábria, ficando sob Santo Elias, o Speleota. Obrigado a emigrar, quando da invasão sarracena, para Nora, mais tarde fundou o mosteiro de Santo Elias *del Carbone*. Faleceu em 993 (?).

Na Renânia, o bem-aventurado Regimbaldo, bispo, que viveu na época chamada da *anarquia feudal*. Faleceu em 1039.

* * *

14.º DIA DE OUTUBRO

SÃO DOMINGOS

Ô *Couraçado*

Domingos é cognominado o *Couraçado*, por causa de uma couraça de ferro que usava constantemente por penitência. Já era clérigo quando seus pais deram qualquer coisa ao bispo, uma pele de bode, para que o ordenasse sacerdote; êsse pecado foi a causa da sua conversão, pois de tal modo o aterrorizou, que resolveu abandonar o mundo e fazer-se monge, depois ermitão, juntamente com Pedro Damião, num lugar chamado Luceola, na Úmbria, onde se colocou sob a direção de um santo homem chamado João Montefeltro; e por ter sido condenado por simonia, absteve-se durante a vida inteira do serviço do altar. Conservou a virgindade e praticou de modo particular as austeridades corporais.

Os ermitas de Luceola ocupavam dezoito celas, e sua regra proibia-os de beber vinho, e usar qualquer espécie de gordura para temperar a comida; também ordenavam que comessem alimentos cozidos no domingo e na quinta-feira, que jejuassem a pão e água nos cinco outros dias e se entretivessem continuamente com a oração e o trabalho manual. Todos os bens da comunidade se resumiam num cavalo ou num

burro para transportar os víveres. Observavam o silêncio durante a semana inteira e só falavam no domingo, entre as vésperas e as completas. Conservavam, nas celas, os pés e as pernas nuas. Com o consentimento do prior, Domingos colocou-se sob a direção de Pedro Damião, e instalou-se numa cela próxima da sua, de maneira a apenas a igreja permanecer entre ambos. Usou sôbre a carne, durante uma porção de anos, uma camisa de malhas de ferro, que só tirava para aplicar-se a disciplina; mas não se passava um dia em que não cantasse dois saltérios, flagelando-se com ambas as mãos com feixes de varas; e isso, quando procedia com menos rigor, pois, durante a quaresma, ou quando fazia penitência por alguém, recitava no mínimo três saltérios por dia, fustigando-se da mesma maneira. Muitas vêzes recitava dois saltérios, um depois do outro, aplicando-se continuamente a disciplina, e permanecendo sempre de pé, sem se sentar, nem cessar um só momento de flagelar-se.

Tendo o Padre Damião lhe perguntado, certo dia, se conseguia fazer genuflexões com a couraça, respondeu: "Quando estou bem de saúde, faço cem genuflexões de quinze em quinze salmos, isto é, mil enquanto recito o saltério". Uma tarde, Domingos foi procurar o mestre, com o rosto todo marcado pelas varas e disse-lhe: "Mestre, fiz hoje uma coisa que penso que ninguém ainda fêz: recitei oito saltérios no espaço de um dia e de uma noite". É verdade que, para dizer mais depressa o saltério, êle confessava que não articulava distintamente os salmos, contentando-se em recitar-lhes as palavras na mente; para recitá-los com essa rapidez, precisava, segundo dizia, conservar-se muito atento. Permaneceu algum

tempo afastado do seu diretor e tendo êste depois indagado sôbre a sua maneira de viver, respondeu-lhe que vivia como homem carnal, pois aos domingos e quintas relaxava a abstinência. "Como, comes ovos ou queijo?" "Deixo-os para os doentes". Finalmente confessou que aquêlê relaxamento consistia em comer funchos com pão, como é costume na Itália.

Tendo sabido que Pedro Damião havia escrito que êle recitara num só dia nove saltérios, disciplinando-se, admirou-se, e quis repetir a experiência. Despiu-se, pois, numa têrça-feira, e tendo empunhado as varas com ambas as mãos, não cessou a noite inteira de recitar os salmos, fustigando-se; de maneira que no dia seguinte já recitara doze saltérios e uma parte do décimo-terceiro, até o salmo trinta e um. A seu exemplo, o uso da disciplina tão bem se firmou na região, que não apenas os homens, mas até as mulheres da nobreza não tardaram em adotá-lo. E o exemplo de Domingos era inspirado no de São Paulo; pois, quando o Apóstolo dissera: "Castigo o meu corpo", era, de acôrdo com a fôrça da expressão original, como se houvesse dito: "Maltrato o meu corpo, deixo-o marcado de pancadas." Domingos encontrou um dia um documento que afirmava o seguinte, isto é, se alguém recitasse noventa e duas vêzes os salmos nêle assinalados, conservando os braços erguidos em cruz, isso valeria por um ano de penitência. Imediatamente, pôs o sistema em prática e recitava todos os dias doze salmos com os braços em cruz, oitenta vêzes seguidas, sem descanso. E, ao recitar o saltério, não se contentava com cento e cinqüenta salmos; a êles acrescentava um cântico, os hinos, o símbolo de Santo Atanásio, e também as

litanias que são encontradas no fim dos antigos sal-térios.

Alguns anos antes de sua morte, achando que as tiras de couro maltratavam mais do que as varas, acostumou-se a delas se servir, e quando saía, levava consigo um chicote para disciplinar-se no lugar onde passasse a noite. Se não encontrava oportunidade para despír-se completamente, batia pelo menos nas pernas, nas coxas, na cabeça e no pescoço; pois, embora andasse descalço, seu hábito só lhe chegava pelo meio das pernas, enquanto os dos outros eremitas iam até o chão a fim de protegê-los do frio. Os jejuns e o pêso da sua cota de malha tinham-lhe deixado a pele escura como a de um negro. Usava também quatro círculos de ferro, sendo dois nas coxas e dois nas pernas; e mais tarde a êles acrescentou mais quatro. Essa terrível penitência não o impediu de chegar à extrema velhice, e, por ocasião da sua morte, viram que, além da camisa de malha que usava habitualmente, havia outra estendida embaixo do corpo, que lhe servia de lençol. Morreu em 1062, no dia 14 de outubro, dia em que a Igreja honra a sua memória. Enterraram-no primeiro na sua cela, receosos de que os monges da vizinhança lhe roubassem o corpo; mais tarde, porém, Pedro Damião mandou trasladar-lhe honrosamente o corpo para o capítulo, e êle foi encontrado intacto, embora já tivessem decorridos nove dias depois da sua morte. (1)

* * *

(1) *Acta SS.*, 13 oct. *Act. Bened.*, sect 6, pars. 2.

SÃO COSMAS (*)

Bispo de Maiúma

Cosmas, órfão quando ainda jazia em tenra idade, foi adotado por Sérgio Mansur, pai de João de Damasco. Ambos os dois, Cosmas e João, tiveram o mesmo preceptor, um monge italiano, que tinha sido prisioneiro dos sarracenos e também se chamava Cosmas.

A narrativa da vida de São Cosmas é duvidosa, quanto à autenticidade de certos fatos. O que é certo é que o Santo foi monge do mosteiro de São Sabas, que ficava entre Jerusalém e o Mar Morto. Em 743, era bispo de Maiúma.

Poeta, prosador, teólogo seguro, a sólida doutrina preservou-lhe as obras de tôdas as imprecisões teológicas.

Veremos, traduzindo livremente, algumas das suas poesias:

Para a Quinta-Feira Santa

Matinas

Cânion do Monge Cosmas

Ode IX

“Ide,
disse o Verbo aos discípulos,

preparai,
na sala superior,
a Páscoa que fortalecerá
a alma dos que iniciem
na palavra ázima da verdade,
e exaltai o poder da caridade”.

“O Pai me engendrou
antes dos séculos,
a mim,
a Sabedoria Criadora,
e me estabeleceu como príncipe
dos seus caminhos,
para as obras que,
presentemente,
misteriosamente se cumprirão.
Verbo encarnado
pela natureza,
tomei a língua daquele que assumi”.

“Assim como sou homem,
em realidade,
não na aparência,
assim a natureza,
que me une,
é Deus,
pelo fato desta mudança.
Reconhecei,
em mim,
o Cristo,
o que salva aqueles dos quais nasceu,
porque nasci,
e, pois,
tomei a natureza”.

*Para a Sexta-Feira Santa**Ode IX*

“A tropa criminosa dos inimigos
de Cristo,
perversa,
assembléia de deicidas,
eleva-se contra Vós,
ó Cristo,
e porá cadeias,
como a um malfeitor,
ao Criador de tôdas as ccisas.
Nós Vos exaltaremos”.

“Ignorando a lei
e os oráculos dos profetas,
os ímpios,
levados por vãos pensamentos,
prenderam-Vos,
como a um cordeiro,
para serdes injustamente imolado,
ó Mestre de tôdas as coisas.
Nós Vos exaltaremos”.

“Atacados pela maldade,
que os devia matar,
os sacerdotes,
com os judeus,
atiraram aos gentios,
para ser elevado na cruz,
a Vida,
a Vida que,
naturalmente,
vivifica.
Nós a exaltaremos”.

"Rodearam-Vos,
 ó Rei,
 como cães danados,
 e Vos bateram nas faces.
 Interrogaram-Vos,
 lançaram-Vos falsos tēstemunhos.
 E Vós,
 a tudo suportando,
 salvastes a todos os homens —
 todos".

Para a Exaltação da Santa Cruz

Cânon

Poema de Cosmas

Ode V

"Foi sôbre vós,
 ó madeiro,
 digno de todos os cantares,
 que o Cristo foi estendido.
 Fôstes vós,
 ó cruz,
 que protegestes a espada brandida pelo guarda
 [do Éden.

Mas o exército,
 formidável,
 de querubins,
 retirou-se diante do Cristo,
 que sôbre vós foi pregado,
 do Cristo que procura a pãz,
 a paz para as nossas almas".

“Os poderes infernais,
adversários da cruz,
tremem
à vista dêste sinal desenhado
nos ares,
onde caminham.

Mas a raça dos cidadãos dos céus,
dobraram os joelhos diante do
Cristo que procura a paz,
a paz para as nossas almas”.

“Aparecendo,
com esplendor incomparável,
às nações
mergulhadas nas trevas,
desviadas,
embebidas no êrro,
ao esplendor a divina luz,
a cruz divina leva-as para
Cristo,
que foi pregado sôbre ela,
o Cristo que procura a paz,
a paz para as nossas almas”.

As obras de São Cosmas, que faleceu em 760, jazem dispersas pelos livros litúrgicos da Igreja bizantina.

Conhecido como Cosmas, o Melodioso ou Cosmas, o Jovem, é como Cosmas, o Monge que mais comumente aparece nos citados livros litúrgicos.

SÃO JUSTO (*)

Bispo de Lião

São Justo foi santo deveras popular. Conta-se dêle, que, certo dia, um homem foi tomado por furioso acesso de loucura, e, puxando da espada, na rua, entrou a desferir golpes tremendos, a torto e a direito, naqueles que passavam, matando uns, ferindo outros.

Quando procuraram os transeuntes, concertado um plano, agarrá-lo, para o matar, o homem tornou à razão. E, defendendo-se como pôde, conseguiu escapar. Numa desabalada carreira, embarafustouse, com os perseguidores nos calcanhares, pelas ruas da cidade, e alcançou a igreja, onde entrou e se refugiou, depois de ter fechado a porta e corrido o ferrolho.

A turba não ousou forçá-la, já que a igreja era um sagrado asilo, mas, ia-se impacientando, exacerbando-se, até que alguém, gritando, aconselhando aos demais que pusessem fogo ao edifício, só se conteve a muito custo, à promessa do santo bispo, que apparecera, de que ia entregar o há pouco furioso homem às autoridades.

Assim, depois que um nobre, que fazia parte da multidão, jurou que não haviam de molestar o

indefeso, o infeliz deixou a igreja, escoltado, e foi encaminhado à prisão. Logo, porém, caíram sobre êle, e o mataram.

São Justo sentiu-se confundido, atarantado. E, atribuindo-se tôda a responsabilidade daquele massacre, acabou por se julgar indigno do cargo que ocupava. Deixou, assim, de exercer as funções episcopais.

Acompanhado dum leitor de sua Igreja, chamado Viator, dirigiu-se para a praia, e, num lugar que ficava entre Arles e Marselha, embarcou num navio, que o levou para o Egito.

Incógnito, buscou os desertos, então povoados de monges, e levou vida das mais humildes e penitentes.

Um dia, um peregrino de Lião reconheceu-o. Justo estava macerado, acabado pelos jejuns, bem mais velho, mas foi prontamente identificado pelo lionês, que se lhe atirou aos pés, para grande surpresa dos demais companheiros do grande penitente humilde.

Como a um bispo haviam tratado tão familiarmente? Mortificavam-se assim, e procuravam penitenciar-se da grosseria. Justo, porém, boníssimo, triste com a perturbação dos religiosos, tentava convencê-los da inutilidade daquelas tribulações, mas foi em vão. Os solitários não se conformaram.

Quando, depois de muito tempo, sentiu-se próximo do fim, Justo chamou Viator, dizendo-lhe que se ia da terra.

Viator, a chorar, sussurrava:

— Por que te vais e me deixas sozinho?

São Justo sentiu pena do grande amigo. Consolou-o.

— Viator, disse, não tardará muito e me seguirás.

E assim foi. Morto São Justo, São Viator logo foi unir-se a êle na glória.

Os corpos dos dois santos foram levados para Lião pouco tempo depois da morte.

★ ★ ★

SÃO FORTUNATO (*)

Bispo

São Fortunato foi bispo de Todi e grande expulsador do demônio. São Gregório, o Grande, consagrou-lhe longo capítulo nos seus *Diálogos* famosos.

Conta êle que uma nobre dama da Toscana fôra, com a cunhada, convidada para a dedicação duma capela. À noite que precedia a cerimônia, a jovem não pôde evitar de ter relações com o espôso. No dia seguinte, de manhã, assaltou-a certos escrúpulos. Procurando abafá-los, acabou, não sem um incômodo nervosismo, por ir à festa, sentindo-se culpada e impura.

O santo padroeiro da capela era São Sebastião. Assim que as relíquias do mártir entraram no recinto sagrado, a cunhada da nobre dama toscana deu de ser torturada pelo espírito maligno, que se pôs a vexá-la, diante de todos os convidados. Inútilmente, o padre cobriu-a com a toalha do altar. Levaram-na, então, para casa, e chamaram vários mágicos, para livrá-la, mas tudo inútilmente.

Tomaram-na, pois, e conduziram-na a Fortunato, que a curou em poucos dias.

São Fortunato também curou um cego. A um cavalo furiosíssimo, tornou-o manso como o mais manso cordeiro.

Marcelo era um homem de bem, respeitadíssimo em Todi. Falecido num sábadó santo, o entêrro estava marcado para o dia seguinte. As irmãs do defunto, chorasas, doridas, inconformadas, foram procurar o santo bispo Fortunato. Disseram-lhe:

— Nós sabemos que és um novo apóstolo. Purificas os leprosos, dás vida aos olhos dos cegos. Vem, ressuscita nosso morto, por amor de Deus.

Fortunato respondeu:

— Ide, não digais tais coisas! Não vêdes que o que se passou é um decreto de Deus Todo-poderoso? Ninguém pode ir contra êle!

No dia seguinte, porém, o santo bispo apareceu na casa das duas irmãs que o haviam procurado e rogado pelo irmão. Pôs-se ao lado do cadáver e, baixinho, chamou-o pelo nome, brandamente:

— Marcelo, irmão Marcelo!

O morto mexeu-se. Vagarosamente abriu os olhos. E, dando com o bispo, exclamou, dèbilmente:

— Oh, que fizeste? Que fizeste?

Fortunato respondeu-lhe, perguntando:

— Que fiz eu?

E o ressuscitado:

— Ontem dois personagens extrairam-me do corpo e me levaram para bom lugar. Hoje, alguém me apareceu e disse: "Volta, porque o bispo Fortunato está em tua casa".

Marcelo viveu ainda muitos anos, e foi mais piedoso, mais reto do que havia sido, antes da morte.

Crê-se que São Fortunato faleceu em 542. Da tumba continuou a livrar possessos e a curar enfermos, aos bandos.

No mesmo dia, em Roma, na Via Aurélia, a morte do bem-aventurado Calisto I, papa e mártir: por ordem do imperador Alexandre, estêve longamente encarcerado e foi espancado diàriamente a bastonadas; afinal, atirado da janela do lugar onde se achava prêso, e precipitado num pôço, mereceu assim o triunfo do martírio, em 222, ao que se supõe.

Em Rímìni, São Gaudêncio, bispo e mártir (século III-IV?). Gaudêncio viera de Éfeso a Roma, por volta de 290, quando de Maximiano e Diocleciano. Consagrado pelo papa Dâmaso, entre 366 e 384, foi enviado a Rímìni. Lutou contra o conde Marciano, homem que negava enfàticamente a ressurreição.

Em Cesaréia da Palestina, os santos Carpônio, Evaristo e Prisciano, irmãos da bem-aventurada Fortunata. Degolados, como ela receberam a coroa do martírio.

Santa Fortunata, virgem e mártir, irmã dos mártires acima mencionados — Carpônio, Evaristo e Prisciano. Durante a perseguição de Diocleciano, depois de ter triunfado dos tormentos do cavalete e do fogo, do furcr dos animais ferozes e doutros suplícios, entregou a Deus a alma. Em seguida, teve o corpo transferido para Nápoles, na Campânia.

Em Virceburgo, na Germânia, São Burcardo primeiro bispo daquela cidade. Possivelmente anglosaxão de nascimento, fêz-se beneditino. Em 730, juntou-se a São Bonifácio, para evangelizar a Germânia. Pensa-se que tenha vivido, por uns tempos, em Fritzlar, que São Bonifácio fundou em Hesse. De volta duma viagem a Roma, a trigésima, o grande

apóstolo criou quatro bispados, em 739; na Francônia oriental a sede ficou estabelecida em Virceburgo; dela se encarregou Burcardo, que Bonifácio consagrou em 741. Falecido em 754, foi zeloso e aos homens "abriu o estreito caminho que leva ao reino dos céus".

Em Bruges, Flandres, São Donaciano, bispo de Reims, célebre pelos milagres e santidade de vida (século IV).

Festa de São Rústico, bispo (século VI).

Em Arpino, no Lácio, São Bernardo, confessor, que foi companheiro de Geraldo de Gallinaro (11 de agosto).

Em Córdova, os santos Lôbo e Aurélio.

Em Metz, São Celeste, bispo, falecido em 300.

Festa de Santa Manchilda, virgem, filha do conde de Perthes, Sigmar, e de Lintrudes (século V?).

Em Viena, Santo Agrato e São Castúrio, bispos.

Na diocese de Beauvais, Santa Angradema, abadessa, padroeira de Beauvais. Também conhecida como Angadrisma, teria nascido na diocese de Théroanne. O pai, que era referendário, ou guarda do selo, de Clotário III, contratou-lhe o casamento com Ansberto, filho de Siwin, senhor de Chaussy. Angradema, porém consagrara-se a Deus, e Ansberto desejava permanecer casto até o fim da vida. As famílias, todavia, a todo o transe, queriam o casamento. Deus, então, a Angradema cobriu de lepra, tanto a jovem lhe pedira que a livrasse das núpcias. Tanto mais a tratavam, tanto mais a doença progredia. Assim consentiram os pais em lhe dar liberdade. Viajando para Ruão, recebeu o véu do bispo Ouen.

Imediatamente ficou curada, tornando-se mais bela do que era. Em 660, recebeu o govêrno do *Oratório*, onde conjurou um incêndio, apondo-lhe as relíquias e Santo Ebrulfo ou Evrcsto. Faleceu em 695.

Em Trino, na Itália, a bem-aventurada Madalena Panattiere, terciária dominicana. Nascida em 1443, piedosa, caritativa, humilde e doce, faleceu em 1503.

★ ★ ★

15.º DIA DE OUTUBRO

SANTA TERESA

Fundadora das Carmelitas Descalças

“Sempre no céu, estás ouvindo, meu irmão, ou então sempre no inferno! Sempre, sempre!” Assim falava a seu irmãozinho uma menina que se tornou Santa Teresa. Liam juntos as vidas dos santos. Evocando a glória dos mártires, assaltou-a o ardente desejo de morrer como tinham morrido, a fim de gozar mais cedo a felicidade eterna. “Sempre! sempre!” diziam um ao outro. Nessa época ainda havia na Espanha mouros ou sarracenos. As duas crianças imaginaram que o processo mais curto seria irem para as terras ocupadas pelos infiéis, mendigando, a fim de perecer nas suas mãos. Com efeito, certo dia fugiram de casa e iniciaram a jornada. Oravam a Deus, enquanto caminhavam, pedindo-lhe que cada vez mais os penetrasse com o seu santo amor, e para que aceitasse o sacrifício de suas vidas. Um dos tios das crianças encontrou-as fora dos limites da cidade e levou-as de volta para a casa. Vendo que não lhes era possível chegar ao martírio, Teresa e seu irmão resolveram viver como eremitas, e improvisaram pequenos ermitérios no jardim. Teresa dava

tôdas as escolas que podia; mas seus recursos eram pequenos. Aos doze anos, por ocasião da morte de sua mãe, prosternou-se desfeita em lágrimas diante de uma imagem da Santa Virgem e suplicou-lhe que lhe servisse de mãe.

O fervor de Teresa amorteceu com a leitura de romances e com as conversas mantidas com uma parenta de espírito mundano. Seu pai, que era um excelente cristão, percebeu o fato, e resolveu interná-la por algum tempo num convento de religiosas. O bom exemplo despertou no coração da menina os primeiros sentimentos de piedade. Certas leituras piedosas, feitas por um de seus tios, santo homem, acresceram-lhe sensivelmente as boas disposições. Resolveu consagrar-se inteiramente a Deus e no ano de 1534 ingressou num mosteiro de Carmelitas. Foi provada por longas e pequenas moléstias, no meio das quais Deus a cumulou de inumeráveis graças. A Ordem do Carmo afastara-se da sua primitiva austeridade. Teresa recebeu a inspiração de levá-lo de volta à antiga regra. Por causa disso sofreu calúnias, perseguições e maus tratos. De tudo triunfou: sua reforma foi aplicada a um grande número de mosteiros, onde até os nossos dias produz incalculáveis frutos de santidade.

“Ou morrer, Senhor, ou sofrer, é tudo que vos imploro!” Era essa a prece de Santa Teresa. “Ou morrer para ver-vos, ou sofrer pelo vosso serviço”. Compreendia que, depois da felicidade de ver Deus, não há outra maior do que sofrer por êle. Meu Deus, como ainda estou longe dessa perfeição do vosso amor!

Santa Teresa, em obediência a uma ordem de seu pai espiritual, escreveu a sua própria vida. É

uma leitura das mais úteis e mais agradáveis às almas piedosas. Conta-nos, não apenas o que lhe aconteceu, as graças a ela concedidas por Deus, mas também nos ensina como devemos comportar-nos nas diversas fases da vida espiritual. Deus deu-lhe a graça de ver a santa humanidade de Nosso Senhor e os anjos bons. Também viu mais de uma vez os demônios que a atacavam.

“Estando um dia no oratório, relata ela, apareceu-me o demônio sob uma forma horrível; e, como falou comigo, observei, sobretudo, como era pavorosa a sua bôca. Dela saía uma grande chama sem mistura de sombra; e disse-me num tom que me fêz tremer, que eu me escapara de suas mãos, mas que saberia reaver-me. Senti-me tremendamente amedrontada; fiz o sinal da cruz como pude, e êle desapareceu; mas tornou a voltar logo depois e eu não sabia como proceder; enfim, atirei água benta no lugar em que se encontrava e nunca mais êle retornou àquele mesmo lugar. Outra vez, atormentou-me durante cinco horas, com sofrimentos e dores tanto interiores como exteriores, tão terríveis que acreditei não resistir-lhes por muito tempo. As pessoas com quem me encontrava ficaram assustadas e, tal como eu, não sabiam onde estavam. Tenho o costume, nessas ocasiões, de pedir a Deus do fundo do meu coração que, se lhe aprouver prolongar a provação, então me dê fôrças para suportá-la; ou que, se fôr da sua vontade que eu permaneça no estado de provação, nêle me deixe até o fim do mundo.

“Sei por várias experiências que nada afugenta mais depressa os demônios do que a água benta; ela impede que retornem. O sinal da cruz afasta-os momentâneamente, mas depois voltam. Essa água

deve, pois, possuir uma grande virtude; e aliviava-me muito, proporcionando-me um sensível e profundo conforto, embora eu não saiba explicar bem de que espécie é o prazer que sinto e que se difunde na minha alma, fortalecendo-a. Não são coisas imaginárias, já experimentei êsse prazer muitas vêzes, e depois de ter feito muitas reflexões, parece-me que é como, se atormentada por um excessivo calor e extremamente sedenta, eu bebesse um grande copo de água fria que refrescasse o meu corpo inteiro. Reconheço, e com grande prazer, que nada há no que a Igreja ordena que não seja digno de admiração, pois bastam algumas palavras para imprimir tanta virtude à água, estabelecendo tão surpreendente diferença entre a que foi benta e a que não o foi. Como o tormento que eu suportava na ocasião a que me refiro não cessasse, disse às minhas irmãs que, caso não lhes temesse a zombaria, pedir-lhes-ia que me trouxessem água benta. Imediatamente foram buscá-la, e jogaram-na sôbre mim, sem que me sentisse aliviada; porém, tendo eu mesma jogado a água no lugar onde estava presente aquêle espírito infernal, êle fugiu no mesmo momento e encontrei-me livre de dor, mas tão cansada e abatida como se me tivessem dado várias pauladas. (1)

“Muito tempo depois, continua Santa Têresa, estando eu um dia em oração, pareceu-me durante um espaço de tempo que me encontrava no inferno, sem saber como fôra levada para lá. Compreendi apenas que Deus desejava que eu visse o lugar preparado para mim pelos demônios e merecido pelos meus pecados. Durou muito pouco a experiência;

(1) C. XXXI.

porém, por mais anos que eu viva, não creio que me seja possível apagar essa lembrança.

“A entrada deu-me a idéia de uma dessas pequenas ruas longas e estreitas, fechadas de um lado, como a de um forno muito baixo, muito apertado e escuro. O terreno pareceu-me forrado de lama muito suja, com um cheiro insuportável, e na qual se arrasavam répteis venenosos. No fundo dessa pequena rua havia um vão, em forma de nicho, cavado no muro, e no qual me vi estreitamente alojada; e, embora tudo o que acabo de descrever fôsse ainda mais horrível na realidade, podia ser considerado agradável em comparação ao que sofri quando me encontrei naquela espécie de nicho. Era um tormento pavoroso e tudo quanto eu pudesse dizer não chegaria a expressar uma pequena parte do que sofri. Senti minha alma arder num fogo tão horrível que não saberia descrevê-lo, e nem mesmo imaginá-lo. Já experimentei dores das piores, segundo os médicos, que alguém possa suportar nesta vida, tanto com a contração dos nervos, como de várias outras maneiras, e com outros malefícios provocados pelos demônios; mas tôdas essas dores nada significam em comparação ao que então sofri, e mais o horror que me assaltava ao compreender que aquelas dores seriam eternas: e tudo isso ainda é pouco comparado à agonia em que a minha alma se debatia. Era como se a sufocassem, a estrangulassem; e eram tais a sua aflição e seu desespero, que debalde eu tentava dominá-los. É mal expressar-se dizer que era como se a dilacerassem continuamente, porque seria assim uma violência estranha para tirar-lhe a vida; era como se ela se arrancasse a si mesma e se reduzisse a pedaços. Quanto ao fogo e ao desespero que avultavam

sôbre tantos e tão horríveis tormentos, confesso que ainda menos consigo descrevê-los. Não sabia quem me obrigava a suportá-los; mas sentia-me arder e ser cortada em mil pedaços, e pareciam-me as mais tremendas torturas jamais existentes.

“Naquele tétrico lugar não havia a menor esperança de consôlo, nem mesmo espaço suficiente para alguém sentar-se ou deitar-se. Encontrava-me numa espécie de buraco cavado na parede; e aquelas horríveis paredes contrariamente à ordem da natureza, apertavam e comprimiam o que encerravam. Tudo sufocava naquele lugar; as trevas são densas, sem o menor vislumbre de luz, e é incompreensível como, embora não haja a mínima claridade, possamos distinguir tudo quanto seja penoso ao olhar.

“Não aprouve a Nosso Senhor dar-me então um conhecimento mais amplo do inferno; porém, depois, em outras visões, fêz-me ver castigos ainda mais terríveis para certos pecados; mas como eu não lhes sofria a dor, essas visões não me impressionaram tanto como a primeira, a que me refiro, na qual Nosso Senhor quis que eu experimentasse em espírito aquêles tormentos, de maneira tão real e tão autêntica como se o meu próprio corpo os padecesse; não podia compreender como isso se passava; mas bem compreendia que Deus me favorecia com uma grande graça, permitindo-me ver de que abismo a sua infinita misericórdia me arrancara. Pois tudo quanto até hoje vi ou ouvi contar, ou imaginei, difere tanto da verdade quanto uma cópia do original; e queimar neste mundo nada é comparado com queimar no outro mundo.

“Embora já se tenham passado cêrca de seis anos sôbre o acontecimento que acabo de relatar,

ainda hoje me sinto tão aterrorizada ao descrevê-lo, que o meu sangue parece gelar-se nas veias. Assim, malgrado as dores e os males que me maltratam, não posso lembrar-me do que sofri naquela ocasião, sem que tudo que possamos suportar aqui na terra me pareça desprezível. Tenho a impressão de que nos queixamos sem motivo e considero uma das maiores graças que Deus me concedeu a terrível experiência que descrevi, quando pondero o quanto me foi útil, tanto para evitar que eu receie as aflições desta vida, como para obrigar-me a procurar suportá-las com paciência, e dar graças a Deus que, segundo espero, consentirá em livrar-me daqueles terríveis e torturantes castigos, cuja duração será eterna.

“Depois dessa visão, não há males, por maiores que sejam, que não me pareçam fáceis de suportar, comparados aos que então sofri; e muito me admira que, tendo lido antes tantos livros que falam das penas do inferno, não tenha ficado aterrorizada, imaginando-as tais como são, e que tenha podido encontrar prazer e repouso em coisas que me conduziriam a tão medonho precipício. Sêde para sempre bendito, meu Deus, por me terdes feito ver que me amáveis muito mais do que amo a mim mesma, livrando-me tantas vezes daquela horrível prisão na qual eu tornava a entrar contra a vossa vontade!

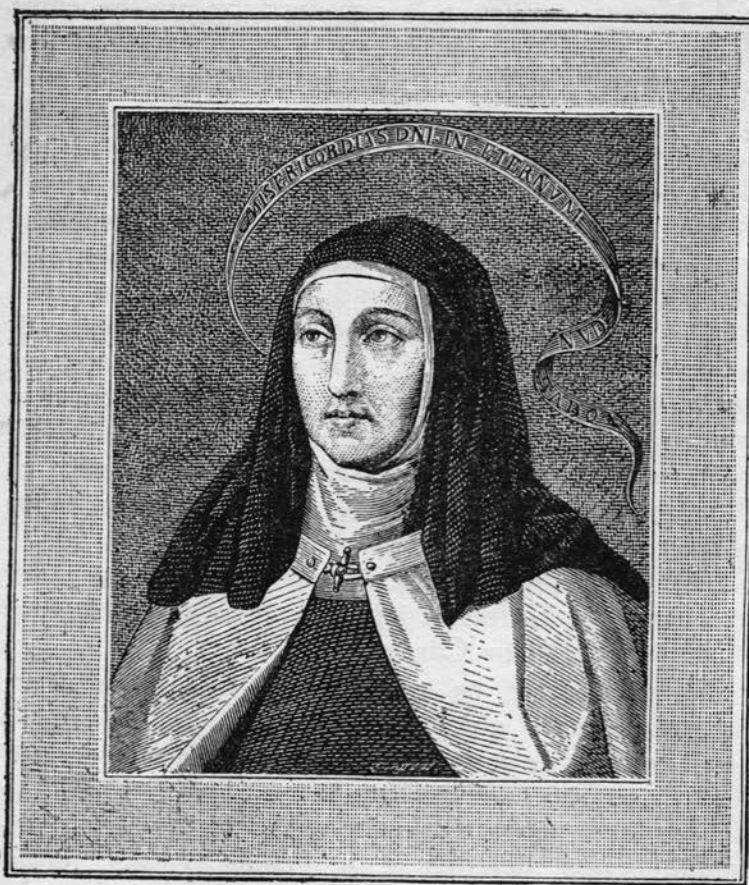
“Essa mesma visão causou-me a insuportável dor que sofro ao ver tantos luteranos, a quem o batismo tornara membros da Igreja, desgraçadamente se perderam; e minha paixão pela salvação dêsses infelizes é tão violenta, que se tivesse várias vidas, creio que a tôdas daria de boa vontade para livrar uma só dessas almas de tão horríveis tormentos.

“Depois dessa visão, e de ter Deus se dignado a revelar-me outros segredos relativos à glória preparada para os justos, e aos castigos que os maus sofrerão, fui tocada pelo desejo de fazer penitência pelos meus pecados, a fim de poder esperar pelo gozo de tão grande ventura; e, nessa intenção, de fugir completamente ao mundo. Meu espírito não deixava de estar agitado, mas era uma agitação tão calma e agradável, que não me causava nenhuma inquietação. Era evidente que aquela agitação procedia de Deus, e que infundia à minha alma como que um novo calor, a fim de torná-la capaz de digerir alimentos mais sólidos do que aquêles com que até então se nutrira. Encontrando-me nessa disposição, pensava no que poderia fazer para servir a Deus; e pareceu-me que deveria começar por cumprir os deveres da minha vocação, observando minha regra o mais estritamente possível. (2)

Foi então que a Providência fê-la empreender a reforma do Carmelo, iniciando-a pelas Carmelitas e terminando pelos Carmelitas.

Foi durante os quatro primeiros anos dêsse empreendimento que, em obediência às ordens do seu confessor, e a pedido de suas religiosas do primeiro mosteiro reformado, ela escreveu *O Caminho da Perfeição*, para ajudar as almas fervorosas a evitarem certos defeitos e a vencer certas tentações, que muitas vêzes as detêm ou retardam no caminho da perfeição religiosa. No primeiro capítulo, expõe as razões que a levaram a estabelecer uma rigorosa observação no mosteiro de São José de Ávila, explicando que não lhe cabe o menor merecimento

(2) C. XXXII.



Santa Teresa, reformadora das Carmelitas (segundo um retrato da época).

naquela iniciativa. A França católica ficará impressionada com tais razões: verificará, talvez com piedosa surpresa que deve sua salvação a Santa Teresa.

“Tendo tido conhecimento das perturbações que abalavam a França, dos estragos provocados pelos heréticos, e de como aquela desgraçada seita se fortalecia dia a dia, tão vivamente impressionada fiquei que, como se tivesse podido fazer alguma coisa, ou como se fôsse responsável por alguma coisa, chorei na presença de Deus, e supliquei-lhe desse remédio a tão grande mal. Parecia-me que daria mil vidas para salvar uma única das numerosas almas que se perdiam naquele reino. Vendo, porém, que não passava de uma mulher e, além disso, imperfeita e incapaz de prestar a meu Deus o serviço que desejaria, acreditei, como ainda acredito que, tendo êle tantos inimigos e tão poucos amigos, eu deveria usar de todos meus recursos para conseguir que os últimos fôssem bons.

“Dêsse modo, resolvi fazer tudo que de mim dependia para pôr em prática, com a maior perfeição possível, os conselhos evangélicos, e procurar fazer com que êsse punhado de religiosas aqui presentes procedesse da mesma forma. Nessa intenção, confiei-me à imensa bondade de Deus, que nunca se nega a atender aos que a tudo renunciam por seu amor; esperei que, em sendo aquelas boas criaturas tais como meu coração as imaginava, meus defeitos seriam ocultos pelas suas virtudes, e acreditei que de algum modo poderíamos contentar Deus, ocupando-nos com rezar pelos pregadores, pelos defensores da Igreja, e por todos os homens sábios que advogam as causas desta última, pois assim faríamos o que estivesse em nosso poder para auxiliar nosso Mestre,

a quem êsses traidores que lhe devem tantos benefícios tratam tão indignamente, tal como se pretendessem crucificá-lo de novo, não lhe deixando o menor lugar onde possa repousar a cabeça. (3)

De tal forma estava Santa Teresa embebida nessa caridade apostólica que traça um capítulo inteiro, no qual procura a ela conduzir progressivamente as suas religiosas: "Para voltar ao principal assunto que nos reuniu nesta casa, e a favor do qual eu desejaria pudéssemos fazer alguma coisa agradável a Deus, digo-vos que, vendo que a heresia surgida neste século é igual a um fogo devorador, sempre em progresso, ao qual os homens não conseguem conter, deveríamos, na minha opinião, agir como faria um príncipe que, vendo os inimigos lhe devastarem o reino, e não se julgando bastante forte para enfrentá-los, em luta, se retirasse com algumas tropas escolhidas para um lugar por êle poderosamente fortificado; dêsse lugar, desfecharia pequenos ataques contra os inimigos, ataques que os prejudicariam muito mais do que poderiam fazê-lo tropas consideráveis, porém mal preparadas; pois acontece muitas vezes ser possível obter a vitória com êsse meio; e, no pior dos casos, só pereceriam pela fome, pois não existem traidores entre guerreiros dessa categoria. Ora, minhas irmãs, aqui a fome pode atormentar-nos, mas não forçar a que nos entreguemos.

"Ora, para que vos digo essas coisas? Para dar-vos a conhecer que devemos pedir a Deus que se digne permitir que neste lugar, para o qual os bons se retiraram, não seja encontrado nem um só capaz de colocar-se do lado dos inimigos; que for-

(3) O Caminho da Perfeição, c. I.

taleça a virtude e a coragem dos pregadores e dos teólogos que são como que os chefes de suas tropas, e faça com que os religiosos, que compõem a maioria dos soldados, avancem dia a dia na perfeição reclamada por tão santa vocação: isso é o mais importante de tudo, pois é das fôrças eclesiásticas, e não das seculares, que devemos esperar auxílio.

“Já que somos incapazes de, nesta circunstância, prestar serviços ao nosso rei, esforcemo-nos pelo menos para nos mostrar tais que as nossas orações possam ajudar os servos que, não tendo menos doutrina que virtude, com tanta coragem trabalham a seu serviço. Se me perguntardes por que insisto de tal forma neste assunto, e vos exorto a ajudardes os que nos são muito superiores, responderei que é por acreditar que não compreendestes suficientemente qual a vossa obrigação para com Deus, por ter êle vos conduzido a um lugar, no qual permanecis livres dos negócios, dos compromissos, e das palestras mundanas. Êsse favor é bem maior do que o imaginais, e aquêles de que vos falo estão longe de desfrutá-lo. Nem seria oportuno que desfrutassem, principalmente neste momento, pois lhes cabe fortalecer os fracos e animar os tímidos; pois, de que serviriam soldados que não tivessem capitães? É preciso, pois, que vivam entre os homens, e que ao entrar no palácio dos grandes e dos reis, pareçam algumas vêzes, no que se refere ao exterior, semelhantes aos outros homens.” (4)

Nessa obra, Teresa faz ver, entre outras coisas, quão importante é que os confessores sejam sábios, e quais os casos em que as religiosas podem ou

(4) C. III.

devem trocá-los. (5) Do capítulo décimo-sexto ao quadragésimo, ela fala da oração, e termina com meditações muito belas sôbre a Oração dominical. No capítulo dezenove, ensina-nos que a união da alma com Deus pode tornar-se tão íntima a ponto de separar a alma do corpo. Como já dissemos, é morrer, não de morte, mas de vida. Eis as palavras de Santa Teresa: "Entre as propriedades da água, lembro-me de três que se referem ao meu assunto. A primeira é refrescar... A segunda é remover as impurezas... A terceira é mitigar a sede. Ora, na minha opinião, a sede não passa de desejo de uma coisa, de que sentimos tão grande necessidade, que não poderíamos, sem morrer, dela ficar inteiramente privados. E, decerto, é estranho que seja a água de tal natureza, que sua carência nos cause a morte, e sua excessiva abundância nos tire a vida, como vemos pelos que se afogam. — Ó meu Salvador! quem seria bastante feliz para submergir nessa água viva a ponto de perder a vida? Não é coisa impossível, porque nosso amor a Deus e o desejo de possuí-lo podem crescer tanto que nosso corpo não possa suportá-lo; e já houve pessoas que morreram dessa maneira. Conheço uma a quem Nosso Senhor dava tão grande quantidade dessa água que, se não a tivesse socorrido a tempo, os êxtases em que caía quase a teriam feito sair do seu próprio corpo. Digo que quase teria saído do seu corpo, porque a enorme dor que suportar o mundo lhe causava quase a fazia morrer; parecia-lhe, ao mesmo tempo, que ressuscitava em Deus num surpreendente repouso, e que sua divina majestade, arrebatando-a, a tornaria apta a

(5) C. IV e V.

uma felicidade, cujo gôzo lhe custaria a perda da vida, caso permanecesse em si mesma. (6)

Depois de ter explorado *O Caminho da Perfeição*, Santa Teresa chega ao palácio para o qual êsse caminho conduz. Daí outra obra, *O Castelo da Alma*, cuja finalidade também aponta.

“Entre as coisas que a obediência me obriga a fazer, poucas há sôbre as quais me tenha parecido tão difícil escrever como a oração, seja por não ter Nosso Senhor me dado bastante espírito para bem desempenhar a tarefa, seja porque não tenha o desejo de empreendê-la, seja porque sinto há três meses um ruído contínuo na cabeça, e uma fraqueza tão grande, que não poderia, a não ser muito penosamente, escrever para tratar de negócios importantes e urgentes. Mas como sei que a obediência pode tornar possível o que nos parece impossível, resolvo-me a fazê-lo alegremente, malgrado a resistência da natureza, que confesso, a isso se opõe, porque não possuo suficiente virtude para suportar doenças contínuas, e, ao mesmo tempo, sobrecarregar-me com centenas de ocupações de tôda espécie. Assim sendo, é unicamente da bondade de Deus que espero a mesma assistência que me prestou em ocasiões ainda mais difíceis.

“Não vejo o que poderia acrescentar ao que já escrevi no tocante à oração para satisfazer à ordem recebida, e receio que tudo quanto eu disser sôbre o tema seja a repetição do que já disse. Sou como êsses pássaros a quem ensinam a falar e que, apenas sabendo o que lhes é ensinado, redizem sempre as mesmas palavras. Se a Nosso Senhor aprover que

eu acrescente alguma coisa, êle me inspirará, ou fará voltar à minha memória o que já escrevi. Não será pouco para mim, porque a minha memória é tão deficiente, que me consideraria feliz se me lembrasse de certas passagens das quais diziam não serem más, no caso em que não existam cópias. Mas mesmo que não recebesse essa graça, e depois de ter-me inútilmente atormentado para escrever coisas que não poderiam dar proveito a ninguém, e nada tendo feito a não ser aumentar minha dor de cabeça, não deixaria de tirar grande proveito, pois teria satisfeito à obediência.

“Dou início, pois, neste dia da Santíssima Trindade do ano de 1577, no Mosteiro de São José de Toledo, onde me encontro presentemente. Submeto tudo quanto disser ao julgamento daqueles que me ordenaram a escrever, e que são pessoas muito esclarecidas; e, se eu afirmar alguma coisa que não esteja conforme à crença da Igreja Romana, não o terei feito de propósito, mas por ignorância, pois sempre fui e sempre serei, com a graça de Deus, inteiramente submissa a essa espôsa de Jesus Cristo. Seja êle para sempre louvado e glorificado! Assim seja.

“Já que os que me mandaram escrever disseram que, tendo as religiosas da nossa ordem necessidade de serem esclarecidas em algumas dúvidas relativas à oração, acreditam que elas ouvirão melhor a linguagem de uma mulher, e que a afeição que me consagram lhes fará tirar mais proveito, dedico-lhes êste trabalho, que só poderia parecer extravagante ao espírito de pessoas estranhas. Deus conceder-me-á uma grande graça se as minhas palavras contribuírem para que algumas das religiosas melhor o louvarem, e êle bem sabe que é tudo quanto desejo. Se eu fôr

feliz em algumas passagens, não devem atribuir-me o mérito, pois não sou capaz de falar sobre assuntos tão elevados, e para isso só tenho a inteligência que aprouve Deus conceder-me por efeito da sua bondade, da qual sou indigna.”

Depois dêsse prólogo, a Santa entra no assunto: “Quando eu rogava a Deus que me inspirasse o que deveria escrever, veio-me à idéia que é sobre a base deste trabalho que convém falar. Devemos considerar nossa alma como se fôsse um castelo construído com um único diamante ou cristal magnífico, no qual, como no céu, há várias moradas. Pois se ponderarmos bem, minhas irmãs, a alma do justo é um verdadeiro paraíso, onde Deus, que nêle reina, encontra suas delícias. Qual deve ser a beleza dessa alma para que um monarca tão poderoso, tão sábio, tão rico e tão magnificente se compraza em escolhê-la para morada! Nada vejo na terra a que possa compará-la. E como o espírito mais elevado seria capaz de compreender tôdas as suas perfeições, já que Deus, que é incompreensível, disse com sua própria bôca que a criou à sua imagem, e lhe imprimiu a sua semelhança?

“Devemos, pois, considerar que êsse castelo encerra várias moradas; umas em cima, outras embaixo, outras dos lados, e uma no meio, que é como que o centro e a mais importante de tôdas, e na qual se passa o que há de mais secreto entre Deus e a alma. — A porta de entrada dêsse castelo é a oração. — A primeira morada é o conhecimento de si mesmo e de Deus. — A segunda a renúncia às ocupações não necessárias. — A terceira o temor de Deus. — A quarta o recolhimento sobrenatural, oração de quietude. — A quinta a oração de união com Deus, cuja

prova é o amor ao próximo. — A sexta a oração do amor e do êxtase”. Santa Teresa faz sôbre o tema as seguintes reflexões, que demonstram como estava afastada dos falsos místicos, antigos e modernos.

“Parecer-vos-á, talvez, minhas filhas, que, quando somos favorecidos por graças tão sublimes, ninguém se detém para meditar nos mistérios da mui sagrada humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque só pensamos em amá-lo. Tratei amplamente dêsse assunto em outro lugar. Embora não tenham ficado de acôrdo com o que disse e tenham querido fazer-me acreditar que é mais vantajoso a uma alma muito adiantada ocupar-se com o que se relaciona com a Divindade e de nada mais de corporal cuidar, nunca me convencerão da necessidade de enveredar por êsse caminho. Pode succeder que me engane, e que só seria preciso que nos compreendêssemos bem para entrarmos em acôrdo; mas percebi que o diabo me queria iludir mostrando-me êsse caminho; e a experiência que tive faz-me repetir o que já disse tantas vêzes, isto é, que em tal assunto é preciso conservar-se sempre na defesa. Ouso mesmo acrescentar que, seja quem fôr que vos afirme o contrário, não deveis acreditá-lo. Procurarei fazer-me compreender melhor aqui do que o fiz alhures porque, se alguém já escreveu sôbre o assunto, talvez não se tenha explicado bem, e é muito perigoso tratar superficialmente coisas de tão difícil compreensão.

“Outras pessoas imaginarão que não é preciso pensar na paixão de Nosso Senhor, e ainda menos na Santíssima Virgem, e nos atos dos santos, embora isso possa ser-nos útil e estimular-nos a bem servir a Deus. Confesso não chegar a compreender em que pensam, assim procurando desviar nossos olhos

de todos os objetos corporais; tal se fôssemos anjos sempre abrasados de amor, e não criaturas ligadas a um corpo mortal, o que nos faz imaginar as ações heróicas praticadas pelos grandes santos no serviço de Deus, quando ainda se encontravam na terra como nos encontramos agora; enquanto, proceder de outra forma, seria privar-nos voluntariamente do soberano remédio de nossos males, que é a mui sagrada humanidade de Nosso Senhor, na qual repousa tôda a nossa esperança. Na verdade, não acreditaria que as referidas pessoas tenham conseguido entrar nas últimas moradas porque, não tendo mais por guia a Jesus Cristo, que é o único que lá pode conduzi-las, não saberiam encontrar o caminho. Seria muito se permanecessem em segurança nas primeiras moradas. Pois não disse êle pela sua própria bôca: *que é o caminho da luz; que só por êle chegaremos a seu Pai; que quem o vir, verá seu pai?* E se disserem que essas palavras não devem ser compreendidas de tal maneira, repito que jamais lhes dei outro sentido; que êsse me parece o verdadeiro, e que muito lucrei por havê-lo admitido.

“Conheci algumas pessoas que, após havê-las Deus elevado a uma contemplação perfeita, desejariam permanecer sempre nesse estado; mas não é possível, e acontece que, assim procedendo, não poderiam meditar sôbre os mistérios da vida e da paixão de Cristo, como faziam antes. Não sei qual é a causa; sei apenas que é muito comum ter a sua mente assim permanecido incapaz de meditar. Na minha opinião, deriva o fato de que, sendo a procura de Deus o objetivo proposto na meditação, depois de o ter a alma encontrado, acostuma-se a só procurá-lo através de uma operação da vontade e esta,

sendo a mais generosa das faculdades, querer, no seu grande amor a Deus, dispensar o entendimento; mas não pode fazê-lo antes de chegar às últimas moradas porque tem necessidade dê-lo para inflamar-se”.

A sétima e última morada é a união de Deus com a alma, como a do espôso com a espôsa, de maneira a que Jesus Cristo viva nela e ela em Jesus Cristo; e que a Santa Trindade a ela se manifeste, sem que lhe seja possível nem ao menos assegurar-se de não estar caindo em pecado. Santa Teresa ainda se ocupa dessa última morada numa espécie de comentário sobre o Cântico dos Cânticos, que também parece um comentário a esta palavra do Salvador: *Quem comer minha carne e beber o meu sangue permanecerá comigo, e eu com êle.*

A Espanha era nesse tempo uma terra abençoada que não cessava de produzir santos e santas. Os principais cooperadores de Santa Teresa eram São João da Cruz e São Pedro de Alcântara. E, o que fala a favor da nação espanhola, o povo amava e venerava êsses santos e santas. Assim, informados do rumo de Santa Teresa nas suas freqüentes viagens, os moradores do campo postavam-se nos caminhos para vê-la passar e pedir-lhe a bênção. A notícia da sua chegada precedia-a de um lugar a outro, e a honra de hospedá-la era disputada. Aquela solicitude confundia-a; gostaria de poder subtrair-se a seus efeitos. Certa vez, tendo-lhe as demonstrações de veneração que lhe tributavam, parecido mais insuportáveis do que o frio e a escuridão da noite, partiu três ou quatro horas antes do nascer do sol, do povoado para o qual afluíra uma enorme quantidade de pessoas, que já a recebera com aclamações

e que se dispunha a acompanhá-la triunfalmente. Outra vez, porém, não pôde deixar de sensibilizar-se diante do que um camponês fêz para festejá-la. Pois, inteirado de que ela deveria passar pela aldeia onde morava, mandou preparar-lhe o melhor jantar possível; reuniu tôda a família em casa, e mandou trazer seus rebanhos, a fim de que tudo quanto lhe pertencesse fôsse abençoado pela Santa. Porém, como Teresa não consentisse em interromper a viagem, o camponês acompanhado por filhos e rebanhos, foi-lhe ao encontro. Aquêlê ato a enterneceu e ela recomendou ao Senhor a família inteira. (7)

Às fadigas das viagens, juntavam-se graves enfermidades; mas a coragem de Teresa tudo a fazia suportar alegremente. Precisou recorrer àquela fôrça de alma que lhe era própria quando repuseram seu braço esquerdo no lugar, causando-lhe dores tremendas. Duas vêzes aquêlê braço fôra quebrado; a primeira em Ávila, em 1578; a outra em Vila-Nova de Xare, em 1580. Ficou, mesmo, aleijada o resto da vida em consequência do primeiro acidente, fruto de uma desastrosa queda de escada. Levaram muito tempo à procura de uma pessoa capaz de atender à fratura; e, quando a priora de Medina lhe enviou uma mulher com prática daquele gênero de operações, o braço já estava ligado.

Teresa terminara, em 1582, de fundar o convento de Burgos e já se pusera a caminho de Ávila quando recebeu um convite bastante insistente da Duquesa de Alba, que lhe pedia o favor de ir vê-la de passagem. Embora estivesse às voltas com suas velhas enfermidades, e atacada por uma espécie de paralisia,

(7) Vida de Santa Teresa, por Villefore, l. V.

aliada a freqüentes vômitos, a Santa apresentou-se em Alba no dia 20 de setembro, acompanhada pelo padre Antônio de Jesus, que fôra buscá-la em Medina. Passou várias horas conversando com a duquesa e, em seguida, deixou-a para acolher-se ao convento da sua ordem. Sentia-se extremamente fatigada, e como seus males piorassem dia a dia, compreendeu que seu fim estava próximo. No dia 30 de setembro teve um fluxo de sangue acompanhado de sintomas inquietantes. Contudo, ainda assistiu à missa aquêlê dia e comungou com grande fervor. Daí por diante permaneceu na cama até à morte. A Duquesa de Alba visitava-a com freqüência e servia-a com a mais terna afeição. A irmã Ana de Saint-Barthélemy, sua querida companheira, que mais tarde fundou um dos primeiros conventos das Carmelitas da França, não a deixava nem de dia e nem de noite.

No dia 1.º de outubro, depois de ter passado quase tôda a noite em oração, Teresa mandou chamar o padre Antônio de Jesus pois desejava confessar-se. Terminada a confissão, o santo religioso exortou-a a pedir ao Senhor que não a tirasse ainda do mundo. Teresa respondeu humildemente que não podia mais ter serventia na terra; em seguida, despediu-se de suas religiosas, dando-lhes contínuas provas de afeição com seus últimos conselhos embebidos de carinho. Dizia-lhes: "Conjuro-vos, pelo amor de Deus, que observeis estritamente a regra e as constituições e não escolhais como modêlo esta indigna pecadora que vai morrer. Cuidai, de preferência, de perdoar-lhe." Desfeitas em lágrimas, as irmãs só lhe respondiam com soluços.

No terceiro dia de outubro, Teresa sentiu-se mais fraca do que nunca; pediu os sacramentos, que lhe foram levados. Assim que avistou o santo viático, suas forças como que se reanimaram; o rosto iluminou-se, e o ardor da fé transpareceu-lhe nos olhos. Voltou-se para Jesus Cristo e, tendo sentado para recebê-lo mais respeitosa e humildemente, exclamou num santo transporte: "Ó meu Senhor e meu Espôso, eis que se aproxima a hora tão ardentemente desejada! Aproxima-se o momento da minha libertação. . . Seja feita a vossa vontade! Chegou a hora em que deixarei meu exílio, e na qual minha alma encontrará na vossa presença a felicidade pela qual suspira há tanto tempo!"

Às nove horas da noite, pediu a Extrema-unção, que recebeu com grande piedade. Pouco depois, tendo-lhe o padre Antônio perguntado se desejava ser enterrada no Convento de Ávila, respondeu-lhe: "Como! não há nada neste mundo que me pertença? e não me darão aqui um pedaço de terra?" Seu fervor recrudescia, à medida que as forças a abandonavam. Ouviram-na repetir muitas vezes os versetos do salmo *Miserere* e, sobretudo, o seguinte: *Meu Deus, não rejeitareis um coração contrito e humilhado*. Recitou-o até o momento em que perdeu o uso da palavra. As dores da sua agonia prolongaram-se até a manhã seguinte. Sucumbindo, então, ao peso dos males, inclinou a cabeça no braço da Irmã Ana de Saint-Barthélemy, e permaneceu calmamente nessa posição até às nove horas da noite, com os olhos fitos num crucifixo que tinha na mão. O sono dos justos coroou seus trabalhos e suas virtudes na noite de 4 a 5 de outubro de 1582. Foi nessa mesma noite que Gregório XII reformou o calendário, inespera-

damente suprimindo dez dias; e por efeito dessa supressão, o dia que se seguiu à morte de Santa Teresa ficou sendo considerado 15 de outubro, embora fôsse apenas o dia 5.

A Santa morreu com sessenta e oito anos de idade, depois de ter passado vinte e sete no Convento da Encarnação, e mais vinte nos diversos conventos reformados. Os sofrimentos da morte não ficaram impressos na sua frente; ao contrário, as rugas da velhice desapareceram-lhe do rosto e os membros conservaram a mesma flexibilidade que possuíam em vida. Seu corpo foi sepultado no côro interno das Carmelitas de Alba, onde permaneceu até 1585, quando o Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços mandou trasladá-lo para o Convento de São José de Ávila, sede da reforma. Essa trasladação não foi processada com a discrição necessária para que a família do Duque de Alba dela não tivesse notícia. Queixou-se a Roma, pois, e obteve, no ano seguinte, uma ordem do Papa, na qual êle mandava restituir ao Convento de Alba os despojos mortais da sua santa fundadora. Foram êles levados para lá no dia 25 de abril de 1586, e ainda hoje se conservam no mesmo lugar, sob um belo mausoléu. Até mesmo a corrupção respeitou as relíquias da Santa. As verificações levadas a efeito por ocasião dessa dupla mudança deram a conhecer o prodígio. O corpo foi encontrado em perfeito estado, tão flexível e tão perfeito como no momento da morte de Teresa; e asseguram que ainda se conserva no mesmo estado.

Nada há de mais autêntico do que os atos preparados para servir de base à canonização de Santa Teresa. Foram assinados por uma grande quantidade de pessoas respeitáveis, cuja maior parte teste-

munhara os fatos que atestava. Paulo V determinou ao Arcebispo de Toledo, aos Bispos de Ávila e de Salamanca, que fizessem investigações nos próprios lugares onde os fatos tinham ocorrido. Feitas as averiguações, o processo verbal foi enviado a Roma, onde três editôres, cuidadosamente escolhidos, discutiram todos os fatos nêle relatados, antes que os Cardeais da Congregação dos Ritos os submetessem a novo exame. Tendo Paulo V falecido, sucedeu-lhe Gregório XI; e êste, após os sufrágios unânimes de todos os consultores, autorizou o culto prestado a Santa Teresa, por uma bula, no mês de março de 1621. Os atos da canonização contêm com pormenores os vários milagres operados pela virtude das relíquias da Santa, ou por sua intercessão. O santo Bispo de Taronha, Didaco Yopez, inseriu a relação dêsses milagres no seu trabalho sôbre a Santa. (8)

* * *

(8) *Acta SS.*, e Godescard, 15 de octob.

BEM-AVENTURADA FILIPA DE CHANTEMILAN (*)

Virgem

Filipa nasceu em 1412, no castelo de Changy, na diocese de Clermont. Era filha de João de Chantemilan e de Joana de Vernay.

João, apenas Filipa nasceu, deixou a terra. A espôsa, com firmeza, educou os filhos, assumindo, competentemente, as funções de governanta do castelo, que pertencia a Filisberto de Lespinasse.

Menina-moça, Filipa foi nomeada, a pedido da mãe, pela senhora de Changy, governanta da despensa ou administradora da cozinha.

Quando a mãe faleceu, teve que se guiar por si mesma. Era uma jovencinha bonita, vistosa, que gostava de se enfeitar, mas, percebendo que aquilo atraía a atenção dos moços, lembrando-se das piedosas lições da mãe e dos sábios conselhos que a boa Joana de Vernay lhe dava, deixou de lado as vaidades para só pensar na pureza da alma.

À medida que crescia, mais bela Filipa ia-se tornando. Pedida em casamento por vários moços bem postos no castelo de Changy, a todos recusou a mão. Procuraram, então, corrompê-la, mas Deus

vigiava-a e defendeu-a de todos os assaltos do demônio.

Quando a senhora do castelo faleceu, estava a bem-aventurada Filipa com vinte anos. Deixou, então, a diocese de Clermont e foi em busca do irmão e da cunhada, Margarida, ambos vivendo com o arcebispo João de Norry, irmão da senhora de Changy, que vivia em Viena.

João era escudeiro do arcebispo, e a espôsa aia da irmã de de Norry, Ana, senhora do Chastel, a qual recebeu Filipa.

Viena, então, ofereceu à jovem Filipa todo o espiritual que não tivera em Changy. Pouco depois da chegada, votava a Deus a virgindade, dirigida pelo prior de La Rochette.

Grande freqüentadora contrita da igreja, todo o tempo de que dispunha empregava-o em exercícios de piedade. Penitente, para purgar-se dos desperdícios de Changy, dormia pouco, deitada sôbre uma tábua. A cunhada, que a amava, notando que se alimentava parcamente, procurou induzi-la à melhor alimentação, dando-lhe vinho e mais pão, mas Filipa recusava, gentilmente.

Condoída com a sorte dos pobres, principiou a socorrê-los. E, ajudada por Margarida, provia os coitados esfarrapados que iam bater à porta da senhora do Chastel.

A cunhada, um dia, adoeceu gravemente. Sucumbiria, não fôra os cuidados de Filipa, que lhe conseguiu a recuperação da saúde à fôrça de orações. Todavia, os médicos recomendaram ao marido que se mudasse de Viena, se quisesse curar a espôsa completamente. João, então, com Margarida, deixou a cidade. Tudo fêz para levar consigo a irmã, mas

Filipa, que desde algum tempo desejava viver vida mais perfeita e devotada aos pobres, acabou ficando. E poucos dias depois da partida do bom irmão e da cunhada que amava, deixou o serviço de Ana de Norry, para dedicar-se só a Deus.

Livre, assistia às matinas na catedral, ouvia missas, participava de certos ofícios e devotamente dizia as horas de Nossa Senhora, as vigílias dos mortos, as horas da Cruz, do Espírito Santo, as horas da Paixão de São Boaventura, as litânicas, os sete salmos, e dedicava-se, de corpo e alma, aos pobres. Logo passou a visitar os doentes.

Em 1450, estêve em Roma. No ano seguinte, quando a peste grassou por tôda a região circunvizinha de Viena, contraiu-a. Falecida aos 15 de outubro, foi enterrada, pelas cónegas da catedral de São Maurício, no pequenino claustro, diante da porta da capela de Nossa Senhora de *Capellis*. Muitos milagres, então, foram realizados por Deus, em favor da bem-aventurada Filipa de Chantemilan.

No mesmo dia, na Cracóvia, Polônia, a morte de Santa Hedwige ou Hedvigés, viúva, duquesa da Polônia: devotada ao serviço dos pobres, brilhou também pelos milagres. Foi inscrita no número dos Santos pelo soberano Pontífice Clemente IV. A festa celebra-se a 17 dêste mesmo mês. Ver êste dia.

Perto de Roma, na via Aurélia, São Fortunato, mártir.

Na Prússia, São Bruno, bispo e mártir: pregando o Evangelho entre os pagãos, foi cercado pelos

ímpios, que lhe cortaram os pés e as mãos e lhe deceparam a cabeça (19 de junho).

Perto de Colônia, a morte de trezentos mártires, que terminaram os combates, durante a perseguição do imperador Maximiano.

Em Cartago, Santo Agileu, mártir, na festa do qual Santo Agostinho dirigiu a palavra a seu povo. O sermão de Santo Agostinho perdeu-se. Agileu, completamente desconhecido, era, provavelmente, um mártir de Cartago, das derradeiras perseguições. Sua basílica era importante. Talvez ali pregara o grande bispo de Hipona, quando da festa de Santo Agileu. Nela, Bonifácio foi sagrado bispo de Cartago. Em 523, depois da perseguição vândala, São Fulgêncio de Ruspe e outros bispos, tornando do exílio à basílica foram triunfalmente conduzidos.

Em Lião, na Gália, Santo Antíoco, bispo: depois de ter cumprido com zelo todos os deveres da dignidade episcopal, à qual fôra elevado, obteve o reino do céu, em 500. Sacerdote de Lião, foi ao Egito visitar o ex-bispo, São Justo. Santo Antíoco foi o sucessor de Martinho. A êle é atribuída a ida dos corpos de São Justo e São Viator para a igreja que depois se chamou de São Justo, anteriormente dos Macabeus.

Em Tréveris, São Severo, bispo e confessor (metade do século V). Discípulo de São Lôbo de Troyes (426-478), acompanhou São Germano de Auxerre à Grã-Bretanha, por volta do ano 447. Teria pregado o Evangelho entre os germanos pagãos da região de Maiença.

Em Estrasburgo, Santa Aurélia, virgem. Pouco se sabe desta santa virgem: segundo uma legenda, que o breviário de Estrasburgo acabou por adotar,

em 1399, Santa Aurélia era uma das onze mil virgens companheiras de Santa Úrsula. O culto é estritamente local.

Na Germânia, Santa Tecla, abadessa, virgem: depois de ter governado os mosteiros de Kitzingen e de Ochsenfurt, cheia de méritos, foi-se para o céu, em 790.

Perto de Marselha, São Cannat, bispo, no princípio do século VI (?).

Na diocese do Mans, São Leonardo, abade. São Leonardo apareceu na diocese do Mans vindo nos tempos do bispo Inocêncio, que faleceu em 559. Retirou-se a uma ermida, hoje com o nome de São Leonardo do Bosque. Sem se importar com a alimentação, vivia com o que os fiéis do lugar lhe levavam, diariamente. Não tardou, vários discípulos acorreram para viver junto dêle a mesma vida. Também não tardou para que alguns invejosos fôsem referir a Clotário que o Santo estava a abalar o reino, uma vez que, tanto aos escravos como aos homens livres, induzia-os a abandonar as respectivas funções para reunir-se a êle. Clotário enviou comissários para que fôsse apurada a verdade. E a verdade, logo, subiu à tona. O rei, satisfeito, fêz ao santo homem generosas doações. Conta-se de São Leonardo, abade, que, um dia, entrou-lhe pela cela uma vasta serpente, enquanto orava. Como era homem que não interrompia as orações, não deu atenção ao ofídio. A serpente, asquerosa, subiu-lhe pelas pernas, pelo tronco, rodeou-lhe o pescoço e, quando descia para o chão, estirou-se, morta, sem que mal algum causasse ao Santo. O lugar, que era povoado de serpentes, desde aquêle dia, não viu mais um único réptil por tôda a sua extensão. São Leonardo faleceu em 575.

Em Quimper, São Conogan, bispo, no século VII. Empregado, na juventude, por um rico camponês, São Conogan foi incumbido de espantar os passarinhos que devastavam os campos de trigo. Conogan, todavia, queria ir rezar na igreja de Sant' Ana da Palude. Convocava, então, a passarada, e depois de adverti-la, docemente, de que não devia dar-se aos estragos, ia, confiante, à igreja. Mais tarde, padre, depois abade, e, finalmente, bispo de Quimper, à morte de São Corentino, levou vida santa e tôda voltada para Deus.

Em Viena, São Deodato, bispo, no século VII.

Em Catana, São Sabino, bispo, falecido em 760. Muito popular na Sicília, deixou a dignidade para retirar-se a uma ermida, para onde atraiu numerosíssimos discípulos, tal a santidade de vida e o brilho dos milagres que operou.

No Monte Athos, Santo Eutímio, chamado o Jovem ou da Tessalônica, abade, falecido em 898.

Em Veneza, o bem-aventurado Teodorico, apelidado o Alemão, carmelito, desaparecido em 1377. Tendo curado, em vida, inúmeros doentes, depois de morto, um cego, só com lhe tocar as vestes, recuperou a vista. As relíquias do bem-aventurado Teodorico foram veneradíssimas.

16.º DIA DE OUTUBRO

SÃO GALO

A b a d e

A vida de São Galo, discípulo de São Colombano, foi narrada em prosa e verso. Existem, mesmo, duas vidas em prosa: uma de Walafride Estrabão, publicada há muito tempo; outra, anterior, recentemente descoberta, mais conhecida pelos antigos. Na vida de São Galo, tal como na de Santo Antão e de outros solitários, e também nos escritos de Tertuliano, avulta o poder dos demônios, cuja fuga para os desertos, as águas e as florestas, é nelas descrita, e também o poder mais eficiente dos cristãos que os expulsaram daqueles lugares com o sinal da cruz e a prática das virtudes cristãs.

Tendo chegado à Austrásia, na França Oriental, em companhia de seu mestre da Irlanda, São Galo não tardou em aprender a língua falada na região, a língua dos francos, ou o teutônico, a fim de mais facilmente doutrinar as populações indígenas. Pregou nas margens dos lagos de Zurique e de Constança. À noite, costumava ir apanhar peixes nas águas para a alimentação dos irmãos. Certa noite, ouviu o demônio da montanha gritar para o do lago:

“Vinde em meu auxílio para expulsarmos êsses estrangeiros; pois êles me enxotaram do meu templo, quebraram meus simulacros e atraíram o povo que me cultuava.” O demônio do lago de Constança respondeu-lhe: “Também comigo aconteceram tôdas as desgraças a que vos referis; pois um dêsses estrangeiros me retêm nas águas e devasta meus domínios; não consigo estragar suas rêdes, nem iludi-lo, pois a invocação do divino nome está sempre na sua bôca e, em constante vigilância, êle zomba das minhas armadilhas.” Ao ouvir aquelas coisas, o homem de Deus protegeu-se, fazendo sinais da cruz de todos os lados, e disse aos demônios: “Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, conjuro-vos a abandonardes êste lugar, e a não fazerdes mal a ninguém.” Em seguida, apressou-se em transmitir ao abade tudo quanto acabara de ouvir. Imediatamente Colombano deu sinal para que todos se reunissem na igreja. Porém, antes que houvessem começado a cantar os salmos, ouviram-se, no alto da montanha, os uivos dos demônios e os gemidos que soltavam ao partir. Então os servos de Deus prosternaram-se em prece, e deram graças ao Senhor que os livrara dos espíritos malignos.

Contudo, alguns pagãos obstinados, irritados com a destruição dos ídolos, procuravam vingar-se dos frades. Acusaram-nos ao Duque da região, chamado Gunzon, de prejudicarem a caça o que muito encolerizou o fidalgo. Além do mais, roubaram uma vaca que pertencia aos frades e mataram dois dêles que tinham saído para procurá-la. Quando os religiosos carregavam os cadáveres de seus irmãos, apresentou-se um oficial do duque e ordenou que Colombano e seus companheiros abandonassem o país.

Era uma astúcia do espírito maligno que tentava conservar os antigos domínios, cuja posse começava a ser-lhe arrebatada. Os frades lamentaram ter de deixar tão aprazível região. Colombano assim lhes falou: "É verdade, encontramos neste lugar uma concha de ouro, mas está cheia de serpentes venenosas." Decidiram-se, pois, a ir para a Itália e colocar-se sob a proteção de Agilulfo, rei dos lombardos.

Na hora da partida, São Galo sentiu-se súbitamente prêsa da febre e deu a entender que não poderia fazer a viagem. Colombano persuadiu-se de que o desejo de concluir a tarefa já iniciada havia influído na doença do companheiro. Contudo, deixou-o livre. "Mas enquanto eu estiver vivo, não podereis celebrar a missa." Depois de terem seu mestre e seus companheiros partido, Galo embarcou no lago de Constança e foi ao encontro do sacerdote Vilimar, a quem fêz presente de suas rêdes e contou a sua história. O bom sacerdote acolheu-o com muita caridade e recomendou-o aos cuidados de dois clérigos seus, Magnoaldo e Teodoro. Algum tempo depois Galo recuperou a saúde. Assim foi que a febre o reteve por entre aquelas montanhas, para que prosseguisse na sua missão de apóstolo.

O padre Vilimar tinha consigo um diácono chamado Hiltibold, que conhecia tôdas as veredas e todos os recantos das montanhas, através das quais muitas vêzes se internava, à procura de peixes e de falcões. São Galo perguntou-lhe se conhecia um lugar êrmo, abundante em águas, e com uma planície apta à cultura. O diácono respondeu-lhe: "Conheço um lugar que se assemelha à vossa descrição; mas é habitado por grande quantidade de feras, ursos, javalis e lôbos. Não cuso levar-vos até lá, pois receio

que sejais devorado por êsses inimigos." Galo répliou: O Apóstolo disse: "*Se Deus estiver conosco, quem estará contra nós?* E também sabemos que aos que são amados por Deus tôdas as coisas favorecem. Aquêlê que livrou Daniel da cova dos leões também poderá arrancar-me das garras das feras." Convencionaram, pois, que partiriam no dia seguinte. São Galo conservou-se em jejum o dia todo e passou a noite inteira em oração. No dia seguinte, caminharam até à hora nona, quando o diácono disse: "Está na hora da refeição; comamos um pedaço de pão e bebamos um pouco de água, a fim de prosseguirmos na jornada." O homem de Deus respondeu: "Tomai, meu filho, o que fôr necessário ao vosso corpo. Quanto a mim, nada comerei antes que o Senhor me mostre onde fica a morada que procuro." O diácono observou: "Já que devemos partilhar as consolações, partilhemos também as mortificações." E continuaram a andar até o cair da noite, sem nada comerem. Chegaram junto a um pequeno rio, chamado Steinach, que descera até atingir um rochedo; êste se debruçava sôbre um abismo, no qual nadavam muitos peixes. Atiraram as rêdes e apanharam boa quantidade dêles. O diácono, que acendera o fogo, pôs-se a assá-los e tirou pão do sacco. Tendo-se afastado um pouco para rezar, o bem-aventurado Galo embarçou-se nos espinheiros e caiu ao chão. O diácono correu para erguê-lo. Mas o homem de Deus lhe disse: "Deixa-me, é êste o lugar em que repousarei para sempre; nêle habitarei, pois o escolhi." E, levantando-se, depois de terminar a oração, apanhou um galho de corniso, fêz com êle uma cruz e enterrou-o no chão. Ora, tinha pendurada ao pescoço uma caixa com as relíquias da Santa

Virgem Maria, de São Maurício e de São Didier. Amarrou o relicário na cruz, prosternou-se junto dela, ao lado do diácono, e orou: "Senhor Jesus Cristo que, pela salvação do gênero humano vos dignastes nascer de uma virgem e padecer a morte, não desprezeis meu desejo por causa de meus pecados, mas pela glória de vossa Santa Mãe, assim como de vossos mártires e confessores, preparai para mim neste lugar uma morada apropriada ao vosso serviço.

Tal foi a origem do mosteiro de São Galo e da cidade que se formou a seu redor.

Terminada a oração, os dois peregrinos alimentaram-se, fizeram sua oração de graças ao pôr do sol e, depois, tendo novamente orado, deitaram-se no chão para repousar um pouco. Quando o santo homem julgou que seu companheiro já tivesse adormecido, prosternou-se em forma de cruz diante do relicário e orou ao Senhor com muito fervor. Contudo, um urso, que descera da montanha, apanhava cuidadosamente as migalhas que os dois religiosos tinham deixado cair. Divisando o animal, disse-lhe o homem de Deus: "Em nome do Senhor, ordeno-te que vás apanhar lenha e a ponhas no fogo." Obedecendo à ordem, a fera foi apanhar uma acha de lenha bastante pesada e jogou-a no fogo. Então o santo homem tira do saco um pão inteiro, entrega-o ao seu novo servo e diz-lhe: "Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo retira-te dêste vale e ocupa com os teus as montanhas e as colinas circundantes, sob a condição de não fazeres mal a nenhum homem ou a nenhum animal que aqui vivam." Entrementes, o diácono, que fingia dormir, observava, admirado, tudo quanto se passava. Levantou-se, depois, e foi atirar-

se aos pés do santo homem, dizendo-lhe: "Agora sei que o Senhor está realmente convosco, pois as feras dêstes lugares ermos vos obedecem." O santo respondeu-lhe: "Não o digais a ninguém, antes de verdes a glória de Deus."

Pela manhã, o diácono dirigiu-se para a cova do rio, a fim de apanhar alguns peixes e com êles presentear o sacerdote Vilimar quando regressassem. Ia atirar a rêde, quando viu que havia nas margens vários espíritos imundos sob a forma de mulheres nuas; êstes lhe atiraram pedras, dizendo: "Fôste tu quem trouxeste para êstes ermos aquêlê homem invejoso e perverso, capaz de vencer-nos com seus malefícios." Imediatamente o diácono voltou para junto do homem de Deus e narrou-lhe o que acabava de ver e de ouvir. Ambos puseram-se a rezar, depois se dirigiram à cova. Ao vê-los, os demônios fogem para a montanha próxima, enquanto São Galo lhes diz: "Fantasmas impuros, ordeno-vos, pelo poder da eterna Trindade, que abandoneis êste lugar, que vades para as montanhas desertas, e que nunca mais retornéis aqui." Depois lançaram suas rêdes na cova e apanharam todos os peixes que quiseram. Porém, chegou-lhes aos ouvidos, vindas do alto da montanha, a voz lamentosa de duas mulheres que diziam uma à outra: "Ai de nós! que faremos? para onde iremos? Êsse estrangeiro não nos permite permanecer junto aos homens, e nem mesmo nos deixa ocupar êstes ermos." Às vozes, as queixas dos demônios contra São Galo foram ouvidas muitas vêzes.

Ao explorar o vale, os dois peregrinos encontraram, entre os dois riachos, tudo a quanto aspiravam: uma bela floresta, uma planície ao centro das montanhas circundantes. Recordando-se da escada

de Jacó, e dos anjos que a subiam e desciam, Galo empregou as palavras do patriarca: *O Senhor está realmente neste lugar*. Até então houvera no vale grande quantidade de serpentes. Daí por diante desapareceram, a ponto de nem uma só ser encontrada no tempo de Salafride Estrabão. Afirma êsse autor que tal milagre decorre dos precedentes: pois, tendo sido o diabo expulso do lugar, era natural que o animal sob cuja forma enganara o homem, desaparecesse diante da santidade.

O diácono Hiltiboldo apressou-se em voltar para junto de Vilimar, sacerdote, ou cura de Arbon, ao qual relatou tudo quanto vira; mas São Galo permaneceu ainda três dias no sítio em que se detivera, ao lado da pequena cruz, a fim de fazer a consagração do seu ermitério por meio do jejum e da oração. Os três amigos se reuniram na ocasião em que lhes chegou a notícia de que Gaudêncio, Bispo de Constança, acabava de falecer; desfeitos em lágrimas os três ergueram aos céus preces fervorosas pelo repouso do pastor. Sete dias depois o padre Vilimar recebeu uma carta do Duque Gunzon, na qual lhe ordenava que se apresentasse no castelo de Oberling no décimo-segundo dia, e que levasse consigo o homem de Deus. É que o duque tinha uma filha única, chamada Frideburge, donzela de rara beleza, noiva de Sigeberto, filho de Teodorico, rei da Austrásia; porém, havia algum tempo que era possuída por um demônio que a atormentava atrozmente, lançando-a ao chão com espantosas convulsões que lhe faziam vir espuma à bôca; quatro homens mal conseguiam dominá-la. No trigésimo dia o espírito maligno começou a fazer ouvir vozes sinistras. O duque mandou contar a Sigeberto a desgraça que sucedera à sua

noiva. Imediatamente o rei da Austrásia mandou chamar os dois bispos, que lhe inspiravam muita confiança, na esperança de que curassem a moça com a virtude de suas orações. Aí está porque o sacerdote Vilimar fazia questão de levar São Galo em sua companhia. Mas o homem de Deus observou: "Essa viagem só a vós interessa, e não a mim. Que me importam os príncipes do século?" Como Vilimar insistisse, receando alguma violência da parte do duque, disse-lhe Galo: "Antes irei à minha cela, a fim de preparar o necessário para os irmãos que lá irão servir ao Senhor". E logo em seguida partiu com seus discípulos. No dia seguinte, proibiu-lhes que dessem a conhecer, fôsse a quem fôsse, o lugar para o qual se dirigia. E, levando consigo um dos religiosos, avançou para os lados de Coire, chegou à solidão de Sennwald, no povoado de Grabs. Lá encontrou um diácono chamado João, que os acolheu caridosamente, como a estrangeiros vindos de muito longe. De seu lado, tendo sido o padre Vilimar informado de que o santo homem deixara a cela, foi entender-se com o duque. Êste lhe cedeu seus próprios emissários para que fôsem no encalço do homem de Deus e insistissem para que voltasse. E prometeu: "Se o Senhor livrar minha filha do demônio por meio de suas orações, dar-lhe-ei o bispado de Constança e o enchê-lo-ei de presentes."

Entrementes, os dois bispos haviam chegado à casa do duque, encontrando a filha imersa numa espécie de loucura, e os pais na tristeza. Fizeram suas preces na presença da donzela; mas esta, arrancando-se das mãos que a retinham, apanhou uma espada e tentou matar os bispos. Não conseguiu fazê-lo; então o espírito imundo disse a um deles:

“Se, como prometeste ao rei, pretendes expulsar-me do corpo desta moça, por que não trouxeste contigo aquela que tiveste com uma religiosa? E tu, disse, voltando-se para o outro, não pecaste com três mulheres estrangeiras? Absolutamente não obedecerei às vossas ordens, que nenhuma santidade apoia, e não sairei do corpo desta moça. Mas há um homem de grande virtude junto ao Deus Todo-Poderoso, chamado Galo, que me expulsou de Zug, onde eu morava em paz havia muito tempo, e que audaciosamente destruiu minhas moradas; depois, estando eu instalado perto de Bregentz, de lá me enxotou pela mesma virtude. Ora, tendo-o, o duque aqui presente, expulsado do mesmo lugar, apoderei-me dessa jovem, a fim de vingar a injúria feita ao santo homem. Não renunciarei a esta posse, a menos que Galo se apresente em pessoa.” Ao ouvir essas palavras, um dos bispos deu uma bofetada no frenético, dizendo: “Calla-te, Satanás, desertor da verdade, amante e autor da falsidade”. Como o demônio falasse de Galo, *gallus*, que significa galo, o bom bispo imaginou que se referisse a um galo, galináceo. O espírito maligno ainda fêz várias outras afrontas aos dois prelados, que retornaram às suas casas três dias depois.

No intervalo, o sacerdote Vilimar descobrira São Galo numa gruta ou caverna, entretido com santas leituras. Saudou-o humildemente, e transmitiu-lhe as instâncias e promessas do duque, que lhe pedia fôsse exorcisar sua filha. Conversavam quando o diácono apareceu trazendo pão ázimo, uma garrafinha de vinho, acompanhados de azeite, manteiga, mel e peixe frito. Os três convivas serviram-se das dádivas de Deus, após lhe terem dirigido uma ação de graças. São Galo pediu a Vilimar que esperassem

até o dia seguinte para partirem. O diácono João emprestou-lhes sua mula e prometeu cuidar bem da gruta.

Quando São Galo chegou à casa do duque havia já três dias que Frideburge não aceitava nenhum alimento. Estava deitada nos joelhos de sua mãe, com os olhos fechados, os membros largados, tal como se estivesse morta. Um cheiro de enxôfre saía-lhe da boca. O Santo pôs-se a rezar e disse, entre lágrimas: "Senhor Jesus Cristo que, ao virdes a êste mundo, vos dignastes nascer de uma Virgem, e que comandastes os ventos e o mar e destes a Satanás ordem de retroceder, que finalmente resgatastes a humanidade com a vossa paixão, ordenai a êsse espírito imundo que abandone essa donzela." Em seguida, segurando a mão direita da moça, ergueu-a, pois o espírito humano como que a esquartejara. Enfim, pousou-lhe a mão na cabeça e disse: "Espírito imundo, ordeno-te, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo que saias desta criatura de Deus e dela te afastes." Ao ouvir essas palavras, a moça abriu os olhos, fitou-o, e o espírito maligno falou: "Fôste tu, Galo, que me expulsaste de minhas antigas moradas? Foi para vingar-te que entrei nesta moça, pois seu pai também te expulsou. Se me enxotas daqui, para onde irei?" Respondeu-lhe o homem de Deus: "Irás para onde o Senhor te precipitou, para o abismo!" Imediatamente, à vista de todos os assistentes, um horrendo pássaro negro saiu da boca da endemoninhada. Esta se levantou, completamente curada, e o homem de Deus entregou-a à mãe.

Cheio de alegria, o duque ofereceu ao santo todos os presentes que o rei Sigeberto enviara à sua filha. Ao mesmo tempo, pediu-lhe se dignasse a

aceitar o bispado de Constança. O santo respondeu-lhe: "Enquanto meu mestre Colombano fôr vivo, não celebrarei a missa; se quiserdes elevar-me a essa dignidade, permiti que lhe escreva. Se me absolver, ficarei às vossas ordens." O duque concordou. O santo distribuiu todos os presentes recebidos entre os pobres de Arbon e retornou à querida solidão. Levou consigo o diácono João e durante três anos ensinou-lhe a fundo a filosofia e a ciência das Escrituras Sagradas.

Contudo, tendo chegado ao rei Sigeberto a notícia do restabelecimento da noiva, pediu ao futuro sogro que a mandasse ao seu encontro, pois desejava desposá-la. Frideburge foi recebida em Metz com as maiores honras; contou ao rei como São Galo a curara, e pediu-lhe que favorecesse o homem de Deus e a sua nova instituição. Verificando Sigeberto que o mosteiro de São Galo estava situado no domínio público, imediatamente lhe concedeu uma carta de doação e de proteção real.

Entrementes, as núpcias do rei e da rainha estavam sendo preparadas. Um grande número de bispos e de senhores foram convidados. Tendo o rei solicitado à princesa que viesse residir no palácio, ela se atirou a seus pés e pediu-lhe: "Senhor, sinto-me esgotada por longa e cruel enfermidade; concedei-me mais sete dias para que recupere uma parte das forças e possa ser-vos convenientemente apresentada." O rei acedeu ao pedido. No sétimo dia, Frideburge, acompanhada de dois cavalleiros e de duas moças, entrou na Igreja Catedral de Santo Estêvão durante o ofício da manhã, despojou-se atrás da porta de suas vestes reais, envergou um hábito de religiosa, agarrou-se a um canto ou rebôrdo do altar principal

e assim orou: "Santo Estêvão, que derramastes vosso sangue por Jesus Cristo, intercedei hoje por mim, embora seja indigna, a fim de que consiga abalar o coração do rei, e êste véu não seja retirado da minha cabeça. Informado do ocorrido, o rei reuniu alguns bispos e príncipes para resolver por que maneira agir. Um dos bispos observou: "Segundo parece, ao ser libertada do demônio, a donzela se terá obrigado por voto a guardar a castidade; acautelai-vos, para não forçá-la a trair a promessa, pois pode acontecer-lhe algo ainda pior, e assim vos tornareis culpado de um grande crime." Depois de consultar os príncipes, o rei decidiu-se a seguir o conselho do bispo. Entrou na igreja, para onde mandara levar os trajes e a coroa da rainha e dirigiu-se a Frideburge: "Aproximai-vos de mim." Imaginando que quisessem tirá-la da igreja, a princesa cada vez mais fortemente se segurava ao rebôrd do altar. O rei tornou a falar-lhe ainda com mais clareza: "Não temais aproximar-vos de mim, pois tudo será feito segundo a vossa vontade." Porém, pousando a cabeça no altar, Frideburge falou: "Sou a serva do Senhor, seja feito segundo a sua vontade." O rei Sigeberto ordenou aos sacerdotes que a levassem e a vestissem com as roupas de rainha, lhe pusessem o véu e a coroa na cabeça, e entregou-a ao Senhor com estas palavras: "Com os mesmos adornos com que fostes preparada para mim, dou-vos como espôsa ao meu Senhor Jesus Cristo." "Ao mesmo tempo, segurou-lhe a mão direita e colocou-a sobre o altar; depois saiu da igreja para chorar, pois amava ternamente a princesa. Mais tarde, deu-lhe a direção de uma comunidade religiosa.

Em seguida, o Duque Gunzon convocou uma assembléia de bispos e de fidalgos em Constança, a

fim de elegerem um pastor para aquela igreja. Nela compareceram os bispos de Augsburgo, de Verdun e de Spire, além de grande quantidade de membros do clero e de pessoas do povo. O concílio durou três dias. São Galo estêve presente, assim como os diáconos João e Magnoaldo. Quando êle entrou, o duque fêz esta oração em voz alta: "Deus Todo-Poderoso, cuja providência aumenta e rege o corpo da Igreja, dignai-vos, pela intervenção e pelos merecimentos da Santa Virgem, em honra da qual esta Igreja foi consagrada, enviar hoje o Espírito Santo para iluminar-nos, a fim de que escolhamos um Pontífice capaz de reger os fiéis e governar a Igreja de Deus. Depois, exortou os bispos e o clero a escolherem, de acôrdo com os cânones, aquêle a quem julgassem digno do alto pôsto. Depois de terem deliberado durante alguns momentos, o clero e o povo exclamaram a uma só voz: "Galo, que aqui se encontra, é um homem de Deus, que goza de boa reputação em todo o país, instruído nas Escrituras e cheio de sabedoria, aliando a castidade e a justiça, ao mesmo tempo manso e humilde, caridoso e paciente, pai dos órfãos e das viúvas: é êle quem deve ser o nosso Bispo!" O duque voltou-se, então, para o Santo: "Ouvís o que estão dizendo?" O homem de Deus respondeu: "Falam bem, se apenas o que dizem fôsse verdade! Desconhecem, porém, que os cânones proibem a ordenação de um bispo estrangeiro. Está aqui comigo o diácono João, filho de vossa nação, ao qual, pela graça de Jesus Cristo, se enquadram todos os louvores que me dirigistes, e que é capaz de carregar o fardo do govêrno." Imediatamente o duque interrogou o diácono à respeito do seu nome, dos seus títulos, sua origem e sua pátria. No que se relacio-

nava à virtude e à capacidade, São Galo pediu para responder em lugar de seu discípulo. Enquanto falava, João deixou furtivamente a assembléia e acolheu-se à Igreja de Santo Estêvão, fora da cidade. Mas o clero e o povo foram buscá-lo e trouxeram-no de volta, não obstante as lágrimas, exclamando: "Foi o próprio Senhor que elegeu João para pontífice!" João foi, pois, consagrado pelos bispos e oficiou pontificalmente. Tendo o povo demonstrado um grande desejo de ouvir o homem de Deus, São Galo subiu ao púlpito acompanhado pelo Bispo, que lhe servia de intérprete. Pregou sôbre o conjunto da religião, desde a criação do mundo até o julgamento final. O povo desfazia-se em lágrimas e dizia: "Na verdade, o Espírito Santo falou hoje pela bôca dêste homem!"

E pensamos como o bom povo de Constança; pois o sermão de São Galo chegou até nós e não conhecemos exposição mais clara, mais concisa, mais completa e mais persuasiva da natureza de Deus e de suas obras. Êsse sermão encontra-se no tomo X da *História Universal da Igreja Católica*.

São Galo permaneceu sete dias com o novo bispo de Constança; em seguida, tendo recebido a bênção, retornou à querida solidão. Terminou a construção do mosteiro com o auxílio do Bispo, do duque da província, e do rei da Austrásia.

O diácono Magnoaldo tornara-se seu discípulo e acompanhara-o ao mosteiro. Certa manhã, muito cedo, o santo homem disse-lhe que preparasse o altar, pois ia celebrar a missa. Diante da surpresa do diácono, São Galo acrescentou: "Depois das noturnas desta noite, foi-me revelado que meu mestre Colombano acaba de deixar êste mundo e quero oferecer o

sacrifício para o seu repouso." Foi provada ser verdadeira a notícia; e, pouco depois, tendo o diácono feito uma viagem a Bobbio, na Itália, trouxe, com uma carta dos irmãos, o cajado pastoral que São Colombano recomendara fôsse enviado a Galo, seu discípulo, em sinal de absolvição; pois, como vimos, Colombano proibira-lhe celebrasse a missa enquanto êle, seu mestre, ainda vivesse.

Tendo sido Santo Eustásio, abade de Luxeuil eleito em substituição a São Colombano, falecido em 625, os religiosos do seu mosteiro, em número de seiscentos, escolheram São Galo como sucessor; e enviaram aos Alpes alguns de seus antigos companheiros da Irlanda, incumbidos de entregar-lhe o ato da eleição. O Santo recebeu-os com muita caridade mas humildemente lhes respondeu: "Deixei minha pátria, minha família, meus bens, recusei o episcopado para viver na solidão; quando vivia convosco, de boa vontade obedecia: dispensai-me de dar ordens a uma comunidade tão numerosa e permiti-me acabar tranqüilamente os dias neste ermitério." Depois de assim lhes falar, indagou ao irmão dispenseiro o que tinha para dar aos hóspedes à hora da refeição. O irmão respondeu-lhe que só restava um sesteiro de farinha. O santo homem disse-lhe que fizesse pães, acrescentando: "O Senhor é bastante poderoso para ajudar-nos a servir na solidão". Foi até à cova do rio, onde apanhou um enorme peixe, que duas lontras forçaram a entrar na rêde. Lançando outra vez a rêde apanhou tão grande quantidade de peixes que ela se rompeu; tornou a atirar alguns à água e guardou os outros para alimentar os hóspedes, a cuja fé atribuiu aquela prodigiosa bênção. No caminho de volta, encontrou um homem que devotamente se diri-

gia ao mosteiro com dois odres de vinho e três medidas de farinha. Comeram, pois, com redobradas ações de graças.

O sacerdote Vilimar foi, certo dia, procurar o santo homem na sua cela e pediu-lhe que, em consideração à antiga amizade de ambos, consentisse em pregar mais uma vez ao povo da sua paróquia, isto é, em fazer uma missão. São Galo desculpou-se, alegando seu amor pelo recolhimento e a sua idade avançada. Contudo, vencido pela amizade e pela caridade, viajou para Arbon, cuja população exultou de alegria. São Galo pregou durante dois dias; no terceiro, foi acometido pela febre e morreu no décimo-quarto, 16 de outubro de 640, com a idade de noventa e cinco anos. Deus glorificou seus funerais e seu túmulo com um grande número de milagres. (1)

* * *

(1) Acta SS., ordin. Benedict. t. II. Monumenta Germaniae, Pertz, t. II.

BEM-AVENTURADO GERALDO (*)

A b a d e

Geraldo, sucessor de São Bernardo de Claraval, era abade de Fossanova, na Itália, quando foi eleito, em 1170, para governar Claraval.

Quando visitava os mosteiros que estavam sujeitos à sua administração, na Alemanha, parou o bem-aventurado em Trêves e pediu hospitalidade ao mosteiro beneditino de São Matias, onde foi recebido com grande satisfação de toda a comunidade. À noite, no silêncio da casa, desceu à cripta para orar e suplicar as bênçãos de Deus pela intercessão dos mártires Euquério, Valério e Materno, que ali em São Matias descansavam.

Eis senão quando, os três santos lhe apareceram, e Euquério, tomando a palavra, disse a Geraldo que Deus não queria que deixasse os muitos trabalhos que tinha para se dedicar unicamente à contemplação. E acrescentou que, não tardaria, havia de receber a coroa.

Quase um mês depois, Geraldo encaminhava-se para uma visita a Igny, na diocese de Reims. Bem recebido pelo abade Pedro, iniciou os trabalhos de rotina, tratando com os irmãos, tanto em público como particularmente. Surgiu-lhe, então, o caso dum converso, ao qual teve que castigar. Depois do castigo,

exortou-o, brandamente, a suportar com resignação as sanções que lhe impusera, prometendo-lhe que havia de considerá-lo como a um filho, se se arrependesse do que praticara, contra tôdas as regras.

O converso, de cabeça baixa, respondeu-lhe tão docemente, que não houve quem duvidasse, um só momento, de que se corrigira, tão humilde se mostrara.

No dia seguinte, quando Geraldo se dirigia para o ofício da noite, o converso, num lugar escuro, surgiu-lhe pela frente. Com pontiagudo punhal na mão, tinha o rosto congestionado, os olhos brilhando malèvolamente. Era, absolutamente, o oposto daquele que, de modo tão doce, dera a mais cabal prova de que se arrependera e ia corrigir os defeitos.

Precipitando-se, com fúria, sôbre o bem-aventurado, enfiou-lhe, fundo, a arma no ventre. Cometido o atentado, o converso, atemorizado, desapareceu.

Descoberto pelo sacristão, Geraldo, a perder muito sangue, foi levado, às pressas, para a enfermaria, debaixo do pranto dos monges todos. Três dias depois, recebidos os sacramentos, falecia, perdoadando o assassino e recomendando a Deus os filhos de Claraval. Era a 16 de outubro do ano de 1177.

O corpo do bem-aventurado abade Geraldo foi levado para Claraval. Acompanhou-o o abade de Igny, o bom Pedro, que não se conformava com o sucedido. Uma única frase lhe martelava o cérebro, sem cessar: Se o crime ocorrera na sua abadia, não fôra perpetrado por causa dos seus pecados?

Senão quando, à missa de Geraldo, viu-o, e a São Bernardo, um em cada lado do altar. E São Bernardo lhe disse, consolando-o e livrando do que o atormentava:

— Poi que te mortificas? Por que choras um morto, cujo fim, precioso diante do Senhor, nada mais foi do que uma passagem para a vida bem-aventurada?

Depois, estendendo a mão, apontando Geraldo, acrescentou:

— Eis ali meu irmão Geraldo, ao qual fizeste tão santos funerais! Se sua morte foi horrível, tanto maior é a sua alegria junto do Senhor.

Conta-se que, mais tarde, um homem procurou o papa Alexandre III e, num repente, atirou-se-lhe aos pés, a implorar misericórdia. O papa perguntou-lhe quem era e qual o seu crime. O homem, a chorar, respondeu-lhe:

— Eu sou o assassino do abade de Claravall!

O papa levantou-se, empurrou-o. E o criminoso, espavorido, largou a correr, desaparecendo, atemorizado.

Ora, os cardeais que ali estavam, entraram a insinuar que, se Nosso Senhor perdoara os seus verdugos, o seu vigário na terra devia ter sido mais doce para com aquêlê infeliz que o procurara. O papa respondeu-lhes que se assim agira fôra para fazer sentir ao criminoso quão grande tinha sido o crime cometido, mas ia perdoá-lo, perdoara-o já.

Procurado, o antigo converso jamais foi encontrado. Que fim teve, ignora-se até hoje. A Geraldo de Claraval, às vêzes lhe dão o título de mártir.

SÃO GERALDO MAJELLA (*)

Redentorista

Filho de modesto alfaiate, Domingos Majella, e de Benedita Cristina Galella, Geraldo teve quatro irmãos: Brígida, nascida em 1712; Geraldo em 1716, e falecido oito dias depois; Ana Isabel, nascida em 1717 e Isabel, que nasceu em 1723.

O nosso Geraldo nasceu em 1726. Quando o pai morreu, em 1738, tornou-se aprendiz de alfaiate. Em 1740, pensou em viver entre os capuchinhos. Procurou-os. Como era magro e fraco, recusaram-lhe acolhida.

No ano seguinte, pôs-se ao serviço do bispo de Lacedônia. Morto o bispo, em fins de 1745, Geraldo, um tanto indeciso, procurou, afinal, estabelecer-se como alfaiate em Muro, sua cidade natal. Foi quando principiou a sentir-se atraído pela Congregação do Santíssimo Redentor, que Santo Afonso de Liguori fundara fazia quinze anos.

Recebido a 17 de maio de 1749 no noviciado de Deliceto, pelo fim daquele ano envergava o hábito. Depois do primeiro e segundo postulados (1750-1752), os quais atravessou atormentado por certos escrúpulos, tendo sido curado por um clérigo que lhe fêz sôbre o coração o sinal da cruz, entrou a professar.

A 21 de setembro de 1752, São Geraldo recebia grandes luzes do Espírito Santo: data daquele dia o voto que pronunciou, de fazer tudo o mais perfeitamente possível.

Lacedônia, em 1754, quando presa duma epidemia e afligida por escândalos sem conta, viu-o realizar milagres edificantes, sermões que transmudavam os pensamentos. Ia o Santo, pròximamente, passar por dura prova.

Um dia, naquele mesmo 1754, uma jovem, perversamente, caluniou-o odiosamente. E Santo Afonso, vendo que Geraldo nada dizia, interdisselhe o recebimento da comunhão e todo o comércio com pessoas do exterior. Pouco depois, transferia-o para Caposela. E o Santo, triste, dizia:

— Se Deus quer mortificar-me, por que hei de eu ir de encontro à sua vontade? Se Êle quiser fazer ver a todos minha inocência, quem melhor do que Êle o faria? Deus me livre de não me submeter aos seus desígnios.

Todavia, aquela interdição de comungar era-lhe duríssima, mas procurava consolar-se, dizendo:

— Eu o trago no coração. O Senhor deseja punir-me pelo pouco amor que lhe dedico, por isso, foge de mim. Não o perderei, contudo, do meu coração, jamais.

À medida que os dias passavam, São Geraldo mais e mais se sentia tentado a pedir a comunhão. E duma feita, quando imensamente desejava receber o corpo do Senhor, resolveu, atormentado que andava, suplicar ao reitor a licença para tal. Mas, quando subia as escadas que o levariam ao superior, estacou. Com lágrimas nos olhos, duramente socou,

de punho cerrado, uma pilastra à sua frente, exclamando:

— Não! Antes morrer do que ir contra a vontade de Deus!

E, um dia, quando um colega o convidou para que o ajudasse a dizer a missa, explodiu:

— Deixa-me! Deixa-me ir que hás de ver como te arrebatarei das mãos a hóstia! Não me tentes!

Todavia, quem o tentava era o demônio — *Fra Zulfo*, como São Geraldo, na intimidade, costumava nomear o diabo. E dizia que *Frei Enxôfre* continuava, em vista dos seus arroubos, a triunfar. Havia, pois, que ser mais paciente, menos explosivo.

São Geraldo escreveu, por aquêles tristes tempos, sôbre as mortificações que fazia, sôbre os desejos que tinha:

“Mortificações. — Todos os dias, uma disciplina a sêco. Cada oito dias, uma a sangue. Cadeia de ferro sôbre o corpo. De manhã e de tarde, fazer nove cruzes na terra, com a língua. Coração de ferro dentro do peito. Mastigar centáurea ou absinto pelo menos três vêzes por dia. Seis *Ave* com o rosto por terra. Quarta-feira, sexta-feira, sábado e às vigílias, comer de joelhos. Fazer de manhã e de tarde nove outras cruzes no refeitório. Todos os dias, deixar as frutas. Cobrir-se com cadeias, para dormir. Sábado, pão e água.

“Desejos. — Amar muito a Deus. Estar sempre unido a Deus. Fazer tudo por Deus. Conformar-me sempre com a vontade de Deus. Sofrer muito por Deus.

“Os mais vivos sentimentos do meu coração. — Uma boa-fé, porque se me apresenta ótima ocasião para me fazer santo. Se a perder, perdê-la-ei para

sempre. Se, com uma boa-fé, tenho a oportunidade de me fazer santo, que espero para me fazer santo? Não tenho tôdas as chances, e bem favoráveis, para me fazer santo? Avante, pois! Eu quero fazer-me santo. Oh! É necessário que me faça santo! Senhor, que loucura a minha! Eu posso ser santo e me queixo e lamento?

“Irmão Geraldo: decide-te a te dares todo a Deus. De agora em diante, corrige-te, e vê que não serás santo se ficares sòmente em contínua oração e contínua contemplação. A melhor oração é ser como praza a Deus, ser franco com o divino querer, quer dizer, dar-se continuamente a Deus: é o que Deus quer de ti. Não te inquietes contigo nem com o mundo. É suficiente que tenhas sòmente a Deus presente no que fazes, e estares sempre em Deus. Verdadeiramente, tudo aquilo que se faz, e que só por Deus se faz, é oração. Alguns têm a obrigação de fazer isto ou aquilo. Eu tenho sòmente a obrigação de fazer a vontade de Deus. Nenhuma pena é pena, quando, verdadeiramente, trabalha-se por Deus.

“Reflexão. — Se me perder, perco Deus, e que me resta perder, uma vez perdido Deus? Senhor, faze com que me seja recomendada particularmente a vivacidade da fé no Santíssimo Sacramento do altar”.

Alguns meses depois daquela vida, a jovem caluniadora retratou-se, e Santo Afonso, imediatamente, suspendeu a punição. E o bom Geraldo, numa alegria que não se pode descrever, retornou à cotidiana comunhão.

Em 1754, São Geraldo estava em Nápoles. De lá, depois dalgum tempo, tornou a Caposela, onde

foi porteiro. Ali, recebeu o honroso, sublime cognome de *Pai dos Pobres*. Em fins de fevereiro de 1755, voltava a Nápoles. De novo em Caposela, em junho, a 20 de agôsto adoeceu. Ia principiar o grande sofrimento.

— Eu experimento o purgatório nesta vida . . . Estou continuamente nas chagas de Jesus Cristo e as chagas de Jesus Cristo estão em mim . . . Sofro, e soffro sem cessar, as penas e as dores da Paixão de Jesus Cristo . . . É bem pouco o que eu soffro pelo amor de Jesus Cristo: Deus morreu por mim, e se Êle quiser, quero morrer por Êle.

As dores assaltavam-no, terríveis. Um irmão, então, teve que lhe administrar certa poção. Levantou-se e deu-lha.

— Sou um homem inútil! exclamou ao bom enfermeiro. Não mereço tanto!

A 15 de outubro, à tarde, esclareceu:

— Esta noite devo morrer!

E a um irmão:

— Vesti-me, porque quero recitar o officio dos mortos por minha alma!

Depois, à noite, deu de repetir o *Miserere*, frizando o *Tibi soli peccavi; a peccato meo munda me*.

E com ansiedade:

— Meu Deus! onde estás? Quero ver-te!

Depois:

— Ajudai-me a unir-me a Deus!

Pouco após:

— Depressa! Depressa! Ó Irmão Xavier, expulsa daqui êstes diabos! Que querem os dois espertalhões?

A respiração acelerada foi-se acalmando e uma relativa paz desceu sôbre o Santo. Descansou um pouco. Então disse:

— Eis a Senhora! Prestemos-lhe homenagens!

Via a cama em que jazia rodeada de escapulários.

— Meu Deus, exclamou, quero morrer para te ser agradável! Quero morrer para fazer a tua santíssima vontade!

São Geraldo Majella faleceu na noite de 15 para 16 de outubro de 1755, com vinte e nove anos. Passara cinco na Congregação Redentorista.

Em 1893, foi beatificado. Em 1904, canonizado. Pelos prodígios que operou, ficou popularíssimo.

Contam dêle que, para poder orar tranqüila e longamente, sem ser solicitado para isto ou aquilo, pediu, um dia, a Deus, para que o tornasse invisível — e Deus o ouviu.

No mesmo dia, a véspera da festa de Santa Hedvigés, viúva, duquesa da Polônia, cuja vida veremos no dia de amanhã.

Em Mosteiro de Der, na Gália, São Bercário, abade e mártir. Na quinta-feira santa do ano de 685, São Bercário pressentiu a morte. Estava em Puellermontier. A noite, quando todos dormiam, cansados, um mau monge, chamado Daquino, ao qual o santo abade tivera necessidade de repreender severamente, aproximou-se dêle, na mão apertando longa faca pontiaguda, e o feriu várias vêzes. Ao fugir, procurando desembaraçar-se da arma homicida, atirou-a a um repucho do claustro. A faca, porém, ao invés

de ir ao fundo, ficou à tona, boiando sinistramente. Alucinado com o sucesso, tal foi o terror que se apôs do matador que se pôs a repicar espalhafatosamente o sino, acordando a comunidade tôda. São Bercário ainda vivia. Diante do assassino, docemente perdoou-o, instando com êle para que fôsse a Roma pedir a absolvição do papa. Daquino partiu, mas nunca mais ninguém soube qualquer coisa a seu respeito nem do seu paradeiro. São Bercário faleceu a 26 de março, pela manhã da Páscoa daquele 685.

Na África, duzentos e setenta bem-aventurados mártires, coroados juntamente.

São Saturnino e São Nereu, com trezentos e sessenta outros mártires.

Em Colônia, Santo Elífió, mártir, sob Juliano, o Apóstata. Levado por longa arenga de Juliano para renegar a fé de Jesus Cristo, Elífió, filho de renomada família, recusou-se a fazê-lo. Foi, então, decapitado. Santo Elífió está colocado entre os santos que, tendo a cabeça decepada, toma-a entre as mãos e se vai do local do martírio. Assim, caminhando, chegou ao alto duma colina, onde havia uma pedra em tudo semelhante a um trono. O Santo ali se sentou, e pôs-se a pregar. Sepultado naquela colina, que lhe tomou o nome, mais tarde se erigiu uma basílica sôbre a tumba que lhe recolheu o corpo.

Em Berry, Santo Ambrósio, bispo de Cahors. Tal era a má vontade dos diocesanos em ouvi-lo, que, um dia, o santo bispo deixou o encargo e se retirou a uma cela que mandou construir ao pé da cathedral. Ali, cumpriu inúmeros milagres, livrou do demônio vários possessos. Desejoso de gozar da mais completa solidão, deixou a cela e foi viver numa afastada ca-

verna. Prendeu-se com uma corrente e atirou a chave às águas do Lot, um ribeiro que passava bem perto. O povo, quando soube do acontecido, entrou a fazer penitência e, três anos depois, pasmado com a notícia de que um homem, tendo pescado um peixe, descobrira dentro dêle a chave, em massa, mas ordeiramente, foi suplicar ao bispo que voltasse à sua sede, o que aconteceu, para alegria de todos, ovelhas e pastor.

Em Maiença, São Lul, bispo e confessor. São Bonifácio fêz de São Lul, primeiramente, seu diácono, depois sacerdote, arcediogo e vigário. Em 753, o santo apóstolo propô-lo como bispo coadjutor ao rei Pepino. São Lul sucedeu a São Bonifácio como bispo de Maiença. Faleceu na abadia de Hersfeld a 16 de outubro de 786, depois de trinta e dois anos de episcopado, e nela foi enterrado. São Lul deixou os seguintes versos, como epitáfio:

“Lul era o meu nome.
Tive, por mãe, a ilustre Bretanha,
que me enviou aos Padres de Roma.
O Santo Doutor Bonifácio
tomou-me ao seu lado,
e me pôs sôbre os ombros
as vestes sagradas.
Quando, pelo martírio,
subiu aos céus,
celestes palácios,
ordenou-me que fôsse
pai para a Igreja de Maiença.
Ali seja o meu repouso,
até o dia em que uma voz santa

me chame:

Ó Pó que dorme!

De pé!

É a ordem de Deus!"

Sessenta e seis anos depois da morte, tomaram-lhes os santos restos e colocaram em lugar mais honroso ainda do que aquêle que o recebera.

Em Tréveris, São Florentino, bispo.

Em Capdenac, Santo Ansuto e São Grato, mártires, massacrados por pagãos.

Em Bolonha, Santa Bolonha, virgem e mártir.

Em Agen, São Dulcídio, bispo, no século V. Segundo a *Paixão* de Santa Fé (6 de outubro), o bispo de Agen, Dulcídio ou Dulcício, construiu uma basílica em honra daquela Santa no lugar mesmo em que foi martirizada.

Na diocese de Limoges, Santo Amando e seu discípulo São Juniano, ermitães, no século VI. Amando, de família muito nobre, estabeleceu-se num domínio que pertencia ao bispo de Limoges, Rorico I, o qual prelado o tomou sob sua proteção. Grande foi o bem que Santo Amando fêz por tôda a região. Juniano, atraído pelo renome do ermitão, procurou-o, pondo-se a viver ao seu lado. Tendo deixado tudo, os pais e os bens, passou a secundar o mestre nos trabalhos que desenvolvia, entre as gentes. Quando Santo Amando faleceu, São Juniano ocupou-lhe a cela, nela vivendo por quarenta anos.

Em Montefalcão, Argona, na diocese de Reims, atualmente de Verdun, São Balderico, monge (século VI-VII).

Em Angers, São Maimbeuf, bispo, que nasceu no dia da Epifania, ao sul do Loire. O bispo de

Angers, São Lezino, tonsurou-o e confiou-lhe o mosteiro de Chalennes, para que o dirigisse. Quando da fundação do mosteiro de São João Batista de Angers, São Lezino enviou São Maimbeuf ao papa, ao qual supplicaria lhe desse reliquias do Santo Precursor de Nosso Senhor. De volta daquela alta missão, São Lezino reteve-o a seu lado até a morte, quando, então, rogou ao clero e ao povo de Angers que a São Maimbeuf tivessem como seu sucessor. O rei Dagoberto aprovou aquêlê desejo do bispo em vias de deixar o mundo: isto, porém, é contestado, porque São Lezino faleceu antes de 629, ano em que Dagoberto subiu ao trono. São Maimbeuf não foi o sucessor de São Lezino, e sim um certo Caidulfo, cujo episcopado, curtíssimo, terminou em 610, quando, agora sim, São Maimbeuf se elevou à sede de Angers. O santo bispo operou inúmeros milagres, dentre os quais se salientam a cura dum menino que, apenas injuriara o Santo, fôra envolto por uma ventania e por ela atirado num espinheiro; o da jovem que, tendo as mãos paralizadas, nada podia fazer, e viu-se curada; o do cego, ao qual o santo bispo restituiu a vista; o do mudo que se pôs a falar, desembaraçadamente; o do menino que, tendo sido pisoteado por um cavalo fogosíssimo, que o matou, foi ressuscitado por Maimbeuf. São Maimbeuf fundou em Angers um mosteiro, que colocou sob a invocação de São Saturnino. Ali quis ser enterrado. Faleceu depois de 627.

Em Noyon, São Momelino, bispo, falecido, supõe-se, em 686.

No Mans, São Berário, bispo, desaparecido em 673.

Santa Eremberta, abadessa, no século VII. Sobrinha de São Vulmar, foi a primeira abadessa de Wierre-aux-Bois.

Em Anchin, na diocese de Cambrai, São Gordano, ermitão (século VIII?).

Na Bretanha, São Vital, ermitão, no século VIII.

Na atual São Galderico, São Galderico, agricultor. Conta-se de São Galderico, que deu o nome à antiga Viéville, diocese, hoje, de Carcassona, que, um dia, batendo o trigo ao ar livre, viu que o céu se escurecia rápida e feiamente, enquanto o vento, assobiando loucamente, a tudo, espalhafatosamente remexia. Uma tempestade sem igual ia desabar dentro em pouco. E o trigo, assim exposto? São Galderico pôs-se a orar com fervor. A chuvarada, arrazando toda a região, deixou intato o seu grande trecho de terra. É invocado contra as tempestades ou para fazer chover brandamente, aquela boa chuva favorável às culturas. São Galderico faleceu por volta do ano de 900.

Em Doydes, diocese de Tolosa, Santo Anastácio, monge de Cluny.

Em Éboli, diocese de Salerno, São Bernérios, ermitão, no século XII. Em 1554, as relíquias de São Bernérios foram reencontradas e por sua intercessão uma chuva miraculosa salvou da fome os habitantes de Éboli.

Festa de São Bertrand, bispo, falecido em 1125.

Festa de Santa Bonita, virgem, cujo culto se centralizou na capela de São Martinho, na basílica de São Juliano de Brioude. Santa Bonita, segundo uma lenda sem valor, nasceu perto de Brioude, em Alvier, às margens do Allier, ribeiro que lhe sentiu o poder,

quando duma inundação que a Santa conjurou. Diz também aquella lenda que Santa Bonita malbaratou um plano dos inglêses, quando, com grande exército, punham cêrco a Brioude.

Na África, duzentos e setenta mártires. — No mesmo lugar, os santos Martiniano e Saturiano, e mais dois de seus irmãos que, durante a perseguição dos vândalos, sob Genserico, rei ariano, foram escravos de certo vândalo, e convertidos à fé de Jesus Cristo por Santa Máxima, virgem, que também servia ao mesmo senhor. Tendo permanecido firmes na fé católica, foram primeiramente espancados e dilacerados até os ossos com paus nodosos; mas, como depois de terem sido longamente submetidos ao mesmo suplício, amanheciam em plena saúde, como se não houvessem sofrido o menor mal, foram enviados ao exílio; lá, depois de converterem grande número de bárbaros, e obterem do soberano Pontífice um sacerdote e outros ministros da Igreja para bati-zá-los, foram finalmente atados pelos pés à parte traseira de carretas puxadas por quatro cavalos, e forçados a correr por entre as moitas de uma floresta cheia de espinheiros; suplício no qual perderam a vida. Quanto a Máxima, depois de várias lutas, das quais Deus sempre a fêz sair vitoriosa, foi superiora das religiosas de um grande mosteiro, onde morreu santamente.

17.º DIA DE OUTUBRO

SANTA HEDVIGES

*Duquesa da Polônia, e tia de Santa Isabel
da Turíngia*

Bertoldo de Andech, Marquês de Meran, Conde do Tirol, Príncipe ou Duque da Caríntia e da Ístria era seu pai. Sua mãe, chamada Inês, era filha do Conde de Rotlech. Tiveram oito filhos, quatro meninos e quatro meninas; dois dos filhos foram bispos, ou sejam: Bertoldo, Patriarca da Aquiléia, Erberto, bispo de Bamberg; os dois outros, Henrique e Oton, seguiram a profissão das armas e sucederam ao pai no govêrno de seus Estados. As filhas foram Hedvigés, Inês, tão famosa por causa do seu casamento com Filipe Augusto, rei da França, Gertrudes, rainha da Hungria, mãe de Isabel; a quarta foi abadêssa de Lutzing, na Francônia, da ordem de São Bento.

Santa Hedvigés foi internada nesse mosteiro desde criança e lá aprendeu as letras sagradas, que mais tarde lhe foram motivo de contínuo consôlo. Com a idade de doze anos, deram-na em casamento a Henrique, Duque da Silésia, e mais tarde, também Duque da Polônia, e, no estado do matrimônio, ela se conservou continente, na medida do possível.

Desde a primeira gravidez, quando apenas contava treze anos, convencionou com o príncipe, seu marido, separar-se d'ele até o parto, prática que continuou a observar, além da abstinência do advento e da quaresma, assim como dos outros dias santos. Depois de terem seis filhos, conseguiu que o Duque consentisse em guardar a continência perpétua; comprometeram-se a fazê-lo através de um voto, com a bênção do bispo, e assim viveram cêrca de trinta anos. Tendo o fato se tornado público, resolveram morar inteiramente separados, e raras vêzes se viam, sempre na presença de testemunhas, a fim de não escandalizarem os fracos. O Duque vivia como um religioso, embora não houvesse professado, e deixara crescer a barba como os irmãos conversos dos mosteiros, de onde lhe veio a alcunha de Henrique, o Barbudo.

A santa Duquesa Hedvigés persuadiu-o a fundar em Trebnitz, junto a Breslau, na Silésia, um mosteiro de religiosas da Ordem de Citeaux, cuja primeira abadêssa foi Petrissa, que a Duquesa tivera como governante na sua infância. Mandou-a vir de Bamberg com outras religiosas; a inauguração deu-se no ano de 1203, a consagração da igreja em 1219. Santa Hedvigés reuniu na nova ordem um número avultado de religiosas e ofereceu a Deus sua filha Gertrudes, que depois foi abadêssa. Hedvigés educou algumas jovens da nobreza e muitas outras, das quais algumas abraçaram a vida monástica; quanto às restantes, casava-as. Ela própria, freqüentemente, se recolhia ao mosteiro, mesmo em vida do Duque, seu marido, e dormia no dormitório das religiosas; depois, instalou-se definitivamente em Trebnitz, junto ao mosteiro, mas não dentro d'ele, e vestiu o hábito das religiosas, sem professar, a fim de conservar a

liberdade de socorrer os pobres com seus bens. Enfrentou com admirável paciência a morte do Duque Henrique, seu marido, ocorrida em 1238, e consolava as religiosas de Trebnitz, consternadas com aquela perda.

De tal forma praticava a abstinência que não comeu carne durante quarenta anos aproximadamente, dissesse o que dissesse, através de pedidos ou de censuras, o Bispo de Bamberg, seu irmão, ao qual dedicava muito respeito e amizade. Até que Guilherme, Bispo de Modena e Legado da Santa Sé, tendo ido à Polônia e encontrando-a doente, a obrigou, por obediência, a comer carne. Costumava alimentar-se com peixe e laticínios aos domingos, têrças e quintas; às segundas e aos sábados, com legumes secos; às têrças e sextas, contentava-se com pão e água. Tinha suprimido de suas vestes não apenas os adornos e os requintes, mas a comodidade e o essencial, quase, só usando uma túnica e uma capa; andava descalça, com freqüência, não obstante o frio comum àquela região. Carregava consigo um cilício de crina e disciplinava-se até o sangue correr.

Suas preces eram longas, fervorosas e quase contínuas; costumava assistir a várias missas por dia, sendo que a cada uma delas dava uma intenção, e finalmente recebia a imposição das mãos do sacerdote. Operou vários milagres e tinha o dom da profecia; prevendo a proximidade de sua morte, fêz questão de receber a extrema-unção antes de adoecer. Enfim faleceu no dia 15 de outubro de 1243. Determinara que seria enterrada no cemitério das religiosas, mas a abadêssa, sua filha, não consentiu nisso e, contra o desejo por ela expresso, mandou colocá-la na igreja, na frente do altar principal. As religiosas

sofreram muitos aborrecimentos, tal como a santa predissera, por causa do grande número de pessoas que vinha rezar junto ao seu túmulo, no qual ocorreram numerosos milagres. Em vista disso, o bispo e os duques da Polônia providenciaram junto à Santa Sé a canonização de Hedvigis, efetuada depois das informações de praxe pelo Papa Clemente IV, no dia 26 de março de 1267. O Papa Inocência IX fixou sua festa no dia 17 de outubro. (1)

* * *

(1) Surius, 17 octob.

SANTA MARGARIDA MARIA ALACOQUE (*)

Visitandina

O culto do Sagrado Coração, hoje tão generalizado, deve a disseminação, em grande parte, às revelações com que Santa Margarida Maria Alacoque foi honrada. Filha de Cláudio Alacoque, notário real e juiz ordinário, e de Filisberta Lamyn, Margarida nasceu, em 1647, na cidadezinha de Lautecourt, na comuna de Verosvre, longe cêrca de sete léguas de Paray, na Borgonha, França. Era no dia 22 de julho, festa de Santa Maria Madalena, penitente.

Filisberta, mulher piedosa, cultivou-lhe a piedade com especial carinho, tendo um como pressentimento da alta missão da filha, daquela que devia ser a reacendedora, no mundo, do fogo do divino amor de Jesus.

Menina ainda, sem sequer saber o que fôsse voto de castidade, fê-lo, interiormente, um dia, durante a missa. Dizem os seus biógrafos, contava Margarida ainda dois ou três anos, concebera tanto horror ao pecado que, quando os pais desejavam demovê-la disto ou daquilo, moderando-lhe as inclinações, era suficiente que lhe dissessem:

— Isto ofende a Deus!

Nada mais se tornava necessário: Margarida, no mesmo instante, desistia completamente do que vinha desejando.

Sôbre os primeiros anos da vida de nossa Santa, ela mesma nos conta (porque, por ordem do diretor espiritual, compilou as memórias da seráfica vida):

“Oh, meu único Amor, como vos agradeço por me terdes prevenido com as vossas graças, tornando-vos Senhor do meu coração desde a minha mais tenra idade! Nem bem soube conhecer-vos, e vós manifestastes à minha alma a fealdade do pecado, incutindo-me tal horror a êle, que o seu menor indício já me causava um tormento insuportável, tanto que, para moderar a vivacidade do meu caráter, bastava um simples aceno à provável ofensa de Deus: detinha-me, no mesmo instante, cheia de espanto”.

Cláudio Alacoque e Filisberta Lamyn tiveram sete filhos. Um dêles, Crisóstomo, depôs no processo de beatificação da irmã, e contou que, ia o carnaval nos seus últimos dias, e todos, na cidadezinha, se entregavam aos ruidosos folguedos, próprios daquele barulhento tríduo; enquanto na praça pública estrugiam a música e o canto de moços e moças, o irmão lhe propôs que, trocando de roupa, depois mascarando-se, brincassem. Margarida opôs-se enèrgicamente e se afastou do irmão, dizendo que aquilo ia ofender a Deus.

Grande delicadeza de consciência, aos cinco anos de idade! Jamais Margarida poderia dar-se às festas, ao borborinho, ela que nutria imenso amor pela oração, desejando com afã a solidão! “Rezar e sofrer, diz um dos seus biógrafos, eram as supremas aspirações da sua alma virgem. O Espírito Santo ensi-

nou-lhe os suaves segredos da oração, fazendo-lhe sentir as delícias celestes e iniciando-a nos inefáveis colóquios com o céu naquela idade em que as crianças geralmente ainda não têm o uso da razão, nem conhecem ao seu Criador”.

Com efeito, muitas vezes, os pais e os irmãos encontraram-na, no mais retirado da casa em que viviam, a orar, de joelhos, toda absorvida em Deus, a falar com o doce, suave Jesus. E quando a mãe a levava à igreja para assistir à missa, sentia a mais viva alegria, e a felicidade lhe brilhava nos olhos. “Sentia tal atração para o Santíssimo Sacramento que, por sua vontade, jamais se apartaria do lugar santo. Parecia que Jesus, da prisão do Tabernáculo, dardejava setas de amor àquela alma inocente e a inebriava com as suas doçuras, ansioso para celebrar com ela o místico noivado e uni-la para sempre ao seu Sacratíssimo Coração”.

Desejando ardentemente esconder-se nos bosques, para viver solitária e toda para Deus, somente o medo de encontrar homens a continha. Mas ia, furtivamente, e nas matas ficava por algum tempo. Foi no castelo de Fautrières, senhor de Corcheval, no belo castelo da madrinha Margarida, que a menina se encantou com os bosques todo cheio do piar dos passarinhos. Que grande calma devia encerrar aquela abóbada toda verdor, onde corriam regatos de águas frias e claras! Todavia, era à igreja que ia mais freqüentemente, ao lado do castelo.

Naquela temporada com a madrinha, a menina passava horas e horas na igreja, de olhos fixos no altar. Que poderia fazer para grandemente agradar Jesus? Oferecer-lhe a virgindade. E fê-lo, como dissemos, sem saber ao certo o que era voto de

castidade. Desde aquêlê dia, na igreja do castelo de Margarida Fautrières, senhora de Corcheval, Jesus "considerou-a como filha predileta e escondeu-a no seu Coração adorável, para defendê-la de qualquer profano insulto, concedendo-lhe as mais preciosas graças".

A senhora de Corcheval ia doentia. Como não pudesse, pessoalmente, dar-se à educação da querida afilhada, arranjou-lhe duas preceptoras que lhe deviam ensinar a ler, escrever e rezar, bem como lhe ministraram os conhecimentos do catecismo. Uma das jovens professôras era delicada, amável, tôda condescendência; a outra, ao contrário, um tanto ríspida, inflexível, quase severa; pois bem, a menina Margarida, às amabilidades da primeira, preferiu as rudes, sêcas maneiras da segunda. Por que? Porque presentira por um "daqueles secretos instintos que Deus concede aos corações puros" que a primeira, amável e suave, não vivia vida cristã. Preferia a rudeza duma alma reta à afabilidade duma que se desviava dos princípios sãos.

Grande devota de Nossa Senhora, Margarida não compreendia como, amando o Filho, poderia deixar de amar a Mãe. "Recorri, escreveu ela, a Maria Santíssima em tôdas as minhas necessidades e Ela me livrou de enormes perigos. Não me atrevia a recorrer diretamente ao seu Divino Filho: sempre o fazia por meio d'Ela. Oferecia-lhe o santo Rosário, rezando-o de joelhos, ou fazendo tantas genuflexões quantas são as suaves Ave-Marias, cu beijando o chão outras tantas vêzes".

— — — —

Em 1655, a senhora de Corcheval, sempre doentia, piorando a pouco e pouco, deixou a terra, depois de ter abraçado a afilhada e de lhe fazer as mais salutares recomendações. Margarida chorou sentidamente a perda da boa senhora de Corcheval, da terna benfeitora. Pouco depois, voltava para casa.

No ano seguinte, Deus levava-lhe o pai, mas a boa menina soube conformar-se com a vontade do Senhor, embora muito sofresse.

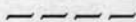
Filisberta, que perdera o arrimo, e quando os filhos ainda mais necessitavam d'ele, não podendo atender aos afazeres e à educação da prole, achou conveniente internar Margarida no convento das clarissas de Chorelles. E assim o fez.

Na nova casa, a menina viu-se rodeada de afeição. As monjas como que lhe viam os tesouros de graças com que Deus aquinhoara aquela almaninha tôda candura, por ela tudo fizeram. Prepararam-na, então, para a Primeira Comunhão, quando Margarida Maria se ia achegando dos nove anos de idade, aquela Primeira Comunhão, da qual mais tarde diria:

“Esta Primeira Comunhão deu tal amargura aos pequenos prazeres e diversões da minha idade, que já não encontrava nêles gôsto algum, mesmo quando os procurava com grande avidez. Quando eu tentava recrear-me com as minhas companheiras, ouvia uma voz misteriosa que me afastava da diversão e me impelia a retirar-me sòzinha em algum recanto do Convento; e essa voz não me deixava em paz, enquanto não lhe obedecesse. Depois, eu tinha que me pôr a orar quase sempre prostrada por terra, de joelhos, ou fazendo muitas genuflexões. Procurava porém, que ninguém me visse, pois era para mim um

tormento insuportável o encontrarem-me a praticar aquêles atos”.

A voz misteriosa, diz André Beltrami (1), “era a do Espôso Divino, que lhe sitiava continuamente o coração para estimulá-la a esquecer as coisas da terra e viver vida celeste, em conversação contínua com os anjos e santos do Céu. Cheia de fome da Santa Comunhão, de então por diante a recebia tôdas as vêzes que lho permitia o seu confessor. Aquêlê pão angélico lhe retemperava sobremaneira o espírito e lhe infundia novo vigor, para percorrer a grandes passos o caminho da perfeição.”



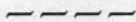
Depois de algum tempo, a menina voltou para a mãe, porque assediada por grave doença que, dia a dia, só fazia progredir, abatendo-a, tornando-a pálida, magra, tôda assaltada de grandes dores.

Filisberta, no auge do desespero, teve uma inspiração. Correu consagrar a filha a Nossa Senhora, prometendo à bondosíssima Maria Mãe de Deus que, caso lhe curasse a filha, entregá-la-ia ao seu serviço. Margarida, que definhava assustadora-

(1) Padre André Beltrami, da Sociedade Salesiana, morreu em odor de santidade aos 30 de dezembro de 1897, com 27 anos. Nasceu em Omegna, diocese de Novara, aos dezesseis anos Dom Bosco acolhia-o entre os seus clérigos. Piedoso, todo ardor para com Deus, durante sete anos, tempo que lhe durou a enfermidade que o arrebatou da terra, sofreu atrozmente, a dizer: «Nem sarar, nem morrer; mas viver para sofrer». O Processo informativo sôbre a vida, as virtudes, a fama de santidade e os milagres do Pe. André Beltrami foi enviado a Roma. Escreveu uma Vida de Santa Margarida Maria.

mente, tornou à saúde de que sempre gozara. A doença, contudo, foi-lhe de grande proveito para a alma. Mais junto de Deus, o coração mais ardentemente pulsou por Nosso Senhor. Quanto à Maria Santíssima, se grande era a devoção que já lhe tributava, maior ainda se tornou, sentindo na alma crescer o amor para com a Mãe de Deus. É daqueles dias estas linhas que escreveu:

“Este Soberano Mestre fêz-me saber como queria que eu fizesse oração e as suas lições me guiaram durante tôda a vida. Devia prostrar-me humildemente diante d’Ele para lhe pedir perdão de tôdas as ofensas que lhe causara e, depois de o adorar, oferecer-lhe a minha oração. Não sabendo, porém, sôbre que devia meditar, Ele se me apresentava ao espírito no mistério que preferia; nessa meditação, tão profundamente me applicava que, conservando a minha alma e tôdas as suas potências absortas em Jesus, não sofria distração alguma; o meu coração era devorado pelo desejo de O amar e sentia insaciável fome da Sagrada Comunhão e uma sêde devoradora de sofrimentos”.



Desde a morte de Cláudio Alacoque a vida correu difícil para Filisberta. Um dia, a boa mulher viu a gestão dos seus bens passar às mãos dum parente brutal e cheio de autoridade. Vivendo com aquêlê homem e a espôsa, tios de seus filhos, sob o mesmo teto, Filisberta passou por duras, tristes provas, vendo “tudo debaixo de chave”, nas mãos dos tiranos, marido e mulher, que Margarida dizia serem “os queridos benfeitores de sua alma”. Foi o tempo em que,

para poder ir à missa, Margarida, então perto dos quinze anos de idade, precisava pedir roupas emprestadas. Pobre Filisberta, pobre Margarida, que viviam a chorar, decerto suspirando pelo espôso amado, pelo pai extremoso, o bom Cláudio que se fôra.

Santa Margarida Maria escreveu:

“Permitiu Deus que minha mãe se despojasse da autoridade na sua própria casa, para transferi-la a outras pessoas, as quais dela abusaram de tal modo que fomos, em breve, reduzidos à mais dura escravidão. Não é meu intento, ao narrar estas coisas, censurar essas pessoas; não quero crer que procedessem mal ao fazer-me sofrer assim (afastai de mim, meu Deus, tal pensamento!). Considero-as antes, como um instrumento de que Nosso Senhor se serviu para executar os seus desígnios. Nós já não tínhamos, porém, nenhum poder em nossa própria casa e nada nos atrevíamos a fazer sem pedir licença. Era uma guerra contínua; tudo estava debaixo de chave, de modo que eu nem sequer encontrava com que me vestir convenientemente para ir à missa, tendo, muitas vêzes, que pedir roupa emprestada. Tal situação afligia-me de uma maneira horrível”.

E as suspeitas, odiosas suspeitas, que tornavam a vida mais terrível?

“Foi então, diz a nossa Santa, que concentrei todos os meus afetos no Santíssimo Sacramento. Morando eu, porém, numa casa de campo, longe da igreja, não podia frequentá-la sem licença daquelas pessoas, e acontecia que, quando uma delas me dava licença, a outra a negava, e, se me queixava, com lágrimas, lançavam-me em rosto o ter eu, talvez, marcado alguma entrevista e querer eu cobri-la com

o pretexto de ir à missa ou à bênção do Santíssimo. Era um juízo absolutamente injusto, porque eu antes quisera ver o meu corpo feito em pedaços do que conceber sequer tal pensamento”.

Depois:

“Não sabendo onde me refugiar, escondia-me em algum recanto do jardim ou noutro lugar solitário para me pôr de joelhos, e assim expandir o meu coração, derramar as minhas lágrimas na presença de Deus. Eu o fazia sempre por intercessão da minha boa Mãe, a Virgem Santíssima, na qual tinha pôsto tôdas as minhas esperanças. Deixava-me, muitas vêzes, ficar o dia inteiro, sem comer nem beber, e alguns bons camponeses da aldeia socorriam-me ao cair da tarde, com um pouco de leite e algumas frutas. Ao voltar para casa sentia tal tremor e mêdo que parecia uma pobre culpada que ia ouvir a sentença da sua condenação. Eu preferia ter que mendigar o pão antes que viver assim, pois que, frequentemente, à mesa, nem me atrevia a tocá-lo. Desde o instante que reentrava em casa, começavam as repreensões mais acerbas, por não haver tomado conta das crianças. E não me deixavam replicar uma só palavra. Depois disso, passava o dia a derramar lágrimas amargas e a rezar diante do Crucifixo”.

Margarida, porém, chorava e sofria por causa da mãe, vendo-a humilhada e rebaixada dentro da própria casa, despojada daquilo que, vivo o pai, sempre tivera — autocracia como mãe e senhora do lar.

Um dia, Filisberta adoeceu, e precisou guardar o leito. O médico, pouco depois, chamado às pressas, fêz-lhe uma sangria. E à filha, atormentada, disse que sòmente um milagre lhe salvaria a boa mulher.

Foi o desespero! Que fazer se a mãe morresse? Como suportar, sòzinha, a dureza daquela casa? Correu à igreja. De joelhos diante do Tabernáculo, suplicou e rogou com lágrimas sem-fim, que lhe rolavam pelo rosto congestionado, que Jesus lhe soccorresse a mãe. Pedira com tal ardor, com tantos soluços, que lhe sacudiam o corpo, que Nosso Senhor lhe atendeu o pedido. E, "contra tōda a esperança humana", Filisberta recuperou-se e ficou completamente curada.



A atração de Margarida Maria pela oração e santa comunhão era fortíssima. Fortíssima também a ânsia que tinha de sofrer. Para confortá-la, para amenizar as provas pelas quais passava, Nosso Senhor "começou aparecer-lhe, como escreve o Padre André, sob a figura do *Ecce Homo*. O seu divino Espôso, o mais belo dentre os filhos dos homens, com a cabeça coroada de agudos espinhos, o semblante a escorrer sangue, as mãos atadas, como um malfeitor, e o corpo todo pisado e chagado pelos açoites, fitando-a amorosamente com as pupilas lânguidas, ateava no coração de Margarida tais chamadas de amor, que tudo o que sofria: despezos, escravidão, mendicidade, maus tratos, tudo se lhe afiguravam rosas e flôres".

Mas Margarida queria sofrer:

"Outras vèzes, Jesus mostrava-se no alto do Gólgota, pregado na Cruz, desfigurado pelos sofrimentos, com a ferida do costado aberta; ou lhe aparecia curvo, ofegante sob o pêsso da Cruz, a galgar

o caminho sangrento do Calvário. A esta vista ela não podia conter-se e pedia ao seu amado Redentor que a associasse aos seus sofrimentos, que lhe enterrasse na cabeça a sua coroa de espinhos, que lhe trespassasse as mãos e os pés com os cravos, e, concedendo-lhe a mercê de que fôra digno o Cirineu, pusesse-lhe a sua Cruz às costas”.

Às pessoas que a martirizavam, por elas rezava e pedia, tratando-as com carinho. Prestava-lhes serviços, era-lhes bondosa, afável e doce.

Quando tinha licença de ir à igreja, ia correndo. Prostrada diante do Tabernáculo, ali se deixava ficar o tempo que podia. Se pudesse, jamais tornaria para casa, esquecida de tudo e de todos, dos entes amados, dos que a tiranizavam, do sono, do alimento, dos afazeres. Quando não a deixavam, dirigia-se ao seu lugar predileto, no fundo do quintal: alta, como um terraço, ali havia uma pedra, da qual, ao longe, via-se a igreja. Margarida alongava o ávido olhar para onde devia estar o Tabernáculo, e rogava ao seu anjo da guarda que a Jesus fôsse, em seu lugar, prestar as homenagens que, de perto, não podia tributar-lhe. E a jovem, de joelhos na vasta pedra do fundo do quintal, do cair da tarde até alta noite, de olhos cheios d'água, ficava a orar, a orar, esquecida dos sofrimentos, das injustiças, dos maus tratos, das perfídias.

Jesus aparecia à jovem Alacoque frequentemente, nos seus mistérios dolorosos. Quanto mais cruéis eram as tribulações de Margarida Maria, tanto mais o suavíssimo Jesus lhe surgia, consolador.

— — —

Um dia, chegara Margarida aos dezessete anos, os dois irmãos mais velhos, crescidos e emancipados, tomaram a direção dos bens da família. Foi uma alegria, porque a Filisberta retomara a autoridade de que se vira despojada tão terrivelmente: era, de novo, a mãe de família, doce, sossegada, cristã, que ordenava e geria, branda, mas enérgica, a quem todos obedeciam alegremente. Era a abundância que voltava, e nada mais se via debaixo de chave. As visitas de outrora, que haviam desaparecido sob a tirania, tornavam a aparecer. Contudo, depois de duras provas, a jovem, como que mais descansada, foi espaçando as orações: sentia-se mais segura, e o mundo parecia bom para se viver. Moços, bons partidos, entraram a disputar-lhe a mão. A mãe, que esperava morar com ela, insistia para que se decidisse por êste ou por aquêlê rapaz, todos de boa estirpe, trabalhadores, cristãos, homens que dariam ótimos chefes de família.

Margarida hesitava. E o voto que fizera? "Era muito pequenina, não lhe conhecia o valor e o alcance".

Uma noite de carnaval, instada por várias amiguinhas, vestiu-se luxuosamente, para um baile. Quando voltou e se preparava para deitar-se, Jesus apareceu-lhe. Estava todo ensangüentado, macerado, desfigurado pelos açoites que lhe torturaram o corpo, de lábios ressequidos, pálido e macilento. Olhou-a com muita dor, os divinos olhos razos d'água:

— Filha cruel, exclamou, olha em que estado as tuas vaidades me puseram! Que tempo estás perdendo, precioso, infinitamente precioso, de que deverás prestar contas rigorosas; atraíças-me e persegues-me,

depois de eu te haver dado tantas provas do meu amor!

Margarida desatou a chorar, arrependida. E pôs-se, longamente, com varas, a se disciplinar, sem piedade. Queria, a todo o transe, reparar as ofensas que fizera ao boníssimo Jesus. Amarrou-se apertadamente com rude corda cheia de nós, cingiu-se com bruta corrente de ferro e foi dormir numa cama que preparou com paus nodosos e duríssimos. Quão grande fôra aquêlê pecado cometido!

Todavia, o apêlo do século era grande. E o demônio acenava-lhe com coisas deslumbrantes. Valia-se também do amor da mãe, que queria vê-la casada, para desviá-la do amantíssimo Jesus. Mas, e o voto que fizera? Era pequena, quando o pronunciara. Que sabia ela? Depois, punha-se a pensar no rigor da vida religiosa. Poderia levá-la avante?

Foi uma luta, feia luta, a que travou consigo mesma durante quatro longos anos. Dedicava-se aos pobres, visitava os doentes, dominava a natureza. Mas os prazeres do mundo, de quando em quando, chamavam-na. E Margarida não resistia, ia nesta e naquela festinha, vaidosa, bem vestida, sabendo que era observada e elogiada.

A figura de Nosso Senhor, dolorosa, vinha-lhe logo à mente. E, sempre triste, dizia-lhe:

— Quererás, então, gozar dêsses prazeres? Eu não gozei nenhum, antes saciei-me de tôda a sorte de sofrimentos por teu amor e para ganhar o teu coração. Irás recusá-lo, não mo queres dar?

Pensando, um dia, na infinita bondade do divino Coração, sempre brando, Jesus lhe disse:

— Por que te escolhi eu? Para te provar quão grande é o meu amor e imenso o oceano das minhas misericórdias.

Doutra feita, quando Margarida refletia sobre o voto de castidade que fizera, disse-lhe Êle:

— Eu te escolhi para minha espôsa e, quando fizeste o voto de castidade, nós nos ligamos por uma promessa de fidelidade mútua. Fui eu que te impeli a fazê-lo antes que ao mundo concedesses alguma parte do teu amor, porque eu queria o teu coração inteiro, puro e sem mancha de afeição terrena.

Doutro lado, o demônio tudo fazia para vencê-la. Dizia-lhe:

— Pobre desgraçada, que pensas tu fazer, tornando-te religiosa? Serás o ridículo de toda a cidade, porque não perseverarás, e qual não será a tua confusão, se abandonares depois o hábito de monja e saires do convento?

Margarida não sabia o que fazer. Vivia confusa, atribulada, ora querendo o bom Jesus, ora quase succumbindo ao apêlo do século. Diria, mais tarde:

“Eu já não podia resistir às perseguições que me faziam os meus parentes, nem às lágrimas de uma mãe que ternamente me amava”.

Cheia de dúvida, angustiada, foi-lhe Jesus em auxílio. Um dia, tendo Margarida comungado, disse-lhe Êle:

— Previno-te que, se deres a preferênciã a outro, eu te abandonarei, mas, se fôres fiel, eu estarei sempre ao teu lado e te farei triunfar de todos os inimigos. Perdôo-te a ignorância, porque ainda não me conheces, mas se me fôres fiel espôsa, eu te patentearêi os tesouros inefáveis do meu amor.

“Estas palavras, diz Beltrami, que revelam a majestade, a ternura, e, ao mesmo tempo, a indignação do amor desprezado, abalaram profundamente o coração de Margarida e o conquistaram todo inteiro. Renovou naquele mesmo instante o voto de castidade e, entre lágrimas e soluços, prometeu ser fiel até a morte e superar qualquer obstáculo que se lhe depa-
rasse”.



Mesmo depois de dizer aos familiares que pretendia guardar a virgindade, e, pois, jamais se casar, o que fêz em tom enérgico, os parentes, julgando que a côrte, alegre e cheia de encantos, poderia modificar-lhe os pensamentos, enviaram-na para a casa de um tio, que era notário. Êste tio de Margarida tinha uma filha, piedosa e casta jovem, que deixara o século para se fazer ursulina. Tio e prima, entusiasmados, procuraram induzi-la a vestir o hábito daquela ordem, mas Margarida queria escolher um convento onde não tivesse parentes, nem conhecidos, porque almejava a liberdade para melhor se dar a Deus.

Depois dalguns contratempos e muitas tribulações, estabeleceu que buscaria a Ordem da Visitação, no mosteiro de Paray-le-Monial.

No dia 25 de maio de 1671, acompanhada do irmão Crisóstomo, encaminhou-se, cheia da mais pura alegria, para o convento, onde fixaria o dia em que para êle se mudaria.

Chegado o dia marcado, 20 de junho daquele mesmo 1671, a mãe cobriu-a de beijos e de lágrimas. E ela partiu, sentindo, como escreveu nas *Memórias*,

que a alma se lhe separava do corpo, tanta a dor e a angústia, por deixar a mãe, sem a qual não podia viver. Contudo, à medida que se ia achegando do convento, a natureza foi-se amainando, e sentiu uma grande, consoladora calma.

Dois meses depois, a 25 de agosto, com vinte e quatro anos, tomava o hábito das noviças. E, cheia do desejo da mais alta perfeição, foi, um dia, ao encontro da mestra das noviças, e suplicou que lhe ensinasse o segrêdo da criação.

Disse-lhe a madre, numa resposta que se tornou célebre:

— Ide, ponde-vos diante de Deus como uma tela preparada diante dum pintor.

Margarida não entendeu bem, mas o Divino Mestre lhe fêz ver que a alma era a tela sôbre a qual Elle queria pintar todos os traços da sua vida de sofrimentos. Diria, depois, a Santa:

“Apenas lá me encontrei (2), o meu Divino Mestre me mostrou como a minha alma era a tela preparada, sôbre a qual queria gravar tôdas as cenas da sua vida dolorosa, passada no amor, no sacrifício e no silêncio até o Calvário; que, para formar tal imagem, cumpria, porém, que eu, imediatamente, tirasse da tela tôdas as manchas, seja da afeição às coisas da terra como do amor de mim mesma e das criaturas, às quais me sentia fortemente inclinada”.

Desde aquêlê memorável 25 de agosto de 1671, o bom Jesus principiou a aparecer-lhe contínua, permanentemente. Margarida escreveria:

(2) Aos pés do Tabernáculo.

“Via-o perto de mim. Êle me honrava com os seus colóquios, às vêzes como Amigo, outras como Espôso ou como Pai, todo afeto pelo seu único filho”.

E ela vivia absorvida, dir-se-ia que a habitar o céu, completamente alheia às coisas cá de baixo. E as irmãs, maravilhadas, perguntavam uma às outras, que bellissimas coisas veria aquela alma privilegiada.

“O adorável Salvador, escreveu o Padre André, apparecia-lhe sob dois aspectos. Umâs vêzes resplandecia na sua divina pessoa, três vêzes augusta, a majestade, ou como ela dizia, a *santidade da justiça*; e a Santa sentia-se como que abismada na sua sublimidade. Outras vêzes, resplandecia naquele semblante bem-aventurado a chama ardente do amor, ou a *santidade do amor*, com os seus suaves atrativos. A alma de Margarida sentia-se, então, liquefazer como a cêra ao fogo. Os superlativos humanos, as imagens hiperbólicas, as palavras mais expressivas da nossa pobre linguagem terrena, não são capazes de dar uma idéia do que tais visões produziam no espírito da Santa. Se Deus não lhe houvesse elevado as fôrças, ela desfaleceria, certamente, com aquelas torrentes de luz e de graças sôbre-humanas”.



Antes da profissão, occorrida a 6 de novembro de 1672, Margarida via Jesus com os olhos da mente. Só depois da profissão, passado certo tempo, é que Nosso Senhor começou a apparecer-lhe de modo visível.

Falava-lhe, animava-a, acoroçoando-a na prática das virtudes, consolava-a e, às vêzes, repreendia-a, pelos defeitos.

Um dia, Margarida cometeu um descuido, e Jesus lhe disse:

— Vê bem, que eu sou um Mestre santo e não posso tolerar a mais ínfima nódoa.

Doutra feita, por uma pequenina vaidade que demonstrara, disse o divino Mestre, severo:

— Que tens tu, pó e cinza, para que te possas gloriar de ti mesma? Nada tens. E para que não te esqueças da tua miséria e do que és, quero que vejas a tua imagem.

Iluminou-a, então, o Salvador com um raio de luz interior, deixando-lhe a alma desnuda, e Margarida viu tôdas as manchas, manchas de tôdas as imperfeições do amor próprio, bem como das demais misérias humanas. Tão feia se viu ela, tão mesquinha e vil, que não podia suportar a visão, e, cheia de dor, suplicou ao bom Jesus que lhe tirasse de diante aquêlê horrível espelho, porque, se continuasse a tê-lo presente, certo morreria de aflição e de dor.

Sofrer, sofrer sem consolações, sem alívio, sofrer sempre, era o desejo da casta virgem. Certa vez, rogou a Jesus que lhe tirasse tôdas as consolações. Nosso Senhor mostrou-lhe uma cruz coberta de flôres.

— Aqui tens, disse-lhe Êle, o tálamo dos meus castos esposais, onde te farei experimentar as delícias do meu amor. Estas flôres, porém, pouco a pouco, cairão tôdas, e restarão apenas os espinhos que elas escondem, por causa da tua fraqueza; êstes espinhos te farão sentir tão vivamente as suas pontadas que tu terás necessidade de tôda a fôrça do meu amor para lhe suportares o martírio.

Aquilo encheu-a da mais pura alegria. Disse, duma feita:

“Parece-me que não terei sossêgo senão quando me aprofundar nos abismos das humilhações e dos sofrimentos, desconhecida para todos e sepultada num eterno esquecimento. Ah, se alguém pensar em mim, não o faça senão para me desprezar, porque, se soubessem o desejo que eu tenho de ser humilhada e desprezada, penso que a caridade impeliria a todos a me satisfazerem. Experimento tão forte desejo de padecer, que não posso encontrar mais suave repouso do que quando sinto o meu corpo carregado de sofrimentos, meu espírito entregue a tôda a sorte de abandonos e todo o meu ser no meio das humilhações, dos desprezos e das contradições”.

Uma temporada, Santa Margarida passou quarenta dias sem beber o que quer que seja. Quando a superiora soube, repreendeu-a e ordenou que satisfizesse as necessidades do corpo. Que fêz aquela filha de São Francisco de Sales? Obedeceu, mas ao que bebia, misturava-lhe algo de desagradável ao paladar, e, quando não, ingeria água morna.

Na cama, introduzia cavacos ou pregos, para não ter sono sossegado. Certa vez, tratando duma irmã doente, atacada dum mal do estômago, que não retinha alimento algum, quando foi limpar o recipiente em que a pobre vomitara o que comera fazia pouco, fê-lo com a língua, porque queria vencer a natureza e tôdas as repugnâncias. Tudo para agradar a Jesus.

“Quanto mais vivo, disse, melhor percebo que uma vida sem Jesus Cristo é a extrema miséria a que se possa chegar. Se para chegar a Jesus Cristo, tivesse que percorrer descalça um caminho de fogo, parece-me que consideraria insignificante semelhante pena.

“Quando recebo a Jesus, fico como que aniquilada: apodera-se de mim uma alegria tão impetuosa que, às vezes, durante cêrca de um quarto de hora, todo o meu interior guarda profundo silêncio para ouvir a voz daquele que eu amo.

“Não sei se me engano, mas o meu grande prazer seria amar o meu adorável Salvador de um amor tão ardente como o dos serafins. Eu não me inquietaria se o conseguisse mesmo a custo de ficar no inferno, porque aquêlê lugar se converteria, então, num paraíso. O pensamento de que existe um lugar no universo, no qual, por tôda a eternidade, um número infinito de almas, resgatadas com o sangue precicsíssimo de Jesus Cristo, não amarão absolutamente êste adorável Redentor, aflige-me profundamente. Eu quisera, ó meu Divino Salvador, se fôsse do vosso agrado, sofrer todos os tormentos do inferno, com a condição de vos poder amar com aquêlê amor que poderia ter levado para o céu a todos aquêles desgraçados que no inferno sofrerão sempre e que não vos amarão jamais”.

Que comentário poderíamos fazer, que estivesse à altura de tais palavras?



À medida que ia galgando a escada da perfeição, Margarida mais e mais vivia para Jesus. Já quase não saía da capela, onde passava horas e horas de joelhos, com as mãos postas, os olhos enfitando o Tabernáculo. O que lhe ia ao redor, não via. Soror D'Athose, atestou “ter visto aquela irmã passar quase um dia inteiro, principalmente aos domingos e dias santos, diante do Santíssimo Sacramento, com um

recolhimento tão profundo, que tôda a comunidade ficava estupefata, sem saber como pudesse ela, fraca como era, ficar tanto tempo na mesma posição”.

Perguntaram a Margarida, um dia, algumas companheiras, como o conseguia, e ela lhes respondeu, dizendo que, naquelas horas jazia tão ocupada com a contemplação, que não sentia o corpo.

“Muitas irmãs depuseram no Processo de Canonização, que a tinham visto passar até *doze horas* em êxtase diante do altar. Era uma espetáculo que inspirava compunção e despertava nos que o contemplavam as mais ardentes chamas de amor a Jesus, escondido na santa Hóstia. As monjas levantavam-se até de noite só para contemplar Margarida naquele estado. E não só as irmãs e as jovens educandas, mas até os fiéis cristãos iam à grade nos dias em que estava exposto o Santíssimo Sacramento, para observar a santa virgem insensível ao calor e ao frio e esquecida das necessidades da natureza. Só havia uma palavra capaz de a reconduzir à terra e despertá-la da sua profunda contemplação: era a voz da obediência”, escreveu um biógrafo.

Assim, aperfeiçoando-se cada vez mais, ia-se preparando para receber as três revelações que Nosso Senhor iria fazer-lhe.

* * *

A PRIMEIRA REVELAÇÃO

No dia 27 de dezembro de 1673, festa de São João Evangelista, Margarida Maria estava em adoração diante do Santíssimo Sacramento, quando sentiu a presença de Deus. Jesus concedeu-lhe o privilégio

de, como João, reclinar a cabeça sôbre o seu augusto, amantíssimo peito, para que experimentasse as maravilhas do seu amor. Em seguida, deu-lhe a contemplar o Sacratíssimo Coração, todo cheio de indescritível luz, mais fúlgido que o sol, ardendo de amor pelos homens. E a chaga aberta pela lança romana, tôda cercada de espinhos, estava encimada por uma cruz. Disse-lhe Jesus:

— O meu Coração está tão apaixonado de amor pelos homens que, já não podendo conter dentro de si as chamas da sua ardente caridade, vê-se obrigado a expandi-las por teu intermédio e a manifestar-se, a fim de enriquecê-los com os seus preciosos tesouros e com as graças de que necessitam, para evitarem a eterna perdição.

Depois, acrescentou:

— Eu te escolhi como um abismo de indignidade e de ignorância para a realização de tão grande desígnio, a fim de que seja tudo feito por mim mesmo.

Então, pedindo a Margarida o seu coração, tomou-o e pô-lo no seu Coração adorável: era como um átomo numa fornalha ardentíssima. Disse:

— Aqui tens um precioso penhor do meu afeto. Encerro no teu peito uma centelha das chamas mais vivas do meu amor, para te servir de coração e consumir-te até o último momento. Até aqui, tiveste o nome de minha escrava; de hoje em diante, chamar-te-ás a discípula predileta do meu Coração.

E Margarida Maria? Margarida Maria não sabia se estava no céu ou na terra, e permaneceu, por muitos dias, sem poder falar, agir, alimentar-se, senão lançando mão de violência. Desde então, passou a sentir, do lado do peito, a pontada aguda

duma chaga invisível. E um rápido progresso, em tôdas as virtudes, foi assinalado por todos os habitantes do convento.

* * *

SEGUNDA REVELAÇÃO

A segunda revelação ocorreu no ano seguinte, ou seja, em 1674. Escreveu a nossa Santa:

“Uma vez em que estava exposto o Santíssimo Sacramento, senti-me tôda concentrada em mim mesma por um recolhimento extraordinário; apresentou-se-me Jesus Cristo, meu dulcíssimo Mestre, todo radiante de glória, com as suas cinco chagas a resplandecerem como cinco sóis. Da sua humanidade sacratíssima saíam chamas por tôda a parte, mas principalmente do seu adorável peito, que ardia como uma fornalha; abrindo-o, descobriu-me Êle o seu amantíssimo Coração, nascente viva de tôdas aquelas labaredas. Patenteou-me as maravilhas inefáveis do seu puro amor e até que excesso de caridade êste o havia impellido do amor dos homens, dos quais só recebia ingratidões. Isto, acrescentou, é mais doloroso do que tudo o que sofri na minha Paixão, tanto que, se me retribuíssem o que fiz com algum sinal de amor, teria por pouco tudo o que sofri por êles e quisera, se possível fôsse, fazer ainda mais; entretanto, só correspondem com friezas e repulsas a tôdas as minhas solitudes. Dá-me, ao menos tu, esta alegria, suprimo quanto pudeses a sua ingratidão”.

Nosso Senhor, então, pediu-lhe duas coisas: primeira, que comungasse tôdas as primeiras sextas-feiras de cada mês, para reparar as injúrias que rece-

bia no Santíssimo Sacramento, e, segunda, que se levantasse tôdas as semanas na noite de quinta para sexta-feira, entre onze e meia-noite, e se prostrasse durante uma hora com o rosto para o chão, em expiação de todos os pecados dos homens, assim consolando o seu Coração dum sensível abandono.

Fora de si, insensível a tudo, levaram-na à superiora, e a voz da obediência trouxe-a aos vivos. Contou, então, à Madre, tudo o que lhe fôra dado ver e saber. E, à superiora, tudo o que a Irmã Alacoque narrava era inaudito, inacreditável, tanto que achou prudente fazê-la passar pelo crivo dalgumas personalidades de doutrina. Resultado: os doutôres, pouco espirituais, deram-na como visionária. Foi doloroso! Que inquietações e que angústias suportou! Mas, um dia, quando experimentava grandes dores, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia:

— Tem paciência e espera que venha o meu servo.

Que significavam tais palavras? Deus viria em seu auxílio? Sem dúvida, já que lhe dissera que jamais havia de abandoná-la.



Com efeito, o *servo* apareceu em Paray-le-Monial: era o Padre Cláudio de la Colombière, religioso enviado como superior da residência de Paray. Convidado para fazer uma conferência às irmãs da Visitação, dotado de alta virtude e possuidor de profunda ciência, assim que Margarida o viu, disse-lhe que lhe diziam:

— Eis o que te envio,

E as dúvidas que tinha, sôbre as visões, se encaminhadas pelo espírito infernal, dissiparam-se: o Padre Cláudio, numa conferência com ela, pediu-lhe, depois de a ouvir atentamente, que nada temesse, procurando sempre seguir a voz da obediência. Depois dos vários conselhos daquele *servo*, dados em tom bondoso, a paz tornou à santa virgem.

* * *

TERCEIRA REVELAÇÃO

Durante a oitava do Santíssimo Sacramento, a 16 de junho de 1675, Margarida Maria, ajoelhada, tinha os olhos cravados no Tabernáculo. Senão quando, Nosso Senhor apareceu-lhe sôbre o altar. Mostrou-lhe o dulcíssimo Coração e lhe disse:

— Eis aqui o Coração que tanto amou os homens, nada poupando até definhar e consumir-se para dar testemunho do seu amor; e eu, neste mistério de amor, da maior parte dos homens só recebo ingratidões, irreverências e sacrilégios, friezas e despezos, com que me afligem neste Sacramento de amor. E o que me é mais doloroso, é que êsses são corações a mim consagrados.

Pediu a Margarida que fizesse estabelecer na Igreja uma festa tôda especial, para honrar o Divino Coração:

— É por isso que te peço que na primeira sexta-feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento me seja dedicada uma festa particular para honrar o meu Coração, participando naquele dia da Santa Comunhão, e fazendo honrosa emenda e repa-

ração decorosa pelas indignidades que êle recebe. E eu te prometo que o meu Coração se dilatará para expandir com abundância as riquezas do seu amor sôbre todos aquêles que lhe prestarem essa honra ou procurarem que por outrem lhe seja prestada.

Lemos na obra *Santa Margarida Maria Alacoque, A Espôsa do Sagrado Coração de Jesus*:

“É esta a revelação mais célebre, e que contém tudo o que concerne à devoção do Coração Divino de Jesus: o seu princípio, que nada mais é do que o amor infinito de Deus pelos homens; o seu objeto, que é o de oferecer um culto de reparação, de conforto e de honrosa emenda; o seu caráter, que é o de ser um culto público, prestado por tôda a Igreja; por fim, os seus efeitos, que consistem numa nova efusão de amor divino na Igreja e mais particularmente nas almas pias que se tornarem propagadoras e apóstolas”.



A 21 de junho de 1686, a festa do Sagrado Coração foi celebrada, pela primeira vez, na Visitação. Em sua honra, uma capela foi benzida, ali, em 1688. E a devoção ao Sagrado Coração foi-se espalhando por tôda a França, principalmente quando, morto o Padre Cláudio de la Colombière (15 de fevereiro de 1682), os seus irmãos de hábito encontraram alguns escritos relacionados com as revelações.

Santa Margarida Maria Alacoque foi mestra de noviças, e a elas ministrou santos ensinamentos. Inútil dizer que tudo fêz por propagar os méritos inco-

mensuráveis do Sacratíssimo Coração. O seu assunto predileto era o amor de Deus, o amor que Deus a nós nos dedica. Quanto às revelações que teve, porém, nada dizia.

Nosso Senhor, depois da terceira revelação, continuou a aparecer-lhe. Agora instruía-lhe sobre a nova devoção.

Vejamos algumas passagens dos escritos de Santa Margarida Maria:

1. "Uma vez, diz ela, o Coração Divino apresentou-se-me como um trono cheio de fogo mais radiante do que o sol e transparente como um cristal; circundava-O a coroa de espinhos e ensinava-O a cruz, aparecendo visivelmente a chaga. Nosso Senhor me assegurou que tinha particular prazer em ser honrado sob a figura deste Coração de carne, cuja imagem queria fôsse exposta em público, a fim de tocar os corações insensíveis dos homens. Prometeu-me o mesmo Senhor derramar com abundância sobre os que O honrassem todos os tesouros das suas graças. Sobre qualquer lugar em que seu Coração estiver exposto, Ele fará afluir tôda a sorte de bênção".

2. "Um dia em que trabalhávamos juntas no cânhamo, retirei-me a um canto para me colocar mais perto do Santíssimo Sacramento. O meu Deus me favoreceu ali com graças muito assinaladas. Enquanto trabalhava, senti-me tôda concentrada e recolhida interna e externamente. O Coração adorável do meu Jesus foi-me apresentado mais fúlgido que o sol. Estava, no meio das chamas do seu puro amor, rodeado de Serafins a cantar com admirável harmonia:

*O amor triunfa, o amor goza.
O amor do Santo Coração se rejubila.*

“Êstes espíritos bem-aventurados convidaram-me a unir-me a êles, para louvar a êste amável Coração; eu, porém, não ousava fazê-lo. Disseram-me que tinham vindo expressamente para se associarem a mim, para que, juntos, Lhe rendêssemos contínua homenagem de amor, de oração, de louvor. Ao mesmo tempo, inscreveram esta associação no próprio Coração de Jesus, com letras de ouro e caracteres de amor inefável. Esta assinalada ação de graça durou de duas a três horas, e eu lhe senti os efeitos por tôda a minha vida, tanto pelos auxílios que recebi, como pelas delícias que me fêz experimentar e que sempre se reproduziram em mim. Eu ficava tôda aniquilada de confusão. De então em diante, quando invocava os Anjos, sempre lhes dava o nome de “meus divinos advogados”.

3. “Tôdas as primeiras sextas-feiras do mês, o Sagrado Coração de Jesus era-me representado como um sol fulgurante de viva luz, cujos raios incidiam sôbre o meu coração, fazendo-o arder dum fogo tão intenso que me parecia que êle ia ficar reduzido a cinza”.

4. “Eu não saberia ocupar-me de outra coisa mais do que do Sagrado Coração do meu Jesus; morreria contente, se pudesse proporcionar-lhe alguma honra, muito embora me custasse uma pena eterna. Para mim, basta que Êle seja amado e que triunfe”.

5. “A vida é para mim uma cruz muito pesada; a minha única consolação nesta terra é de ver reinar o Coração do meu Salvador; não há coisa que, pelo seu amor, eu não esteja disposta a sofrer”.

6. "O Coração de Jesus é um abismo em que encontrareis tudo. É principalmente um abismo de amor, no qual devemos sepultar todo o nosso orgulho, com os seus maus efeitos, que são o respeito humano e o desejo de nos satisfazermos e nos elevarmos. Submergindo estas inclinações no abismo do amor divino, encontrareis tôdas as riquezas necessárias nas diversas situações em que estiverdes. Se vos achais desolados e acabrunhados pelas privações, é o Coração Divino abismo de tôda a consolação, dentro do qual cumpre que entremos sem desejarmos sentir-lhe a doçura. Se vos encontrais num abismo de avidez e de franqueza, entrai num abismo de potência e de amor, sem vos importardes de experimentar-lhe a suavidade, senão quando a Êle aprouver. Se num abismo de pobreza, atirai-vos ao Coração de Jesus, deixando-o agir. Êle vos enriquecerá. Se num abismo de fraqueza, de recaídas e de misérias, procurai com freqüência o Coração de Jesus; Êle é um abismo de misericórdia e de fortaleza: levantar-vos-á e vos dará fôrças. Se num abismo de soberana, vanglória e estima de vós mesmos, descei às humilhações profundas do Coração de Jesus, oceano de humildade. Se num abismo de ignorância e de trevas, o Sagrado Coração é um mar de sabedoria e de luz. Se num abismo de morte, ide ao Coração Divino e achareis uma fonte de vigor; atingireis aí uma vida nova, na qual já não clhareis com outros olhos senão com os de Jesus Cristo; não vos movereis senão pelo seu movimento, não falareis senão com a sua língua e não amareis senão com o seu Coração dulcíssimo. Se num abismo de agitação, impaciência e cólera, ide ao Coração do Redentor, que é um abismo de profunda melancolia, mergulhai-a

no Coração de Jesus, que é um mar de doçura celeste e tesouro inexaurível, e tôdas as delícias dos santos e dos anjos. Se vos encontrais num profundo abismo de amarguras e penas, uni-as ao abismo das penas infinitas do Coração de Jesus e d'Ele aprenderéis a sofrer contente".

7. "Se soubésseis como é culpada a minha vida e pouco conforme a perfeição religiosa, veríeis quão justo é que eu seja sepultada num eterno olvido e desprezo, como uma miserável pecadora que, sem querer, enganou as criaturas que a estimavam".

8. "Como vos ficarei obrigada, minha boa Madre, se me concederdes a graça de queimar todos os escritos que tiverdes recebido de mim, pois desejo que, de tão miserável pecadora como eu, nada reste depois da morte. Quero ser aniquilada e sepultada num eterno esquecimento".

9. "Pelo que me diz respeito, outra coisa não posso dizer senão que Nosso Senhor se compraz em conservar-me num estado de contínuos sofrimentos, com um abatimento de fôrças que me torna preciosíssimo o arrastar êste miserável corpo, e quando vejo aumentar as minhas dores, afigura-se-me sentir a mesma alegria que os mais avaros e ambiciosos ao verem crescer o seu tesouro".

10. "Desejo romper os vínculos da carne e voar para Jesus Cristo".

11. "No primeiro dia do retiro, a minha occupação consistia em pensar donde provinha o meu grande desejo de morrer, pois não é próprio duma pecadora como eu o desejar comparecer perante o seu juiz, cuja santidade penetra até os nossos mais íntimos recessos. Como podes, pois, ó minha alma, sentir tamanha alegria ao aproximar-se a morte? Tu

só pensas em pôr têrmo ao teu destêrro e exultas de gôzo ao pensar que em breve sairás da tua prisão. Toma cuidado, porém, para que, duma alegria temporal, filha talvez da ignorância e da cegueira, não te precipites na tristeza eterna, e desta prisão mortal e passageira, não caias naquele cárcere eterno, onde se extingue a esperança. Deixemos, pois, ó minha alma, esta alegria e êste desejo de morrer às almas santas e fervorosas, para as quais estão reservadas as grandes recompensas. Pensemos qual não seria a nossa sorte, se não fôra a bondade de Deus para conosco, ainda maior que a sua justiça. As nossas obras nenhuma outra coisa nos deixam esperar senão castigos. Poderás tu, ó minha alma, suportar eternamente a ausência d'Aquele cuja presença te causa tantas consolações e cuja privação te faz sentir tão cruéis tormentos?"

12. "Sinto-me incapaz de solver as minhas dívidas; bem o vêdes Vós, ó meu Divino Mestre. Ponde-me na prisão; aí ficarei contente, contanto que seja no vosso Divino Coração; e quando n'Ele me tiverdes, encerrado, apertai-me bem com as correntes do vosso amor e conservai-me assim enquanto eu não vos pagar tudo o que devo; e como nunca o poderei fazer, não me solteis jamais".

Os missionários, os pregadores, os religiosos, enfim, de tôdas as ordens, empenharam-se, a fundo e com afã, entusiasmadíssimos, em propagar a nova devoção. "O tempo é breve", escreveu São Paulo, e, pois, todos porfiavam em lançar aos quatro cantos da terra as maravilhosas promessas do Coração de Jesus, porque, "uma vez consagrados e dedicados a êste Coração adorável, Êle cuida de nós, e nos faz

alcançar o pôrto da salvação, apesar de tôdas as tempestades", como disse a nossa Santa.

Quais são as promessas, as grandes promessas do Sagrado Coração de Jesus aos homens? Nada menos de doze.

1. Conceder-lhes-ei tôdas as graças necessárias ao estado em que viverem.

2. Darei a paz a suas famílias.

3. Consolá-los-ei nas aflições.

4. Ser-lhes-ei refúgio em vida, especialmente na hora da morte.

5. Derramarei copiosas bênçãos sôbre suas emprêsas.

6. Os pecadores acharão no meu Coração a origem e o oceano infinito das misericórdias.

7. Os tíbios tornar-se-ão fervorosos.

8. Os fervorosos subirão em breve a grande perfeição.

9. Abençoarei aquêles lugares em que fôr exposta e honrada a imagem do meu Coração.

10. Darei aos sacerdotes a fôrça de mover os corações mais endurecidos.

11. O nome daqueles que propagarem esta devoção, será escrito no meu Coração e dêle jamais será cancelado.

12. No extremo da misericórdia do meu Coração onipotente, concederei a todos aquêles que comungarem nas primeiras sextas-feiras de cada mês, durante nove meses consecutivos, a graça do arrependimento final, pelo que êles não morrerão sem a minha graça e sem receber o Santíssimo Sacramento; o meu Coração, naquela hora extrema, ser-lhes-á seguro abrigo.

Eis aí as grandes promessas. "O coração humano é um abismo de misérias e fraquezas; o Coração de Jesus é um abismo de misericórdia e fôrça". Se Jesus prometeu, cumprirá. "Passarão os céus e a terra, mas jamais passarão as suas palavras".

"De que serve ao homem ganhar o mundo todo, se vier a perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma? (Mt. 16, 26).

"Vigiai, porque não sabeis a hora em que virá o Senhor vosso. Estai preparados, porque na hora em que não pensais, virá o Filho do Homem" (Mt. 24, 42-44).

"Vinde a mim vós todos que estais cansados e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu pêso é leve" (Mt. 11, 28).



Santa Margarida Maria esperava, tranqüilamente, a hora final. Em outubro de 1690, acometida de ligeira febre, foi obrigada a guardar o leito. "O médico, costumando dizer que as doenças de Margarida provinham do amor a Deus, garantiu-lhe que não era nada, no que foi contestado pela enfôrma".

No dia 16, insistentemente, pediu o viático, desde manhãzinha. Todavia, só lhe concederam a santa comunhão, "porque o seu estado não inspirava cuidado algum". Mas Margarida sabia que lhe soara a hora.

No dia seguinte, 17, tornou a pedir o viático, mas o médico assegurou que não era necessário, uma vez que não havia perigo iminente.

“O pensamento da justiça divina só por um instante aterrorizou o seu espírito. Viram-na tremer e beijar humildemente o crucifixo, gritando:

— Misericórdia, meu Deus, misericórdia!”

“Imediatamente, porém, abismou-se no Coração de Jesus com todo o seu ser e no rosto se lhe estampou uma alegria serena que se manteve até o último instante”.

Santa Margarida Maria Alacoque faleceu no momento em que o sino do convento tocava o *Angelus*. Ia-se da terra, onde vivera para Deus, com quarenta anos de idade, para, no céu, viver eternamente perto do Coração que sempre venerara e propagara.

Deus glorificou-lhe a sepultura com muitos milagres. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus difundiu-se, espalhou-se por tôda a França, onde cada mosteiro da Visitação era um foco do belo culto.

“As revoluções por que passou a França, retardaram o processo de Canonização. A 30 de março de 1842, Leão XIII constituiu comissão para a introdução da causa e a serva de Deus foi declarada *Venerável*. No reconhecimento do cadáver, com admiração de todos, encontrou-se o cérebro ainda intato.” Êste órgão tão mole, tão delicado, que se dissolve tão depressa e é o primeiro a se corromper, conserva-se, depois de mais de um século e meio, como se ainda pertencera a um corpo vivo. Quis Deus honrar assim aquêlo membro de que saíram os sublimes pensamentos e os nobres transportes da alma de Margarida. Não é êste um fato novo na vida dos santos. O corpo de Santa Maria Madalena,

penitente, decompôs-se todo, exceto aquela pequena parte que foi tocada pelas santíssimas mãos de Nosso Senhor, para afastá-la, pôs-lhe os dedos sôbre a fronte, dizendo: "Não me toques".

"A língua de São João Nepomuceno encontrou-se perfeita depois de três séculos. Fôra respeitada pela corrupção aquela língua que não quis jamais trair o segredo da confissão, nem mesmo em face da morte, e que será uma eterna testemunha da divindade dêste Sacramento, tão querido das almas boas e tão odiado pelos maus".

Em 1856, Pio IX estendeu a festa do Coração de Jesus à Igreja universal. A 18 de setembro de 1864, proclamou Margarida Maria bem-aventurada. Aos 13 de maio de 1920, Bento XV elevou-a às honras dos altares, inscrevendo-a no Catálogo dos Santos.

Em 1928, Pio XI elevou a festa do Sagrado Coração ao rito duplo de primeira classe, com oitava privilegiada de terceira ordem.

Em janeiro de 1929, aprovou o novo ofício e a missa, obrigatórios em tôda a Igreja latina. Em junho do mesmo ano, a festa de Santa Margarida Maria Alacoque foi estendida à Igreja universal de rito romano.

Em 1685, com ordem do Padre Rolin, jesuíta, Margarida redigiu uma memória autobiográfica, que citamos aqui e ali, publicada em 1920 em Paray. (3)

* * *

(3) *La Vie de Ste. M. M. Alacoque Écrite por Elle-même; Cartas, enviadas a diversas religiosas da Visitação; A Devoção do Sagrado Coração de Jesus; Santa Margarida Maria Alacoque, de André Beltrami; As grandes Promessas, J. M. S. P.*

BEM-AVENTURADO CONTARDO FERRINI (*)

Professor de Universidade

Contardo Ferrini nasceu em 1859, numa época em que a Itália atravessava séria crise de crença, naqueles tempos em que Carducci, o poeta destrambelhado, chamava o Vaticano "uma vergonha sem nome", em que o zêlo pela independência e a unidade se mesclavam de anticlericalismo e tudo era desassossêgo.

Filho de Ricardo Ferrini e de Luísa Buccellati, casal grandemente cristão, Contardo era jovem de memória prodigiosa. Estudioso, cognominaram-no o *Aristóteles*. Aprendia tudo o que lhe ensinavam com a maior facilidade. Um dia, apareceu pela *Ambrosiana*, a pedir ao prefeito da biblioteca que lhe ensinasse o hebreu. Estudou o hebreu, e depois o siríaco, o sânscrito e o copta.

Em Pavia, em 1876, com dezessete anos, principiou o curso de direito. Ali, o abade Buccellati, seu tio, ministrava o direito penal. Dos colegas debochados, dos ditos obscenos, dos risos que as grosserias provocavam, o moço Ferrini fugia, atormentado. Trazia o cilício sempre bem apertado e procurava o confissãoário todos os dias.

Em 1881, fêz voto de castidade. Um dia, um colega apontou-lhe duas jovens irmãs, moças bonitas, de boa família, e, pois, ótimos partidos. Qual delas escolheria Contardo? O jovem respondeu:

— Eu sou pela terceira, ainda por nascer.

Em junho de 1880, defendeu, brilhantemente, em Pavia, a sua tese — uma dissertação latina que girava em tórno da importância de Homero e de Hesíodo para a história do direito penal — tese que lhe valeu uma bolsa de viagem.

Foi assim que Contardo Ferrini chegou à Alemanha, e em Berlim assimilou os ensinamentos dos grandes juristas Voigt, Pernício e Mommsen, os quais logo reconheceram no moço italiano excepcionais qualidades.

Do professorado, Contardo fêz o seu sacerdócio. Foi mestre sempre compenetrado, sério, grande estudioso, que não buscou matérias que levam ao sucesso fácil, mas o direito penal romano e o direito bizantino. Nesta última disciplina, foi quase que um iniciador na Itália.

Modestíssimo, quando recebia um elogio, um cumprimento por um livro ou um artigo, sorria, meio desenxabido, e exclamava:

— *Lassia andare!*

Assistindo à missa todos os dias, diante do tabernáculo, Contardo, a orar, chegava ao êxtase.

Aos domingos, se o procuravam em casa, o porteiro, todo ternura, avisava:

— Não é fácil, em dias de festa, achar o professor em casa. Não! Está sempre na igreja, onde tem tanta coisa a fazer!

Terciário franciscano, desde 1886, Ferrini era doce, humilde, paciente, sempre procurando a perfeição.

“Eu procurarei, escreveu duma feita, sem modelo de mansidão, de doçura, de caridade e de humildade. Repararei cada falta por uma redobrada atenção, para evitá-la, e procurarei, todos os dias, ocasião de praticar as virtudes”.

Depois:

“Pelo café, permanecerei indiferente e, se possível, não o adoçarei. Resistirei ao desejo dos doces, mesmo que me venham a ser necessários. Durante o dia, farei uma visita a Jesus no Santo Sacramento, lembrando-me do seu amor, da sua ternura e da sua doçura inefáveis: a Êle irei em espírito de afetuosa confiança e de humildade. Permanecerei unido a Êle todo o dia com freqüentes aspirações e uma grande pureza de intenção”.

“A caridade espiritual para com os outros será meu primeiro cuidado; hei de ser humilde e afável. Falando de Deus aos outros, rogarei a Êle que termine minha obra com sua ação inefável”.

De real espírito de pobreza, Ferrini era verdadeiramente indiferente pelo dinheiro. Professor em Pavia, hospedara-se na casa da irmã. Metódico, levantava-se às cinco horas e meia, invariavelmente. Ao final das aulas, depois de atender às perguntas dos alunos, sempre a rodeá-lo, tornava a pé para casa.

Contardo Ferrini faleceu aos quarenta e três anos, em 1902. Foi o tipo do homem que mostrou, e de modo cabal, que a ciência e a religião não são incompatíveis. Beatificado em 1947.

BEM-AVENTURADO BALTASAR RAVASCHIERI (*)

Franciscano

Nasceu o bem-aventurado Baltasar Ravaschieri em Chiavari, em 1419. Pertencente à família dos condes de Lavagna, família cristianíssima, logo procurou os franciscanos da Observância.

Doutor em teologia, ordenado padre, entregou-se à pregação, até que foi feito guardião, depois provincial de Gênova.

Acometido de gôta, foi obrigado a confinar-se ao convento de Santa Maria do Campo, em Binasco, que fica entre Milão e Pavia.

Absolutamente impossibilitado de se locomover, os irmãos, bondosamente, levavam-no à igreja para assistir à missa e aos ofícios. Depois, deixavam-no onde pedia que o sentassem, no campo, no claustro ou no bosque, e ali ficava longamente a crar, solitário, enquanto caía a tarde, e o céu de nuvens brancas se transformava, no ocaso, num amontoado berrante de côres.

Às vêzes, quando no campo ou no bosque vizinho ao convento, os fiéis procuravam-no para confessar-se ou para pedir conselhos. Um dia, quando rogeu aos irmãos que o transportavam que o deixas-

sem no campo, ali ficou a meditar até que a tarde passou e a noite, fria, muito fria, desceu. Esqueceram-se dêle.

À medida que a noite avançava, mais e mais o frio, cortante, aumentava. E, a certa altura, principiou a nevar. Nossa Senhora, então, apareceu-lhe, para o consolar. E, no dia seguinte, manhãzinha escura ainda, quando os irmãos se lembraram do pobre Baltasar, saltaram dos catres e foram, condoídos, buscá-lo, muito mortificados. Quando chegaram, a desculpar-se, constrangidos, encontraram-no no mesmo lugar em que o haviam deixado. Por tôda a região, tudo ia branco de neve, mas, ao redor do bem-aventurado, a relva aparecia e era verde e fresca como se se estivesse na primavera.

Aos setenta e três anos, no mês de outubro de 1492, Baltasar Ravaschieri, docemente, suavemente, como vivera, entregou nas mãos do Criador a bela alma. A reputação de santidade de que gozou em vida fêz com que as gentes o venerassem como santo logo depois da morte.

Em 1506, o capítulo geral da ordem proclamava-o *ilustre pela santidade de vida*. No dia 8 de janeiro de 1930, Pic XI confirmava o culto que lhe rendiam.

BEM-AVENTURADO RICARDO GWYN (*)

Mártir

Ricardo Gwyn foi o primeiro mártir galês dos trágicos tempos da Reforma. Papista, foi o primeiro católico do País de Gales a tombar, abrindo o caminho do céu para muitos outros.

Originário de Montgomeryshire, nasceu em 1537, tendo recebido educação protestante. Terminados os estudos em Cambridge, converteu-se ao catolicismo.

Prêso em 1580, Ricardo passou por vários suplícios, chegando a permanecer no cêpo de dez a vinte horas. Afinal, quatro anos depois das mais atrozes perseguições, tachado de traidor, foi executado em Wrexham, no dia 17 de outubro.

Chovia. E o enforcamento, a que fôra condenado, transformou-se em decapitação.

Durante os longos anos de aprisionamento, Ricardo Gwyn escreveu vários poemas religiosos, nos quais falava, carinhosamente, da "velha Mãe Igreja".

O papa Pio XI, beatificou-o em 1929.

No mesmo dia, em Antioquia, a festa de Santo Herão, mártir, discípulo de Santo Inácio, e seu sucessor no episcopado: caminhou fielmente nas pegadas do mestre, demonstrando o grande amor que votava a Nosso Senhor Jesus Cristo e por Êle dando a vida, ao dar a vida pelo rebanho que lhe fôra confiado (século II).

A *Paixão* dos santos Vítor, Alexandre e Mariano.

Na Pérsia, Santa Mamerta, mártir: tendo, à solicitação dum anjo, renunciado ao culto dos ídolos para abraçar a fé, foi lapidada pelos pagãos e atirada a profundo lago.

Em Orange, São Florêncio, bispo, que repousou na paz, depois de se tornar célebre pelas numerosas virtudes. São Florêncio, bispo de Orange, faleceu entre 524 e 527. Assistiu ao concílio de Epaona (517) e ao concílio provincial de Arles (524).

Festa das Santas Moças, ou Puelas (*Puellae*), virgens e mártires. Na diocese de Tolosa, hoje de Carcassona, o martirólogo cita as duas virgens que, segundo a legenda, eram filhas do rei de Huesca e foram convertidas por São Sernino (primeiro bispo de Tolosa) quando viajava pela Espanha.

Em Chartres e em Poitu, Santa Solina, virgem.

No Egito, São João, o Pequeno, ermitão (século V). Conta-se de São João, apelidado o *Pequeno*, por causa da baixa estatura, que, um dia, resolveu deixar o irmão mais velho, com o qual vivia, para habitar o deserto. Disse-lhe: "Quero viver sossegado, como os anjos, sem trabalhar, somente a servir a Deus. continuamente". Partiu. Entrou pelo deserto.

Ao cabo duma semana, tornou, porque ainda não estava maduro para a vida que mais tarde levaria com denôdo. Bateu à porta. O irmão abriu. Olhou-o sèriamente e perguntou: "Quem és tu?" O pobre respondeu, consternado: "Eu? Sou João, teu irmão!" O outro retrucou: "Não, João agora é anjo, não está mais entre os homens!" Fechou-lhe a porta e deixou o Pequeno a bater, até o dia seguinte. De manhã, tornou a abrir a porta. Perguntou: "Quem és?" João, cheio de frio, respondeu: "Sou eu, teu irmão". Perguntou-lhe o outro: "És homem? Podes trabalhar para comer?" São João caiu de joelhos e suplicou: "Perdoa-me?". (1)

Em Limoges, São Rorico II, bispo.

Na Bretanha, São Lutierno, bispo missionário.

Em Benevento, na Itália, São Zeno ou Zósimo, bispo (século VI?).

Em Angers, São Lôbo, bispo, no século VII, cujo culto é deveras antigo.

Em Laon, São Balduíno, arcediago e mártir, em 680.

Em Laon ainda, Santa Anstrudes, abadessa, falecida em 709. Irmã de São Balduíno, que mencionamos acima, foi quem o enterrou no seu mosteiro. Balduíno, assassinado por sicários de Ebroíno, prefeito de palácio, e Anstrudes, eram filhos de pais nobres e santos: São Blandino e Santa Salaberga.

Em Nevers, São Troeu, abade.

Em Cantorbéry, São Nothelm, arcebispo, desaparecido em 793.

(1) Apophthegmata, Cotelier.

Na Escócia, São Régulo, abade ou bispo (século VIII ou IX).

Em Gubbio, os bem-aventurados Rodolfo, bispo, falecido em 1061, e o irmão, Pedro, ermitão, desaparecido num ano que se desconhece (século XI). O bem-aventurado Rodolfo e o irmão Pedro foram discípulos de São Pedro Damiano.

Em Citeaux, o bem-aventurado Gilberto, abade, falecido em 1168. Apelidado o Grande, Gilberto era de origem inglêsa. Tendo antes passado por Ourscamp, mosteiro cisterciense, do qual foi abade, tornou-se o superior de Citeaux depois do concílio de Tours, realizado a 19 de maio de 1163. Abade do importante centro religioso europeu numa época difícilíssima, foi levado a tomar o partido de Tomás Becket, arcebispo de Cantorbéry.

Em Valencianas, na diocese de Cambrai, as bem-aventuradas Ursulinas, virgens e mártires, no ano de 1794. De acôrdo com o decreto da Assembléia Constituinte, os comissários da municipalidade de Valencianas apresentaram-se para fazer o inventário dos bens da comunidade e interrogar as religiosas, à cata das intenções que tinham. Era em 1790. Em 1794, onze foram guilhotinadas. Com mais quatro filhas da Caridade de Arras (26 de junho) foram beatificadas pelo papa Bento XV aos 13 de junho de 1920, dia de Santo Antônio de Pádua.

Em Hue, o bem-aventurado Francisco Isidoro Gagelin, mártir, em 1833, no Anam.

18.º DIA DE OUTUBRO

SÃO LUCAS

Terceiro dos quatro evangelistas e primeiro historiador da igreja

São Lucas começa o Evangelho nos seguintes termos: "Visto que muitos já empreenderam pôr em ordem a narração das coisas que entre nós se cumpriram, como nô-las referiram os que, desde o princípio, as viram, e foram ministros da palavra; pareceu-me bom também a mim, excelentissimo Teófilo, depois de ter investigado diligentemente tudo desde o princípio, escrever-te por ordem a sua narração para que conheças a verdade daquelas coisas em que foste instruído.

O Evangelho de São Lucas é como que o primeiro livro da sua história; os Atos dos Apóstolos constituem o segundo. Por isso, diz no prefácio dos Atos:

"Na primeira narração, ó Teófilo, falei de tôdas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, até ao dia em que, tendo dado preceitos por meio do Espírito Santo aos Apóstolos que tinha escolhido, foi arrebatado ao céu; aos quais também se manifestou vivo, depois da sua Paixão, com muitas provas de que vivia, aparecendo-lhes por quarenta dias, e fa-

lando do reino de Deus. E, estando à mesa com êles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual ouvistes da minha bôca; porque João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo”.

Tal é, de acôrdo com o próprio São Lucas, o conjunto dos dois livros da sua autoria. Quanto ao primeiro, que compreende a história de Jesus Cristo até à sua ascensão, nem a todos os fatos testemunhou, mas dêles ouviu a narração da bôca das pessoas que viram Jesus Cristo com os próprios olhos e viveram na sua intimidade. Entre essas testemunhas oculares, inclui-se a Santa Virgem em relação à vida privada do Salvador, e os apóstolos em relação à sua vida pública. Na vida oculta do Salvador se encontra a aparição do anjo Gabriel ao sacerdote Zacarias no santuário do templo; a revelação de que nasceria de sua mulher Isabel um filho que seria o precursor do Messias; a aparição do anjo Gabriel a Maria, na casa de Nazaré; a comunicação que ela conceberia do Espírito Santo e daria à luz o próprio Messias, que seria chamado Jesus; a visita de Maria à sua prima Isabel, que nela reconheceu a Mãe do seu Senhor; o *Magnificat* ou Cântico de Maria para bendizer Deus pelas grandes coisas que operaria nela e por ela; o nascimento de João Batista, o milagre de seu pai Zacarias, que recobrou a palavra para celebrar no *Benedictus* as misericórdias de Deus de Israel sôbre os homens, em particular sôbre a criança que acabava de nascer; a viagem da santa família de Nazaré, o nascimento do Salvador num estábulo; os anjos que o anunciam aos pastôres e cantam o *Glória in Excelsis*; os pastôres que vêm adorá-lo no presépio; o nome de Jesus, que lhe foi dado no dia da

Circuncisão; a apresentação ao templo, onde é resgatado por duas rôlas e reconhecido pelo santo velho Simeão, que canta o *Nume Dimitris*; a peregrinação ao templo de Jerusalém com a idade de doze anos; sua permanência no templo, a volta a Nazaré, onde está sujeito a Maria e a José. São Lucas teve conhecimento pela própria bôca da santa Virgem de todos êsses divinos mistérios, cuja contemplação transporta de júbilo os anjos. É como se ela mesma os narrasse.

Quanto à vida pública do Salvador, nem os evangelistas, nem os apóstolos a relataram inteiramente. O próprio São João diz no fim do seu Evangelho: "Muitas coisas há que fêz Jesus, as quais, se fôssem descritas uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que seria preciso escrever. "O que cada um dos evangelistas escreveu basta, não simplesmente para fazer-nos conhecer, mas, de acôrdo com a expressão do texto original de São Lucas, para fazer-nos superconhecer a verdade, a exatidão das coisas que já conhecemos de maneira certa através do ensinamento oral da Igreja. Eis alguns tocantes episódios que devemos a São Lucas: a história da pecadora que vai à casa do fariseu Simeão prosternar-se aos pés do Salvador, regá-los de lágrimas, e a quem é concedida a remissão de seus pecados; a cura de *Hemorroisse* por haver tocado a fímbria do seu vestido, e a ressurreição da filha de Jair; a caridade do Samaritano; a parábola do filho pródigo; a história do mau rico e do pobre Lázaro; a oração do fariseu e a do publicano; a conversão pública de Zacarias, que o recebeu na sua casa, e que dá aos pobres a metade de seus bens.

São Lucas conhecia êsses episódios por intermédio daqueles que os tinham testemunhado com seus

olhos e ouvidos; pois não pertencia ao número dos primeiros discípulos do Salvador, nem mesmo era judeu de origem, e sim, grego de Antioquia. Foi em grego que escreveu o Evangelho e os Atos dos Apóstolos; seu estilo lembra a elegante simplicidade de Xenofonte e Heródoto. De resto, um escritor inglês demonstrou que muitas locuções da Bíblia, em particular do Novo Testamento, consideradas hebraísmos, barbarismos, solecismos por certos críticos, são locuções próprias dos poetas e historiadores clássicos dos gregos. Teófilo, a quem São Lucas dedica seus dois livros, e ao qual dá o título de *Excelente* ou *Excelência*, parece ter sido cristão de alta posição social.

Os Atos dos Apóstolos, iniciados por São Lucas com a ascensão de Jesus Cristo, mostram-nos os discípulos e os apóstolos reunidos no cenáculo, com Maria, Mãe de Jesus; São Pedro fazendo, pela primeira vez, uso da sua autoridade de Vigário de Jesus Cristo e de Chefe da Igreja, na eleição de um novo apóstolo para substituir Judas, o traidor; o Espírito Santo descendo sobre os apóstolos e os discípulos no dia de Pentecostes; São Pedro convertendo três mil almas com uma única pregação, curando um coxo de nascimento, e convertendo cinco mil almas; Pedro e João encarcerados; sua perseverança; nova efusão do Espírito Santo; vida edificante dos primeiros cristãos; Barnabé vende seu campo e dá o dinheiro aos pobres; punição de Ananias e Safira por terem mentido a São Pedro; curas operadas pelos apóstolos; a popularidade dos mesmos apóstolos; a prisão, e conseqüente libertação dos apóstolos por um anjo; discurso de Gamaliel no sínédrio; os apóstolos espancados com varas; eleição dos sete diáconos; zelo e poder



São Lucas pintando a Virgem SSma. (de um quadro de Rafael, Academia de São Lucas, em Roma, séc. XVI).

de Estêvão, seu martírio; perseguição dos fiéis; o diácono Filipe na Samaria; Simão, o mágico; o eunuco da rainha Candança batizado por Filipe; conversão de São Paulo; paz na Igreja; Pedro cura o paralítico Enéias, ressuscita a viúva Tabita e batiza o centurião Cornélio, primícias dos gentios; martírio de São Tiago; Pedro libertado da prisão por um anjo; primeiro concílio de Jerusalém, presidido por São Pedro. Na continuação dos Atos São Lucas fala quase só de São Paulo, de quem foi companheiro inseparável, e termina o livro com a prisão dêsse apóstolo, em Roma.

São Paulo refere-se várias vêzes a São Lucas como a seu fiel cooperador. Saúda os cristãos de Colosso da parte de Lucas, médico, que lhe é muito caro. Alguns escritores antigos também atribuem a êste último a qualidade de pintor. São Paulo enviou-o com Tito a Corinto. Depois da morte do Apóstolo, São Lucas pregou o Evangelho em diversos países, entre outros, na Gália. Um antigo martirólogo lhe confere os títulos de evangelista e de mártir. Encerrou a longa carreira na Bitínia, ou, de acôrdo com outros, na Acaia. Suas relíquias foram transportadas para Constantinopla, e de lá para Pádua.

SÃO PAULO DA CRUZ (*)

Fundador da Congregação dos Passionistas

Paulo era filho de Lucas Danei e de Ana Maria Massari. Lucas, de Castellazo, comerciava em Ova-da, burgo da República de Gênova. O casal teve dezesseis filhos, mas muitos morreram quando ainda muito novos.

Paulo nasceu no dia 3 de fevereiro de 1694. No ano seguinte, nasceria o irmão que lhe seria inseparável companheiro, João Batista.

Em 1709, Lucas Danei, com toda a família, estava em Castellazo, com o seu comércio. Ali, as crianças, chegadas à idade conveniente, iam ajudá-lo.

Paulo, em 1715, buscou a carreira das armas. Um ano depois, contudo, abandonou-a. Piedoso e quieto, desejando levar vida mais perfeita, procurou um tio padre, chamado Cristóvão, irmão de Lucas Danei, para aconselhar-se. Encaminhado a um capuchinho da cidade, o padre Jerônimo de Tortona, nada conseguiu, porque, provisoriamente em Castellazo, ia deixá-la brevemente.

Depois de procurar este e aquê, o jovem viu-se diante de Francisco de Gattinara, bispo de Alexandria (1), que descobriu no bom filho de Lucas excep-

(1) Alexandria da Itália, da qual Castellazo ficava perto.

cionais qualidades e entrou a encorajá-lo: é que Paulo, duns tempos àquela parte, vinha já pensando na congregação, em têrmos vagos, que lhe veio a mente decerto quando longamente ficava na igreja a adorar o Santíssimo Sacramento exposto, "pelo menos cinco horas de joelhos".

Paulo falou dos seus projetos ao bispo, da vida religiosa e do desejo que tinha de envergar uma túnica negra com um sinal especial: *Jesus Christi Passio*. Mais tarde havia de escrever: "Quem me ler saiba que, quando me via levando a santa túnica, não via a forma corporal, como a figura de um homem, isto não, mas de Deus; quero dizer que a alma conhecia que era Deus, porque a fazia compreender por movimentos interiores do coração e da inteligência infusa no espírito, e tão altamente, que é bem difícil de explicar . . . Entretanto, para que seja bem compreendido, direi de uma certa visão espiritual, que Deus, na sua infinita misericórdia, muitas vêzes me concedeu, quando quis enviar-me alguma pena particular. Enquanto estava a orar, via um chicote na mão de Deus, e êste chicote tinha cordas como as disciplinas e sôbre elas estava escrita a palavra *Amor*. No mesmo instante, Deus mostrava à alma, numa altíssima contemplação, que desejava chicoteá-la, mas por amor, e a alma corria depressa abraçar o chicote, dando-lhe beijos espirituais . . . Ora, escrevi isto para explicar e para dizer, segundo a inteligência que Deus me deu, que o que vi em espírito com a luz altíssima da santa fé, que o tenho por mais verdadeiro do que se tivesse visto com meus olhos corporais, visto que êstes me poderiam enganar com qualquer fantasma, enquanto que, pela outra via não há perigo, graças à inteligência que Deus me concedeu. Quando disse

que tinha visto nas mãos de Deus, não vi, mas a alma tem uma altíssima inteligência, que é imensa, e assim me aconteceu com a túnica. Enfim, saiba que, depois que Deus me retirou dos exercícios de meditação, para me ocupar com o discorrer sôbre os mistérios, indo disto para aquilo, não mais tive formas imaginárias”.

Tudo levado a bom têrmo, Paulo começou a usar a túnica negra com o sinal especial, com a autorização do bispo Gattinara: benzeu-o e entusiasmou-se com a alegria do moço. Era em 1720, aos vinte e dois dias de julho.

Aos 23 de novembro daquele mesmo ano, Paulo retirava-se, com a permissão do prelado, a uma pequena cela situada debaixo duma escada, ao lado da sacristia da igreja parquial de São Carlos de Castellazo, onde fêz um retiro de quarenta dias: descalço, ali permaneceu, prêsa do frio, da umidade e do desconforto, a dormir sôbre palhas, a alimentar-se de pão e água.

Naquela celazinha escura e feia nasceu o primeiro esbôço da futura *Regra*, a áspera, esbôço que Gattinara aprovou *ipsis-litteris*.

Imediatamente, pôs-se o Santo em ação, principiando a propagar o catecismo, exercendo-o, primeiramente, pelo campo, entre os humildes que viviam nos arredores da cidade. Da ermida da Santa Trindade, depois da de Santo Estêvão, reunia grande auditório, e passava a falar sôbre o fim daquilo que tão gratamente se propusera. Foi um sucesso, e, de início, dois discípulos juntaram-se a êle. Um, foi João Batista, o próprio irmão, que lhe seria inseparável, e o outro Paulo Sardi.

Ao Santo, depois que pregou a quaresma, atraindo verdadeira multidão, todos, mesmo de longe, começaram a aparecer para ouvi-lo. E o desejo de Paulo de ver obtida uma aprovação pontifical para o que criara, partiu para Gênova, donde, embarcando num navio, buscou Civita Vecchia. Foi quando retomou a Regra, antes de alcançar Roma.

Desconhecido, sem protetor, ia difícil a obtenção duma audiência com o papa. Afinal, triste, sem conseguir o desejado, tornou à terra natal, a pé, bordejando o mar.

A 21 de setembro de 1721, Gattinara deu o hábito a João Batista, e os dois irmãos partiram para o Monte Argentário, lugar em que viveram uma vida difícil, dura, toda de oração e de penitência. Conhecidos, passaram a evangelizar as gentes de Orbetello, cidadezinha que se achava na raiz da montanha, poéticamente plantada à beira dum lago.

Não tardou para que o bispo de Gaeta, Carlos Pignatelli, ouvisse referências sobre a atividade que os dois Danei estavam, arduamente, desenvolvendo. Quis, então, conhecê-los. E, para tal, convidou-os para ir pregar na diocese que governava. O mês de junho de 1723 estava a findar. Aceitaram, gostosamente, o convite. E foram. Recebidos com gentileza, hospedaram-se no palácio episcopal. Dali, pouco depois, passaram à ermida de Nossa Senhora da Cadeia.

O bispo gostou dos dois. E, não satisfeito com vê-los a pregar pelas igrejas, confiou-lhes o cuidado do retiro dos ordenandos.

No mês de outubro, Paulo e João Batista deixavam Gaeta e retornavam a Castellazo, mas, no ano seguinte, ou seja, em março de 1724, voltaram de

novo para uma temporada ao pé de Pignatelli. E Paulo, inflamado, pregou a quaresma na catedral.

Em agôsto, para pregar, receberam o convite do bispo de Troja, e, no ano seguinte, chegavam a Roma para o jubileu. Quando pregavam na basílica de São Pedro, chamaram a atenção dum cônego, Marcelo Crescenzi, depois cardeal. Entusiasmado, conversou com os dois irmãos, interrogou-os, e, satisfeito com tudo aquilo que lhe diziam, prometeu-lhes uma audiência com o Santo Padre, Bento XIII.

Paulo e João Batista exultaram. Afinal, conseguiriam o que de há muito desejavam com calor.

A audiência com o Sumo Pontífice teve lugar no Palácio da Navicella, que fica perto de Santa Maria *in Domnica*, no Celio. O papa recebeu-os paternalmente, ternamente, acabando por lhes aprovar os projetos que tinham traçado, autorizando-os a receber discípulos.

Foi em Gaeta que os primeiros companheiros apareceram. A Regra, porém, era grandemente austera, de modo que nem todos aquêles que procuravam os dois irmãos conseguiam permanecer na companhia dêles. Com o correr dos dias, os demais foram debandando, um a um, e Paulo e João Batista, viram-se sós novamente, porque Sardi os havia deixado, fazia muito. Então, saíram da cidade e voltaram a Roma, onde foram admitidos como enfermeiros dum novo hospital, o Hospital de São Galicano.

Ali, chegaram às ordens: tonsurados a 6 de fevereiro de 1726, a 23 do mesmo mês e ano receberam as ordens menores; em Latrão, a 12 de abril, sábado Santo, o sub-diaconato, e o diaconato a 1.º de maio.

O sacerdócio, receberam-no em São Pedro, das mãos do papa, aos 7 de junho. Entregues ao cura de São Bartolomeu, um franciscano da observância, Paulo e João Batista principiaram a completar a formação teológica, com grande afinco.

A morte de Lucas Danei obrigou os dois irmãos a correrem para Castellazo, onde permaneceram algum tempo. Sòmente em 1728, em janeiro, retornaram a São Galicano. Pouco depois, ambos adoeciam, e, a conselho médico, deixaram o hospital, rumando para o Monte Argentário. Instalados numa pequenina ermida meio arruinada, a de Santo Antônio, novos discípulos surgiram. Ficaram, por semanas, ao lado dos dois Danei, mas a Regra, terrível, espaventava-os um a um, como sempre.

Ao pé da montanha, ficava Pôrto Escole. À uma solicitação do bispo de Sovana, Palmiero, começaram a evangelizá-la. Depois tocou a vez de Talamona, ao norte. Data dêstes tempos de evangelização a proteção que lhes deu o papa, então Clemente XII, e o direito de pregar missões.

Em 1733, pela guerra que a Áustria moveu contra a França e a Espanha, Paulo e João Batista viam-se obrigados a deixar o Monte Argentário: súditos do rei da Sardenha, aliado da França (a Sardenha era território austríaco), iniciaram a pregação entre os soldados, e assim por ali ficaram.

Em 1735, iniciou-se o cêrco de Pôrto Escole e do forte do Monte Filipe. Tal era, então, o prestígio de São Paulo da Cruz, que os generais espanhóis, franceses e austríacos não pestanejaram em deixá-lo pregar tanto num como noutro exército, sem que, uma vez sequer, fôsse suspeito de espionagem. Assim, a

guerra não impediu aos dois bons irmãos de continuarem a pregar as missões. Começava-se a falar de milagres que Paulo operava. Convertendo soldados incréus e protestantes, ia-se tornando famoso, já que, desconhecendo o francês, o espanhol e o alemão, todos o entendiam na própria língua. Ia-se formar a congregação.

Era em 1735, em Nápoles. O novo rei era Carlos III. Paulo dirigiu-se ao soberano e solicitou dinheiro para alevantar uma casa, depois de lhe expor o que, maduramente, trazia no coração. O rei atendeu-o, e o primeiro convento apareceu. A capela, todavia, surgiria somente em 1737. Restava, então, que a Regra, a dura Regra terrível, fôsse aprovada. Crescenzi foi quem se prontificou para apresentá-la ao papa. Como não podia deixar de ser, a Regra foi considerada assaz rigorosa. Sob Bento XIV, foi suavizada.

Ligeiramente corrigida, o Soberano Pontífice aprovou-a a 15 de maio do ano de 1741. A 1.º de junho, a permissão para guardar o Santo Sacramento foi-lhe outorgada, e o convento foi reconhecido.

A primeira profissão ocorreu a 11 de junho, seguida dum cerimonial que a congregação conservou: diante do Santo Sacramento exposto, os professos, levando uma cruz no ombro e uma coroa de espinhos na cabeça, prosternavam-se. Seguia-se, então, a leitura da Paixão segundo São João. Ditas as palavras *tradidit spiritum*, automaticamente abraçavam a pobreza, a castidade, a obediência e o dever de propagar a devoção pela Paixão. O nome de Passionistas então surgiu.

Aquêlê cerimoniaal viera, talvez, da predileção de Paulo pela parte dramática da Paixão de Nosso Senhor, pois o Santo tinha o gôsto voltado para coisas que dizemos teatrais.

Poucos anos depois, a congregação jazia ôtimamente organizada. Paulo, agora Paulo da Cruz, sentia-se doente. Deixou, então, quase que tôda a atividade. Todavia, num *tour de force*, como dizem os franceses, pregou o jubileu na igreja de Santa Maria, em 1769, quando uma multidão afluuiu para ouvi-lo, dando mostras da mais carinhosa afeição pelo Santo.

Paulo, então, não mais podia andar por si mesmo. Estava com setenta e cinco anos e ia levado numa cadeira. Êle, que amava o dramático, que teria pensado do que lhe sucedeu? O povo, vendo-o assim carregado, num frenesi, atirou-se a êle, ávido de reliquias. Rasgaram-lhe, pois, todo o hábito, para, com pedaços ou fiapos conseguidos, guardar lembranças do filho de Lucas e Ana Maria.

Quando faleceu, em 1775, com oitenta e um anos de idade, Paulo, que fôra em vida venerado como Santo, passou a ser invocado por todos aquêles que tiveram a ventura de vê-lo e ouvi-lo.

Anos atrás, em 1773, Clemente XIV perguntara se Paulo da Cruz tivera um irmão chamado João. Disseram-lhe que sim.

— Paulo e João, deu o papa de repetir, Paulo e João...

Aos 6 de dezembro daquele ano, o Soberano Pontífice doava aos Passionistas a igreja dos Santos

João e Paulo e o convento anexo, coisa que ao Santo enterneceu deveras.

São Paulo da Cruz, aos 21 de outubro daquele ano em que faleceu, 1775, foi enterrado na igreja que o papa concedera aos Passionistas.

A 1.º de maio de 1853, Pio IX beatificou-o, e, a 29 de junho de 1867, canonizou-o.

No mesmo dia em que se festeja o apóstolo e evangelista São Lucas, primeiro historiador da Igreja, comemora-se a morte, na Espanha, de São Pedro de Alcântara, padre da ordem dos Irmãos Menores e confessor: em virtude da admirável penitência e dos numerosos milagres, o Soberano Pontífice Clemente IX collocou-o entre os santos. A festa celebra-se no dia de amanhã.

Em Antioquia, Santo Asclepiades, bispo: faz parte dos ilustres mártires que sofreram morte gloriosa, sob o imperador Macrino, em 218. Segundo a *Crônica* de São Jerônimo, Asclepiades foi o sucessor de Serapião, em 211 ou 212.

Em Neo-Cesaréia, no Ponto, Santo Atenodoro, bispo, irmão de São Gregório Taumaturgo: célebre pela ciência, consumou o martírio no século III, quando da perseguição de Aureliano. Nascidos de pais pagãos, tornaram-se órfãos. Muito ricos, foram estudar direito em Beirute, depois literatura em Cesaréia da Palestina, onde encontraram Orígenes, o qual lhes inspirou o amor pela filosofia. Eram, como diz Eusé-

bio, "extraordinariamente apaixonados pelos conhecimentos gregos e romanos". Ver 17 de novembro.

São Justo, mártir: menino, foi decapitado durante a perseguição de Diocleciano, sob o prefeito Riciovaro. Fins do século III (?).

No Estado de Nova York, os santos mártires da Companhia de Jesus, Isaac Jogues, padre, e João de La Lande, coadjutor temporal, que, neste dia e no seguinte, foram cruelmente mortos pelos iroqueses, no mesmo lugar em que, anos antes, Renato Goupil, também coadjutor temporal, havia recebido a palma do martírio. Mortos também, por hurões e peles vermelhas, conquistaram aquela palma João de Brebeuf, Gabriel Lalmont, Antônio Daniel, Carlos Garmier e Natal Chabanel (século XVII). Conhecidos como os Mártires do Canadá, êstes oito jesuítas, que a Igreja festeja no dia de hoje, foram massacrados entre 1642 e 1649 e canonizados em 1930.

Em Roma, Santa Trifônia, que tinha sido espôsa do imperador Décio, e que foi mãe de Santa Cirila, virgem e mártir: o corpo foi inumado numa cripta, ao lado de Santo Hipólito.

Nos confins de Edessa, na Mesopotâmia, a comemoração do santo ermitão Julião, chamado Sabas, do qual se fêz menção em janeiro, aos 17.

Em Rion, Auvergne, Santo Amável, padre (século V).

Na diocese de Liège, hoje de Namur, São Monon, ermitão (século VII). São Monon nasceu na Irlanda. Um anjo, um dia, apareceu-lhe, ordenando-lhe que se fôsse para a Gália, onde deveria procurar,

na floresta de Ardenne, um lugar que se chamava Fridier: ali devia fixar-se. Monon obedeceu aquela ordem, mas, antes de ganhar a Gália, resolveu ir a Roma. A caminho, nos Alpes, encontrou o bispo de Liège, João, apelidado o Cordeiro, que esquecera o *pallium* donde vinha vindo. Encarregado de trazê-lo de volta, depois de ter feito a peregrinação e de ter cumprido a missão que o bispo lhe confiara, retirou-se ao lugar que o anjo lhe indicara. A santidade e os milagres atraíram multidões. Aquilo ia contra os planos dum bando de salteadores, pois a floresta, antes despovoada e sossegada, servia-lhes de couro, o que, agora, não mais acontecia. Cheios de ódio, assassinaram-no.

* * *

19.º DIA DE OUTUBRO

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Nasceu no ano de 1499 em Alcântara, pequena cidade da província da Estremadura, na Espanha. Seu pai, Afonso Garavito, era magistrado e governador da cidade. Sua mãe descendia de família nobre, e, tal como o marido, destacava-se pelas virtudes e pela piedade. Mal o pequeno Pedro começou a fazer uso da razão e já se mostrava cheio de amor para com Deus. Sua fidelidade aos deveres, seu fervor e sua assiduidade na oração faziam com que fôsse considerado uma espécie de prodígio. A morte levou-lhe o pai, quando ainda concluíra seu curso de filosofia em Alcântara; algum tempo depois foi enviado a Salamanca para estudar direito canônico. Durante os dois anos que passou na Universidade dessa cidade dividiu igualmente seu tempo entre o estudo, a oração e o serviço dos pobres nos hospitais.

Em 1513 foi chamado de volta à sua terra. Seu primeiro cuidado foi decidir que gênero de vida abraçaria. De um lado, havia o êxito que o aguardava no mundo; do outro, além dos perigos a que se expõe um homem no mundo, via as vantagens e a felicidade proporcionadas pela solidão. Finalmente a graça venceu, e Pedro resolveu abraçar o estado religioso. Fixou sua escolha na ordem de São Fran-

cisco, cujo hábito vestiu aos dezesseis anos, no Convento de Manrez, situado nas montanhas que separam Castela de Portugal. Distinguiu-se entre os monges pelo zelo em relação às humilhações, pelas vigílias, pelo jejum e por outras práticas da penitência. Tão grande era seu fervor, que as mais severas austeridades em nada o impressionavam. Tão completo e perfeito era seu desapêgo, que verdadeiramente fôra crucificado para o mundo, só encontrando sofrimento e aflição em tudo quanto lisongeiava os sentidos e a vaidade dos homens. Nada conseguia interromper a sua contínua união com Deus. Recebeu vários encargos que desempenhou com grande satisfação da parte de seus superiores. Tão estreitamente vigiava os sentidos, e particularmente a vista, que levou muito tempo sem saber como era a igreja do convento. Havia alguns meses que lhe fôra confiado o cuidado do refeitório, quando foi admoestado pelo superior pelo fato de não servir aos irmãos os frutos que se encontravam na dispensa. Desculpou-se humildemente, dizendo que não olhara para o teto onde os frutos permaneciam suspensos, como é uso na região, sobretudo quando se trata de cachos de uva, que são recolhidos depois de secos. Confessou a Santa Teresa, mais tarde, que se conservara três anos num convento, sem conhecer seus irmãos, a não ser pela voz.

Desde que abraçou o estado religioso até o dia da sua morte não olhou mais de frente uma única mulher. Durante vários anos, sua alimentação consistiu em pão embebido na água e ervas insípidas; e quando levava vida solitária, cozinhava de uma só vez grande quantidade dessas ervas, a fim de gastar menos tempo com os cuidados exigidos pelo corpo.

Nesse período costumava fazer uma única refeição por dia, bastante leve, e aconteceu-lhe com freqüência passar três dias seguidos sem tomar o menor alimento. Nos grandes dias santos acrescentava à sua porção de ervas uma espécie de sopa feita com sal e vinagre. Só bebia água, e em pequenas porções. A força de mortificar-se, perdera quase completamente o sentido do gosto; de maneira que, em geral nem sabia o que comia. Um cilício estendido no chão lhe servia de cama; dormia pouco, e quando descansava, fazia-o sentado, com a cabeça encostada na parede. A extensão e a continuidade das suas vigílias podem parecer inacreditáveis; acostunara-se aos poucos a esse gênero de mortificação, a fim de não prejudicar a saúde; e como tinha uma constituição robusta, foi-lhe possível suportá-la. Sofreu violentas tentações; mas delas triunfou através da oração e da humildade.

Alguns meses depois de ter professado, Pedro de Alcântara foi enviado a um convento situado nas proximidades de Belviso, numa região êrma. Construiu a alguma distância da comunidade, uma cela com barro e ramos de árvores, onde praticou austeridades extraordinárias, de que só Deus tomou conhecimento. Três anos depois, embora só contasse vinte anos, elegeram-no superior de um pequeno convento que acabava de ser fundado em Badajoz, metrópole da Estremadura. Tendo expirado o seu período de administração, o provincial advertiu-o para que se preparasse, pois ia receber as santas ordens. Debalde lhe solicitou um prazo mais longo. Foi ordenado sacerdote em 1524; e, pouco tempo depois, incumbiram-no de pregar a palavra de Deus. No ano seguinte foi guardião do Convento de Placência. Em todos os postos de direção a êle confiados, sempre se consi-

derou o servo de seus irmãos, e acreditava-se obrigado a doutriná-lo, sobretudo com o exemplo. Disso derivava o fervor que insuflava a todos que viviam sob a sua orientação. Depois de ter desempenhado pela segunda vez o cargo de guardião, durante seis anos unicamente se ocupou com pregar o Evangelho às populações. Aparecia nos púlpitos sagrados como um anjo enviado por Deus para incutir o espírito de penitência nos pecadores, e abrasá-los no fogo do amor divino. E operava inumeráveis conversões. Juntava às suas naturais qualidades um perfeito conhecimento dos caminhos interiores, e um intenso sentimento das coisas divinas, dons que não são adquiridos pelo estudo, mas que são frutos da graça e da oração. Só a presença do santo instruía e, segundo diziam, bastava para operar conversões, tocar as sensibilidades, e fazer com que as lágrimas corressem.

Como o amor ao recolhimento continuasse a constituir, por assim dizer, a sua tendência dominante, pediu aos seus superiores que lhe permitissem viver em qualquer convento solitário, onde pudesse entregar-se livremente ao exercício da contemplação. Finalmente obteve o que desejava. Colocaram-no no Convento de Santo Onegre, na Lapa, perto de Soriana. Essa instituição estava situada num lugar terrivelmente isolado. Só foi concedida ao santo a permissão para recolher-se a êsse convento com a condição de que o dirigiria. Foi nêle que compôs seu tratado sôbre a *Oração Mental*. Escreveu-o a pedido de um fidalgo muito piedoso, que freqüentemente o ouvira discorrer sôbre o assunto. Tal tratado foi considerado uma obra-prima por Santa Teresa, Luís de Granada, São Francisco de Sales, pelo Papa Gregório XV, etc. O autor demonstra a necessidade

da oração mental; expõe o seu método e as suas vantagens. Como modelo, desenvolve algumas breves considerações sobre os fins últimos e sobre a paixão de Jesus Cristo. Foi de acordo com o seu plano que Luís de Granada e outros escritores ascéticos procuraram facilitar aos cristãos a prática da oração mental, tão negligenciada, e contudo tão necessária para alimentar a piedade. Temos do mesmo santo outro tratado, não menos primoroso, intitulado: *Sobre a paz da alma*. Estabelece como máxima fundamental que, consistindo a virtude da perfeição na pureza e no fervor do amor divino, devemos empenhar todas as nossas forças para atingi-los. A primeira coisa a fazer, diz ele, é crucificar todos nossos desejos desordenados e dominar nossas paixões; o que nos disciplinará interiormente, e fará chegar a paz aos nossos corações, nêles excitando intensos sentimentos de humildade, de brandura e outras virtudes cristãs. Devemos velar para que todos nossos exercícios e todas nossas ações sejam animadas pelo espírito interior; as próprias austeridades são inúteis e tornam-se algumas vezes perniciosas, se não assentarem sobre esse princípio. Ao referido cuidado, cujo objeto é arrancar a semente das inclinações terrenas e viciosas, juntaremos o de cumprir todos nossos deveres com carinho e doçura, amando-os, e nada fazendo por constrição; pois a má-vontade é, acima de tudo, contrária à paz interior. Nada mais é necessário além de evitar todas as ocasiões de perturbação. Assim sendo, coisa alguma devemos negligenciar no sentido de conservar a paz de nossas almas, a fim de nunca perdermos Deus de vista, propondo-nos, acima de tudo, o objetivo de só a ele agradarmos. Quando nos sentirmos perturbados, recorramos a Deus por intermédio da oração,

voltemos nossos corações para êle, imitemos Jesus que, no Jardim das Oliveiras, orou três vêzes, prosternado diante de seu Pai celeste. Não se constrói uma cidade num único dia. Consideremos que é uma emprêsa tão importante como construir uma casa para Deus e um templo para o Espírito Santo, embora o principal arquiteto esteja no céu. A humildade deve ser a pedra angular do nosso edificio espiritual. "Façamos questão de ser desprezados aos olhos do mundo e de nunca mais fazermos a nossa própria vontade. Ponhamos tôdas as nossas aspirações diante de Deus; e peçamos-lhe que se cumpra a sua vontade, a fim de ser o único a reinar sôbre nós. Quem nos arrancar à humildade, seja quem fôr, seja qual fôr o pretexto especioso de que se servir, será um falso profeta, um lobo rapineiro que se cobre com a pele da ovelha para devorar tudo quanto tivermos reunido com dispêndio de tempo e de esforço."

O Santo também nos incita a juntarmos à humildade a renúncia a si próprio e o recolhimento. Igualmente nos compele a desconfiarmos do zêlo pela salvação das almas, quando negligenciamos os meios de alcançar a nossa própria salvação. Observa, para o consôlo dos que se atormentam com escrúpulos e sofrimentos interiores, que Deus muitas vêzes permite essas provações para obrigar a alma a progredir na humildade e na pureza de coração. A calma que recomenda, como a mais eficaz das preparações para transformar uma alma na morada do Espírito Santo, absolutamente não significa um estado de inação. Com efeito, embora a alma não esteja coberta de trevas, nem agitada pelo sôpro impetuoso das paixões, nem por isso é verdade que seja tôda fogo e ação, quando penetrada pelo intenso sentimento das virtu-

des, e entretida em fazer com que frutifiquem em atos de fervor.

O próprio Pedro de Alcântara era um grande contemplativo; sua união com Deus era quase contínua. Celebrava a missa com devoção incomum e, muitas vezes, derramando torrentes de lágrimas. Viram-no permanecer em oração durante uma hora inteira, com os braços estendidos e os olhos erguidos para o céu, sem fazer um único movimento. Tinha freqüentes êxtases que se prolongavam por muito tempo. Sobretudo, gostava de meditar sobre a Encarnação e sobre o Santo Sacramento do altar; só a menção desses mistérios de amor bastava algumas vezes para provocar-lhe arroubos. Não seria possível descrever as doçuras e os consôlos que recebia de Deus através da oração. Algumas vezes não conseguia conter os transportes do amor divino e ouviam-no cantar em voz alta os louvores do Senhor, de maneira maravilhosa. De tempos em tempos, retirava-se para os bosques a fim de gozar de mais liberdade; e os camponeses que o ouviam, tomavam-no por um homem fora do seu juízo perfeito.

João III, rei de Portugal, ciente da reputação de santidade de que gozava o servo de Deus, resolveu consultá-lo sobre alguns problemas de consciência. Pediu ao seu provincial que mandasse o Santo a Lisboa. Êste se recusou a servir das carruagens que lhe tinham sido preparadas; de acôrdo com seus hábitos, fêz a viagem a pé, e sem sandálias. Tão satisfeito ficou o rei com as suas respostas, e tão edificado com a sua conduta, que algum tempo depois mandou pedir-lhe que voltasse. Durante essas duas visitas, Pedro de Alcântara converteu grande número de fidalgos da côrte. A infanta Maria, irmã

do rei, renunciou às pompas do mundo e pronunciou secretamente os três votos religiosos, reservando-se, contudo, o direito de usar vestes seculares e viver na côrte, pois a sua presença era necessária na direção de alguns negócios importantes. Essa princesa fundou em Lisboa um mosteiro de Pobres Clarissas para senhoras de categoria. Juntou-se ao rei, tentando reter o santo; e, para constrangê-lo, construíram-lhe uma cela com oratório, a fim de que lhe fôsse possível dedicar-se aos seus exercícios habituais. Mas Pedro de Alcântara encontrava muitos inconvenientes naquela proposta e não a aceitou.

Tendo surgido uma grave contenda entre os habitantes de Alcântara, Pedro dirigiu-se àquela cidade para restabelecer a paz. Sua presença e suas palavras produziram o efeito esperado. Cessaram as perturbações e as sementes da discórdia foram abafadas. Mal o caso se encerrou, elegeram-no, em 1538, provincial da Estremadura. Essa província, que pertencia aos religiosos chamados *conventuais*, adotara havia algum tempo certas constituições de reforma. Como o santo ainda não tivesse atingido à idade ordinariamente exigida para o provincialato, alegrou essa razão para dispensar-se de aceitá-lo; mas não levaram em consideração as suas desculpas, acreditando que suas virtudes e prudência supririam a carência da idade requerida. Serviu-se da autoridade conferida por seu cargo para levar a efeito uma severa reforma, e os regulamentos que estabeleceu relativamente ao projeto foram adotados em tôda a província num capítulo que se realizou em Placência no ano de 1540.

Havendo expirado o tempo do seu provincialato, voltou a Lisboa no ano seguinte, a fim de reunir-se

ao padre Martim de Santa Maria, que lançava os fundamentos de uma austera reforma, e que se occupava com edificar um ermitério em certas montanhas áridas, denominadas Arabida, e situadas à embocadura do Tejo, na margem fronteira a Lisboa. O duque de Aviero doou o terreno e também forneceu tudo quanto era necessário para construir as celas. São Pedro estimulou o fervor dos religiosos que tinham abraçado a reforma, e propôs-lhes vários regulamentos que adotaram. Os eremitas da Arabida andavam descalços, dormiam sôbre montes de sarmentos, ou sôbre a terra nua; interdítavam-se o uso da carne e do vinho, e só comiam peixe nos dias de festa. Diziam as matinas à meia-noite, e o Santo encarregou-se de acordá-los; terminadas as matinas, permaneciam na igreja, rezando, até o nascer do dia. Então recitavam a prima, que era seguida por uma missa, de acôrdo com a primitiva regra de São Francisco. Em seguida, retiravam-se para as suas celas, de onde só saíam para recitarem juntos a têrça e as outras horas canônicas. O espaço de tempo que medeava entre as vésperas e as completas era empregado no trabalho manual. As celas dos frades eram pequenas e baixas; a do nosso santo tinha tão exíguas dimensões, que êle não podia permanecer de pé, nem deitar-se sem dobrar o corpo. Tendo o padre João Calas, superior geral da Ordem, ido a Portugal, fêz questão de avistar-se com Pedro de Alcântara; fêz-lhe uma visita no seu ermitério. Ficou tão edificado com o que viu, que permitiu ao padre Martim de Santa Maria receber noviços. Também lhe permitiu estabelecer a reforma nos conventos de Palhães e de Santarém e erigir uma custódia. Seu companheiro, tocado pelos exemplos que tinha sob os olhos, deixou-o para abra-

çar a reforma. O convento de Palhães foi designado para servir de noviciado; sua direção, assim como a dos noviços, foi confiada ao Santo.

Pedro de Alcântara dirigiu o noviciado durante dois anos, isto é, até 1544, quando seus superiores chamaram-no de volta à Espanha. Seus irmãos da província da Estremadura demonstraram grande alegria ao revê-lo. Exerceu as funções do ministério por obediência; mas sua atração pela contemplação levou-o a pedir licença para permanecer nos conventos mais isolados da ordem. Quatro anos assim se passaram. Foi chamado em Portugal pelo príncipe Luís, irmão do rei, e pelo Duque de Aveiro. Durante os três anos que passou nesse reino, acabou de aperfeiçoar a reforma de Arabida, e no ano de 1550 fundou um novo convento perto de Lisboa. Dez anos depois, a custódia da ordem foi erigida na província. Como suas virtudes lhe atraíssem muitos admiradores, o que lhe perturbava a solidão, Pedro de Alcântara apressou-se em regressar à Espanha, onde esperava ser menos conhecido. Chegou a Placência no ano de 1551, e os irmãos pediram-lhe que aceitasse o provincialato; mas êle reclamou a liberdade, que finalmente lhe foi concedida, de viver algum tempo para si mesmo. Dois anos depois foi eleito custódio num Capítulo Geral, que se realizou em Salamanca.

Em 1554, elaborou o projeto de uma congregação que obedecesse a uma reforma ainda mais severa do que aquela já efetuada. Começou, porém, tentando conseguir a autorização para executar seu projeto, e obteve um breve do Papa Júlio III. Também recebeu a aprovação da província da Estremadura e do Bispo de Coria, em cuja diocese êle experimentou, com outro religioso, o gênero de vida que se propunha

a introduzir. Algum tempo depois, fêz uma viagem a Roma, e obteve um segundo breve pelo qual lhe era permitido construir um convento de acôrdo com o seu plano. Êsse convento foi edificado exatamente como queria, nas imediações de Pedroso, na diocese de Palentia. Os alicerces foram lançados em 1555; é dessa época que data a reforma dos Franciscanos Descalços, ou a estreita observância de São Pedro de Alcântara. O convento a que nos referimos só tinha trinta e dois pés de comprimento, sôbre vinte e oito de largura. As celas eram extremamente pequenas, e a metade de cada uma era ocupada pela cama do religioso, que consistia em três tábuas. A cela do santo era a menor e a mais incômoda de tôdas. A igreja estava inserida no edificio de que acabamos de falar, e dêle fazia parte. Para excitar-se à penitência bastava a cada religioso contemplar a sua cela, que realmente lembrava um túmulo.

O Conde de Oropesa mandou construir em duas terras dois novos conventos para o santo, nos quais a reforma foi posta em prática, assim como em várias outras casas. Em 1561, vários conventos dêsse tipo foram erigidos na província. Pedro de Alcântara regulou por meio de estatutos especiais as dimensões que teriam as celas, a enfermaria e a igreja de cada um. A circunferência de um convento não excedia quarenta ou cinquenta pés. Só comportava oito irmãos que eram obrigados a andar sempre descalços. Deitavam-se em tábuas, ou esteiras estendidas no chão. Estas, quando a umidade tornava o lugar insalubre, eram erguidas a um pé acima do solo. O uso da carne, do peixe, dos ovos e do vinho só eram permitidos aos doentes. Dedicavam diariamente

três horas à oração mental e nada recebiam pela celebração da missa.

São Pedro de Alcântara era comissário da ordem quando o fizeram provincial da sua reforma. Pouco tempo depois foi a Roma e solicitou a confirmação do seu instituto. O Papa Paulo IV, através de uma bula datada do mês de fevereiro de 1562, libertou a congregação do santo da jurisdição dos Franciscanos Conventuais, e subordinou-a ao Ministro Geral dos Frades Observantes, com a cláusula de que seriam obrigados a obedecer aos regulamentos propostos pelo santo reformador. Fundaram-se diversos estabelecimentos da mesma regra na Itália e em várias províncias da Espanha. Cada província dessa reforma é composta de cerca de dez conventos.

Após a sua abdicação, o Imperador Carlos Quinto retirara-se para a província da Estremadura, e escolhera como moradia o Mosteiro de São Justo, da Ordem dos Hieroministas. O Imperador achou que devia eleger Pedro de Alcântara para seu confessor, persuadido de que ninguém saberia melhor prepará-lo para a morte. Mas o santo, prevendo que tal ministério não se harmonizaria com seus exercícios, nem com seu gênero de vida, alegou várias razões para não aceitar o encargo que lhe era proposto, e conseguiu obter que o Imperador desistisse da idéia.

Quando Pedro de Alcântara foi a Ávila, em 1559, fê-lo na qualidade de comissário geral em visita à sua ordem. Santa Teresa, que se encontrava naquela cidade era nessa ocasião provada com uma dura perseguição que lhe moviam os amigos e os próprios confessores. Também a atormentavam escrúpulos e outros sofrimentos interiores. Diziam-lhe

que podia estar sendo iludida pelas artes do demônio, e essa idéia lhe causava, de quando em vez, dolorosas perturbações. Guiomera de Ulca, viúva altamente piedosa, que lhe era muito afeiçoada, e que estava a par da situação, trouxe-a para a sua casa, depois de ter obtido a necessária permissão de seus superiores. Tinha como objetivo dar-lhe a oportunidade de entreter-se à vontade com Pedro de Alcântara. O Santo, que também fôra favorecido com dons extraordinários, não tardou em perceber em que condições se encontrava a religiosa; dissipou-lhe as inquietações e assegurou-lhe que tudo quanto se passava com ela procedia de Deus. Colocou-se abertamente contra os caluniadores da Santa, e falou em seu favor ao religioso que lhe dirigia a consciência. Depois de ter-lhe ministrado as mais eficientes consolações, exortou-a veementemente a introduzir a desejada reforma na Ordem das Carmelitas, baseando-a, sobretudo, na pobreza. Cheio de compaixão por Santa Teresa, e desejoso de aumentar a confiança por ela depositada em seus conselhos, Pedro de Alcântara fêz-lhe algumas confidências sobre o tipo de vida que levava havia quarenta e sete anos. Ouçamos a própria Santa contar o que ouviu naquela ocasião:

"Ele me disse que, durante o espaço de quarenta anos, só dormira uma hora e meia por dia, e que essa mortificação era a que mais lhe custara no começo; que, para dominar o sono, se conservava sempre de pé, cu ajoelhado; que dormia sentado, com a cabeça apoiada num pedaço de madeira pregado na parede da cela. Se quisesse estender-se ao comprimento, não poderia fazê-lo, pois a cela só tinha quatro pés e meio de comprimento. Durante todo êsse tempo, nunca se cobrira com o capuz, fizesse calor ou cho-

vesse. Sempre andara descalço, sem nada nos pés. Únicamente usava o seu hábito de burel, que era muito apertado, e sua capa, que era muito curta, ambos de tecido muito ordinário. Durante o mais rigoroso frio êle tirava a capa e deixava abertas a porta e a janela da sua cela, a fim de que, depois de tornar a vestir a capa e fechar a porta, seu corpo experimentasse algum alívio. Só comia uma vez de três em três dias, e assegurou que era coisa fácil de suportar, estando habituado. Um de seus companheiros disse-me que êle passava, às vêzes, oito dias sem comer; sem dúvida, isso acontecia durante seus êxtases e arroubos, de que fui testemunha, uma vez. Sua pobreza era extrema; tanto se mortificara, mesmo na mocidade, que, segundo me disse, permaneceu três anos num convento da sua ordem, sem conhecer nenhum dos religiosos a não ser pela voz; não conhecia os lugares comuns do convento, onde só ia quando acompanhava os outros. O mesmo se dava com relação aos caminhos . . . Era já muito idoso quando o conheci. Era fraco e descarnado de corpo e a sua pele mais parecia uma casca de árvore sêca. Falava pouco, a menos que fôsse interrogado; mas como tinha muito bom senso, sua palestra era bastante amena e agradável. (1)

Quando procedia às visitas das casas que haviam abraçado a reforma, o santo caiu doente no Convento de Viçosa. Mal o Conde de Oropesa foi disso informado, obrigou-o a ir para a sua casa, a fim de proporcionar-lhe o tratamento de que necessitava. Mas os remédios e os refrigérios que se apressavam em propiciar-lhe só serviram para agravar-lhe a molês-

(1) Vida de Santa Teresa, por ela mesma, c. XXVII.

tia; a febre subiu, e abriu-se uma úlcera numa de suas pernas. Percebendo que seu fim estava próximo, o servo de Deus pediu que o transportassem para o Convento de Arenas, pois desejava morrer nos braços de seus irmãos. Nem bem chegou e pediu que lhe administrassem os sacramentos da Igreja. Não cessou de exortar seus religiosos a amarem as virtudes próprias do seu estado, sobretudo a pobreza. Expirou calmamente no dia 19 de outubro de 1562, aos sessenta e três anos de idade, recitando de joelhos êste salmo: *Loetatus sum in his que dicta sunt nihi*. "Alegrei-me quando me deram a notícia: iremos à casa do Senhor."

Depois de narrar o bem-aventurado fim de São Pedro de Alcântara, Santa Teresa assim se exprime:

"Deus permitiu que, depois da sua morte, êle me assistisse em diversas ocasiões, mais ainda do que o fizera em vida. Vi-o várias vêzes resplandecente de glória, e na primeira dessas vêzes êle bendisse as austeridades que o haviam feito merecer tão grande recompensa, e outras coisas semelhantes. Um ano antes de sua morte, estando êle ausente, apareceu-me; e, como soube por essa visão que em breve êle morreria, mandei um aviso para o lugar onde se encontrava, distante algumas léguas do meu mosteiro. Tornou a aparecer-me e disse que ia descansar. Não dei fé a essa visão, embora a tenha comunicado a várias pessoas; e dez dias depois recebemos a notícia de que estava morto, ou, para melhor dizer, que estava morto para tornar-se imortal. E assim uma vida tão penitente foi coroada por tão grande glória; quanto a mim, parece-me que êsse santo homem ainda melhor me assiste depois que está no céu do que quando estava na terra. Nosso Senhor disse, certã vez, que

nada lhe pediríamos em seu nome que não nos fôsse concedido e disso tive a prova por diversas vêzes. Seja a sua divina majestade eternamente louvada!" (2)

São Pedro de Alcântara foi beatificado por Gregório XV em 1622, e canonizado por Clemente IX, no ano de 1669. (3)

• • •

(2) *Vida de Santa Teresa, por ela mesma, c. XXVII.*

(3) Godescard, 19 oct.

SÃO VRAIN (*)

Bispo

São Vrain, que nasceu em Gevaudan, segundo uma lenda, foi bispo de Cavaillon. São Gregório de Tours, quando estêve nesta cidade, conheceu-o pessoalmente, tendo-o depois em alta estima, colocando-o entre os grandes devotos de São Martinho.

Segundo aquela lenda, aliás sem valor, São Vrain queria instalar-se numa ermida que havia em Cavaillon, mas o sítio era ferozmente ocupado por um terrível dragão. São Vrain expulsou-o, tomou posse da velha ermida, colocou-a debaixo da invocação de Nossa Senhora e ali ficou a viver.

Um dia, quis tornar realidade um sonho que vinha, havia muito, acalentando: ir a Roma. Pôs-se em marcha. Pelo caminho, foi curando doentes e livrando possessos.

Quando chegou a Roma, as portas da Confissão de São Pedro abriram-se de par em par, para que o Santo entrasse. Recebido pelo Papa com muita ternura e muita alegria, pela Cidade Eterna estêve o Santo por algum tempo.

De volta passando por Ravenna, Milão e Albenga, converteu todos os pagãos daquelas cidades. Continuando a caminhada, foi deixando o traço da

passagem, prodigiosa passagem, a curar cegos, surdos, mudos, e, a uma jovem morta, em vias de ser enterrada, ressuscitou-a.

O renome de São Vrain chegou, então, aos ouvidos do rei Sigeberto, da Austrásia. Desejando tê-lo ao seu lado, mandou buscá-lo. Apenas chegara, todos os prisioneiros foram libertados miraculosamente. Feito bispo de Cavaillon, São Vrain faleceu, muito quieta e santamente, depois de 589.

São Gregório de Tours disse dêle: "Aquêl pontífice era prvido de grandes virtudes, de sorte que, seguidamente, com a graça de Deus, curava doentes só com o sinal da cruz".

São Vrain assistiu ao concílio de Macon, em 585. Neste mesmo ano, foi um dos três bispos enviados pelo rei Gontran para investigar o assassinio do arcebispo Pretextato, vítima de Fredegonda, em Ruão. O rei Childeberto escolheu-o para padrinho do filho Thierry.

* * *

SANTO AQUILINO (*)

Bispo

Bispo de Évreux, Santo Aquilino viveu em fins do século VII. Segundo uma *Vida*, que chegou até os nossos dias, de autoria dum monge beneditino do século XII, Hecelão ou Hecelino, Aquilino era natural de Bayeux. Casado, tivera muitos filhos.

Quando duma campanha contra os bárbaros, deixou o lar e se pôs ao lado de Clóvis II. A espôsa, para que Aquilino logo tornasse, são e salvo, fêz voto de continência por um ano.

Finda a guerra, Aquilino tornou, e a espôsa pô-lo ao par do voto que fizera. O futuro bispo elogiou-a grandemente e sugeriu que aquela continência ambos, agora, e não só ela, levassem perpétuamente. Tendo a espôsa concordado, distribuíram aos pobres (à parte o que tocava aos filhos) os bens que possuíam, e passaram a levar vida monástica, dirigindo um hospital.

Quando o bispo de Évreux, Eterno, faleceu, o povo, unânimemente, apontou Aquilino como o sucessor, e assim foi: o Santo recebeu as ordens sagradas e se revestiu da dignidade.

Santo Aquilino faleceu por volta de 690. Conta-se que, tornando-se cada vez mais austera a vida que levava, acabou por recolher-se a uma caverna, em busca de maiores perfeições e mais rígidas penitências. Morto, foi sepultado num oratório que construíra.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS HELVE (*)

Sacerdote

O beato Tomás Helve, originário de São Pedro de Biville, na Mancha, era filho de Hélio e de Matilde. Dedicado aos estudos, acabou, por algum tempo, lecionando gramática. Boníssimo com os alunos, era, por sua vez, querido pelos que encaminhava nas letras e nas virtudes. O tempo, repartia-o êle entre as aulas e a igreja. Vestindo-se negligentemente, quase sempre com os cabelos em desordem e por cortar, era bem o tipo do homem que votava solene desprezo pelas coisas mundanas, perecíveis.

Tomás trazia sempre o cilício. Jejuava, velava, disciplinava-se. A todos os ofícios que se celebravam, a êles assistia-os, invariavelmente. Quando o sacristão, terminado o dia, fechava a igreja, Tomás pedia-lhe a chave e, a certa hora da noite, abria a grande porta do templo, entrava e trancava-a. Sôzinho, na parca luminosidade que pelos vitrais se coava, vinda do exterior, passava a noite a orar.

Vários retardatários, alta madrugada, ouviram gemidos e suspiros que saíam do templo: era o bem-aventurado que se flagelava e orava. Ao raiar do

dia, deixava a igreja, ia para casa, tomava algum repouso, depois buscava a escola.

Amante da solidão, rezava constantemente, lia e estudava. Comer, comia pouquíssimo, passando a pão e água três dias por semana.

Fêz-se padre. E as vigílias, na igreja, que eram longas, tornaram-se intermináveis. Recitava o ofício dos defuntos, os sete salmos da penitência, os quinze graduais com as litanias, sete outros salmos, que costumava chamar de *pequenos*, e um sem-número de orações. Suspirando e gemendo, dava-se, depois, às doçuras da contemplação, demoradamente.

Quando o bem-aventurado Tomás Helye celebrava, depois da consagração ficava longamente a chorar, baixinho. Pálido, tantos os rigores que se applicava, depois da comunhão trazia o rosto rubro e resplandecente. Conta-se que, um dia, em suas lágrimas, viram uma gôta de sangue.

Aos ricos, Tomás convidava-os a socorrer os pobres. A um amigo, célebre no comer, dizia:

— Tu comes muito! Dá algo aos pobres!

Aos enfermos, constantemente estava a visitá-los, todo cuidados.

Nos últimos instantes da vida, chamando o padre-capelão, Guilherme, rogou que lhe lesse, à cabeceira, o *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum; redemiste me, Deus veritatis*.

Todos os seus confessores foram unânimes em afirmar que o bem-aventurado Tomás Helye jamais

pecara mortalmente. Morto aos 19 de outubro de 1257, logo o povo principiou a chamá-lo Santo Tomás de Biville.

No mesmo dia, em Roma, a festa dos santos mártires Tolomeu e Lúcio, martirizados sob Marco Antonino. Tolomeu, segundo relata São Justino, mártir, tendo convertido à fé uma mulher que levava vida dissipada, persuadindo-a a guardar a castidade, foi acusado por um homem impudico ao prefeito Urbício, que o conservou longamente encarcerado numa imunda enxovia. Enfim, como públicamente perseverasse em confessar Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Mestre, foi condenado à morte. Nesta ocasião, Lúcio, que desaprovou a sentença do prefeito e declarou abertamente que era cristão, foi submetido a idêntico julgamento. Um terceiro cristão, que aos dois se juntou, foi condenado ao mesmo suplício. Era, supõe-se, pelo ano de 160.

Em Antioquia, os santos mártires Beronico, Pelágia, virgem, e quarenta e nove companheiros.

No Egito, São Varo, soldado, sob o imperador Maximino: quando visitava, para os consolar, sete monges que foram postos a ferro, quis tomar o lugar dum deles que acabava de falecer; suportando, com os demais, os crudelíssimos tormentos que lhe foram impostos, com os sete monges Varo recebeu a palma do martírio (fins do século IV).

Perto de Salerno, Santo Eustério, bispo, do qual tudo se ignora, inclusive a época em que viveu. Foi Beronico quem o introduziu no martirologio.

Na Irlanda, Santo Etebino, abade (século VII?).

Em Oxford, Inglaterra, Santa Fredesvinda, Fridesvinda ou Fredesvida, virgem, desaparecida, ao que se supõe, em 750. Segundo uma lenda, o pai havia fundado um mosteiro onde hoje se eleva a famosa Oxford. Muito bela, um príncipe resolveu tomá-la para si. Foi buscá-la. Havia de conseguí-la por bem ou por mal. Apenas chegado, ficou cego. Conta a mesma lenda que Santa Fredesvinda, com um beijo, curou um leproso. Antes de morrer, recebeu a visita de Santa Catarina, acompanhada de Santa Cecília. Santa Fredesvinda, virgem, é padroeira de Oxford e da universidade.

Em Sens, Santo Altino, bispo de Orléans.

Na Síria, Santa Cleópatra, viúva (século IV). Santa Cleópatra, piedosíssima viúva, foi quem, segundo a *Paixão de Varo*, sepultou êste mártir, que morreu com os sete monges.

Em Soissons, São Lôbo, bispo, falecido em 535, ao que crê. São Remi, no seu testamento, deixou escrito o seguinte: "Tu serás minha herdeira, santa e venerável Igreja católica da cidade de Reims, e tu, Lôbo, bispo, filho de meu irmão, que eu sempre e muito especialmente amei".

Na diocese de Bourges, São Didier, abade, falecido em 700.

Em Córdoba, na Espanha, Santa Laura, mártir (864?). Viúva cristã que os árabes supliciarão porque não quisera apostatar.

Na Inglaterra, Santo Eadnot, bispo de Dorchester, mártir (1016). Monge de Worcester, abade de Ramsey, depois bispo de Dorchester, em 1006, tom-

bou sob o príncipe dinamarquês Knut, quando êste lutava contra o rei Edmundo.

Em Londres, o bem-aventurado Filipe Howard, mártir, em 1595. O bem-aventurado, que devia à mãe o título de conde de Arundel e Surrey, era filho do quarto duque de Norfolk, Tomás, que foi decapitado sob a rainha Isabel em 1572. Filipe, nascido em 1557, recebeu educação que tendia para o protestantismo. Aos doze anos de idade, tão-sòmente, casaram-no com Ana, filha de Lord Dacres. Convertido ao catolicismo, foi prêso. Dos trinta e oito anos que viveu na terra, dez passou-os êle aprisionado.

* * *

20.º DIA DE OUTUBRO

SÃO JOÃO CÂNCIO

Sacerdote Polonês

Nascido cêrca do ano de 1403, na aldeia do mesmo nome, pertencente à diocese de Cracóvia, João deveu à boa educação que seus piedosos pais lhe deram a preciosa vantagem de passar a mocidade na inocência. Mas correspondeu de maneira tão perfeita aos cuidados e aos sábios conselhos a êle prodigalizados que desde muito cedo foi possível pressentir o alto grau de virtude a que se elevaria, um dia. Concluídos seus primeiros estudos, foi seguir um curso de filosofia e de teologia na Universidade de Cracóvia. Recebeu os graus ambicionados e chegou a tornar-se professor na mesma Universidade. Exerceu o magistério durante vários anos e, como colocava a virtude infinitamente acima da ciência, soube aproveitar tôdas as ocasiões e todos os meios proporcionados pela sua posição para incutir nos discípulos os sentimentos de piedade de que estava penetrado, e para instruí-los com seus exemplos, tanto ou mais do que com suas palavras. Quando atingiu o sacerdócio, viram-no juntar à atençaõ que o estudo lhe merecia, um zêlo ainda mais ardente pela per-

feição. Impressionava-o profundamente o fato de ser Deus tão pouco conhecido e tão mal servido por um grande número de cristãos. A idéia das ofensas praticadas todos os dias contra o Senhor, oprimia-o dolorosamente. Essa idéia muitas vêzes levava-o a derramar torrentes de lágrimas, sobretudo quando celebrava o santo sacrifício da missa. Não podia meditar na ingratidão do pecador e na misericórdia infinita que o Salvador nos testemunha no adorável sacramento dos altares, sem se sentir como que oprimido por tão lamentável contraste.

Depois de ter lecionado com felizes resultados, coube a João a direção da paróquia de Ilkusi. Esse penoso cargo, impondo-lhe novas obrigações, também fêz eclodir nêle novas virtudes. Verdadeiro pastor de almas, cumpriu com o mais edificante zêlo e com uma prudência perfeita todos os deveres do santo ministério. Severo consigo mesmo, indulgente para com os outros, era pai de seu rebanho, e todos tinham a certeza de que nêle encontrariam um amigo afetuoso, pronto a ajudá-los nas suas dificuldades temporais ou espirituais. Recusava-se tudo quanto era supérfluo, a fim de socorrer os indigentes e muitas vêzes chegou a dar-lhes suas próprias roupas e seus sapatos; quando isso acontecia, deixava sua capa arrastar-se pelo chão a fim de que não notassem que voltava para casa de pés nus. Um domingo cedo, ao dirigir-se à igreja, encontrou um pobre homem estendido na neve, escassamente vestido, e quase morto de fome e de frio; imediatamente tirou a sotaina e com ela cobriu o miserável, levou-o ao presbitério, e fê-lo sentar-se à sua mesa para comer em sua companhia. Em memória dêsse ato de caridade, os professores do colégio de Varsóvia obrigam-se, uma

vez por ano, a convidar um pobre para comer à sua mesa.

Ser responsável pelas almas é um encargo que sempre assustou aos santos. Prêsa do temor, depois de alguns anos, João deixou a paróquia que lhe fôra confiada e, a pedido da Universidade, reassumiu o seu cargo de professor. Consagrava à salvação do próximo, sobretudo através de prédicas e da oração, na qual recebia favores extraordinários, todos os instantes que suas funções deixavam livres. A evocação da Paixão de Jesus Cristo impressionava-o de tal forma que passava, às vezes, a noite inteira na contemplação dêsse mistério. Para gravá-lo ainda mais profundamente no espírito, o santo sacerdote fêz, vestido como peregrino, uma viagem a Jerusalém. Ardendo no desejo de terminar seus dias pelo martírio, não temia pregar aos turcos Jesus Cristo crucificado. Além dessa viagem à terra santa, João foi quatro vezes a Roma, visitar os túmulos dos santos apóstolos, dar à Santa Sé o testemunho público do seu respeito e procurar, como dizia, livrar-se com aquelas piedosas viagens das penas do purgatório. Fazia essas peregrinações a pé, carregando a sua bagagem. Numa das viagens, tendo sido assaltado por ladrões que lhe tiraram tudo quanto possuía e depois o interpelaram para saber se ainda tinha alguma coisa; o santo homem respondeu-lhes negativamente. Porém, depois que o soltaram, percebeu que conservava algumas moedas de ouro escondidas no fôrro da capa; então, correu atrás dos salteadores, chamou-os em altas vozes e apresentou-lhes o seu ouro. Surprêsos com aquêle invulgar procedimento, os ladrões recusaram-se a receber o dinheiro e até mesmo lhe restituíram o que lhe tinham tomado.

Profundamente penetrado de respeito pelo preceito do Evangelho que nos ordena a amar nosso próximo como a nós mesmos, João Câncio, observava-o escrupulosamente. A exemplo de Santo Agostinho, gravara nos muros de sua casa versos que demonstravam seu horror pela maledicência. Sua caridade não consistia apenas em evitar prejudicar seus irmãos; levava-o a fazer-lhes todo o bem possível. Viram-no privar-se de alimento para dá-lo aos que dêle tinham necessidade. Tão animado de um santo ódio contra si mesmo, quanto se mostrava afetuoso para com o próximo, concedia ao sono o mínimo de tempo, só se vestia para cobrir-se e só comia para não morrer de fome. Seu grande desejo de preservar a pureza levou-o à prática das mais ásperas mortificações. Usava um cilício, jejuava, e disciplinava-se com freqüência. Trinta anos antes de sua morte, absteve-se inteiramente do uso da carne. Tal foi a vida desse santo padre, cujos dias foram inteiramente consagrados à prática das virtudes. Unido a Deus de maneira íntima através da permanente evocação da sua santa presença, tudo o que dizia, tudo o que fazia, traía seu recolhimento, e seu zêlo pela glória do Senhor e pela salvação do próximo. Morreu no dia 24 de dezembro de 1473, aos setenta anos de idade, amado e respeitado por todos. Vários milagres foram operados por sua intercessão. Cento e trinta anos depois da sua morte, abriram-lhe o túmulo, de onde se desprendeu um odor suave e agradável. Conservaram religiosamente a túnica de púrpura que usara como doutor; era usada pelo decano da escola de filosofia no dia de sua posse, quando se obrigava a jurar que, assim como

usava as vestes de São João Cântio, assim lhe imitaria os exemplos e as virtudes.

Foi canonizado pelo Papa Clemente XIII no dia 16 de julho de 1757; sua memória é muito venerada na Polônia e na Lituânia, países de que é um dos patronos. Deixou alta reputação de cultura, mas nenhuma de suas obras chegou até nós; atribuem-lhe algumas que foram declaradas apócrifas pela congregação dos ritos durante o processo da sua canonização. (1)

* * *

(1) Godescard, 20 oct.

SANTO ARTÊMIO

Duque do Egito

e vários outros mártires sob Juliano, o Apóstata

Juliano, marcado para sempre pela alcunha de o Apóstata, preparava-se para deixar a Pérsia e para regressar à pátria, triunfante, a fim de exterminar o cristianismo. Perecera, porém, nas planícies da Babilônia. Perseguir os cristãos foi uma de suas maneiras de aparelhar-se para a guerra. Em Antioquia, mandou pela segunda vez, fechar a igreja principal, depois de ter dado ordem para que dela retirassem os vasos sagrados e os levassem para o seu tesouro. Foram os Conde Juliano, tio do Imperador, Félix, Grande Tesoureiro, e Elpídio, Intendente dos Domínios, os executores dessa ordem. Os três eram apóstatas. Ao defrontar os vasos preciosos, dádivas de Constâncio e Constantino, exclamou Félix: "Vêde a baixela com que é servido o Filho de Maria!" O Conde ainda fêz mais: sentou-se nos vasos sagrados e profanou-os, assim como ao altar, de maneira tão indecente quanto imprópria. Tendo Euzcio, bispo ariano, que ocupava a igreja, tentado contê-lo, o apóstata deu-lhe uma bofetada, dizendo: "Vejam só se o céu intervém nos negócios dos gali-

leus!" Retiraram-se os três, depois de terem mandado levar todos os objetos preciosos e interdito as portas da igreja. Não ficaram impunes as blasfêmias por êles lançadas. Elpidio, o menos culpado, pereceu miseravelmente na prisão alguns anos depois. Félix morreu na mesma noite, vomitando em grandes golfadas. (1)

O Imperador tinha ordenado, apenas, que fechassem a igreja principal; o Conde Juliano também fechou as outras. Numa delas prendeu o sacerdote Teodoreto e, não conseguindo obrigá-lo a renunciar a Jesus Cristo por meio de torturas, condenou-o a ser decapitado.

No dia seguinte, quando Juliano soube da morte do sacerdote Teodoreto, executado por causa da sua qualidade de cristão, interpelou veementemente o tio: "É assim que cumpris as minhas determinações? Enquanto me esforço para conquistar os galileus pela brandura e pela razão, fazeis mártires no meu império, debaixo dos meus olhos! Êles me difamarão nas suas obras, como difamaram seus piores perseguidores. Proibo-vos que tireis a vida a alguém por causa da religião e incumbo-vos de transmitir aos outros a expressão da minha vontade." Essas admoestações atingiram em cheio o Conde Juliano, pois esperava uma reação diferente. Para reconfortá-lo e, ao mesmo tempo, fazê-lo expiar a falta, o Imperador apressou-se em convidá-lo a sacrificar aos deuses, e ofereceu-lhe carnes imoladas aos ídolos. O Conde pouco comeu, tão aborrecido estava por ter descontentado o sobrinho, justamente quando acreditava ter, mais do que nunca, feito jus à sua bene-

(1) Soz., l. V. c. VIII. Teod. l. II, c. XII.

volência. Nessa mesma noite foi acometido por violentas cólicas, e uma chaga incurável não tardou em abrir-se nas suas entranhas. As carnes da parte do corpo vizinha à chaga corromperam-se e geraram uma prodigiosa quantidade de vermes, que também proliferaram em suas entranhas, roendo-as aos poucos, não obstante todos os recursos da medicina, e saindo-lhe pela bôca, de mistura com os alimentos. Durante os dois meses que durou aquela doença, o infortunado apóstata arrastou uns restos de vida piores do que a morte, em tremendas alternativas de furor contra os cristãos e de desesperados remorsos. Ora abalado pelas palavras de sua mulher, cristã fervorosa, mandava pedir ao Imperador que reabrisse as igrejas, afirmando-lhe que fôra a complacência com que lhe atendera aos desejos, a causa do lamentável estado em que se encontrava. Mas o Imperador considerava criminoso o seu arrependimento. E respondia: "Não fechei as igrejas; também não as abrirei. Não foi a vossa complacência para comigo, e sim a vossa infidelidade para com os deuses que atraiu a desgraça sôbre vós." Ora, as fôrças e a incredulidade do Conde reanimavam-se, e êle condenava aos últimos suplícios Bonoso, Maximiliano e outros oficiais que se recusavam obstinadamente a retirar de suas bandeiras o monograma de Jesus Cristo e substituí-los por ídolos. Outras vêzes, insistia com sua mulher para que fôsse à assembléia dos cristãos rezar por êle e recomendá-lo aos fiéis, a fim de que se visse livre dos vermes e da podridão. Ela não ousou obedecer-lhe, no temor, segundo dizia, de que a justiça divina também a esmagasse. Então êle exclamou: "Deus dos cristãos, tende piedade de mim! minha própria espôsa esqueceu a vossa mise-

ricórdia, e não quer ouvir-me. Deus dos vivos, socorrei-me e tirai depressa a vida!" E expirou, formigando de vermes, no momento em que lhe faziam a leitura de diversos oráculos nos quais era assegurado que não morreria. Tôda Antioquia, com inclusão do próprio Imperador Juliano, considerou essa morte um evidente castigo. (2)

As desastrosas mortes do Tesoureiro Félix, e do Conde Juliano pareceram de mau agouro ao povo idólatra. Pois, deparando nas inscrições públicas em honra ao Imperador com as três palavras latinas, *Felix Julianus Augustus* concluía que o Imperador, assinalado pela última palavra, não tardaria em ter o mesmo destino dos outros. O próprio Juliano andava aterrorizado. Um presságio não menos fúnebre, ocorrido no dia primeiro de janeiro de 363, ainda mais o impressionou. Quando subia os degraus do templo da Fortuna, a fim de inaugurar seu quarto ano de consulado, o mais antigo dos sacerdotes caiu morto na sua frente. (3)

Nem por isso deixou, na sua superstição, de tecer intrigas cada vez mais numerosas. A fim de armar uma cilada para os cristãos e levá-los a praticar a idolatria, mandou corromper as fontes de Antioquia, nelas derramando um licor consagrado aos ídolos; com essa água era regado tudo quanto se vendia no mercado: o pão e a carne, os frutos, as ervas, todos os víveres. Os cristãos não podiam deixar de queixar-se, mas continuavam a consumir êsses comestíveis, de acôrdo com o preceito do Apóstolo: "Comei tudo quanto se vende no mercado, sem

(2) Soz., l. V, c. VIII. Teod., l. III, c. XIII.

(3) Amm., l. XXIII, n.º 1.

vos informardes da sua procedência." Um dia, durante uma refeição, dois dos principais guardas do Imperador, Juvêncio e Maximiano, corajosamente se puseram a lamentar aquelas profanações, e serviram-se das palavras dos companheiros de Daniel: "Entregaste-nos a um rei apóstata, o mais injusto do mundo." Tendo alguns dos comensais transmitido a Juliano aquelas palavras, êste mandou chamar os dois guardas à sua presença e interpelou-os sôbre o que haviam dito. Aproveitaram a ocasião e responderam intrêpidamente: "Senhor, tendo crescido na piedade e naslouváveis máximas de Constantino e de seus filhos, gememos agora ao ver reinar a abominação, e sabendo todos os alimentos contaminados pelos sacrifícios profanos. Queixamo-nos em particular, e queixamo-nos em vossa presença; é a única coisa do vosso govêrno que nos penalisa." Depois de ouvir essas palavras, o Imperador mandou espancá-los e torturá-los até à morte, e justificou o suplício a ambos infligido, atribuindo-o, não à religião, mas à insolência de suas palavras. (4)

Um sermão de São João Damasceno, recentemente publicado pelo Cardeal Maï, dá-nos a conhecer três outros mártires, condenados à morte por Juliano, durante sua permanência em Anticquia: são os santos Eugênio e Macário, sacerdotes, e Santo Artêmio, ou Artêmio, antigo governador do Egipto. Juliano perguntou aos dois primeiros: "Quem sois? qual é a vossa posição?" Eugênio respondeu: "Somos cristãos e pastôres do rebanho de Jesus Cristo." Juliano: "Onde está o rebanho de Cristo, do qual sois pastôres?" Eugênio: "É tôda a terra habitável, e todos

(4) Teod. I. III, c. XV.

os homens que nela vivem." "Miserável! exclamou Juliano, sôbre quem reinamos então, se o rebanho de Cristo é composto da terra inteira?" O mártir: "Reinais sôbre o mesmo rebanho de que somos pastôres. Pois é pelo mesmo Cristo que os reis governam e os príncipes têm o poder; êle é que vos dá o império, hoje, e que, se vos mostrardes ingrato para com vosso benfeitor, dá-lo-á amanhã a outro qualquer: pois sois um homem de um só dia e é sôbre homens de um dia que reinais; mas êle possui o reino eterno, que não terá fim." Juliano, o Apóstata: "Como! sois tão ímpio, a ponto de fazer um rei eterno dêsse Cristo nascido sob Augusto?" O mártir: "Sim, segundo sua humanidade, nasceu no tempo de Augusto; mas quanto ao seu nascimento divino e anti-secular, não há tempo que o preceda." O Apóstata, que considerava o mártir um homem sem instrução, pôs-se a zombar dêle, dizendo: "Assim, o teu Cristo nasceu duas vêzes? Mas não há nesse fato nada de que te possas glorificar. Entre os helenos há homens muito sábios que nasceram, não apenas duas vêzes, mas três: por exemplo, Mercúrio Trimegista e Pitágoras." O mártir replicou com severidade: "Tive que responder como fiz, não por tua causa, ímpio, mas por causa dos assistentes, que na maioria são cristãos. É ainda pela salvação dêles que acrescentarei algumas palavras. O Cristo foi anunciado com vários séculos de antecedência pelos profetas; até mesmo vossos oráculos e vossas sibilas prestaram testemunho do seu nascimento; a finalidade da sua encarnação foi a redenção do gênero humano. Tendo descido à terra, curou doentes, restituiu a vida a mortos e, depois de ter sofrido na cruz pela salvação do mundo, ressuscitou ao terceiro dia, na presença dos soldados que

lhes guardavam o sepulcro; mostrou-se a quinhentas testemunhas, conversou durante quarenta dias com os discípulos, subiu ao céu na presença deles e enviou-lhes o Espírito Santo com o dom de falar línguas estrangeiras e profetizar o futuro. E eles, homens sem instrução, pobres pescadores, pregaram o Cristo por toda parte; e, sem outra arma a não ser seu invisível poder, submeteram a terra inteira, ressuscitando os mortos, curando os leprosos, expulsando os demônios. Mas mesmo supondo que os sábios e teólogos que pretendeis opor ao Cristo, mesmo supondo que sejam verdades as extravagâncias atribuídas aos mesmos, que utilidade êsses homens nascidos duas, três, ou mesmo quatro vezes, tiveram para o mundo, não digo para o mundo inteiro, mas para uma mínima fração do mesmo? Qual dos livros de Hermes ou de Pitágoras ressuscitou mortos, purificou leprosos, expulsou os demônios que adorais? Hermes, por vós chamado Trimegisto, não foi um egípcio que desposou uma mulher, teve filhos, sendo que o mais velho, a quem dirige a palavra nos seus diálogos, se chamava Tat? Não resumiu sua teologia nestas palavras: "É difícil conceber Deus, e impossível explicá-lo, pois êle está em três hipóstases, sua essência e sua natureza são inenarráveis, e não tem a menor semelhança com os homens?"

Depois de ter o acusado transformado em provas, a favor do cristianismo, as próprias objeções extraídas de Hermes e de Pitágoras, Juliano voltou-se para os pagãos que o rodeavam: "Vêde como êsse miserável usa contra nós a nossa própria ciência! Juro, porém, pelo sol que nos alumia, que não tolerarei que a maldita raça dos cristãos aprenda a literatura grega!" E imediatamente entregou o már-

tir aos carrascos para que lhe applicassem até quinhentas varadas. Um arauto gritava durante a execução da sentença: "Obedece ao Imperador, renuncia às tuas extravagâncias, e deixarão de torturar-te." Mas o mártir tudo sofria com coragem, sem proferir uma única queixa.

Interrogado, por sua vez, o padre Macário felicitou-se pela oportunidade de confessar a divindade de Cristo renegado por Juliano. Disse o apóstata: "Buscais uma morte rápida e por isso me provocas; mas não será como imaginas. Responde-me, primeiro: "Com que direito, não tendo recebido autorização do Imperador, nem de qualquer governador, depreciais por tôda parte o culto de nossos illustres deuses e ensinais aos homens que não são deuses, nem salvadores do universo?" Respondeu o mártir: "Assim fazemos, porque Cristo ordenou que o fizéssemos, a fim de afastar os homens dos vãos ídolos e trazê-los de volta ao Deus vivo que fêz o céu e a terra. Pois vossos deuses, os deuses a quem adorais, são ficções demoníacas, invenções fabulosas; e é dêles que dizem nossas Escrituras: "Pereçam os deuses que não fizeram o céu e a terra!" Mas, além disso, temos a lei imperial de Constantino, vosso parente, que proscreevou o culto dos ídolos." Juliano protestou que Constantino fôra um inovador e para prová-lo mandou torturar o mártir.

Enquanto os dois sacerdotes, Eugênio e Macário, eram supliciados, um official, que permanecera ao lado do Imperador, levantou-se e a êle se dirigiu: "Por que torturas tão cruelmente êsses santos homens, homens consagrados a Deus? Não vos esqueçais de que também sois homem, sujeito às mesmas misérias. Se Deus vos constituiu Imperador, se recebestes de

Deus o império, acautelai-vos para que Satanás, que pediu e obteve permissão para tentar Jó, não tenha pedido e obtido permissão para usar-vos contra nós, a fim de passar pelo crivo o trigo de Cristo e semear o joio por tôda parte? Mas sua emprêsa resultará vã; não tem o mesmo poder antigo. Desde que Cristo veio e foi erguido na cruz, caiu o orgulho dos demônios, seu poder foi calcado aos pés. Não vos iludais, ó Imperador: não persigais por amor aos demônios os cristãos protegidos por Deus. Pois o poder de Cristo é invencível; vós mesmo vos assegurastes pelo oráculo de Apolo, de Delfos, que vos foi transmitido pelo médico e questor Oribase; oráculo concebido nos seguintes têrmos: "Dizei ao Imperador: O maravilhoso templo desmorona-se; Febo não tem mais covil, nem loureiro fatídico, nem fontes de águas falantes." Ao ouvir essas palavras, Juliano, fora de si, exclamou: "Quem é o ímpio que ousa usar de semelhante linguagem no nosso tribunal?" Um meirinho respondeu: "Senhor, é o Duque de Alexandria, do Egito." Com efeito, era Artêmio, governador do Egito e também da Síria, havia longos anos, e que acabava de trazer para Juliano as tropas de duas províncias para servirem na guerra contra a Pérsia. Juliano prosseguiu: "Como? É Artêmio, o celerado, por causa de quem meu irmão sofreu morte tão cruel! Ordeno que o despojem de suas dignidades e de suas roupas, e que seja imediatamente castigado pelas palavras que acaba de pronunciar. Amanhã será punido pelo assassínio de meu irmão." Depois de despido, o mártir teve as mãos e os pés amarrados com cordas pelos algozes; êstes o estenderam no chão, e açoitaram-lhe o ventre e as costas com nervos de boi, durante um espaço de tempo tão longo que foram

obrigados a alternar-se quatro vêzes. Contudo, Artêmio não soltou um único suspiro, nem seu rosto se alterou: dir-se-ia que não era êle quem sofria, mas outra pessoa qualquer. Todos os assistentes estavam surpresendidos, o próprio Juliano não escondia a admiração. Levados para a prisão, os três mártires para ela se dirigiram entoando louvores a Deus. Artêmio dizia a si mesmo: "Agora os estigmas de Cristo já estão impressos no teu corpo: só falta dares tua alma, tua vida, com o resto do teu sangue."

No dia seguinte, Juliano exilou Eugênio e Macário para uma região árida e insalubre, na Arábia, com ordem para que suas cabeças fôsem cortadas. Foram decapitados quarenta dias depois, no dia vinte de dezembro. Uma fonte de águas claras imediatamente brotou no lugar em que ambos foram martirizados; curava qualquer espécie de doença e ainda jorrava no tempo de São João Damasceno. Recebeu o nome dos dois santos.

Quanto a Artêmio, Juliano esforçou-se por conquistá-lo com uma longa preleção e magníficas promessas: "Se sacrificardes aos deuses, particularmente a Apolo de Dafne, não somente vos perdoarei o sangue de meu irmão, mas também vos concederei dignidades maiores do que aquelas de que usufruís: sereis nomeado prefeito do pretório e pontífice dos augustos deuses; chamar-vos-ei meu pai, e sereis a segunda pessoa do império, e meu companheiro inseparável." Artêmio respondeu que, com respeito a Galus, irmão do Imperador, jamais lhe fizera o menor mal, nem com atos, nem com palavras, nem mesmo com pensamentos, pois sabia que era cristão fiel e fervoroso." Temo, pois, Deus e seu Cristo por testemunhas de que sou inocente da morte injusta que

lhe foi infligida por alguns homens maus. A prova é que na referida época não me encontrava mais em Constância, mas morava no Egito, onde permaneci até êste ano. Quanto a renegar Cristo e a abraçar o culto pagão, responder-vos-ei como as três crianças de Nabucodonosor: "Sabei, ó Príncipe, que não reverenciamos vossos deuses e não adoramos a estátua de ouro do vosso Apolo." Constantino, por quem mostrai tanto desprezo, voltou-se para o Cristo, que o chamou do alto dos céus por ocasião da espinhosa batalha de Maxêncio, e em pleno dia lhe mostrou o estandarte com a cruz fulgindo no espaço acima do sol, anunciando-lhe a vitória com letras romanas. Nós mesmos, que participávamos da guerra, vimos o sinal, e lemos as letras. O exército inteiro também o avistou, e nas vossas tropas há testemunhas que podereis interrogar, se quiserdes. Mas por que falar nessas coisas? Como bem sabeis, Cristo foi predito pelos profetas com vários séculos de antecedência. Não há quem disso negue testemunho, nem mesmo as vossas sibilas, os vossos poetas e os oráculos de vossos deuses. Sirvo-me de tais provas, não por mim, mas por vós, pela vossa salvação. Envergonho-me quando vos vejo chamar deuses o sol, a lua e as estrêlas. Anaxágoras de Clazômenes, vosso mestre em sabedoria, não afirmou que o sol é uma massa incandescente e que as estrêlas são corpos de pedras-pomes, absolutamente inanimados e insensíveis? Como podeis chamá-los deuses, e mencionar o sol nos vossos discursos e nas vossas epístolas, como o mais augusto dos vossos deuses? Mas para que continuar a falar? Não renego meu Cristo, não abraço a abominável impiedade dos helenos, persevero na doutrina que me foi ensinada, persisto nas

tradições paternas, que em século algum serão derubadas, mesmo em se acreditando inventor da sabedoria, para falar como Eurípides, vosso poeta.

Como Juliano nada respondesse, surpreço com tanta erudição e eloquência, o mártir continuou: Abandonai, ó Imperador, a religião morta dos heleenos, pois já apodreceu há muito tempo; e retornai ao Cristo, que é paciente e misericordioso, e aceitará vosso arrependimento.

Como única resposta Juliano ordenou que o despojassem de suas roupas, que lhe traspassassem as espáduas com espadas aquecidas em brasa, que lhe furassem as costas e depois o arrastassem pelo chão. O suplício durou várias horas. Como da primeira vez, Artêmio mais o espectador dos seus próprios sofrimentos, do que a vítima das torturas a êle infligidas. Juliano, vencido, bateu palmas, levantou-se do tribunal, ordenou que atirassem o mártir ao cárcere sem nenhum alimento, e depois se dirigiu ao bairro de Dafne.

Cêrca da meia-noite, rezava o mártir, quando Jesus Cristo lhe apareceu e disse: "Artêmio, sê corajoso, e não temas o tirano; pois estou contigo, e te livrarei das tentações e das dores do suplício; coroarte-ei no reino dos céus; e como me confessaste na terra diante dos homens, eu te confessarei no céu diante de meu Pai. Tem confiança e alegra-te: pois estarás comigo no paraíso." Ao ouvir essas palavras, o mártir sentiu-se cheio de coragem e passou a noite inteira bendizendo o Senhor. Tôdas as suas chagas se fecharam, não lhe ficou uma única cicatriz no corpo. Permaneceu quinze dias na prisão, sem receber o menor alimento, fortalecido pela graça do Espírito Santo.

Entrementes, realizou-se em Dafne a trasladação das relíquias de São Babilau, e ocorreu um incêndio no templo e na estátua de Apolo, de que resultou a exasperada cólera de Juliano, o Apóstata, contra os cristãos por êle acusados de autores do criminoso acidente. Juliano ordenou que Artêmio novamente se apresentasse à sua frente, e disse-lhe: "Soubestes, sem dúvida, do atentado praticado pelos malditos cristãos; mas não se alegrarão por muito tempo, pois os punirei setenta vezes sete vezes, como dizem as Escrituras." Respondeu o mártir: "Soube que o fogo do céu devorou vosso deus e queimou-lhe o templo; se era deus, por que não se livrou do fogo?" Juliano novamente tentou conquistar Artêmio com promessas. O mártir respondeu: "Que loucura assim perderdes o tempo com palavras inúteis! Esqueceis as insurreições dos bárbaros e a guerra da Pérsia com a qual agitastes o universo, e ocupai-vos comigo, simples servo de Deus! Pronunciai contra mim a sentença que vos aprouver; pois não adoro os vossos deuses e não me submeto às vossas ordens, mas todos os dias ofereço um sacrifício de louvor."

Juliano mandou dividir em dois um enorme bloco de pedra; o mártir foi estendido sobre a primeira metade, depois fizeram cair sobre o seu corpo a outra metade, suspensa por meio de cordas; ouviram seus ossos estalar, quebrados ou deslocados. Vinte e quatro horas depois, Juliano mandou separar as duas pedras, certo de que o mártir estaria morto. Retirada a pedra, o santo levantou-se e pôs-se a andar e a falar, conservando, contudo, os olhos fora das órbitas. Depois de mais uma inútil tentativa para seduzi-lo, Juliano ordenou-lhe decepassem a cabeça. Ao ser conduzido para o suplício, Artêmio obteve que

os soldados lhe concedessem alguns momentos para orar a Deus.

Agradeceu-lhe muito humildemente a graça que lhe concedera, permitindo-lhe sofrer pela glória do divino nome; suplicou-lhe se compadecesse de sua Igreja, ameaçada com terríveis calamidades pelo apóstata Juliano. "Vossos altares serão destruídos, vosso santuário profanado, o sangue da vossa aliança menosprezado, por causa dos nossos pecados e das blasfêmias que Ário vomitou contra vós, Filho Único, e contra vosso Espírito Santo, separando-vos da consubstancialidade do Pai e supondo-vos estranho à sua natureza, afirmando que sois criatura, vós, o autor de tôda criação, subordinando-vos ao tempo, vós, que fizestes os séculos, e dizendo: Havia o Filho que não era", chamando-vos de filho da vontade". Verifica-se, por essas palavras, que Artêmio absolutamente não fôra contaminado pelo arianismo, como suspeitava Tillemont. (5)

Depois de dobrar três vêzes os joelhos, voltado para o oriente, novamente o mártir orou, dizendo: "Deus de Deus, só de um só, rei de rei, vós que estais nos céus sentado à direita de Deus pai que vos gerou, vós que viestes à terra para a salvação de todos nós, vós que sois a coroa dos que combatem pela piedade, ouvi favoravelmente vosso humilde e indigno servo, recebi minha alma em paz. . ." Uma voz respondeu-lhe do céu que sua oração seria ouvida; que, além disso, o Imperador apóstata pereceria na Pérsia; que teria um sucessor muito cristão, e que a idolatria seria irremediavelmente destruída. Depois de ouvir essas palavras, o mártir, cheio de alegria, apresentou

(5) T. VII, p. 731 e seqq.

a cabeça aos soldados que a cortaram no dia vinte de outubro, sexto da semana, ou sexta-feira. Uma mulher cristã, chamada Arista, e diaconisa de uma igreja da Antioquia, obteve o corpo do mártir, embalsamou-o, e enviou-o numa caixa para Constantinopla. Os gregos veneram Santo Artemius ou Artêmio, entre os por êles chamados grandes mártires. Eis como se encerram os atos de Santo Artêmio, trazidos por São João Damasceno: "Essas coisas passaram-se em Antioquia, metrópole da Síria, sob o Imperador Juliano, cognominado o Apóstata, sendo Dulcício cônsul, e Salústio prefeito do pretório, no lugar chamado Dafne; Jesus Cristo, nosso Senhor, nosso Deus e nosso Salvador reinando sôbre nós. (6)

* * *

(6) Mai, *Spicilegium romanum*, t. IV., S. Artemii passio, auctore Johanne, monacho. Théodoret, *Hist. eccl.*, l. III, c. XIV.

SÃO CAPRÁSIO (*)

Mártir

Século III

São Caprásio foi o companheiro de martírio de Santa Fé, que vimos aos 6 deste mesmo mês. Segundo a muito célebre *Paixão* daquela santa e de São Caprásio, o santo mártir, que estava escondido numa caverna ao norte de Agen, apareceu para apresentar-se ao juiz, quando viu um anjo que colocava uma coroa na cabeça da virgem, então estendida, numa vasta grelha, sobre o fogo.

Rudemente agarrado, cruelmente rasgado, São Caprásio permaneceu firme na fé, sendo decapitado com Santa Fé.

Ambos, sepultados no mesmo lugar, foram encontrados dois séculos mais tarde, talvez por Dulcídio ou Dulcício, bispo, o qual edificou uma basílica em honra da Santa, no lugar mesmo do martírio, e transferiu as relíquias de São Caprásio para uma igreja da cidade, que lhe tomou o nome.

O resumo, no martirologio, reza assim:

"Em Agen, na Gália, São Caprásio, mártir: para evitar o rigor da perseguição, escondeu-se numa caverna. Sabendo, contudo, de que maneira a bem-aventurada virgem Fé combatia por Jesus Cristo,

sentiu-se disposto a passar pelos suplícios. Dirigiu, então, um pedido a Nosso Senhor: caso fôsse julgado digno da glória do martírio, fizesse brotar água límpida duma das pedras da caverna em que se enfurnara. Tendo assim sucedido, cheio de confiança, correu para o lugar do combate, onde suportou o ataque com tanta coragem que mereceu a palma do martírio, sob o imperador Maximiano (século III?).

No mesmo dia, na cidade de Ávia, perto de Áquila, a morte do bem-aventurado Máximo, diácono e mártir: desejoso de sofrer, apresentou-se de livre e espontânea vontade aos perseguidores e, depois duma confissão generosa, foi estendido e torturado sôbre o cavalete, sendo batido com bastões. Afinal, precipitado dum lugar grandemente elevado, pereceu na queda.

Em Colônia, a *Paixão* das santas virgens Marta e Saula, com muitas outras.

Em Portugal, Santa Irene, virgem e mártir. Por volta de 550, vivia num mosteiro português, que ficava perto de Nabância, uma religiosa belíssima. Um rico senhor, um dia, viu-a e ficou enamorado. Quis, então, desposá-la, a todo o transe. Solicitada, Irene, que assim se chamava a bela jovem que se entregara a Deus, recusou-se com horror. O rico senhor, então, de tristeza, adoeceu. Comovida, Irene foi procurá-lo, levando-lhe Nosso Senhor ao coração. Tendo-a, assim, como irmã, apagou-se o fogo do coração. Ora, o diretor espiritual da religiosa, pervertido pela beleza de Irene, procurou, tomado pelo diabo, corrompê-la. Em vão. Furioso, um dia, fê-la beber algo miste-

rioso, e a jovem, dentro de certo tempo, deixou ver que em breve estaria próxima da maternidade. Ao saber do sucesso, o rico senhor, julgando-se traído, reuniu alguns servidores e foi procurá-la, matando-a. O corpo foi atirado ao Nabão, mas ficou a flutuar, indo dar em Santarém. (*Santarém veio de Sancta Irena. Nabância talvez seja a atual cidade de Tomar*).

No território de Reims, São Sindulfo, sacerdote e confessor. Diz a sua legenda:

“Com os patriarcas,
semeou nas lágrimas,
deixando o fruto
duma santa vida.
Com os apóstolos,
imolou pelo Cristo.
Com os mártires,
peregrino do mar,
estendia ambas as mãos para cada praia.
Com os confessores,
cobriu os dedos de mirra excelente.
Com as virgens,
respondia ao Espôso de sua alma
com um cântico novo,
até o momento em que saltou
para Êle,
sôbre as montanhas perfumadas,
semelhante a uma gazela,
a um jovem corço”.

Perto de Minden, na Germânia, a translação de São Feliciano, bispo de Foligno e mártir.

Em Paris, a translação dos santos mártires Jorge, diácono, e Aurélio, trazidos de Córdova, cidade da Espanha, onde ambos, outrora, consumiram o martírio, com três companheiros.

Festa de Santo Agrícola, sacerdote, cujas relíquias, em 1568, foram queimadas pelos protestantes.

Na ilha de Man, os santos Bradano e Orora, desconhecidos.

Em Reims, São Sênácio, bispo, falecido depois de 627. Sucessor de Romulfo, o culto vai desaparecendo.

Em Salzburgo, São Vital, bispo, falecido em 730. São Vital foi o sucessor de São Ruperto (27 de março) e o evangelizador do Pinzgau, onde fundou a abadia de Zell, centro religioso do país (Áustria). A canonização de São Vital foi solicitada a Pio II, em 1462. Em 1519, Leão X autorizou a missa e o ofício, que foram celebrados em tôda a diocese a partir de 1628.

Em Hexham, na Inglaterra, Santo Acca, bispo, falecido em 740. Êste santo bispo foi grande amigo de Beda, que lhe escreveu, duma feita: "Ó tu, que és o mais amado e o mais querido de todos os bispos do mundo". São Beda dedicou-lhe os livros sôbre a Gênese, Samuel, Esdras, Neemias, Lucas, os Atos, as etapas dos filhos de Israel no deserto e um estudo sôbre Isaías. Há uma carta de Santo Acca endereçada ao grande monge, na qual reclama um comentário sôbre São Lucas. Na carta, Acca chama-o de "reverendíssimo irmão em Nosso Senhor e colega no sacerdócio".

Em Villacerf, na diocese de Troyes, Santo Aderaldo, fundador do Priorado (princípios do século

XI), cujo corpo foi sepultado na cripta do Priorado do Santo Sepulcro.

O bem-aventurado Humbaldo, bispo de Auxerre, falecido em 1114. Nascido em Auxerre, de pais nobres, foi educado na escola da catedral. Clérigo, depois cônego, foi sagrado bispo, à morte de Roberto de Nevers, por Urbano II, então em Milão. Assis-tiu ao concílio de Clermont, em 1095, ano que o papa o sagrou, e ao de Roma, em 1099. Um dos grandes defensores e propagadores da reforma Gregoriana, Santo Humbaldo faleceu quando voltava duma peregrinação à Terra Santa: morreu afogado, ao naufragar o navio em que viajava.

Na abadia de Savigny, a bem-aventurada Adeline, abadessa de Mortain. Irmã de Vital, abade de Savigny (7 de janeiro), foi a primeira abadessa da abadia chamada das Damas Brancas (*Albae Dominae*), fundada por Guilherme de Mortain. Falecida em 1125.

Na abadia de Savigny, o bem-aventurado Guilherme, noviço (século XII). Honrava-se, em Savigny, um noviço que morreu em odor de santidade. Nada se sabe a seu respeito.

Em Tolosa, a bem-aventurada Joana, reclusa (século XIV ou XV), da qual o papa Leão XIII confirmou o culto aos 11 de fevereiro de 1895. A festa da bem-aventurada Joana, em Tolosa, ficou célebre.

21.º DIA DE OUTUBRO

SANTO HILARIÃO

Patriarca dos Solitários da Palestina

No tempo em que um jovem conscrito, libertado do serviço, abraçou a vida solitária na Tebaida, e se tornou São Pacônio, outro jovem se ocupava com o estudo das letras, nas imediações de Gaza, Palestina. Era admirado pelo seu talento, e amado pelas suas virtudes. Fêz mais ainda: pagão, como sua família, converteu-se e recebeu o batismo. Chamava-se Hilarião. Tendo ouvido falar de Santo Antão, foi ao deserto procurá-lo. Impressionado com o seu exemplo, trocou de roupa e determinou-se a imitar a vida do anacoreta. Porém, decorridos dois meses, aquela solidão não lhe pareceu bastante êrma. Era continuamente visitada por uma multidão de pessoas que para lá afluíam, procurando, junto a Antão, a cura de seus males. Hilarião disse que não fôra ao deserto para ver tanta gente como nas cidades, e que desejava para si uma solidão mais completa, tal como o próprio Antão na mocidade. Despediu-se, pois, do santo ancião e, acompanhado por alguns solitários regressou à Palestina, sua terra. Corria o ano de 307. Ao chegar, soube que seus pais tinham morrido. Deu uma parte de seus bens aos irmãos e o resto aos

pobres, nem uma só parcela reservando para si mesmo. Em seguida, retirou-se para um deserto, que lhe disseram ser infestado por ladrões e assassinos; respondeu que só temia a morte eterna. Nessa época contava apenas quinze anos; tinha uma compleição muito delicada e era excessivamente sensível ao frio e ao calor. Contudo, suas roupas resumiam-se num saco, numa túnica de pele que Santo Antão lhe dera e numa pequena capa de camponês. Suprimiu primeiro o pão e, durante seis anos, só comia quinze figos secos por dia, depois do pôr do sol. Quando sentia uma tentação carnal, "diminuía a alimentação e chegava a passar, algumas vêzes, três ou quatro dias sem comer. O sítio que escolhera era bastante amplo, mas limitado pelo mar e pelos pântanos. Ninguém lá estivera antes dêle. Contudo, mudava sempre de lugar por causa dos ladrões, embora estivesse decidido a não temê-los. Ocupava-se com lavrar a terra e para diversificar seu trabalho também fazia cestas de junco, como os solitários do Egito, assim provendo à sua subsistência.

Dos dezesseis aos vinte anos, não teve outro abrigo, contra o calor e as chuvas, a não ser uma cabana que construíra com juncos e outras plantas dos pântanos. Depois edificou uma pequena cela, que ainda existia no tempo de São Jerônimo: tinha quatro pés de largura e cinco de altura, mais baixa, e um pouco mais comprida do que seu corpo, quando estendido, mais parecendo um túmulo do que a morada de um homem vivo. Até morrer, sempre se deitou numa esteira de junco. Só cortava os cabelos na Páscoa. Nunca lavava o saco com que se vestia, alegando que era supérfluo exigir limpeza num cilício; só abando-

nava a túnica quando completamente gasta. Com o correr do tempo, aumentou ainda mais o número de austeridades; contudo chegou aos oitenta anos. Hilarião assim se tornou o patriarca da vida solitária na Palestina, como São Pacômio na Tebaida, e Santo Antão no Egito. Pacômio e Hilarião, tal como Antão, tiveram que sustentar muitas lutas contra os demônios, e também operaram um grande número de milagres.

Uma grande consolação para Santo Antão eram as notícias que, de tempos em tempos, recebia de Santo Hilarião, seu discípulo, que vivia na Palestina. Escrevia-lhe e recebia com alegria as suas cartas. E quando lhe chegavam doentes dos lados da Síria, indagava: "Por que vos fatigastes vindo de tão longe, já que tendes meu filho Hilarião?" Tendo o exemplo dêste último feito surgir uma enorme quantidade de mosteiros em tôda a Palestina, visitava-os em determinados dias, antes da vindima; pois êsses monges possuíam vinhas, que cultivavam. Os irmãos acompanhavam-no nessas visitas, levando provisões, e eram tão numerosos, que às vêzes chegaram a dois mil. Mas, com o correr do tempo, os povoados começaram a oferecer aos monges da vizinhança os víveres necessários para os santos hóspedes. Hilarião nunca deixava de visitar todos seus irmãos, por menos importantes que fôssem, e tomava nota das visitas, assinalava os lugares onde se hospedaria e os outros em que não se deteria. Numa dessas visitas foi a Eleuse, na Iduméia, no dia em que o povo se reunira no templo de Vênus para celebrar a festa da deusa, adorada pelos sarracenos por causa do planêta que tem o seu nome. Como o santo exorcisara vários possessos daquela nação, ao ter notícia da sua estada, o

povo foi-lhe ao encontro, aos bandos, acompanhado por suas mulheres e seus filhos, e inclinavam a cabeça, gritando: *Barec*, isto é, em siríaco, *Abençoaí*. A todos acolheu com doçura e humildade, conjurando-os a adorarem Deus de preferência a pedras. Ao mesmo tempo erguia os olhos ao céu, desfeito em lágrimas, e prometia-lhes que se acreditassem em Jesus Cristo, viria visitá-los freqüentemente. Não lhe permitiram retirar-se antes que desenhasse o projeto de uma igreja e que o sacrificador, coroado como estava, não se tornasse catecúmeno. (1)

O Santo soube, por revelação, da morte de Santo Antão. Estava nessa época com sessenta e cinco anos e havia dois que vivia num grande desassossêgo. Sentia-se oprimido pela multidão que o procurava por causa dos milagres que operava e assim o impedia de permanecer em solidão. Com efeito, todos o procuravam, bispos, sacerdotes, grupos de clérigos e de monges, senhoras cristãs, o povo da cidade e do campo; os próprios juizes e pessoas de prestígio apresentavam-se para receber o pão ou o azeite por êle abençoados. Como os irmãos lhe indagassem o que tinha, e porque se afligia, respondeu-lhes: "Voltei para o mundo e recebi minha recompensa nesta vida. A Palestina inteira e as províncias vizinhas estimam-me um pouco e, sob o pretexto de mosteiro e das necessidades dos frades, recebemos heranças e móveis". Todos os religiosos o vigiavam cuidadosamente, sobretudo Hesíquio, o mais caro de seus discípulos.

Finalmente êle se decidiu a partir e pediu que lhe trouxessem um asno; pois estava tão esgotado

(1) Hieron., *Vita Hilarion*.

pelos jejuns que quase não conseguia andar. Tendo se espalhado a notícia da sua partida, mais de dez mil pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades, tal como se a ruína ameaçasse a Palestina, reuniram-se para retê-lo. As súplicas não lhe abalaram a resolução; e, revolvendo a areia com o cajado, dizia: "Meu Deus não pode falhar, e não verei as igrejas derrubadas, os altares de Jesus Cristo calcados aos pés, o sangue de meus filhos derramado". Os assistentes compreendiam que recebera a revelação de um segredo, que não queria transmitir; e continuavam a vigiá-lo, receosos de que lhes fugisse. Hilarião protestou em altas vozes que deixaria de beber e de comer, caso não lhe permitissem partir. Depois de ter permanecido sete dias sem nada comer, deixaram-no ir; êle se despediu da maioria dos fiéis, sendo que os outros o acompanharam até quase às imediações de Gaza. Lá chegando, despediu-os e escolheu quarenta monges, com os quais fêz uma peregrinação ao Egito, visitando os bispos exilados, assim como os monges do deserto, em particular os lugares santificados pela presença de Santo Antão, onde chegou no dia do aniversário da morte do Santo, passando a noite em oração. Era uma montanha de pedra, muito alta, com cerca de mil passos; aos seus pés, brotavam fontes, sendo que algumas se perdiam na areia, e outras corriam até mais longe, e aos poucos iam formando um riacho, às margens do qual cresciam inúmeras palmeiras que tornavam o sítio extremamente aprazível. Acompanhado pelos discípulos de Santo Antão, Hilarião passeava por tôda parte. "Aqui, cantava; aqui, rezava; lá, trabalhava, mais adiante, descansava quando se sentia fatigado", explicavam êles. "Êle mesmo plantou estas vinhas e êstes arbus-

tos: aplainou êste terreno com suas próprias mãos; cavou penosamente êsse reservatório para regar seu jardim; usou durante vários anos êste enxadão para trabalhar. (2)

Perseguido durante o govêrno de Juliano, o Apóstata, Santo Hilarião e seu fiel discípulo Hesíquio, refugiaram-se no Egito, no deserto de Oasis, e de lá na Sicília, da Sicília em Moden, no Peloponeso, de Moden em Epidauro, na Dalmácia, do Epidauro nas imediações de Pafos, em Chipre. O objetivo do Santo era ocultar-se, não para evitar a perseguição, mas a grande quantidade de pessoas que a fama de seus milagres continuava a atrair. Nem bem chegava a algum lugar e, descobrindo-lhe o esconderijo, os possessos acorriam para serem curados. Permaneceu dois anos na Ilha de Chipre, sempre planejando ir-se embora; e finalmente, a conselho de Hesíquio, sem deixar a ilha, retirou-se mais para o centro, a doze milhas do mar, entre montanhas muito agrestes, num lugar bastante aprazível, onde havia água e árvores frutíferas, cujos frutos nunca provou, contudo. Ainda operou vários milagres, e os habitantes vigiavam cuidadosamente os caminhos, receosos de que os deixasse. Enfim, tendo tido o conhecimento de que sua morte estava próxima, escreveu do próprio punho uma cartinha a Hesíquio, então ausente, deixando-lhe todos seus bens, isto é, o Evangelho e suas roupas, que consistiam numa túnica de pele grosseira, num capuz e numa pequena capa. Foi o seu testamento. Ao terem notícia de que o Santo predissera a sua própria morte, muitas pessoas vieram de Pafos, entre outras uma mulher chamada Constância, cujo

(2) Hieron, *Vita S. Hilar.*

genro e filhas o solitário curara. Êste obrigou todos a jurarem que não conservariam seu corpo insepulto um só momento, mas que o enterrariam vestido no jardim onde se encontrava. Sentindo-se próximo do último suspiro, dizia com os olhos abertos: "Sai, minha alma, sai! que temes? Serviste a Jesus Cristo quase setenta anos e receias a morte?" Seu corpo foi imediatamente sepultado, tal como desejara. Ao ter notícia da sua morte, Hesíquio, que estava na Palestina, voltou para Chipre e, simulando a intenção de permanecer no mesmo jardim, roubou os despojos do Santo, arriscando a vida, cêrca de dez meses depois. Constância habituara-se a velar pelo sepulcro de Santo Hilarião e a falar-lhe como se estivesse presente, pedindo as suas orações. Ao saber que haviam levado embora seu corpo, morreu no mesmo momento. Hesíquio transportou as relíquias de Santo Hilarião para Majume e exumou-as no antigo mosteiro, com grande acompanhamento de monges e de povo. Essas relíquias operavam diàriamente muitos milagres; mais numerosos, porém, eram os que se davam no jardim de Chipre, para onde acorria grande número de pessoas. É o que testemunha São Jerônimo, que vivia naquele tempo e deixou-nos por escrito a vida do Santo. (3)

* * *

(3) S. Hier, Vita S. Hilar.

SÃO VALFREDO (*)

Monge

Século VI

Gregório de Tours conheceu São Valfredo. Encontrou-o em Yvois, importante lugar desde a época romana, entre Reims e Tréveris. Diz São Gregório na sua célebre *História dos Francos*, Livro VIII, capítulos XV-XVI:

“Chegamos a Yvois, onde encontramos o diácono Valfredo, que nos conduziu ao seu mosteiro. Fomos, então, òtimamente recebidos. Êste mosteiro está situado a oito milhas mais ou menos da sobredita Yvois, no alto duma montanha. No alto desta montanha, edificou-se grande basílica, que se tornou ilustre pelas relíquias do bem-aventurado Martinho e outros santos.

“Durante nossa estadia, pedimos-lhe que nos contasse qualquer coisa sôbre sua conversão e de como chegara às funções clericais, porque era lombardo de nascimento. Êle, porém, não queria dizer nada, e fugir do assunto, desejoso de não se vangloriar. Então, supliquei-lhe, a jurar que não repetiria a ninguém o que nos dissesse, de modo que, mais cordato, pareceu satisfazer nosso desejo. Hesitava ainda, mas, vencido pelas súplicas, disse-me:

— Quando eu era menino, ouvi o nome do bem-aventurado Martinho, sem saber ainda se era mártir ou confessor, nem o que de bem fizera neste mundo, nem qual a terra que merecera receber seus membros bem-aventurados, mas já lhe celebrava vigílias, honrando-o. Era, então, na época em que moeda alguma que ganhasse parava em minhas mãos: livrava-me dela, fazendo esmola. Avançando em idade, comecei a estudar as letras, e sabia escrevê-las sem saber ler. Fui, naquela altura, entregue ao abade Arédio e, conduzido por êle, fui à basílica do bem-aventurado Martinho. De volta, êle tomou um pouco do pó do sepulcro como relíquia, pô-lo numa caixinha e a colocou, por uma corrente, ao meu pescoço. Quando chegamos no seu mosteiro, que ficava no lugar de Limoges, e tomou a caixinha para colocá-la no seu oratório, o pó estava de tal maneira aumentado que a enchia completamente. E mais, saía por todo o lugar que podia, pelas junções, por onde, enfim, encontrasse passagem. Êsse milagre me encheu a alma da mais viva luz, esclareceu-me, e fixou tôda a minha esperança na sua fôrça”.

“E continuou:

— Fui, em seguida, para o território de Tréveris, e construí, por meu trabalho a casinha que vêdes sôbre a montanha, onde agora estamos. Descobri, aqui, uma estátua de Diana, que um povo infiel adorava como a um deus. Ergui uma coluna, e sôbre ela me pus em grande tormento, sem nada para proteger meus pés, de sorte que, quando o inverno chegou, o rigor do frio me queimou de tal modo que as unhas do pé me caíram, e flocos de gelo me pendiam da barba como se fôra candelabros”.

“Diz-se que, de fato, aquela região é assolada muito freqüentemente por rudes frios.

“Quando lhe perguntamos com insistência quais eram os alimentos que tomava, o que bebia e como havia acabado com as estátuas daquela montanha, respondeu:

“— Meu alimento era um pedaço de pão com legumes e uma pouca d'água. Quando a turba das aldeias vizinhas começou a afluir para mim, entrei a dizer, sem parar, que Diana não era nada, que as estátuas nada significavam e que os que a elas endereçavam qualquer culto eram indignos, como indigno era cantar, festejando, como faziam, a beber e a atirar-se a desregramentos. Todos deviam, isto sim, render digno sacrificio e louvor a Deus Todo-poderoso, a Êle, que fizera o céu e a terra. Roguei sem cessar ao Senhor para que se dignasse destruir aquela estátua e levasse o povo a ver em que êrro jazia. A misericórdia do Senhor tocou aquêles espíritos rústicos, levou-os ao entendimento das minhas palavras, porque, deixando o ídolo, seguiram o Senhor. Convoquei, então, alguns dentre êles para que me ajudassem a derrubar a grande estátua que, sòzinho, não conseguiria mover. Muitos rodearam-na, passaram-lhe cordas, e começaram a puxá-las, mas nada conseguiam. Fui, pois, à basílica, e ali, prosternado para o chão, supliquei a misericórdia divina, para que a destruísse pelo divino poder, porque resistia ao esforço dos homens. Tendo deixado o templo, reuni-me aos que se dedicavam a derrubar a estátua. Fácilmente, então, deram com ela por terra, quebrando-a. Depois, com grandes martelos de ferro, macetes poderosos, reduziram a pó os pedaços que se haviam espalhado pelo solo. Quando fui tomar a minha refeição,

todo o meu corpo se encheu de malignas pústulas, da cabeça aos pés, e tão juntas, que entre elas não se podia colocar um dedo. Corri à basílica e me pus diante do santo altar. Tinha um vidrinho cheio de óleo, que comigo trouxera da basílica de São Martinho. Cobri meu corpo com o óleo, e, então, imediatamente, sentindo-me tomado por grande sonolência, dormi. Pela metade da noite, acordei. Levantei-me, para recitar o ofício, e, ao fazê-lo, notei que meu corpo estava são como se jamais tivera úlceras como as que, havia pouco, enchiam-me o corpo. Percebi, assim, que aquêlê mal me fôra enviado pela inveja do inimigo. E, porque êste invejoso procura sempre vexar os que procuram a Deus, alguns bispos me disseram: "Tu não caminhas pelo bom caminho, e não serás tu, indigno, que te poderás igualar a Simão de Antioquia, que viveu sôbre uma coluna. A situação do lugar não te permite suportar igual tormento. Deixa, pois, a coluna, e vive com os irmãos que jazem ao redor de ti". Tratei de descer, porque considero crime não obedecer preladados. E assim o fiz, tomando com êles as refeições, e me alegro de viver com os irmãos".

São Valfredo é o único estilita que a história nos mostra no Ocidente. Morto o Santo, foi enterrado na igreja que construira, igreja que, mais tarde, foi destruída por um incêndio. As relíquias do santo monge, porém, foram encontradas intatas.

SÃO FINTAN (*)

Abade

São Fintan, também conhecido como São Munnu, irlandês, foi o fundador de *Tech-Munnu*, ou seja, a *Casa de Munnu*, atualmente Taghmon.

Fintan era filho dum bardo chamado Tulchan. Quando menino, foi pastor dos rebanhos do pai. Vivia pelos campos, onde passava quase todo o dia, mas logo foi possuído do desejo de estudar, porque, sòzinho com o gado, só fazia matutar. Um dia, não abafando aquêlê desejo, escapuliu, para pedir a um santo sacerdote que lhe ministrasse as primeiras letras. E assim agiu por várias vêzes.

Tulchan, ao par daquelas fugas, pensando no rebanho que ficava ao deus-dará, repreendeu-o, dizendo, àesperamente, para assustá-lo:

— Com que então deixaste os animais assim, sem ninguém, expostos aos lóbos das florestas?

A mãe, doce mulher, que mimava o filho com ternura incomum, interpôs-se entre Fintan e o marido. E, docemente, disse:

— Nenhum animal, até hoje, pereceu!

Fintan, encorajado pela mãe, aproveitou aquêlê forte amparo, e declarou:

— Não tenhas medo, pai. Enquanto viveres, não perderás um único animal, contanto que me deixes ir estudar com os santos de Deus!

Os santos de Deus eram os sacerdotes da região, que, vendo a avidez do menino, que a todo o transe queria aprender, de muito boa vontade se prontificaram a ajudá-lo.

Tulchan condescendeu, autorizou o filho a fazer, como pretendia, já que lhe prometera que cabeça alguma do rebanho pereceria.

O pai, um dia, foi espreitar o gado, às ocultas. Os animais, muito tranqüilamente, pastavam, guardados por dois lóbos, como se fôsem dois bons cães treinados e fiéis: desde então, confiou cegamente no filho, que passou a venerar.

São Fintan estudou sob São Comgall. Depois duma peregrinação a Iona, o futuro abade de *Tech-Munnu* fixou-se numa ilha da Irlanda. Um dia, quando orava no alto duma colina, ouviu um grande rumor de guerreiros, de ferros que se entrebatiavam, em meio a grande vozerio. Resolveu, então, deixar aquêlê sítio, dizendo:

— Jamais viverei num lugar em que se ouve a grita ensurdecadora dos homens do inferno.

Partiu. A caminho, encontrou um homem que lhe pareceu muito triste. Logo ficou sabendo que o rebanho que possuía estava atacado de uma doença desconhecida, e, animal após animal, ia-se-lhe o que possuía.

Condoído, Fintan levou o homem até um ribeiro que corria perto. Benzeu-lhe as águas. E dizendo ao homem que confinasse os animais àquelas pastagens ribeirinhas, continuou a viagem. O gado, be-

bendo daquelas águas, ficou livre, em poucos dias, da estranha doença de que fôra acometido.

Diz-se que foi êste homem, que era rico, que doou a São Fintan as terras onde um dia alevantaria a chamada *Casa de Munnu*, que, inicialmente, chamou-se *Achet-Liacc-Echdromma*. Fintan fôra até a terra natal, visitara os seus, e depois voltara.

Conta-se de São Fintan a seguinte história. Vivendo no seu mosteiro, o Santo não queria receber ninguém, nem da própria família. A mãe, saudosa do filho, por meio de segundos, implorava-lhe que a recebesse, porque desejava vê-lo. O Santo, um dia, acabou consentindo na visita. A boa mulher, então, partiu, alegremente, levando consigo três filhas, duas casadas e uma virgem. A virgem, assim que chegaram, morreu de repente. E a mãe, desolada, rogando ao filho monge que a ressuscitasse, porque confiava no poder do filho junto de Deus, teve o júbilo de vê-la voltar à vida: Fintan, tendo passado a noite ao pé do cadáver, a orar, ressuscitou a irmã ao raiar do dia, à fôrça de oração.

O Santo entregou-lha à mãe e disse:

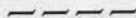
— Vê tu, que me visitaste: doravante, não mais me verás, porque, se vieres, deixarei o país, trocando o meu pela Bretanha.

Doutra feita, num lugar distante do mosteiro, os habitantes, quando souberam que o Santo estava entre êles, foram procurá-lo, para, com uma astúcia, experimentá-lo. Disseram-lhe:

— Santo homem, nós estamos com um doente que não fala mais. Vem benzê-lo.

O doente, todavia, já estava morto, e nada disseram a Fintan. Queriam ver como agia, para depois fazerem caçoadas e tocá-lo do lugar, como charlatão.

São Fintan acompanhou os perversos até onde o "doente" se encontrava, estirado numa cama rústica. E o bom abade, abençoando-o, num átimo pô-lo de pé, como se estivera dormindo, em tôda a sua saúde.



São Fintan — Munnu também é cultuado a oeste da Escócia: ali o chamam de São Mund. O santo abade de Tech-Munnu é invocado em três litanias bretãs.



SANTA ÚRSULA

e

AS ONZE MIL VIRGENS

Mártires

No dia de hoje, o martirologio romano diz, no seu resumo:

“Perto de Colônia, a morte das santas Úrsula e companheiras: em defesa da religião cristã e conservação da virgindade, foram mortas pelos hunos, assim terminando a vida pelo martírio; os corpos, na maior parte, foram inumados em Colônia”.

A lenda de Santa Úrsula (Ursinha) e companheiras foi deveras popular na Idade Média, mas, com o advento da Renascença, ruiu, sucumbiu à luz da crítica, e o que era tido como real passou a ser lendário.

Existiram, realmente, onze mil virgens ao lado de Santa Úrsula? Onde, êste número? Como se impôs?

I. Há os que dizem que entre as virgens que acompanharam Úrsula uma houve que se chamava *Undecimillia*: a êste nome, tomaram-no como *onze mil*.

II. Há os que se apóiam nos nomes *Úrsula* e *Aemilia* (outra virgem), dizendo-os mal transcritos, daí terem gerado a confusão.

III. Outros, ainda, que falam duma inscrição mal interpretada, querem que, ao invés de onze mil, sejam apenas onze as virgens: da abreviação XI. M. V. — Ou seja *XI martirum virginum*, fizeram XI mil virgens.

IV. Como se sabe, os romanos colocavam, sôbre o algarismo, para transformá-lo de unidade para milhar, um traço: XI — Onze; $\overline{\text{XI}}$ — Onze mil. Teria sido, como se aventou, um clérigo ou um monge o autor do traço sôbre o número romano XI, que assim agiu, e sem se turbar, julgando, bem ao contrário, que seria altamente honroso para a Igreja ter um número tão elevado de virgens, que pudesse cultuar solenemente, e, pois, engrandecendo-a sobremaneira?

O número onze mil não surgiu imediatamente. Assim é que, ainda nos séculos X e XI, certos autores o desconheciam. Wandelbert de Prum, contudo, num martirologio em versos, falava, em 948, de *milhares de santas*. Dois calendários, posteriormente, diziam claramente: “Em Colônia, onze mil santas virgens”.

O que se pensa, porém, é que onze era o número das companheiras de Santa Úrsula. Como se verá, a legenda não lança luz alguma sôbre a questão, porque nos fala, cristalinamente, de onze mil virgens. Vejamo-la, resumidamente.

Havia, certa vez, na Grã-Bretanha, um rei piedosíssimo, que muito desejava ter um filho para a sucessão, mas Deus lhe deu uma filha. Um dia, os pais tiveram um sonho: a menina, futuramente, haveria de enfrentar, em luta, o diabo, que lhe apareceria

na forma dum urso. Deram-lhe, então, o nome de Úrsula, que, como vimos, quer dizer Ursinha.

Úrsula foi crescendo, e, à medida que avançava em idade, mais bela se tornava. Todos, na côrte, procuravam tornar-se simpáticos à formosa princesa, guardando no fundo do coração o desejo de poder desposá-la.

A princesa, todavia, outra coisa não desejava senão permanecer virgem para o Espôso do céu.

Logo, a formosura de Úrsula correu mundo, e acabou chegando ao conhecimento dum príncipe bárbaro, filho dum rei tão poderoso quão voluntarioso, que vivia longe, num país deveras distante do reino em que a linda princesa trazia a todos os jovens a suspirar. Êste rei assentou que a teria como espôsa para o filho. E, imediatamente, tratou de enviar embaixadores com ordem de oferecer ao pai de Úrsula cidades, terras, mesmo o reino que governava, caso fôsse necessário, em troca da mão da jovem, tanto idolatrava o filho.

Se, apesar de tudo, fôsse-lhe negada a princesa, então, sem hesitar, nem contemporizar, moveria guerra de morte ao rei que não lhe respeitara a vontade.

O pai de Úrsula ficou perturbadíssimo, perplexo, porque não desejava permanecer longe da filha, nem, e principalmente, entregá-la a um bárbaro, muito menos ver o povo, que o amava, arruinado e massacrado.

Úrsula, vendo o pai extremamente inquieto, procurou saber a razão. O rei, que guardava bem longe da filha o que lhe sucedia, instado, depois de muitos rogos da jovem, acabou por deixá-la ao par dos acontecimentos.

A princesa não se turbou, e, propondo ao pai que ambos se dessem à oração com grande fervor, entraram a pedir a Deus que os socorresse naquela dura emergência.

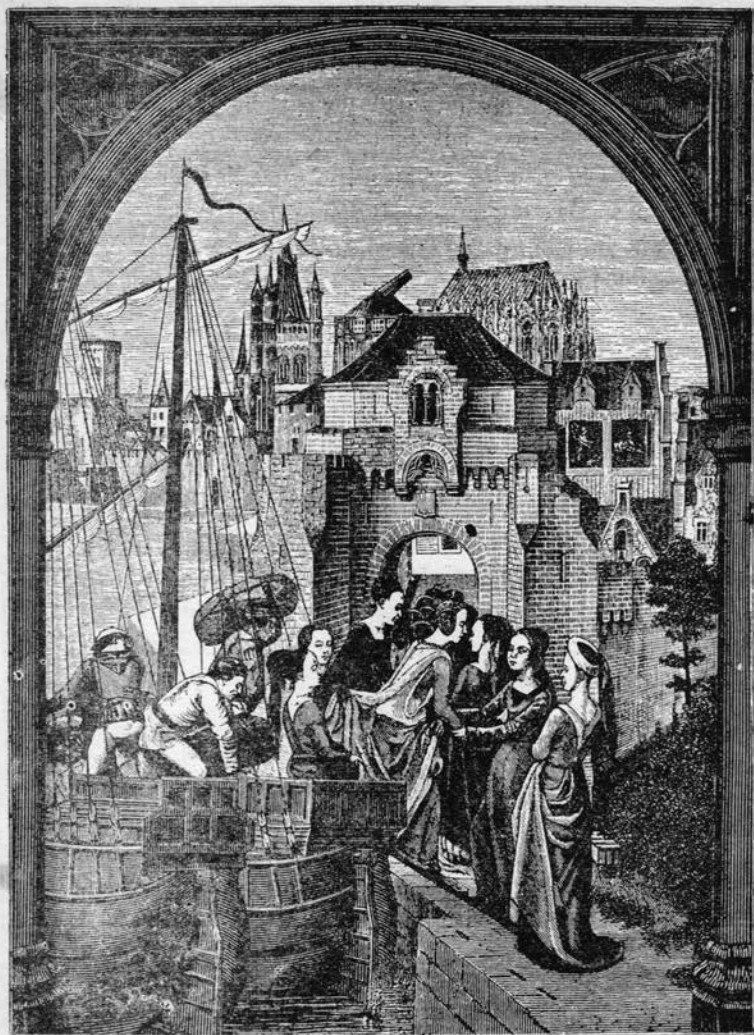
Pouco depois, uma noite, Úrsula viu em sonhos o que lhe ia acontecer, num futuro muito próximo. Alegríssima, foi, apenas se levantara, ao encontro do pai, e lhe anunciou que estava disposta a aceitar a proposta do rei bárbaro. Desejava, todavia, dez companheiras virgens, das mais virtuosas da côrte, para acompanhá-la ao país estrangeiro, bem como uma escolta, para ela mesma e para cada uma das acompanhantes, de mil virgens.

O príncipe bárbaro, cheio de júbilo com a resposta da princesa, tão encantado ficou que, no mesmo instante que recebeu a notícia, quis iniciar-se na religião cristã.

O rei da Grã-Bretanha deu ordem para que se construísse os navios necessários para o transporte das jovens que demandariam o país em que a filha iria viver. Ao cabo de três anos, deixaram as onze mil virgens da Grã-Bretanha a terra natal.

O vento levou as embarcações até os Países-Baixos. Por terra e por rios, chegaram a Colônia. Ali, Úrsula, em sonhos, viu um anjo, que lhe anunciou que, com as companheiras, devia ir a Roma, donde tornariam para sofrer o martírio.

Úrsula contou às companheiras a visão que tivera. Todas, muito alegres, porque aquilo significava que ganhariam o paraíso, iniciaram a marcha. Chegadas a Roma, ali passaram alguns dias, a visitar os santuários e a cidade. Depois, principiaram a viagem de volta.



Santa Úrsula e suas companheiras chegam a Colônia (fragmento da Lenda de Santa Úrsula, pintada no relicário da santa, em Bruges, por Memling, séc. XV).

Ora, Átila, o feroz rei huno, punha cêrco a Colônia. Admirado com a beleza de Úrsula, o *Flagelo* propôs-lhe casamento. A princesa recusou a proposta, e Átila, num acesso de raiva, ordenou aos guerreiros que a Úrsula e às companheiras crivassem de flechas.

Nem bem pegera a última virgem, os hunos acreditaram ver um exército formidável que lhes vinha ao encontro, tão numeroso quanto numerosas eram as inocentes vítimas que jaziam ensangüentando a terra. Louccs de terror, debandaram.

Os habitantes de Colônia, perplexos com tão desordenada fuga, porque não viam motivos para tal, principiaram, então, livres do inimigo, a tarefa, triste tarefa, de sepultar os corpos das santas virgens massacradas. Em honra das onze mil mártires, logo erigiram uma basílica, templo que, bem mais tarde, arruinado, foi restaurado por um certo Clemácio, personagem consular, que disse ter sido encorajado por visões divinas a empreender aquela reparação na basílica.

No mesmo dia, em Óstia, Santo Astério, padre e mártir: sofreu a morte sob o imperador Alexandre. (1) Com culto muito antigo, Astério foi o sacerdote romano que enterrou o papa Calisto no cemitério de Calépedo, na via Aureliana. Seis dias depois, Alexandre mandou prendê-lo, fazendo com que o atirassem às águas do rio Tibre. O corpo foi

(1) Segundo o que se lê na **Paixão** do papa Calisto.

encontrado em Óstia por alguns cristãos, que o enter-
raram (21 de outubro).

Na Nicomédia, a morte dos santos Dásio, Zótico,
Caio e mais dez soldados, que, depois de terem
sofrido diversos tormentos, foram atirados ao mar
(século IV).

Em Lião, na Gália, São Viador, que foi minis-
tro do bem-aventurado Justo, bispo de Lião. Faleceu
depois de 481. Ao partir para os desertos do Egito,
o bispo São Justo levou consigo Viador, jovem leitor
de sua Igreja. Sentindo-se morrer, Justo chamou-o
ao pé do leito, avisando-lhe que se ia da terra. Viador
ficou turbado. Disse-lhe: "Por que me deixas sôzi-
nho?" São Justo lhe respondeu: "Não te turbes,
porque em breve tu me seguirás". E assim foi. Oito
dias depois do santo bispo falecer, São Viador tam-
bém se ia do mundo (Ver 14 de outubro).

Em Marônia, perto de Antioquia, São Malco,
monge (século IV?), ao qual São Jerônimo se refere
numa breve narrativa.

Na cidade fortificada de Laon, Santa Celínia,
mãe do bem-aventurado Remi ou Remígio, bispo de
Reims. Diz-nos Hincmar de Reims que Santa Celínia
teve de seu espôso Emílio dois filhos: Princípio, que
foi um santo bispo de Soissons, e o irmão, que teve
um filho, Lôbo. Lôbo sucedeu ao tio Princípio e
foi bispo até a morte de Remi.

Em Clermont, São Justo, arceidiago (século IV).
São Gregório de Tours conta que o bispo de Cler-
mont, Santo Alírio, falecido em 384, "teve um arce-
diago que mereceu o nome de Justo: passou tôda a
vida a fazer boas obras e, quando faleceu, foi sepul-
tado na tumba do mestre". São Justo era honrado na
abadia de Santo Alírio de Clermont.

No Egito, Santo Agatão, monge (século IV), que viveu num deserto ao sul de Alexandria. Muito sábio, muito esclarecido, infatigável nos trabalhos, comia pouquíssimo e era duma modéstia sem igual. Santo Agatão vivia do trabalho, da feitura de cestos e peneiras, que tecia constantemente, e aos quais, quando em bom número, ia vender. Quando negociava (se é que o modo como agia pode chamar-se negociar) entregava o objeto à venda pela quantia que o comprador estabelecia, muito embora houvesse estipulado o seu preço. Recebia o dinheiro sem contar. Um dia, um homem quis dar-lhe dinheiro para que, sem trabalhar, pudesse viver mais despreocupado com os afazeres e assim se dar mais a Deus. O Santo respondeu-lhe que o trabalho lhe dava o suficiente e que não o impedia de estar com Deus. O homem insistiu, e rogo que aceitasse o dinheiro para distribuir aos pobres, pelo menos, ao que Agatão retrucou: "Teria dupla vergonha de receber o que não me é necessário e de me pôr em perigo: ser tentado pela vaidade, distribuindo aos outros o bem de outrem". Um dia, quando foi à cidade vender as peneiras e cestos, como fazia de tempos em tempos, encontrou um pobre desconhecido (porque conhecia todos os pobres da cidade). Estava deitado na praça e tinha o ar de quem estava bem doente. Eis ali um pobre de Deus sem quem o assistisse. Agatão, tocado, alugou um quarto e levou o mendigo consigo, acomodando-o numa cama. Ali, cuidou do desconhecido até que se curasse, o que aconteceu depois de quatro meses. Só então, o santo monge retornou à sua cela. Outra feita, deu, a caminho da cidade, com um estropiado, também desconhecido, que suplicou ao Santo levasse-o consigo, que mal podia andar. Tam-

bém a êste Santo Agatão assistiu, como ao pobre doente. Quando se ia, de volta para o deserto, o estropiado, agora são, despedindo-se, disse-lhe: "Tu és abençoado de Deus, Agatão, no céu e na terra". Imediatamente, ditas aquelas palavras, desapareceu: era, como o outro, um anjo enviado pelo Senhor, que viera à terra exclusivamente para pôr à prova a virtude do velho e santo monge.

Festa de Santa Celina, virgem (século V). Esta Santa Celina era filha de pais nobres e viveu em Meaux, tendo recebido das mãos de Santa Genoveva o hábito das virgens. Ignora-se a data em que faleceu.

Em Cahors, Santo Anátole, bispo.

No mosteiro de Fontenelle, São Cândido, ermitão, falecido depois de 680.

Festa de São Donoleno, confessor (século VII).

Demais, em Perigueux, Santo Astiero, ermitão.

São Maurão, bispo de Marselha.

Na abadia de Ambronay, Santo Hugo, abade (século IX ou X).

No Monte Cassino, São Gebizo, beneditino, falecido em 1080. De Colônia, onde nasceu, passou a Itália, sendo recebido entre os monges do Monte Cassino pelo abade Didier.

Em Parma, São Bertoldo, converso beneditino, falecido depois de 1106. São Bertoldo, ao que parece, foi o precursor dos religiosos leigos, oblatos regulares ou conversos, que hoje se encontram nas abadias beneditinas. Quando faleceu, os sinos entraram a repicar, só cessando quando o enterraram, o que se deu na igreja de Santo Alexandre de Parma. São Bertoldo é o padroeiro dos sacristães daquela cidade.

Em Como, São Guilherme della Tôrre, bispo, falecido em 1226.

Em Torres Vedras, Portugal, o bem-aventurado Gonçalves de Lagos, ermitão de Santo Agostinho. Nascido em 1360 em Lagos, pequeno pôrto ao sul de Portugal, perto do cabo de São Vicente, muito jovem buscou um convento de Lisboa. Deveras pres-tativo e piedoso. Em 1394, foi nomeado superior do convento de Lourinhão. Em 1412, dirigia o de Torres Vedras. Ali faleceu em 1422, aos 15 de outubro, provàvelmente.

Na Itália, o bem-aventurado Pedro Cappucci, dominicano. Nascido em Città di Castello, na Úm-bria, em 1390, nos tempos do Grande Cisma, faleceu em 1445.

* * *

22.º DIA DE OUTUBRO

SÃO FILIPE

Bispo da Heracléia e seus companheiros,

Mártires

Filipe, a princípio diácono da Igreja de Heracléia, na Trácia, e depois sacerdote, foi finalmente eleito bispo por unanimidade de vozes. Ninguém com isso se surpreendeu, pois era digno do cargo; houve, porém, quem se admirasse por ter sido eleito tão tarde, pois era velho. Essa eleição se deu no ano de 304, época em que Diocleciano viveu. O venerável bispo de Heracléia tinha dois discípulos prediletos: o padre Severo, e o diácono Hermes, com o auxílio dos quais governava prudentemente o povo cristão naqueles tempos difíceis. Havendo irrompido a perseguição, muitas pessoas aconselharam o bispo a deixar a cidade, a fim de fugir aos maus tratos dos quais, mais do que ninguém, estava ameaçado. Respondeu: "Seja feita a vontade do céu!" e nem mesmo deixou a igreja; ao contrário, continua e doutamente exortou os irmãos a tudo sofrerem por Deus. Dizia: "Os tempos anunciados chegaram; é o fim do século que oscila, Satanás ameaça-nos; recebeu provisória-

mente o poder e vem, não perder os servos de Cristo, mas experimentá-los. A festa da Epifania aproxima-se: é uma advertência para que saibamos merecer a glória. Nem as vãs ameaças dos ímpios, nem os tormentos devem assustar-nos. Pois Jesus Cristo dá a seus soldados paciência para dominar a dor, e recompensa por tê-la dominado." Filipe ainda falava quando Aristômaco, comandante da guarnição, veio da parte do governador fechar a igreja e colocar selos na porta. Disse-lhe o Bispo: "Insensato, acreditas que o Deus Todo-Poderoso habite entre estas paredes e não no coração dos homens? Não guardaste esta palavra do Santo Isaías: "O céu é meu trono, e a terra meu degrau? que casa construireis para mim?" Aristômaco pôs os sinetes em tudo quanto era usado no ofício divino, depois fechou a porta da igreja e retirou-se. Os fiéis sentiram-se como que enlutados. O Bispo Filipe, auxiliado pelo sacerdote Severo e pelo diácono Hermes, continuou a reuni-los como de costume, porém à porta da igreja, e desempenhava tôdas as funções de um bom pastor, instruindo uns, animando outros, reprimendo os culpados, fortalecendo os fracos.

O governador Bassus, que o encontrou, mandou instalar na praça o seu tribunal e indagou: "Qual de vós é o mestre dos cristãos ou o doutor da igreja?" Filipe respondeu: "Sou o homem a quem procurais." Bassus disse: "Ouvistes a leitura da lei do Imperador que proíbe aos cristãos que se reúnam e que obriga, na terra inteira, os homens dessa seita a sacrificarem ou serem mortos? Mostrai-me os vasos de ouro e de prata de que vos servis, assim como as Escrituras que ledes. Pois se não o fizerdes sereis forçados à obediência por meio de torturas". São

Filipe respondeu: "Se as torturas a nós infligidas vos dão prazer, meu espírito está pronto a enfrentá-las; podeis dilacerar, tão cruelmente quanto quiserdes, este corpo enfêrmo que a vós está subordinado. Mas não imagineis ter algum poder sôbre a minha alma. Recebereis imediatamente os vasos que reclamais. Pois não é através de um metal precioso que adoramos nosso Deus, mas pelo temor, e os ornamentos da igreja não poderiam ser mais agradáveis a Cristo do que os ornamentos do coração. Quanto às Escrituras, não convém a vós recebê-las, nem a nós entregá-las". Depois de ouvir as palavras do santo bispo, o governador chamou os carrascos, em especial Mucapor, o mais cruel de todos. Torturaram prolongadamente o santo pontífice. Santo Hermes, que se encontrava perto, disse ao governador: "Impiedoso inquisidor, mesmo que vos apoderásseis de tôdas nossas Escrituras, nossos descendentes escreveriam de memória volumes ainda mais valiosos e ainda mais zelosamente inculcariam o temor devido ao Cristo". Por sua vez, Hermes foi espancado. Em seguida, dirigiu-se para onde estavam ocultos os vasos e as Escrituras, seguido pelo assessor Públio, que se apossou de alguns vasos preciosos. Como Hermes procurasse impedi-lo, Públio esbofeteou-lhe o rosto, fazendo-o sangrar. Disso informado, o governador irritou-se contra Públio e ordenou que pensassem Hermes, mas que ao mesmo tempo levassem São Filipe e os outros até à praça pública, a fim de assustar o povo com o espetáculo da sua morte. Ordenou que destelhassem a igreja e mandou espancar com varas os operários que não trabalhavam com bastante rapidez. Quanto às Escrituras, deu ordem para os soldados carregá-las aos ombros e depois

atear-lhes fogo. As chamas elevaram-se tão alto que os assistentes, judeus, pagãos e outros, ficaram aterrorizados. O Bispo Filipe lembrou-lhes o incêndio de Sodoma, as fornalhas do Etna e do Vesúvio, que prenunciam o incêndio final do universo". Os ídolos não podem garantir-se, nem a seus templos: o fogo consumiu o Capitólio de Roma com todos seus ídolos, consumiu o ídolo e o templo de Hércules em Heracléia, e também o Serápis de Alexandria, a Minerva de Atenas, o Apolo de Delfos. Como podeis esperar que os ídolos vos preservem do fogo, se nem a si mesmos se preservam, nem conseguem que os preservem? É preciso que um operário os fabrique, ou os modele com o seu trabalho. O ferro experimenta o justo e pune o mau. Em relação aos bons, não é chama, mas luz."

Filipe ainda falava quando viram chegar Califrônio, sacerdote dos ídolos, acompanhado de seus ministros e de todos os objetos requeridos por um sacrifício profano. Santo Hermes disse aos presentes: "Os preparativos a que assistis constituem uma invocação ao diabo, que também nos profanará." São Filipe exclamou: "Seja feito segundo a vontade do Senhor!" No mesmo momento, chegou à praça o governador Bassus seguido por uma multidão de pessoas de ambos os sexos e tôdas as idades. Alguns se compadeciam diante dos sofrimentos dos santos, outros ainda mais enfurecidos ficavam e diziam que deveriam ser obrigados a sacrificar. Os mais exaltados eram os judeus, de acôrdo com as Escrituras, pois o Espírito Santo dissera pelo Profeta: "Êles imolaram aos demônios, e não a Deus." Enfim, dirigindo-se ao Bispo Filipe, o governador ordenou: "Imola vítimas à divindade." Filipe respondeu: "Co-

mo posso, eu, cristão, adorar pedras?" Bassus insistiu: "É preciso que ofereçais sacrifícios aos nossos senhores." Filipe respondeu: "Aprendemos a obedecer a nossos pais e a prestar submissão aos imperadores, mas não culto." Disse Bassus: "Sacrifica ao menos à fortuna da cidade (era uma estátua). Vê como é bela e com que benevolência acolhe as homenagens do povo." Filipe respondeu: "A vós, que a adorais, ela pode agradar; quanto a mim, a arte do homem não conseguirá desviar-me do culto celeste." Prossegue Bassus: "Reverência ao menos esta imagem de Hércules aqui presente, estátua tão grande e tão bela." Filipe observou: "Tristes e desgraçados homens, que ignorais a santíssima essência da Divindade! Infeliz que transferis para a terra o que ao céu pertence e que, por desconhecer a verdade, inventais e fabricais aquilo a que adorais! que são o ouro, a prata, o bronze, o ferro ou o chumbo, senão produtos da terra? Ignorais a divindade de Cristo, cujo poder e grandeza ultrapassam a inteligência humana, e pretendeis que há poderes divinos num objeto que acaba de ser fabricado por um operário indolente e bêbedo? pois se trabalhou a estátua com capricho, apressai-vos em atribuir poder e divindade a êsse simulacro. Os edificios de vossos lares e de vossas granjas constituem para vós pecados quotidianos. Pois quando queimais lenha para usos domésticos, queimais o corpo do vosso deus. Na verdade, como podeis desculpar-vos? Dizeis: "Êste pedaço de madeira não era um deus." Respondo-vos: "Mas podia ser, se aprouvesse ao operário." Ai de vós! não sabeis ainda em que trevas vos encontrais. O mármore de Paros é bom: se fôr esculpido não dará um bom Netuno? O marfim é bom: será que

o Júpiter em que o transformaram o tornou mais belo? São invenções de operários hábeis e interessados, a fim de que o rosto impresso nos metais lhe acrescente mais preço, não em relação ao poder, mas ao salário. Tôdas essas coisas vêm da terra; devem pisá-las, e não adorá-las. Pois Deus as fêz para que as possuamos: mas para vós, ao que vejo, a terra engendra outros tantos deuses”.

Pronunciadas essas palavras, o governador Bassus, que admirava a constância do bispo Filipe, voltou-se para o diácono Hermes, dizendo: “Vós, ao menos, ofereceis um sacrifício às divindades.” Respondeu Hermes: “Não sacrifico, sou cristão.” Bassus indagou: “Qual é a vossa posição?” Hermes: “Sou decurião, e auxilio em tudo o meu doutor.” Bassus: “Se convenceremos Filipe a sacrificar, seguireis seu exemplo?” Hermes: “Não seguirei, nem o vencereis, pois temos a mesma força e o mesmo espírito.” Bassus: “Serás lançado às chamas, se persistires na tua exaltação”. Hermes: “Ameaçais-me com a chama que se apaça antes de ser acesa, ignorando a violência do incêndio eterno que arde sem detença e sem descanso, e que consome os discípulos de Satanás, lentamente os devorando. Bassus: “Sacrificai, ao menos, aos nossos Senhores, os Imperadores, e dizei: “Vivam os nossos príncipes!” Hermes: “Temos pressa de ir para a vida.” Bassus: “Se quereis a vida, sacrificai, e evitai cadeias terríveis e torturas cruéis.” Hermes: “Nunca, ó juiz ímpio, nos levareis a fazê-lo. Pois, longe de inspirar-nos temor, vossas ameaças aumentam a nossa coragem.”

Então Bassus, de rosto severo e depois de uma impressionante alocação, ordenou que fôsem conduzidos à prisão. Alguns libertinos deram socos no

bispo Filipe e o fizeram cair várias vezes durante o trajeto. Mas o santo levantava-se de fisionomia serena, não demonstrando nem indignação, nem sofrimento, como se nada houvesse sentido. Todos se sentiam estupefatos. E, bendizendo a Deus que lhes dera forças, os dois confessores alegremente entraram na prisão.

Dias depois, foi-lhes permitido permanecer numa casa da vizinhança, que pertencia a um indivíduo chamado Pancrácio. Os fiéis ali afluíram, a fim de serem instruídos sobre os mistérios da lei divina. Enciumado por causa das almas que lhe eram arrebatadas, o diabo fez com que os mártires fôssem novamente prêsos. Mas a prisão era contígua ao teatro, e havia uma porta secreta entre ambos. Instalados numa dependência do teatro, São Filipe e Santo Hermes lá recebiam a multidão de fiéis que vinham saudá-los, mesmo à noite. Todos os dias, os irmãos, prosternados no solc, beijavam as pegadas de Filipe, sabendo que era uma graça divina a possibilidade de fazê-lo.

Entrementes, Bassus teve como sucessor Justino, homem incapaz de conceber a Deus e de temê-lo. Essa mudança muito afligiu os fiéis. Pois Bassus não era destituído de brandura e, às vezes, cedia diante de boas razões, pois sua mulher servia a Deus havia algum tempo. Tendo Zoel, magistrado da cidade, mandado levar Filipe ao tribunal do novo govêrno, perguntou-lhe Justino: "És o bispo cristão?" Filipe respondeu: "Sou, não posso negá-lo." Justino: "Nossos senhores dignaram-se ordenar que todos os cristãos sacrificassem; se não o fizerem espontaneamente, serão constringidos pela força a fazê-lo; se se recusarem, serão punidos com a morte. Consi-

dera, pois, a tua idade avançada, e evita sofrimentos intoleráveis mesmo aos jovens." Filipe: "Por temor a um sofrimento passageiro, observais as ordens que recebeis de homens que vos assemelham; com bem mais forte razão devemos obedecer aos mandamentos de Deus, que condenam os transgressores a um suplício eterno. Justino: "É conveniente obedecer aos Imperadores." Filipe: "Sou cristão, e não posso fazer o que mandais. Tendes ordens de punir-nos, não de obrigar-nos." Justino: "Não imaginas os tormentos que te esperam." Filipe: "Podeis torturar-nos, mas não vencer-nos. Ninguém nos obrigará a sacrificar." Justino: "Serás arrastado pelos pés através da cidade e, se sobreviveres, permanecerás na prisão para ser novamente submetido ao mesmo suplício." Filipe respondeu: "Possais vós confirmar o que dizeis e executar essa ímpia deliberação." Justino mandou arrastar o santo ancião pelos pés e êste, com o corpo todo dilacerado, foi outra vez levado ao cárcere pelas mãos dos fiéis.

Contudo, buscas mais precisas eram feitas para descobrir o paradeiro do sacerdote Severo. Afinal, inspirado pelo Espírito Santo, êle se apresentou espontaneamente. Justino fê-lo passar por um interrogatório e depois mandou encarcerá-lo. Procedeu da mesma forma com relação ao diácono Hermes. Dois anos depois, tendo-se abrandado um pouco, permitiu-lhes que se alojassem numa casa particular; mas não tardou em recuperar a anterior severidade e ordenou que os prendessem e, durante sete meses, êles suportaram os horrores de uma enxovia escura e insalubre.

Ao cabo dêsse tempo foram enviados para Andrinopla, com grande mágoa dos fiéis de Heracléia,

que assim se viram privados da presença e dos ensinamentos de seu pai espiritual. Em Andrinopla, ficaram detidos numa casa, no campo, enquanto aguardavam a vinda do governador. Este, no dia imediato à sua chegada, mandou que trouxessem o bispo Filipe à sua presença e perguntou-lhe: "Que resolves-tes? êste espaço de tempo vos foi concedido para que mudásseis de opinião. Sacrificai pois, se desejais a liberdade." Filipe respondeu: "Se tivéssemos entrado voluntariamente na prisão onde até agora permanecemos, e não obrigados, teríeis razão de dizer que um espaço de tempo nos fôra concedido; mas se o fizemos por castigo e não por efeito da nossa vontade, por que qualificá-lo de tempo de indulgência? Quanto a mim, já declarei que sou cristão. É a minha resposta a tôdas as vossas interrogações. Nunca adorarei os ídolos, mas sempre prestarei ao Deus eterno o culto que lhe presto." Depois de ouvir essa resposta, Justino mandou que o espancassem com varas. O santo ancião suportou o suplício com uma paciência que assustou os algozes. Deu-se um fato extraordinário: a roupa que resguardava as partes mais íntimas do corpo do santo permaneceu intacta, enquanto nas costas e nas espáduas ficou reduzida a farrapos, sendo possível divisar-lhe as entranhas através das costelas. O próprio Justino assustou-se diante da firmeza do velho bispo e ordenou que tornassem a levá-lo para a prisão. Em seguida, foi a vez de Hermes. Êste já declarara que era cristão desde a infância. Mas antes de ingressar no clero, desempenhara o cargo de principal magistrado de Heracléia e tornara-se querido por todos pela justiça e bondade. Favorecera de maneira especial os oficiais e até os meirinhos do governador. Todos pediram a

Justino que lhe concedesse graça, e também procuraram fazê-lo ceder. Mas o santo diácono resistiu tanto às ameaças de um como às súplicas dos outros, e retornou à prisão como a um asilo, e na qual os mártires agradeceram a Deus a força que lhe fôra dada. O bem-aventurado Filipe, antes sensível ao menor contacto, nenhuma dor sentia, protegido como estava pelos anjos.

Três dias depois, Justino mandou os dois mártires comparecer à sua presença e disse a Filipe: "Por que vos mostrais tão temerário a ponto de recusar a vossa salvação, negando-vos a obedecer às ordens do Imperador? Filipe respondeu: "Não sou arrasado pelo vício da temeridade, mas conduzido pelo amor e pelo temor de Deus, que fêz tôdas as coisas e julgará vivos e mortos. É por causa dêle que não posso negligenciar o cumprimento dos mandamentos. Quanto aos imperadores, obedeci-lhes todos êstes anos, e, quando ordenam o que é justo apresso-me em executar as suas ordens. Pois as Sagradas Escrituras mandam-nos dar a Deus o que é de Deus, e a Cêsar o que é de Cêsar. Até agora, servi-vos corretamente. Agora, cumpre-me preferir as coisas do céu às coisas da terra. Repito-vos, pois o que já vos disse muitas vêzes: "Sou cristão, e recuso-me a sacrificar aos vossos deuses."

Deixando Filipe, Justino dirigiu-se a Hermes. O santo diácono respondeu-lhe com uma preleção sôbre a vaidade dos ídolos, e demonstrou de onde vinha o ódio dos idólatras pela piedade cristã. Justino exclamou, encolerizado: "Falais como se pudessem fazer de mim um cristão!" Respondeu Hermes: "Desejo não apenas que vós, mas todos os assistentes, vos torneis cristãos. De resto, não julgueis que

jamais eu sacrifique." Depois de deliberar com o seu conselho, Justino assim formulou a sentença: "Filipe e Hermes que, desobedecendo à ordenação do Imperador Romano, se tornaram estrangeiros ao próprio nome romano, ordenamos que sejam queimados vivos, a fim de que os outros reconheçam mais facilmente que é crime grave e desgraça desprezar as ordenações imperiais."

Imediatamente os dois mártires levantaram-se cheios de alegria e encaminharam-se para a fogueira. Foi preciso carregar o bem-aventurado Filipe, a tal ponto seus pés estavam feridos. Hermes, também bastante maltratado, seguia-o penosamente. Dizia ao bispo, cheio de satisfação: "Querido mestre, apressemo-nos em ir ao encontro do Senhor. Não nos preocupemos com os nossos pés, não precisamos mais deles. Depois, voltando-se para a multidão que o acompanhava, disse: "O Senhor revelou-me de maneira clara o que vou sofrer. Tendo adormecido há alguns dias, pareceu-me ver uma pomba mais branca do que a neve entrar no meu quarto e pousar na minha cabeça; em seguida, desceu até o meu peito e ofereceu-me uma iguaria deliciosa. Compreendi que era o Senhor que me chamava e que se dignava a conceder-me a glória de sofrer."

Quando chegaram ao lugar do suplício, os algozes, de acôrdo com o costume, colocaram Filipe numa cova, e cobriram-lhe de terra os pés e as pernas, até os joelhos. Depois lhe amarraram as mãos atrás das costas e ataram-nas a uma estaca. Em seguida, fizeram Hermes descer dentro de outra cova. Como se apoiasse num cajado por causa da fraqueza de seus pés, disse, rindo-se: "Miséravel demônio, nem mesmo consegues agüentar-me." Mal

pronunciara essas palavras, cobriram-lhe os pés com terra. Como ainda não tivessem ateadado fogo à fogueira, o santo chamou um cristão, de nome Velágio, e disse-lhe: "Conjuro-vos por Nosso Senhor Jesus Cristo que digais da minha parte a Filipe, meu filho, que restitua todos os depósitos a mim confiados, a fim de que não possam fazer-me nem uma única censura; as próprias leis civis assim o ordenam. Dizei-lhe que é jovem, que deve trabalhar para prover à sua subsistência, tal como fiz, e portar-se corretamente para com todos. Tendo acabado de falar, amarraram-lhe as mãos atrás das costas e atearam fogo à fogueira. Por entre as chamas, os dois santos deram graças a Deus até o último amém. Seus corpos foram encontrados intactos. Filipe conservava os braços estendidos, como se estivesse rezando; o rosto de Hermes estava fresco, pois o fogo não o marcara. Todos os fiéis deram graças a Deus que recompensa com a glória e a coroa os que nêle depositam as suas esperanças. Mas o inferno ainda não ficara satisfeito: fêz com que Justino mandasse atirar os corpos dos santos ao rio Ebro, a fim de privá-los de sepultura, tal como os privara da vida. Alguns cristãos de Andrinopla, usando de barcos, tentaram pescá-los com rêdes. Depois de uma fervorosa prece a Deus, retiraram as santas relíquias em perfeito estado, e ocultaram-nas durante três dias num lugar denominado Ogestiron, a duas milhas da cidade.

O padre Severo, que continuava prêso, soube do martírio de Filipe e de Hermes. Alegrou-se com a vitória por êles alcançada e pediu a graça de compartilhá-la, pois também confessara Jesus Cristo.

Sua prece foi ouvida e três dias depois foi a sua vez de sofrer. (1)

Na numerosa multidão dos mártires que sofreram a morte pela fé cristã, alguns a receberam da mão dos infiéis por se recusarem a adorar um falso deus, em lugar de um Deus verdadeiro; outros, da mão dos heréticos ou apóstatas, por não professarem uma doutrina falsa em lugar da doutrina católica e verdadeira; outros, ainda, da mão dos cismáticos, por não reconhecerem uma Igreja falsa em lugar da única Igreja Católica Romana. Ainda em nossos dias pode apresentar-se a oportunidade de caminharmos nas pegadas dos mártires.

★ ★ ★

(1) Acta MM., apud Ruinart.

SANTA SALOMÉ (*)

Mãe de Tiago e de João

Novo Testamento

Salomé aparece duas vezes em São Marcos.

I. "Chegada a hora sexta, cobriu-se tôda a terra de trevas até a hora nona. E, à hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo:

"— Eloi, Eloi, lamma sabachtani?"

"Que quer dizer:

"— Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

"Ouvindo isto, alguns dos circunstantes diziam:

"— Eis que chama por Elias".

"Correndo um, e ensopando uma esponja em vinagre, e atando-a numa cana, dava-lhe de beber, dizendo:

"— Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo".

"Mas Jesus, dando um grande brado, expirou. O véu do templo rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. O centurião, que estava defronte, vendo que Jesus expirava, dando êste brado, disse:

"— Verdadeiramente êste homem era Filho de Deus".

"Encontravam-se também ali algumas mulheres vindo de longe, entre as quais estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago menor e de José, e Sa-

lomé, as quais já o seguiam e serviam quando êle estava na Galiléia, e muitas outras, que, juntamente com êle, tinham subido a Jerusalém". (1)

II. "Passado o dia de sábadó, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir embalsamar Jesus. Partindo no primeiro dia da semana, de manhã cedo, chegaram ao sepulcro, quando o sol já era nascido. Diziam entre si:

"— Quem nos há de revolver a pedra da bôca do sepulcro?"

"Mas, olhando, viram revolvida a pedra, a qual era muito grande. Entrando no sepulcro, viram um jovem sentado do lado direito, vestido de uma túnica branca, e ficaram assustadas. Êle lhes disse:

"— Não temais; buscais a Jesus Nazareno (*que fci*) crucificado: ressuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o depositaram. Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que êle vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como êle vos disse".

"Elas, saindo (*do sepulcro*), fugiram; porque as tinha assaltado o temor e o pavor; e não disseram nada a ninguém (*pelo caminho*), tal era o mêdo que tinham". (2)

Em São Mateus:

"Subindo Jesus a Jerusalém, tomou de parte os doze discípulos, e disse-lhes pelo caminho:

"— Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas e o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado, e ao terceiro dia ressuscitará".

(1) Mc. 15, 33-41.

(2) Mc. 16, 1-8.

“Então aproximou-se d’ele a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos, prostrando-se, para lhe fazer um pedido. Elle lhe disse:

“— Que queres?”

“Ela respondeu:

“— Ordena que estes meus dois filhos se sentem no teu reino, um à tua direita e outro à tua esquerda”.

“Jesus respondendo disse:

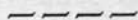
“— Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?”. (3)

“Elles lhe responderam:

“— Podemos”.

“Disse-lhes:

“— Efectivamente haveis de beber o meu cálice, mas, quanto a estardes sentados à minha direita ou à esquerda, não pertence a mim conceder-vo-lo, mas (será) para aquêles, para quem está reservado por meu Pai”. (4)



Salomé é um nome hebreu, mas grecizado, que dá a idéia de paz. O *shalom*, do judeu, e o *salam*, do árabe, significam *Paz*.

Foi Adon que colocou Salomé, mãe de Tiago e de João Evangelista no número dos santos. Não foi uma mãe zelosíssima?

* * *

(3) Quer dizer: Tendes coragem suficiente para sofrer e morrer por mim como eu vou sofrer e morrer pelos homens?

(4) Mt. 20, 17-23.

SANTO ABÉRCIO

Bispo

Princípios do Século III

Santo Abércio, bispo de Hierápolis, tornou-se célebre em virtude da inscrição que mandou gravar no próprio túmulo, inscrição essa descoberta em 1883 por Ramsay, nos arredores daquela antiga cidade, e que diz:

“Cidadão duma importante cidade, ergui êste
monumento,
quando em vida, a fim de ter, um dia,
um lugar para colocar meu corpo.
Chamo-me Abércio. Sou discípulo dum santo
pastor,
que leva seus rebanhos de ovelhas por montes
e vales,
que tem dois olhos muito grandes que tudo vêem.
Foi quem me ensinou as Escrituras fiéis.
Foi quem me enviou a Roma para contemplar a
soberana e
para ver a rainha vestida de ouro,
com calçados de ouro.
Lá, vi um povo que leva o sêlo brilhante.

Vi também a planície da Síria e tôdas as cidades,
e Nisiba, para lá do Eufrates.

Por tôda a parte, vi confrades.

Eu tinha Paulo por... A fé conduziu-me por
tôda parte.

Por tôda a parte,

ela me serviu, como alimento,

um peixe de fonte,

muito grande, puro,

pescado por uma virgem pura.

Aos amigos, dava-o ela a comer,

sem cessar.

Ela tem um vinho delicioso,

que nos dá com pão.

Fiz com que se escrevessem estas coisas, eu,

Abércio,

com a idade de setenta e dois anos.

Que os confrades que as compreendam,

roguem por Abércio.

Não se deverá colocar túmulo algum sôbre o
meu,

sob pena duma multa de duas mil peças de ouro

para o fisco romano,

e de mil para minha querida pátria,

Hierápolis.

Abércio, falando por símbolos, e que principia por dizer que êle mesmo construiu o túmulo em que, depois de morto, ia repousar, proclama-se "discípulo dum santo pastor": êste santo pastor, naturalmente, é Nosso Senhor. Em Roma, viu a "rainha vestida de ouro", ou seja, a Igreja, e um "pcvo que leva o sêlo brilhante", quer dizer, os fiéis que estão mar-

cados pelo batismo. Paulo, o Apóstolo, foi-lhe o guia, mestre, segundo os estudiosos.

“Por tôda a parte, ela me serviu, como alimento, um peixe de fonte, muito grande, puro, pescado por uma virgem pura”: significa a eucaristia, alusão que Abércio faz a Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria. Mais adiante, fala do “vinho delicioso, que nos dá com pão”: nova referência à eucaristia, agora mais clara ainda.

Santo Abércio teve vida movimentada. No tempo de Marco Aurélio, bispo já de Hierápolis, entrou, durante a noite, no templo de Apolo e destruiu todos os ídolos. Os pagãos, tomados de fúria, accorreram, para matá-lo, mas o santo bispo falou-lhes tão sublime, tão ardentemente, que todos, da fúria, passaram à doçura. Convertidos, levaram-lhe possessos, que foram livres; cegos, que recuperaram a vista; doentes, que se curaram.

Tôda Frígia desejava ouvi-lo, e a Cilícia, a Pisídia, a Sínoða, a Licaônia, a Síria.

Santo Abércio faleceu aos 22 de outubro, depois de ter escolhido o sucessor, que também se chamou Abércio.

No mesmo dia, em Luni, perto de Sarzano, São Salário ou Salóric, bispo e mártir (século III ou IV?).

Santo Eucário, bispo e mártir, irmão de Santo Elófió.

Em Clermont, São Nepociano, bispo, falecido em fins do século IV.

São Valiero, arcediogo de Langres e mártir, no século IV.

No Monte Cassino, São Constantino e São Simplicio, abades (século VI). Os dois primeiros sucessores do grande São Bento do Monte Cassino, os abades Constantino e Simplicio, são quase que totalmente desconhecidos. São Gregório fala dêles, no fim do prólogo do segundo livro dos *Diálogos*, mas muito superficialmente.

Na França, São Luvênio ou Lupêncio, abade de São Privato, falecido, ao que se supõe, em 584.

Na Espanha, São Nuncto, abade e mártir, em 586. Teria vindo da África e aportado em Portugal, nos tempos do rei visigodo Leovigildo (567-586). Devoto de Santa Eulália, passou à Espanha (Merida).

Em Bobbio, São Meroveu, mônge, no século VII, que, parece, foi o fundador da abadia de Precipiano, perto de Tortona.

Na diocese de Tréveris, São Wendel, ermitão (século VII?), ou Vandelino.

Na Itália, no mosteiro de Berceto, São Moderano, bispo.

No território de Nantes, São Bento, monge (século IX?).

Na Holanda, Santo Oelberto, mártir. A história de Santo Oelberto pode ser assim resumida: Alguns homens assassinaram uma pessoa. Oelberto, que depois do trabalho no campo, deitara-se perto da porta de sua casa para um descanso, adormeceu. Os facínoras, perseguidos, vendo-o adormecido, acharam que se deixassem o punhal ensangüentado ao lado do inocente, talvez lhes valesse algo. Deixaram-no, pois. Os que vinham no encalço dos homicidas, assim que viram a arma, trucidaram o Santo na mesma hora. Oelberto, tomando a cabeça nas

mãos, porque fôra degolado, rumou para a capela do lugar (Oosterhout).

Perto do Monte Cassino, São Bertário, abade daquele mosteiro e mártir, em 884.

São Rualdo, bispo de Vannes, também chamado Robaldo, Rotaldo, Ruando, de "incrível esplendor de santidade". Faleceu em 1177.

Em Jerusalém, São Marcos, bispo, pessoa mui ilustre e sábia, que foi o primeiro dos gentios a ser incumbido do govêrno da igreja daquela cidade. Pouco tempo após a sua eleição, mereceu a palma do martírio sob o Imperador Antonino. — Também os santos, Alexandre, bispo, Heráclio, soldado, e seus companheiros, mártires. — Em Fermo, na Marca de Ancona, São Filipe, bispo e mártir. — Em Huesca, na Espanha, as santas virgens Nunila e Alódia, irmãs, que, por terem confessado a fé foram condenadas pelos sarracenos à pena capital, assim consumando seu martírio. — Em Colônia, Santa Córdula, uma das companheiras de Santa Úrsula, que se ocultou, aterrorizada diante do suplício e da morte das outras; porém, tendo-se arrependido, deu-se a conhecer no dia seguinte e foi a última a receber a corça do martírio. — Na Toscana, São Donato, o Escocês, bispo de Fiesoli. — Em Verona, São Verecundo, bispo e confessor.

23.º DIA DE OUTUBRO

SÃO JOÃO DE CAPISTRANO

Franciscano

Nasceu na cidade do mesmo nome no ano de 1385. Seu pai era um fidalgo de Anjou que, indo servir no reino de Nápoles, se estabelecera em Áquila, depois na cidadezinha de Capistrano, que fica a pequena distância da primeira. Depois de aprender a língua latina na sua pátria, João foi a Perúsia estudar direito civil e canônico, e recebeu o grau de doutor com muitos elogios em ambas as faculdades. Seu talento, aliado a uma considerável fortuna, tornaram-no apto a desempenhar um papel brilhante, e um dos mais conceituados moradores da cidade de Perúsia deu-lhe a filha em casamento.

As questões sobrevindas no ano de 1413 entre a última cidade e Ladislau, rei de Nápoles, forneceram-lhe oportunidade para prestar certos serviços a seus compatriotas. Incumbiram-no de negociar a paz e, durante algum tempo, afagou-o a esperança do êxito. Essas negociações custaram-lhe algumas viagens que, entretanto, não produziram o resultado esperado. Os moradores da cidade que com mais veemência tinham acompanhado a questão, supuse-



São João de Capistrano (segundo uma pintura de Bartolomeu Vivarini, séc. XV).

ram que João houvesse traído seus conterrâneos e secretamente favorecesse o rei de Nápoles, seu antigo senhor. Prenderam-no e encarceraram-no no castelo de Bruffa, a cinco léguas de Perúsia. Muito sofreu o fidalgo na prisão; carregaram-no de pesadas cadeias e só lhe deram pão e água como alimento. Vendo-se abandonado pelo próprio rei Ladislau e, conhecendo por experiência a instabilidade das coisas humanas, refletiu seriamente sobre a necessidade de entregar-se a Deus, e em pouco tempo transformou-se num novo homem. Como a morte acabava de levar-lhe a esposa, resolveu consagrar-se à penitência na Ordem de São Francisco. Imediatamente pediu para nela ser admitido; recusaram-se, porém, a dar-lhe o hábito enquanto permanecesse na prisão. Impaciente com a demora, cortou os cabelos e mandou dar às suas roupas a forma do hábito monástico. Quando obteve a liberdade foi a Capistrano vender seus bens. A metade do preço da transação foi empregado no pagamento do seu resgate, e a outra foi distribuída aos pobres. De regresso a Perúsia, recolheu-se no Convento dos Franciscanos de Monte, da mesma cidade, em 1415. Tinha então trinta anos. O guardião fê-lo passar pelas mais severas provas a fim de assegurar-se da sua vocação; chegou a exigir que atravessasse as ruas de Perúsia montado num burro, vestido com um hábito ridículo e levando um cartaz no qual se liam os nomes de vários pecados graves. Era coisa bem humilhante para um homem do nascimento e da reputação de Francisco. Mas tão grande era o fervor do santo que essa humilhação nada lhe custou. Por duas vezes, mandaram-no embora do convento e só o receberam de volta sob duríssimas condições.

A maneira por que suportou tôdas essas provações possibilitou-lhe obter sôbre si mesma uma vitória completa. Depois disso nada houve que lhe parecesse difícil. Uma confissão geral precedeu a primeira comunhão que fêz depois de ter recebido o hábito. Para preparar-se passou três dias entre lágrimas e preces.

Depois de ter professado, obrigou-se a só fazer uma refeição por dia; unicamente, durante as suas longas e penosas viagens, permitia-se à noite uma ligeira cclação. Não comeu carne durante seis anos, a não ser quando estava doente. Tendo o Papa Eugênio IV lhe ordenado, estando êle já em idade avançada, que comesse um pouco de carne, fê-lo por obediência; mas dela se servia com tanta parcimônia que lhe deram plena liberdade no assunto. Dormia em cima de tábuas, e só concedia ao sono três ou quatro horas por noite; o resto do tempo era dedicado à oração e à contemplaçã. Durante vários anos, não interrompeu ambas as práticas, a não ser com a prédica e a necessidade de reparar as fôrças com alguns momentos de repouso. Seria estender-se excessivamente citar todos os exemplos por êle dados na virtude, sobretudo, na penitência, humildade e obediência. Possuía em tão alto grau o espírito de compunção e o dom das lágrimas que maravilhava todos os que com êle se entretinham. Seu zêlo pela glória de Deus e pela salvação das almas era surpreendente. Quando pregava e quando agia, todos imaginavam ver outro São Paulo. Abalava os mais endurecidos pecadores; penetrava-os com o temor dos julgamentos, e inspirava-lhes vivos sentimentos de arrependimento. No final de um sermão que pronunciou em Áquila sôbre a vaidade e os perigos do

mundo, as mulheres trouxeram seus adornos e outros objetos que muitas vezes tinham sido ocasião de pecado, tanto para elas como para outros, e atraíram-nos ao fogo. O fato repetiu-se em Nuremberg, em Leipzig, e em vários outros lugares. O santo recebera um dom singular, que lhe permitia sufocar ódios e aproximar corações desunidos. Restabeleceu a paz entre a cidade de Áquila e Afonso de Aragão; reconciliou as famílias de Oronesi e de Lanzeni; pacificou as contendas que dividiam várias cidades e muitas vezes acalmou violentas sedições.

Foi, por duas vezes, eleito Vigário-Geral dos Observantinos ou Franciscanos Reformados da Itália. Exerceu esse cargo durante seis anos e muito contribuiu para consolidar a reforma instituída por São Bernardino de Siêna. Não era menos rigoroso quando pregava o Evangelho. Depois de um sermão que fêz na Boêmia sobre o julgamento final, mais de cem jovens abraçaram a vida religiosa, sobretudo na Ordem de São Francisco. Copiava as virtudes de São Bernardino de Siêna e a sua devoção pelos nomes de Jesus e da Santa Virgem. A Marca de Ancona, a Apulha, a Calábria e o reino de Nápcles foram os primeiros palcos do seu zêlo; em seguida percorreu a Lombardia, o estado de Veneza, a Baviera, a Áustria, a Caríntia, a Morávia, a Boêmia, a Polônia e a Hungria. (1)

No ano de 1451, a conselho de Enéias Synvius, o Papa Martinho VII enviou São João de Capistrano à Alemanha e à Boêmia, na qualidade de Núncio Apóstólico e Inquisidor-Geral da heresia na Síria, na Caríntia, na Áustria e países adjacentes. Foi rece-

(1) Godescard, 23 oct.

bido, por tôda parte, não apenas como legado, mas como enviado do céu. O clero ia em procissão ao seu encontro, levando o estandarte e relíquias de santos. Atravessou a Alemanha inteira, onde todos acorriam para ouvir suas prédicas; fazia-as em latim, mas um intérprete traduzia-as no alemão. As pessoas convertiam-se sòmente ao som de sua voz, e à vista de seus gestos, tão significativos eram. Aliás, sua pregação era apoiada pelos mais esplendrosos milagres. Segundo relata o historiador Dlugos, êle restituía a vida aos mortos, a vista aos cegos, a palavra aos mudos; fazia andar os aleijados e curava os paralíticos. (2)

Como a conversão dos boêmios fôsse seu principal objetivo, foi de Viena à Morávia, onde teve quase o mesmo acolhimento dos lugares precedentes. Permaneceu cêrca de dois meses em Olmutz, capital daquela província, onde realizou grandes progressos. A afluência aos seus sermões era tão grande que foi obrigado a pregar nas praças públicas. Tinha dois intérpretes, um boêmio e outro alemão. Seus sermões tendiam principalmente a persuadir que a comunhão das duas espécies não era necessária, e que Jesus Cristo não a ordenara. Aí está como êle próprio explica o assunto numa carta endereçada à Universidade de Viena: "Assim que entrei na Morávia, segundo me cumpria fazer, empenhei tôdas as fôrças na luta contra as danosas heresias dos boêmios. Nem as ameaças, nem o temor me desviaram da pregação. Falei abertamente em público e refutei com tôdas as minhas fôrças a opinião dos que afirmavam necessária a comunhão sob as duas espécies. Tão felizes resul-

(2) Dlugos, I. XIII.

tados obtive, que não apenas barões e gentis-homens, mas também sacerdotes, mais de quatro mil, abjuraram os erros dos hussitas; sem falar na conversão de alguns súditos dos barões. (3) Outro historiador morávio menciona, entre os prosélitos de São João de Capistrano, um fidalgo de grande prestígio, chamado Wenceslau de Boscowicz, que abjurou João Huss, no que foi acompanhado por dois mil de seus súditos. (4)

Essa espécie de revolução na Morávia não dava pouca preocupação a Roquesane. Temia, não sem fundamento, que São Capistrano obtivesse os mesmos êxitos na Boêmia, que a comunhão do cálice fôsse abolida, e que pudesse perder o arcebispado de Praga. Influenciado pelos maiores do seu partido, propôs ao santo missionário uma conferência; êste aceitou-a e apresentou-se ao lugar combinado. Roquesane, porém, não compareceu; segundo parece, entrara em entendimentos com Pcdiebrad, que a ela se opunha. São João de Capistrano substituiu a conferência por um trabalho escrito. (5)

O Papa Calisto III deu, ou melhor, prorrogou a missão já dada a São João de Capistrano de pregar a cruzada contra os turcos. Depois da queda de Constantinopla, Maomé II esperava que a conquista do Império do Ocidente pouco lhe custaria, e já se considerava senhor de tôda a cristandade. Dêsse modo, certo de que não demoraria a hastear o crescente turco nas cidades de Viena e de Roma, avançou pela Hungria com um exército de cento e cinqüenta

(3) Czechor. Mars. Morav.

(4) Dubrav., 1 XXIX.

(5) Cochlaeus, l. X.

mil homens, e sitiou a cidade de Belgrado, no dia 3 de junho de 1456. O jovem rei Ladislau fugiu para Viena; mas o corajoso João Corvino, geralmente chamado Huniades, alto dignitário da Transilvânia e regente da Hungria, que várias vezes derrotara os turcos sob Amarith, prontamente reuniu tôdas as suas fôrças: era muito pouca coisa diante do exército de Maomé. Ao mesmo tempo, mandou pedir a João de Capistrano que apressasse a marcha dos cruzados que se tinham comprometido a empunhar armas. Entrementes, os turcos encheram o Danúbio de navios de tipo especial, adaptado ao rio, nos quais embarcaram as velhas tropas habituais a vencer. Huniades, à frente de uma frota composta de navios mais leves, e, conseqüentemente em condições de melhor serem manobrados, atacou os infiéis e derrotou-os, entrando depois em Belgrado, pequena cidade, mas muito bem defendida, situada na confluência do Danúbio e do Save. São João de Capistrano, que o acompanhara, animava os soldados no meio da refrega, empunhando uma cruz que recebera do Papa. Os turcos tornaram a atacar, dispostos a ocupar a cidade. Embora repelidos com grandes perdas, não recuavam, e passavam sôbre os cadáveres de seus compatriotas, estendidos aqui e ali. Tamanha persistência levava a vitória a novamente se inclinar sôbre seus estandartes, e já os cristãos se preparavam para fugir. Era o dia 22 de julho. Quando tudo parecia perdido, o monge lança-se às primeiras fileiras com a cruz na mão. Exorta os soldados a vencer ou a morrer, repetindo estas palavras: "Vitória! Jesus, vitória!" Estimulados, os cristãos precipitam-se sôbre os infiéis, impelem-nos contra os muros da cidade, e reduzem-nos a franga-

lhos. Debalde Maomé tenta reunir as tropas; elas fogem para todos os lados, insensíveis às promessas e às ameaças. Tendo sido gravemente ferido e como corresse o risco de ser aprisionado, o rei infiel é levado para uma aldeia. A retirada processa-se numa grande confusão, e quarenta bandeiras, dezesseis peças de artilharia, tôdas as munições, e uma parte da bagagem caem em poder do vencedor. Os historiadores atribuem essa vitória tanto ao zêlo e à atividade de João de Capistrano, como ao valor de Huniades. De resto, eram dignos um do outro.

O príncipe caiu doente em consequência das fadigas da penosa campanha e morreu em Zenfim, no dia 10 de setembro do mesmo ano de 1456. Fêz questão de receber o santo viático na igreja, dizendo que não merecia que o Rei dos reis fôsse à sua casa. Seu amigo, João de Capistrano, que o assistira durante a doença, pronunciou seu elogio fúnebre. O Papa Calisto III mostrou-se estranhamente consternado com a morte do herói, que foi chorado por todos os cristãos. O próprio Maomé lamentou-o, dizendo que não restava no mundo outro príncipe digno de com êle lutar. A Europa, salva pelo braço do príncipe, deve-lhe eterna gratidão.

São João de Capistrano sobreviveu pouco tempo a Huniades. Foi atacado por uma série de doenças que acabaram por vitimá-lo no Convento de Willeck, perto de Sirmick. O rei e a rainha da Hungria, assim como grande número de príncipes e princesas vieram visitá-lo durante sua derradeira moléstia. Sua paciência e resignação a todos edificavam. A humildade fazia-o confessar publicamente os pecados. Recebeu o viático e a extrema-unção com grande fervor. Repetia, sem cessar, que Deus não o tra-

tava como merecia. Expirou tranqüilamente no dia 23 de outubro de 1456, aos setenta e um anos de idade. Como os turces se haviam apossado de Wil-leck, transportaram seu corpo para outra cidade. Mais tarde os luteranos pilharam o cofre das suas relíquias e atiraram-nas ao Danúbio. Mas foram retiradas e até hoje são conservadas. O Papa Leão X aprovou um ofício em honra do servo de Deus enviado pela cidade de Capistrano e pela diocese de Sulmone. Alexandre VIII beatificou-o em 1694, e Bento XII publicou a bula da sua canonização no ano de 1721. (6)

* * *

(6) Raynald, p. 1456, Godescard, 23 oct.

BEM-AVENTURADO JOÃO, O BOM (*)

Ermitão de Santo Agostinho

João era natural de Mântua, onde nasceu em 1168. Quando o pai faleceu, deixou a cidade natal e a mãe, e, por longos anos, andou por toda a parte, a freqüentar as casas dos ricos, as côrtes e os palácios, ganhando a subsistência como bufão.

A mãe, triste com a má sorte que teria aquela alma, não cessava de orar, rogando a Deus que a encaminhasse. O que mais desejava, era a conversão do filho que se fôra. Sempre e sempre a suplicar, um dia, levou-a Nosso Senhor. Então, na mesma hora, João adoeceu gravemente, e, numa visão, viu ao seu lado a mãe morta.

Arrependido da vida errante, vazia e pecaminosa que levava até ali, correu confessar as faltas todas, muito contritamente, ao bispo da cidade em que nascera. O prelado, que o ouviu atenciosamente, acabou, depois de aconselhá-lo, a impor-lhe, como expiação, a vida eremítica.

João retirou-se a uma ermida que ficava perto de Casena, a de Santa Maria de Budriolo. Era em 1208, e o ermitão se entregou às mais espantosas austeridades. Numa celazinha, viveu por muitos anos, tendo por móvel uma única cama, que era uma

tábua estreita sôbre o chão de terra batida. Nela, dormia mesmo no mais rígrado inverno, sem se cobrir. Na parede, um crucifixo e uma imagem de Maria. Diz-se que diante do Crucifixo e da Mãe rezava tão seguidamente que, com os joelhos, deixara côncavo o lugar em que se prosternava.

Invariavelmente, todos os dias, recitava atenciosamente duzentos *Pater*. Comer, comia uma única vez por dia, muito parcamente. Pela quaresma, impôs-se: Primeiro dia — um pedaço de pão do tamanho duma hóstia. Segundo dia — quatro talos de salsa fritos em óleo. Terceiro dia — sete favas cozidas. Quarto dia — repetição do primeiro dia, e assim por diante.

João, apesar das austeridades, jamais se alimentando do que quer que fôsse mais substancial, nunca adoeceu. Iltrado, êle, que fôra falante, tornou-se de pouco falar. Sômente conhecendo de cor o *Pater*, o *Credo*, o *Miserere* e alguns salmos, isso foi o suficiente para que, por tôda a vida, se suprisse, em matéria de oração, satisfatôriamente.

Algumas pessoas, atraídas pela santidade do bem-aventurado, juntaram-se a êle. Desconhecem-se as diretrizes que deu aos discípulos. Quando o número dêles aumentou, então teve necessidade de escolher uma Regra — e a eleita foi a de Santo Agostinho.

Tendo predito que morreria na cidade natal, o falecimento em Mântua de fato se deu, em 1249. João, o Bom, contava oitenta e um anos, e foi enterado na igreja de Santa Inês, onde muitos milagres foram operados por sua intercessão.

Falecido no século XIII, descobriram-lhe o corpo intato no século XV — 1249-1470. Sixto IV, então, autorizou-lhe o culto no mundo inteiro.

No mesmo dia, na diocese de Amiens. São Graciano, mártir.

Em Toul, Santo Amon, bispo (século IV-V).

Na Turena, São Graciano, bispo e mártir. Bispo da Bretanha, ignora-se a época em que viveu. Depois duma peregrinação a Roma, foi massacrado por infiéis que devastaram a Aquitânia.

Em Toulon, um terceiro São Graciano, bispo e mártir, vítima dos arianos, o que é improvável (473?).

Em Pavia, São Boécio, mártir, em 524. Grande pensador, tratou com as quatro grandes matérias da Idade Média: a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Traduziu e comentou a *Introdução* do neo-platônico Porfírio, que trata da lógica. Igualmente, traduziu e comentou uma parte da obra de Aristóteles. Comentou os *Tópicos* de Cícero. São Boécio teve parte no *complot* senatorial contra o imperador Justino. Durante o encarceramento, escreveu a obra prima: *A Consolação da Filosofia*, que nada mais é do que um testamento filosófico.

São Cleder, monge (século VI?).

Em Amay, na diocese de Liège, Santa Oda, viúva.

Santa Sira, abadessa, no século VIII.

Em Viena, Santo Edisto, bispo (metade do século VII).

Em Moissac, São Leotado, bispo.

Demais, os santos Luglo e Lugliano, mártires, em 700, ou Júlio e Juliano.

Santo Herifredo, bispo, falecido em 909.

No Hampshire, Santa Elfreda, virgem (século X). Filha do conde Etelwoldo.

No Somerset, Santa Elfreda, viúva, muito amiga de São Dunstan. Malmesbury dá-lhe o título de rainha.

Na abadia da Grande Selva, na diocese de Tolosa, o bem-aventurado Bertrand, abade, desaparecido em 1149.

Em Vicenza, o bem-aventurado Bartolomeu de Bragança, dominicano, bispo, falecido em 1501.

Em York, na Inglaterra, o bem-aventurado Tomás Thwing, mártir, em 1680.

No território de Ossuna, perto de Cádiz, na Espanha, os santos Servando e Germano, que durante a perseguição de Diocleciano, sob Viator, um de seus oficiais, depois de terem suportado açites, prisão, fome, sede e as fadigas de uma longa viagem que foram obrigados a fazer carregados de cadeias, finalmente tiveram a cabeça cortada, assim consumando o martírio. Germano foi enterrado em Merida e Servando em Sevilha. — Em Antioquia, Síria, São Teodoro, sacerdote que, tendo sido prêsso durante a perseguição do ímpio Juliano, depois do cavalete e de várias outras atrozes torturas, teve as espáduas queimadas com tochas; e, perseverando em confessar o nome de Jesus Cristo, coroou o martírio com a glória. — Em Granada, na Espanha, o bem-aventurado Pedro Pascal, bispo de Jaën, e mártir, da Ordem de Nossa Senhora das Mercês pela redenção dos cativos, que foi martirizado no dia 6 de dezem-

bro. — Em Constantinopla, Santo Inácio, bispo, que, tendo repreendido o César Bardas por ter repudiado sua espôsa, sofreu da parte dêsse príncipe tôda espécie de maus tratos, e foi deportado; porém, tendo sido restaurado pelos cuidados do Papa Nicolau I, termincu os dias em paz. — Em Bordéus, São Severino, bispo de Colônia, e confessor. — Em Ruão, São Romão, bispo. — Em Salerno, São Vero, bispo. — Na diocese de Amiens, São Domício, sacerdote. — Em Poitou, São Bento, confessor.

* * *

24.º DIA DE OUTUBRO

SANTO ARETAS

*Sua espôsa Rehoumy, seus filhos, numerosos árabes
cristãos e mártires*

No início do sexto século, havia grande número de cristãos entre os árabes do Iemen, conhecidos pelos orientais pelo nome de Hamiar e denominados homeritas pelos gregos. Mas o judaísmo recuperava terreno e o rei dos homeritas, chamado Dimião, era judeu. Sob o pretexto de vingar a religião judaica, proscrita durante o reinado precedente, mandou trucidar uma caravana de mercadores romanos que, como costumavam fazer, atravessavam seus estados a caminho da Etiópia. Esse procedimento bárbaro fêz cessar o tráfico. O rei da Etiópia irritou-se. Chamava-se Elisbaan, alcunha etíope que significa o *abençoado*. Segundo assevera João, bispo da Ásia, era pagão. Instigado pelo Imperador Justino, pôs-se à frente de um exército, atravessou o Mar Vermelho, foi à cata de Dimião, matou-o numa batalha, pilhou o país, e colocou no trôno um novo rei, que era cristão. Prometera a Deus, antes da batalha, que também se tornaria cristão, caso vencesse. Fiel à sua promessa, enviou a Justino, como emissários,

dois dos mais importantes fidalgos da Etiópia incumbidos de pedir que lhe mandasse um bispo e alguns clérigos. Esse fato prova que a hierarquia não se conservara sem interrupção depois de Santo Frumentius. Justino, disse informado pelas cartas de Licínio, prefeito do Egito, permitiu que os emissários escolhessem o bispo do seu agrado. Dirigiram-se ao Patriarca ortodoxo da Alexandria que, de acôrdo com as doudas informações de Assemani (1), se chamava Astério, e que designou João, depois de tê-lo sagrado bispo de Axum, capital da Etiópia. Elisbaan recebeu o batismo das mãos desse pontífice, juntamente com os maiores do império; também mandou doutrinar seus súditos e construir um grande número de igrejas. Pouco tempo depois o cristianismo reflorescia em todo reino.

Mas a vida do novo rei dos homeritas foi de curta duração e, com isso, os judeus se beneficiaram. Aproveitando o inverno de 523 a 524, que impediu os etíopes de cruzar o mar para colocar no trono outro chefe cristão, escolheram um rei da sua própria seita, chamado Dunaan, assenhorearam-se da nação inteira, trucidaram grande quantidade de cristãos, e transformaram as igrejas em sinagogas. Dunaan mandou degolar duzentos e oitenta sacerdotes e assassinar todos os etíopes que tinham permanecido no país.

Existia, ao norte do Iemen, uma grande e poderosa cidade chamada Nagra ou Nadiran, habitada por cristãos. Aretas, príncipe dessa cidade, pagava tributo ao rei dos homeritas. Dunaan, seguido por cento e vinte mil homens, dispôs-se a sitiar Nagra.

(1) Assemani, *Biblioth. orient.* t. I, p. 382.

Tendo-a atacado durante vários dias, sem obter resultados satisfatórios, jurou aos habitantes que não lhes faria o menor mal, caso lhe abrissem as portas da cidade. Porém, mal as transpôs, tratou de apoderar-se de tôdas as riquezas, incendiou a igreja, juntamente com os sacerdotes e o povo que se tinham refugiado no seu interior, desenterrou os ossos do santo sacerdote Paulo, morto havia dois anos, e atirou-os a uma fogueira, a fim de subtraí-los à piedade dos fiéis. Os habitantes que se recusaram a renunciar à fé católica foram condenados à morte, assim como suas mulheres e seus filhos. Como Dunaan mandasse atirá-los dentro de covas incendiadas, os árabes puseram-lhe a alcunha de senhor das covas. O príncipe Aretas, que então contava noventa e cinco anos, sua espôsa Rehoumy, suas filhas, e trezentos e quarenta dos mais prestigiosos cidadãos, sofreram o martírio com heróica perseverança.

É o próprio Dunaan, príncipe perseguidor, que relata os acontecimentos numa carta endereçada a um chefe árabe, na qual o convida a tratar de igual forma os cristãos do seu reino. Como representa um testemunho altamente glorioso para os mártires árabes, a transcreveremos por inteiro, tanto mais por terem sido êsses ilustres mártires completamente esquecidos por Godescard. Eis a carta do rei dos judeus ao príncipe Almondar:

“Ficai ciente, meu irmão rei, Mondar, de que o rei proposto pelos etíopes à nossa nação cessou de viver. E como, por causa da proximidade do inverno, os etíopes não podiam vir à nossa terra constituir um rei cristão, segundo a tradição, ocupei, eu, o reino dos hemeritas.

“Para começar aprisionei todos os cristãos que acreditavam em Cristo, ameaçando-os de morte, caso não se tornassem judeus como nós. Mandeí matar todos os cristãos que encontrei, especialmente duzentos e oitenta sacerdotes. Também exterminei os etíopes que guardavam a igreja e transformei-a em sinagoga.

“Depois acampeí diante de Nagra, a cidade real, com cento e vinte mil homens. Tendo-a sitiado sem resultado durante alguns dias, prometi aos habitantes, sob juramento, que lhes pouparia a vida, caso se entregassem; mas não pretendia cumprir a palavra dada em relação aos cristãos, meus inimigos. A praça rendeu-se e ordeneí que me entregassem o ouro, a prata, e as demais riquezas, e delas me apossei. Em seguida, exigi que me entregassem o bispo Paulo. Asseguraram-me que morrera, e não lhes dei crédito até que me mostrassem o seu túmulo; tirei os ossos e queimei-os. Quanto à igreja, tentei obrigar os sacerdotes e o povo que lá se refugiara a abjurarem o Cristo e a cruz. Recusaram-se, confessando que Cristo é Deus e filho do Deus bendito, e afirmando que a morte, sofrida por causa d’ele, era preferível à vida. O príncipe, sobretudo, falou muito e não recebeu insultar-me. Mandeí, pois, conduzir todos êles ao suplicio.

“Contudo, exortávamos as mulheres a considerar o infortunado destino de seus maridos e a arrependem-se, caso quisessem salvar-se e aos seus filhos. Mostraram-se pouco sensíveis às nossas exortações, lamentando-se, ao contrário, por terem sido antecipadas pelas virgens já condenadas à morte por nós, e lançaram-se no meio delas, consternadas por terem sido separadas de seus maridos.

“Supliciadas tôdas elas, achamos que devíamos mandar a espôsa do citado rei, Ruma, para Roma, a fim de ver se, compadecendo-se de suas filhas, repudiaria a religião cristã para abraçar a judaica e assim reentrar na posse de suas filhas, suas riquezas, e sua posição. Porém, nem bem saiu de nossa presença, ela tirou o véu da cabeça, e com o rosto descoberto, avançou pelo meio do povo, grandemente surpreso; pois ninguém jamais lhe vira públicamente o rosto, depois que se fizera mulher. Pôs-se a correr pelas ruas e pelas praças da cidade e a gritar:

“Mulheres de Nagra, vós, minhas companheiras, cristãs, judias e pagãs, escutai-me. Sabeis que sou cristã, conheceis minha família e meus antepassados. Sabeis que tenho à minha disposição imensas quantidades de ouro e de prata, um patrimônio considerável e bandos de escravos; e, agora que meu marido morreu por Cristo, se eu quisesse contrair novas núpcias, não me faltaria, além das riquezas a mim legadas, um dote de quarenta mil moedas de ouro, e mais uma quantidade quase infinita de jóias, de pérolas e de vestes opulentas. Sabeis que não se trata de vã jactância; também não ignorais que o dia mais desejável para uma mulher é o de suas núpcias, mas que depois vêm os sofrimentos, as dores do parto, a morte dos filhos e aflições sem conta. Resolvi, pois, acabar com tudo isso. No meu primeiro casamento, tive dias muito felizes; e, agora, com a mesma alegria, dou em casamento e consagro minhas cinco filhas a Jesus Cristo.

“Volvei para mim os olhares, queridas amigas; considerai vossa companheira que caminha pelas ruas, pela segunda vez. Na pompa das minhas primeiras bodas, vistes-me entrar na casa de meu primeiro

espôso; também hoje tenho pressa de chegar a Cristo-Deus, meu Senhor e meu espôso, assim como de minhas filhas, tal como o próprio Cristo, por nosso amor, desceu até nós e sofreu pela nossa redenção. Caminhai, pois, nas minhas pegadas, e não vos deixeis extraviar por causa de uma beleza perecível. Não sou menos bela do que vós; mas levarei minha beleza para o Cristo, intacta, e intocada pela perfídia judaica, a fim de que a formosura do meu rosto prove ao meu Senhor que não foi capaz de arrastar-me ao crime da infidelidade; de outro lado, o ouro, a prata e as imensas riquezas lhe farão ver que nada me é mais caro do que êle. Pois o rei inimigo me prometeu a vida e a segurança, se eu abjurasse a Cristo. Que Deus me livre! queridas companheiras: sim, que Deus me livre de abandonar agora a Cristo-Deus, em que acreditei. Quando fui batizada, assim como minhas filhas, em nome da Trindade, resolvemos juntas adorar a Cristo e sofrer a morte por êle, pois o próprio Cristo sofreu por nós os tormentos e a morte na carne. É por isso que renuncio espontaneamente a essas coisas transitórias, embora no momento atraíam os olhos e lisonjeiem a vaidade, mas que perecerão, para receber do Senhor riquezas duradouras e eternas. Oh! sereis bem-aventuradas, queridas companheiras, se escutardes minhas palavras e vos tornardes dóceis à verdade, e se amardes a Cristo-Deus, pelo qual eu e minhas filhas vamos morrer.

“E, agora, peço paz e dias tranquilos para o povo de Deus. Possa o sangue dos irmãos e irmãs condenados à morte por Cristo transformar-se em muros que envolvam a cidade, conservando-a sempre unida ao meu Senhor Jesus Cristo! Deixo, confiante,

esta cidade onde, minhas filhas e eu permanecemos como numa hospedaria temporária, pensando na cidade eterna onde encontraremos o Espôso ao qual as consagrei. Rezai por mim, queridas companheiras, a fim de que meu Senhor Jesus Cristo me receba e me perdoe por ter sobrevivido três dias a meu marido.

"Impressionados com os gritos que se propagavam pela cidade, indagamos dos mensageiros que para lá enviamos a causa daquelas lamentações insólitas. Responderam-nos que era Ruma que, com seus brados, agitava a população. Com efeito, a negligência das sentinelas deu ensejo a que aquela mulher ousasse tanto. Pretendíamos castigá-los com a morte, mas os pedidos de certas pessoas abrandou a nossa severidade.

"Eis, porém, que a princesa retorna da cidade, tal uma bacante, de rosto descoberto, trazendo consigo suas filhas elegantemente adornadas, como para uma festa de núpcias, e apresenta-se diante de nós, cabeça erguida; imediatamente solta os cabelos e levantando-os com a mão, estende o pescoço nu, gritando: "Somos cristãs, morreremos por Cristo; cortai-nos a cabeça e enviai-nos o mais depressa possível para junto de nossos irmãos, e do pai de minhas filhas. Malgrado o arrebatamento daquela mulher, ainda tentei convencê-la a renunciar ao Cristo, ou pelo menos, a não mais afirmar que fôsse Deus. Mas não consegui persuadi-la; ao contrário, a segunda das moças insultava-nos quando lhes apresentávamos essas sugestões. Convencido, pois, de que nem pela violência, nem por qualquer outro meio, levaria aquela mulher a renegar o Cristo, ordenei, para dar uma lição aos outros cristãos, que fôssem estendidas

no chão; e na mesma hora mandei degolar as filhas, colocadas de tal sorte que, à medida que seus pescoços eram decepados o sangue esguichava na bôca da própria mãe das moças; em seguida, esta última foi submetida ao mesmo suplício. Juro pelo deus Adônís que fiquei imensamente pesaroso, considerando quanto era bela, assim como suas filhas.

“Porém, como parecia a nossos sacerdotes injusto castigar as crianças inocentes juntamente com os pais culpados, pois as nossas leis proíbem assim proceder, ordenei por lei que os impúberes sejam educados pelos nossos soldados, a fim de que, ao atingirem a puberdade, abracem a religião judaica, ou então, caso preferiram a religião cristã, pereçam.

“Achei que devia relatar-vcs êsses fatos para convencer-vos a não deixar nenhum cristão no vosso reino, a menos que troquem sua religião pela vossa. Quanto aos judeus, meus irmãos, continuai a favorecê-los com a vossa habitual benevolência, meu irmão; ser-vos-ão dadas tôdas as ações de graças que demonstrais desejar por vossas cartas.” (2)

Essa carta do rei dos judeus foi entregue ao príncipe Almondar na presença do embaixador Justino, e do sacerdote Abraão, que acabava de chegar ao campo do príncipe árabe para levá-lo a assinar um tratado de paz com os sarracenos, tributários do império. Corria o ano de 524. O embaixador estava acompanhado por Simeão, bispo de Bath-Arsam, na Pérsia, que convertera vários magos e cujo zêlo o levava a escrever contra o nestorianismo. À medida que se aproximavam do campo de Almondar, os árabes pagãos lhes diziam: “Que mais vos resta a

(2) Assemani. *Biblioth. orient.*, t. I, p. 365 e seqq.

fazer depois de ter sido o vosso Cristo expulso da nação dos romanos, dos persas e dos homeritas?" Tais exprobrações os atingiam ao vivo, tanto mais que o enviado do rei judeu já chegara com a carta.

Almondar ou Mondar, sucessor do príncipe sarraceno a que nos referimos, e que deu tão inteligente resposta aos emissários do herético Severo, não tinha, como seu predecessor, abraçado a religião cristã. Eis porque o judeu Dunaan lhe relatou o morticínio sofrido pelos cristãos, convidando-o a seguir-lhe o exemplo. Mondar sentia-se inclinado a fazê-lo. Depois de reunir seu exército, mandou ler ao povo a carta do judeu, cujo embaixador confirmou verbalmente a narrativa, acrescentando-lhe vários pormenores relativos ao morticínio e à fuga dos cristãos. Voltando-se, depois, para os cristãos, muito numerosos sob as suas bandeiras, disse-lhes: "Ouvistes o que foi decretado contra os homens da vossa seita. Por que não abjurais imediatamente a Cristo? pois não sou melhor do que os reis que acharam conveniente expulsar os cristãos." Então um militar, cristão zeloso, que fazia parte de suas tropas, intrépida e imediatamente lhe respondeu: "Não foi no vosso reinado, ó rei, que nos tornamos cristãos, e por que devemos agora abjurar a Cristo?" "Como te atreves a falar assim na minha frente?" observou Almondar, tomado de cólera. "Quando se trata de defender a minha fé, replicou o guerreiro, estou habituado a não temer pessoa alguma, e não será hoje que o temor dos homens me fará calar. Pois minha espada não é mais curta do que a dos outros, e estou disposto a tudo." Almondar permaneceu em silêncio, pois temia a família daquele homem, que pertencia à alta nobreza,

muito ilustre entre os grandes do reino, e que se destacava pela bravura.

É o que depreendemos de um relatório que o bispo Simeão, que então se encontrava no campo de Almondar, enviou a outro Simeão, abade de Gabula, sobre o martírio dos cristãos homeritas. Acrescenta:

"Tendo partido do campo, chegamos no primeiro sábado de jejum às terras de Naaman, onde encontramos um embaixador do falecido rei dos homeritas. Quando soube do morticínio levado a efeito pelo tirano dos judeus, imediatamente enviou um naamanita à cidade de Nagra, a fim de informar-se, com o maior cuidado possível, sobre tudo quanto lá se passara. Alguns dias depois, o mensageiro contou ao embaixador, na nossa frente, tudo quanto já relatamos. Acrescentou que naquela ocasião trezentas e quarenta pessoas de categoria tinham sido condenadas à morte; e que o tirano judeu insultara o príncipe Aretas, filho de Caleb, e marido de Ruma, com as seguintes palavras: "Vês o resultado da confiança que depositas no teu Cristo, e que te levou a guerrear-me? Finalmente reconhece teu êrro, miserável, e abjurando a Cristo, aprende a pensar na velhice, a não ser que queiras sofrer o mesmo castigo que os teus companheiros." Aretas respondeu: "É dêles que me queixo com razão, porque não ouviram os salutares conselhos que lhes dei; pois lhes disse que não deveriam dar a menor fé às tuas palavras, e, sim, permanecerem na cidade, decidindo o assunto pelas armas e não com palavras; pois Cristo faria a guerra terminar de maneira favorável a nós; e nunca a cidade teria sido invadida, sobretudo existindo tão grande abundância de víveres como havia. Porém, seduzidos pelos teus artifi-

cios, êles resolveram de maneira diferente. É por isso que te considero indigno do nome de rei; chamar-te-ei, de preferência impostor. Pois os reis, e conheci muitos, cumprem as convenções e têm horror à mentira e à fraude. Mas, e é isso que importa, não retiro a fé que dei a Cristo, meu Deus, e jamais me tornarei apóstata judeu como tu. Sei bem que depende de mim viver e escapar à morte. Mas já vivi bastante, deixo uma porção de filhos, de netos, e outros parentes; pela graça de Cristo, tenho boa reputação tanto na paz como na guerra. Quanto ao futuro, alimento a esperança, não incerta, mas firme, de que assim como a vinha despojada de galhos supérfluos dá frutos mais abundantes, assim o nosso povo cristão se tornará ainda mais numeroso nesta cidade; e de que a igreja por vós incendiada não tardará em ser reconstruída com maior magnificência; e que, recuperando as fôrças, a religião cristã reinará, comandará reis, enquanto a seita dos judeus será envolta em trevas, teu reino destruído, e teu poder aniquilado. Abandona, pois, a tua jactância, e não imagines ter realizado algo grandioso, pois quando supuseres ter chegado ao cume da tua glória, súbitamente desaparecerás."

Foi assim que falou o grande e venerável ancião Aretas; tinha noventa e cinco anos de idade. Voltando-se depois para os cristãos que o cercavam, perguntou-lhes: "Meus irmãos, ouvistes o que eu disse a êste judeu?" "Sim, pai!" "É verdade ou não o que eu disse?" "É verdade." "Se alguém, vencido pelo mêdo, pensa em renegar a fé dada a Cristo, que se retire o mais depressa possível." Todos exclamaram: "Livrai-nos Deus do mêdo, ó pai, estamos determinados a morrer convosco pelo

Cristo, e a nunca nos separarmos de vós." Então, voltando-se para a multidão circundante dos cristãos, judeus e pagãos, disse-lhes Aretas: "Ouvi, vós todos aqui presentes, se alguém da minha família, ou dos meus parentes, se desligar de Cristo para unir-se a êste judeu, não o reconheço como parente, renego-o como herdeiro, e quero que meus bens sejam empregados na construção da igreja. Mas se algum dos meus perseverar na fé de Cristo, e me sobreviver, quero que herde os meus bens, e constituo-o meu herdeiro... Quanto à igreja, poderá escolher um dos meus três campos patrimoniais para com êle cobrir as despesas da construção."

Em seguida dirigiu a palavra ao rei: "Tu, e vós todos que renunciastes ao Cristo, não vos reconheço, abjuro-vos, renego-vos. Eis-nos entregues ao teu poder." Inflamados pelas palavras de Aretas, os cristãos disseram: "Eis que Abraão, o príncipe dos patriarcas, vos espera, e a nós convosco, pronto a acclher-nos. Quem vos deixar e renegar ao Cristo, também será renegado por nós."

No auge da irritação, o tirano a todos condenou à morte, e ordenou que fôsem conduzidos ao lugar do suplício, à beira de uma torrente, e que os degolassem, lançando-lhes os cadáveres às águas. Entremettes, erguendo as mãos ao céu, Aretas assim orava: "Jesus Cristo, meu Deus, assisti-nos, fortalecei-nos e recebei nossas almas; possa o sangue dos vossos servos por vós derramado, vos ser agradável e tornar-nos dignos de ver-vos! Confessai-nos perante vosso Pai, como prometestes; fazei com que esta igreja seja edificada, e que ao vosso servo, cujos ossos as chamas consumiram, suceda outro bispo.

Depois de haverem os cristãos trocado o beijo da paz, e de ter o ancião Aretas os abençoado com o sinal da cruz, êste espontâneamente estendeu a cabeça ao executor para receber o golpe fatal. Seus companheiros acorriam ao suplicio com tanto alvoroço que se atropelavam, e foram regados pelo sangue de Aretas que ainda jorrava. Assim foram todos coroados pelo martírio.

Havia um menino de três ou quatro anos, cuja mãe, a caminho do suplicio, o levava pela mão. Ao avistar o rei sentado no trono e vestido com real magnificência, o menino soltou-se, correu para junto do monarca e beijou-lhe os joelhos. Encantado com aquela simplicidade, o rei beijou-o e depois lhe perguntou: "Que preferes, meu amiguinho, morrer com tua mãe, ou viver comigo?" "Por nosso Senhor, respondeu a criança, prefiro morrer com minha mãe; é por isso que a acompanho; pois ela me disse: "Vem, meu filho, vamos morrer por Jesus Cristo. Larga-me, por favor, pois quero ir para junto de minha mãe e vê-la morrer; ela me contou que o rei dos judeus ordenou que matassem todos que não quisessem renegar o Cristo; ora, eu não quero renegar o Cristo." "Mas de onde conheces o Cristo?" "Vou todos os dias à igreja com minha mãe e o vejo." Acrescentou o rei: "Quem amas mais, a mim ou tua mãe?" "Por Nosso Senhor, amo minha mãe", respondeu o menino. O rei continuou: "Quem amas mais, a mim ou o Cristo?" "Amo mais Cristo do que a ti", replicou o menino. "Por que então correste para junto de mim e me beijaste os joelhos?" "Ah! eu pensei que fôsses o rei cristão que eu costumava ver na igreja, e ainda não sabia que eras o rei judeu." O rei insistiu: "Dar-te-ei nozes, amêndoas e figos." "Nunca, nunca,

por Cristo! não comerei nozes dadas pelos judeus. Larga-me, por favor, quero ir para junto de minha mãe." O rei tornou a falar: "Fica comigo e serás meu filho." "Não por Cristo, não ficarei, pois fedes e não cheiras como minha mãe."

O rei dirigiu-se aos assistentes: "Vistes esta raça maléfica, cujos próprios infantes Cristo seduziu para perdê-los?" Entrementes, um dos fidalgos disse ao menino: "Vem comigo, eu te levarei à rainha para que sejas seu filho." Respondeu a criança: "Ó bôca digna de ser esbofeteada! para que me falas da rainha? prefiro minha mãe que me leva à igreja". Enfim, quando percebeu que o retinham contra a vontade, pôs-se a morder a coxa do rei, gritando: "Judeu malvado, larga-me! quero ir para junto de minha mãe e morrer com ela!" O rei acabou por entregá-lo a um dos fidalgos, ordenando-lhe que o educasse cuidadosamente até que, adulto êle abjurasse a Cristo para escapar ao suplício; ou que fôsse condenado à morte, caso perseverasse na fé de Cristo. Levado por um servo, o menino pôs-se a debater-se furiosamente, clamando: "Socorrei-me, ó minha mãe! tomai-me e levai-me para a igreja". Disse-lhe sua mãe: "Vai, agora, meu filho, lembra-te de que fôste confiado a Jesus Cristo; não chores, espera-me junto a Jesus Cristo na igreja, em breve estarei lá." Depois de assim falar, estendeu o pescoço e foi decapitada.

Assim prossegue a narrativa do bispo Simeão: "Conhecidos êstes fatos, tanto por intermédio de cartas como pela voz do povo, todos os cristãos daquele país mergulharam na aflição. Achamos que era nosso dever narrá-los, a fim de que os santos e fiéis pontífices, cientes do que se passou no país dos homeritas, guardem a memória dos santos mártires. Enfim,

conjuramos vossa caridade para que façais chegar tudo isso ao conhecimento dos superiores dos mosteiros, e dos bispos, principalmente do bispo de Alexandria, o mais depressa possível, recomendando-lhe que exorte o rei da Etiópia a socorrer os homeritas. Cuidai, também, para que obriguem os pontífices dos judeus que moram no Tiberíades a escrever a êsse rei judeu, conjurando-o a cessar de guerrear os homeritas e a perseguí-los. (3)

Tendo sido o Imperador Justino informado do morticínio dos cristãos no país dos homeritas, apressou-se em escrever a Astério, Patriarca da Alexandria, pedindo-lhe que insistisse junto ao rei etíope para que os socorresse. Assim que a primavera chegou, Elisbaan colocou-se à frente de considerável exército. Malgrado os acidentes de uma travessia difícil, transpõe o mar, avança ao encontro de Dunaan, destroça os judeus, cêrca de trinta mil combatentes armados até os dentes, que se opunham ao desembarque. Dirige-se diretamente à capital, chamada Trafar, ou seja Zhafar para os árabes, aprisiona a rainha e, deixando uma guarnição na cidade, vai oferecer combate a Dunaan, desbarata seu exército numa batalha longamente disputada, e mata-o, assim como a todos seus parentes. Obtida a vitória, retorna a Trafar, onde condena à pena última todos os que se encontravam no palácio, e que tinham participado dos crimes do rei judeu. Mandou construir uma igreja, cujos alicerces êle mesmo assentou. Em seguida, comunicou os êxitos obtidos ao Patriarca da Alexandria, Astério, e êste se incumbiu de transmitir as felizes notícias ao Impe-

(3) Assemani, t. I, p. 372 e seqq.

rador Justino, e de enviar um bispo ao país dos homeritas, a fim de fortalecer o cristianismo que acabava de ser festivamente restabelecido. Esse pontífice, que foi São Gregentius, procedeu à consagração da igreja fundada pelo rei, batizou os homeritas das cidades e dos campos, ordenou sacerdotes e diáconos, e consolidou as igrejas já existentes no país.

Em seguida Elisbaan foi a Nagra ou Nagran, a cidade dos mártires, onde ergueu uma igreja, nela reunindo os ossos de todos que tinham morrido pela fé. Concedeu-lhe o direito de asilo e docu-lhe cinco domínios para prover à sua manutenção. A eles juntou uma parte dos bens do mártir Aretas, cujo filho foi investido com a soberania paterna. Regressou depois à capital, onde se ocupou com regular a vida dos homeritas. Deu-lhes como rei um homem da sua nação, que era cristão, e se chamava Esimifeu. Impôs-lhe um tributo anual e deixou para guardá-lo um corpo de dez mil cristãos da Etiópia. Muitos de seus súditos, seduzidos pela beleza da região, fixaram-se para sempre junto aos homeritas.

Elisbaan tornou a cruzar o mar e retornou a Axum com enormes despojos, que dividiu com o exército. Revoluções subseqüentes custaram a coroa a Esimifeu. As tropas que Elisbaan deixara depois da derrota do rei judeu insurgiram-se e proclamaram rei a Abraão, cristão de Adulis, principal pôrto marítimo. Esse homem, famoso pela sua piedade, e a quem os autores árabes chamam Abrahad, manteve-se no trono não obstante os esforços do rei da Etiópia, que foi obrigado a deixá-lo em paz. Muito tempo depois, o próprio Elisbaan, bastante avançado em anos, e fatigado pelas preocupações do governo, resolveu renunciar à coroa, e passar o resto de seus

dias num mosteiro. Enviou a Jerusalém a coroa enriquecida de pedrarias, como homenagem da sua piedade, e, para testemunhar a Deus sua gratidão pelas vitórias e pela glória a êle concedidas; depois, vestido com um cilício, deixou uma noite o palácio e a capital para recolher-se a um mosteiro de religiosos, situado numa alta montanha, no qual passou o fim da vida praticando a mais austera penitência. A Igreja cultua-lhe a memória no dia 27 de outubro. (4)

Abraão, o rei etíope, que se tornara senhor do país dos homeritas, não demonstrou menor zêlo pela religião cristã. Foi poderosamente auxiliado pelo bispo que o Patriarca da Alexandria lhe enviara. Êsse pontífice, incluído pela Igreja no número dos santos, chamava-se Gregentius; nascera em Milão. Deu aos habitantes do país leis que foram publicadas com o nome do novo rei. O original dêsse código, dividido em três seções, e redigido em grego, continua inédito até hoje, e encontra-se entre os manuscritos da biblioteca imperial de Viena. Existem ainda outras obras da laboriosa piedade de São Gregentius e do rei etíope dos homeritas; são os atos de uma conferência, ou discussão pública, que o bispo sustentou em Trafar contra o judeu Herbanus, doutor da lei, na presença do rei, do senado e do povo. Essa conferência, que durou quatro dias, foi seguida pela conversão de cinqüenta e cinco mil judeus; número que abrangia quase tôda a população do reino. Herbanus encontrava-se entre os convertidos. O rei, que fêz questão de ser seu padrinho, deu-lhe o nome de Leão, e escolheu-o para membro do seu

(4) Martirol. rom.

conselho, com uma dignidade equivalente ao de patrioio. Para acabar inteiramente com o judaísmo, aboliram entre os judeus o sistema das tribos e depois os misturaram aos outros cristãos; foram proibidos, sob pena de morte, dar como esposas às moças judias homens da mesma raça; ao contrário, ordenaram expressamente aos pais que as casassem com cristãos, do que resultou a fusão dos dois povos. (5)

Quanto ao menino que tão corajosamente resistira ao rei judeu dos homeritas, ou dos árabes do Iemen, eis como um escritor contemporâneo, o patriarca jacobita Dicnisio, nos relata o prosseguimento da sua história: "Tendo os etíopes matado o rei judeu, o menino escapou à morte que o ameaçava. O rei cristão que fôra colocado no trono ouviu falar a seu respeito e mandou trazê-lo para sua côrte e educá-lo até à adolescência. Então o abraçou como a um mártir de Cristo, e fê-lo príncipe dos patricios, insistindo para que fôsse iniciado nos seus mais secretos conselhos. O menino chamava-se Baisar. Enfim, o rei enviou-o como embaixador ao Imperador Justino, e durante muito tempo mantivemos relações com êle. Admirávamos sobretudo sua boa vontade, sua mansuetude, sua humildade e boa-fé, qualidades que lhe transpareciam no rosto; e também a sua contínua compunção e sua constante elevação espiritual a Deus; pois, de manhã à noite, visitava as igrejas da capital, rezava e distribuía como esmolas aos pobres tudo quanto o Imperador lhe dava. Jejuava todos os dias até à noite. Enfim, como todos admirassem a probidade daquele homem, sôbre o qual contavam uma porção de coisas, acabaram descobrindo que era

(5) Hist. do Baixo-Império, I. XL, édit. de Saint-Martin.

o mesmo menino que renegara o judeu, o insultara, e chegara a morder-lhe a coxa. Baisar muito se mortificava ao ver tais fatos divulgados." (6)

Fatos notáveis, embora pouco conhecidos. Muitas vezes imaginamos, e os livros dizem-no continuamente que, nos tempos anteriores a Maomé, o cristianismo ainda não se introduzira entre os árabes, sendo Maomé quem os tirara da idolatria. Vemos, ao contrário, um século antes da aparição de Maomé, o cristianismo dominar entre os árabes do Iemen ou Arábia Feliz, depois de ter dado uma multidão de heróicos mártires. Foram encontrados poemas e canções árabes, anteriores a Maomé, nos quais os poetas falam da cruz, da festa da Páscoa, da missa, da comunhão, do ofício pontifical, dos mosteiros de virgens, tal como os poetas do ocidente, durante a Idade Média. Observa-se, mesmo, em relação à mulher, a mesma veneração da cavalaria cristã, que Maomé substituiu pelo desprezo e pela servidão. (7) Os missionários deveriam lembrar os árabes de nossos dias que seus antepassados do Iemen, ou da Arábia Feliz, foram ilustres cristãos católicos, antes que Maomé aparecesse: poderiam, mesmo, citar o poeta árabe cristão Aktal. (8)

* * *

(6) Assemani, *Biblioth. orient.*, t. I, p. 380.

(7) *Novo Jornal Asiático*, segunda série, t. XVI, p. 385 a 397; terceira série, t. VI, p. 465; segunda série, t. XII, p. 97

(8) *Ibid*, segunda série, t. XIII, p. 292.

SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET
E CLARA (*)

Arcebispo de Santiago de Cuba

*Fundador dos Missionários Filhos do Imaculado
Coração de Maria*

Antônio Claret nasceu na Catalunha, Espanha, a 23 de dezembro de 1807, quando Napoleão I, invadindo aquêle país, ia atirá-lo a um longo período de crises, em que o catolicismo sofreria rudes golpes. Antônio Claret, então, seria um dos mais ativos defensores da fé.

Quinto filho dos onze que João Claret e Josefina Clara tiveram, Antônio foi menino que deixou, precocemente, ver a piedade que sempre lhe foi característica. Tendo começado os estudos de latim com o cura, o pai, vendo-o entusiasmado, enviou-o, depois dos dezesseis anos, para Barcelona, para maiores vãos.

Desejoso de vida cada vez mais perfeita, porque vivia modesta e castamente, fugindo do bulício e dos companheiros ruidosos, pensou Antônio em procurar os cartuxos. Antes, porém, buscou o conselho dos mais velhos, experimentados, piedosos e sensatos,

que o inclinaram para o seminário de Vich, na diocese em que nascera.

No seminário, ficou conhecendo Tiago Balmes, aquêlê Tiago que, embora vivendo tão pouco nesta terra, ensaiaria a renovação do pensamento cristão na Espanha.

Antônio Claret foi seminarista perfeito. Tonsurado a 2 de fevereiro de 1832, a 20 de dezembro de 1834 era subdiácono. Padre a 13 de junho de 1835, pela festa de Santo Antônio de Pádua, justamente quando se iniciava a guerra carlista, imediatamente foi feito vigário, depois ecônomo da paróquia natal. Ali exerceu o ministério e terminou os estudos teológicos.

Em 1839, viajou para Roma, a fim de, certo de sua verdadeira vocação, pôr-se à disposição da Congregação da Propaganda, para trabalhar nas missões. O cardeal prefeito, porém, estava ausente, de modo que foi seguir os Exercícios entre os jesuítas, atendendo-se a uma sua proposição.

Uma chaga que lhe surgiu na perna obrigou-o a tornar à Espanha. Então, pelo bispo de Vich, foi nomeado cura de Viladrau.

Pregando com ardor, Antônio Claret trazia em suspenso todo o auditório, desde o mais refinado até o mais modesto. Para completar as instruções orais, começou a escrever — e escreveu, pela vida a fora, mais de cento e cinquenta livros. O seu *Camino recto y seguro para llegar al Cielo* apareceu em 1843.

Antônio Claret não procurou expor uma doutrina original; seu objetivo era apresentar o Evangelho ao povo, insistindo sôbre as grandes verdades e mostrando a afeição e a estima do dever do estado. Recomendava os exercícios de piedade clássicos,

atribuindo grande importância à devoção à Santa Mãe de Deus.

Pregando todos os dias, incansavelmente, a viajar, a pé, em busca dos mais longínquos sítios, ouvindo confissões à noite, piedoso, caridoso, sempre solícito e pronto para aliviar o pesado fardo dos homens, logo começaram a correr novas sobre milagres que teria operado. Dizia-se, insistentemente, que Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima, lhe apareceram, duma feita.

Naqueles tristes tempos, um homem assim era perigoso para os que procuravam valer-se da ignorância das gentes. Perseguido, achou-se muitíssimo exposto, e, pois, transferiu-se para as Canárias. Ali, por quinze anos, Antônio pregou e pregou sem cessar.

De volta à Espanha, em 1849, lançou as bases da Congregação dos Missionários Filhos do Coração Imaculado de Maria.

Uma surpresa esperava-o: o papa Pio IX, a uma solicitação da rainha Isabel II, nomeou-o arcebispo de Santiago de Cuba, a 4 de agosto de 1849.

Sagrado aos 6 de outubro do ano seguinte, partiu para o novo posto a 28 de dezembro, chegando ao destino a 18 de fevereiro de 1851. Juntara, então, ao nome, o de Maria.

A diocese não era nada edificante. Os padres eram poucos, viviam sem recursos e, o que era pior, tinham muito pouca instrução. O novo prelado logo organizou sessões de estudos no seminário, e, para elevar o nível de vida daqueles sacerdotes, reduziu ao mínimo os gastos do arcebispado.

Santo Antônio Maria Claret pregou a quaresma em Santiago, e, em seguida, pôs-se a visitar a diocese, vasta diocese a sua. Um ano e meio depois, havia

distribuído noventa e sete mil duzentos e dezessete livros, oitenta e três mil e quinhentas imagens, vinte mil e seiscentos têrços e oito mil e trezentas meda-lhas. Em seis anos, havia pronunciado onze mil ser-mões, regularizou a situação de cêrca de trinta casais malcasados e confirmou trezentas mil pessoas.

Sem saber o que era cansaço, ignorando inci-dentes de viagem, que fazia a pé ou a cavalo, comendo o que podia encontrar pelo caminho, transpondo rios mansos ou perigosos, debaixo de sol ou de chuva, pelas noites frias ou cheias de assaltantes, desteme-rosamente enfrentando gente atacada de cólera ou adversários do catolicismo, impávido, sereno, sem se queixar, calmo e doce, lá ia êle sempre para a frente, para onde mais falta fazia aos filhos de Deus.

Novamente a ser empecilho para os que vivem afastados da lei de Deus, reconciliando esposos per-versamente separados, pregando a verdade que era funesta para funestos planos, grangeou Santo Antô-nio Maria Claret uma chusma de inimigos. Nada menos de quinze atentados, sofreu o bravo arcebispo sem mêdo.

Uma noite, saindo da igreja, avançaram para êle de punhal. Vibraram-lhe tal golpe, que lhe abri-rar a face, no lado esquerdo, feíssima ferida, da qual, todos pensaram, viria morrer. Curou-se, porém, num instante, e aquela rápida cura foi tida como miraculosa.

A 18 de março de 1857, a rainha Isabel chama-va-o para a Espanha. Certo de que iria ser repreen-dido pela ação apostólica que vinha desenvolvendo à custa de sacrifícios, mesmo a expor a vida, apre-sentou-se à soberana assim que chegou no Velho Mundo, a 26 de maio. E a rainha, que outra coisa

não queria senão fazê-lo seu confessor, prendeu-o, malgrado seu, na Espanha. Nomeado arcebispo de Trajanópolis, continuou a administrar Cuba e, pouco tempo depois, também Madri.

Muito influente no país, fêz com que se designassem bons bispos, organizou centros de estudos eclesiásticos e, tendo lutado para que a côrte se tornasse menos frívola, combatendo a indecência — formou novos inimigos, numerosos inimigos. Criticado, mostrado ridiculamente em romances, canções, comédias e caricaturas, Antônio Claret, com a sua santidade e amor de Deus, passava por cima de tudo, sem se apocquentar, sem se exaltar, porque combatia o bom combate.

Em 1868, a revolução expulsou a rainha do trono. Refugiada em Paris, o confessor acompanhou-a. E quando Isabel perdeu todos os amigos, porque certas reviravoltas da vida levam os *amigos* a debandar, o bom arcebispo manteve-se, com uns poucos, ao seu lado, chegando mesmo a ser preceptor dos príncipezinhos.

Entrementes, paulatinamente, a Congregação dos Missionários Filhos do Coração Imaculado de Maria ia-se desenvolvendo. Em 1866, as constituições tinham sido aprovadas em Roma. Batalhando em Paris por aquilo que devia batalhar, ocupando-se da colônia espanhola, Antônio Claret desenvolveu a sua atividade, como sempre, incansavelmente. Sentindo-se doente e sem vigor, foi reduzindo, insensivelmente, o labor, que era contínuo.

A 30 de março de 1869, partiu para Roma. Recebido pelo papa, trabalhou, embora depauperado e mais doente ainda, pelo concílio do Vaticano, nos

preparativos do conclave. O verão de Roma, porém, abalou-o. Sofreu, então, um ataque de congestão.

Levado a repousar, recuperou um pouco o vigor doutrora, e pode pregar num seminário, onde presidiu a distribuição de prêmios aos jovens que mais se salientaram na casa. Foi a última oração que proferiu em público.

Sempre perseguido pelos inimigos destes, Deus o livrou até o último instante. Falecido aos 24 de outubro de 1870, com sessenta e três anos de idade, teve o corpo sepultado no cemitério dos monges de Frontefria, depois transferido para a terra natal, em 1897.

Beatificado a 25 de fevereiro de 1934, Antônio Maria Claret e Clara foi canonizado a 7 de maio de 1950.

A Congregação recebeu a confirmação dos seus privilégios no ano de 1924, tendo os seus membros adotado o nome de Claretianos.

* * *

SÃO RAFAEL (*)

Archanjo

São Rafael é invocado, especialmente, para a saúde do corpo e da alma. Assim nos deixa ver a estrofe composta para o ofício da festa dêste Archanjo:

*Nobis adesto, Archangele,
Dei medelam denotans,
Morbos repelle corporum,
Affer salutem mentibus.*

Ou seja:

“Vinde em nossa ajuda, Archanjo,
Vós, cujo nome é *Remédio de Deus*,
Expulsai as doenças do corpo,
Alcançai-nos a saúde do espírito”.

São Rafael é o tipo do anjo que procura cuidar dos justos, em assisti-los, consolar e curar. A história de São Rafael, se assim podemos dizer, vem do Antigo Testamento, no *Livro de Tobias*.

O *Livro de Tobias* conta a história dum muito piedoso israelista, de seu filho e de sua nora. Entre várias tribulações, no meio das muitas angústias que

sofreram, sempre se mantiveram confiantes em Deus. Por isso, foram cumulados de grandes benefícios.

O piedoso israelita chamava-se Tobias. O filho tinha, igualmente, o nome do pai, e a nora respondia pelo nome de Sara.

Tobias, o pai, era da tribo e da cidade de Neftali. Fôra levado cativo nos tempos de Salmanasar, rei dos assírios. Embora no cativo, não se desesperou nem deixou de caminhar pelo trilho da verdade, de maneira que, de tudo aquilo que podia dispor, dava-o todos os dias aos irmãos de raça e de infortúnio, cativos como êle. Era o mais moço de todos os homens da tribo de Neftali, mas nada fazia que fôsse pueril, agindo como um ponderado, grave e sansato homem maduro. Assim enquanto todos iam adorar os bezerros de ouro de Jeroboão, Tobias fugia-lhes da companhia, e ia a Jerusalém, ao templo do Senhor. Ali, adorava a Deus, oferecendo-lhe fielmente tôdas as suas primícias e os seus dízimos. Tudo o que era reto, êle observava, andando segundo a Lei de Deus desde menino.

Quando chegou à idade de casar, casou-se com uma mulher chamada Ana. Ana era da sua própria tribo, e dela teve um filho, ao qual chamou Tobias. A Tobias, o filho, ensinou, desde a infância, a temer a Deus, fazendo com que o pequeno sempre e sempre se abstinésse de todo o pecado.

Cativo em Nínive, em meio aos que fugiam do Senhor, Tobias, o pai, conservou a alma pura. Porque sempre se lembrou de Deus, foi-lhe outorgada, do Alto, graça diante do soberano Salmanasar. Assim, tinha liberdade de locomoção, podendo ir para onde bem quisesse, bem como podia fazer o que bem lhe

aprouvesse. Aos cativos, todos os dias, procurava consolar, dando-lhes salutaes conselhos.

— — — —

“Tendo, certo dia, ido a Ragés, cidade dos medos, e levado dez talentos de prata, daquelas dádivas com que tinha sido presenteado pelo rei, ao ver em necessidade, entre a muita gente da sua nação, a Gabelo, que era da sua tribo, deu-lhe a sobredita quantia de prata, mediante um recibo da sua própria mão.

“Muito tempo depois, morto o rei Salmanasar, reinou, em seu lugar, Senaquerib, seu filho, o qual não podia ver os filhos de Israel. Tobias ia visitar diàriamente todos os da sua parentela, consolava-os, e distribuía para cada um, dos seus bens, segundo as suas posses. Alimentava os famintos, vestia os nus e dava com solitudine sepultura aos que tinham falecido e aos que tinham sido mortos. Finalmente, quando o rei Senaquerib se retirou, fugindo da Judéia à praga com que Deus o castigara pelas suas blasfêmias, e, na sua ira, mandou matar muitos dos filhos de Israel, Tobias sepultara os seus cadáveres.

“Quando o rei teve conhecimento disto, mandou que o matassem e confiscou todos os seus bens. Tobias, porém, despojado de tudo, fugindo com seu filho e com sua mulher, escondeu-se, porque muitos lhe queriam bem. Passados quarenta e cinco dias, assassinaram o rei os seus próprios filhos. Então Tobias voltou para casa, e todos os seus bens lhe foram restituídos”.

Grande era o zêlo daquele homem em sepultar os mortos. Um dia, dia de festa do Senhor, estando

preparado um grande banquete em casa de Tobias, disse êle ao filho:

“ — Vai e traz aqui alguns da nossa tribo, que sejam tementes a Deus, para comerem conosco”.

“Tendo êle ido, na volta contou ao pai que um dos filhos de Israel jazia degolado na rua. Imediatamente, Tobias, levantando-se da mesa, sem nada haver comido, foi junto do cadáver, tomou-o e levou-o secretamente para sua casa, a fim de, depois do sol pôsto, sepultá-lo com precaução. Depois de ter escondido o cadáver, pôs-se a comer com pranto e tremor, recordando-se do que o Senhor havia dito por meio do profeta Amós:

“ — Os vossos dias de festa converter-se-ão em lamentação e pranto”.

“Após o sol pôsto, saiu e sepultou-o. Todos os seus vizinhos o argüiam, dizendo:

“ — Já por êste motivo te mandaram matar; mal escapaste da sentença de morte, logo recomeças a sepultar os mortos?”

“Porém Tobias, temendo mais a Deus do que ao rei, levava os corpos dos que tinham sido mortos, escondia-os em sua casa e sepultava-os pelo meio da noite.

“Sucedeu, um dia, que, cansado de enterrar mortos, ao chegar a sua casa, deitou-se junto duma parede e adormeceu. Enquanto dormia, caiu-lhe dum ninho de andorinhas um pouco de estêrco quente sôbre os olhos, e ficou cego. O Senhor permitiu que lhe acontecesse esta prova, para que a sua paciência servisse assim de exemplo aos vindouros, como a do São Job. Como havia sempre temido a Deus, desde a sua infância, e guardado os seus mandamentos, não se entristeceu contra Deus, por lhe ter acontecido

a desgraça da cegueira. Permaneceu firme no temor de Deus, dando-lhe graças todos os dias da sua vida.

“Assim como os reis (*ou poderosos*) insultavam o bem-aventurado Job, assim os parentes e amigos de Tobias, escarneciam da sua conduta, dizendo:

“— Onde está a tua esperança, pela qual davas esmolas e sepultavas os mortos?”

“Mas Tobias repreendia-os:

“— Não faleis assim, porque nós somos filhos dos santos (*patriarcas*) e esperamos aquela vida que Deus há de dar aos que nunca deixam de confiar nêle.”

“Ana, sua mulher, ia todos os dias tecer, e do trabalho de suas mãos trazia o que podia ganhar para viver. Assim, aconteceu que, tendo recebido um carbrito, levou-o para casa; o marido, tendo-o ouvido dar balidos, disse:

“— Vêde que não seja furtado; restituí-o a seus donos, porque a nós não nos é lícito comer nem tocar coisa alguma furtada”.

“A isto, respondeu-lhe a mulher com ira:

“— Bem claro está que as tuas esperanças são vãs! Agora mostram o que valem as tuas esmolas!”

“Com estas e outras palavras semelhantes, insultava-o.

“Então Tobias deu um suspiro e começou a orar com lágrimas, dizendo:

“— Tu és justo, Senhor, todos os teus juízos são justos, todos os teus caminhos são misericórdia, verdade e justiça. Agora, pois, Senhor, lembra-te de mim, não tomes vingança dos meus pecados, não te lembres dos meus delitos nem dos de meus pais. Porque não obedecemos aos teus preceitos, por isso fomos entregues ao saque, ao cativo e à morte, e

tornamo-nos objeto de riso e opróbrio para tôdas as nações, por entre as quais nos espalhaste. Agora, Senhor, os teus castigos são grandes, porque nós não procedemos segundo os teus preceitos, não andamos sinceramente na tua presença. Senhor, trata-me segundo a tua vontade, mas manda que o meu espírito seja recebido em paz, porque é melhor para mim morrer do que viver”.

“Naquele mesmo dia, aconteceu que Sara, filha de Raguél, que estava em Ecbátana, cidade dos medos, ouviu-se ultrajar por uma das criadas de seu pai, porque tinha sido casada com sete maridos, e um demônio chamado Asmodeu tinha-os morto, quando êles se aproximavam dela.

“Tendo Sara repreendido a criada por uma falta qualquer, ela lhe respondeu:

“— Não vejamos nós jamais sôbre a terra filha nem filho nascido de ti, ó assassina dos teus maridos! Por ventura queres tu também me matar, a mim, como já mataste sete maridos?”

“A estas palavras subiu Sara ao quarto mais alto da casa e durante três dias e três noites não comeu nem bebeu. Perseverando em oração, pedia a Deus, com lágrimas, que a livrasse dêste opróbrio.

“Ao terceiro dia, acabou a oração bendizendo o Senhor, assim:

“— Bendito é o teu nome, ó Deus de nossos pais, que, depois de te irares, usas de misericórdia, e no tempo da aflição perdoas os pecados dos que te invocam. Para ti, Senhor, volto a minha face, para ti dirijo os meus olhos. Peço-te, Senhor, que me livres do laço desta ignomínia, ou que, ao menos, tires-me do cimo da terra.

“Tu sabes, Senhor, que eu nunca desejei (*ilicitamente*) nenhum homem, que conservei a minha alma pura de tôda a concupiscência. Nunca acompanhei com gente licenciosa, nem tive comércio com os que se portam levemente. Consentí em tomar marido por teu temor, e não por paixão. Ou eu fui indigna dêles, ou porventura êles não foram dignos de mim; talvez me tenhas reservado para outro marido (*da minha mesma tribo de Neftali*). Não está ao alcance dos homens (*perscrutar*) os teus desígnios. Todavia, todo o que te rende culto tem por certo que a sua vida, se fôr provada, será coroada; se fôr atribulada, será livre; se fôr castigada, poderá acolher-se à tua misericórdia. Com efeito, tu não te deleitas com a nossa perdição: depois da tormenta, dás a bonança, depois das lágrimas e suspiros, infundes a alegria. Seja o teu nome, ó Deus de Israel, bendito pelos séculos”.

— — — —

Ao mesmo tempo, foram por Deus ouvidas as orações de Tobias e de Sara. Êle, julgando que ia morrer, chamou o filho e passou a aconselhá-lo: que fizesse esmolas, jamais virando o rosto a um necessitado, não acontecesse que o Senhor também lhe virasse a face; que respeitasse a mãe, que por êle muito havia sofrido; a todo o homem que tivesse feito algum trabalho, que logo lhe pagasse o salário, não ficando um só instante com a paga do trabalhador; que se preservasse de tôda a fornicção, de tôda a impureza, e que, fora da própria espôsa, jamais consentisse no crime de se unir a outra mulher. Finalmente, disse que, quando o filho era ainda criança,

emprestara dez talentos de prata a Gabelo, em Ragés, cidade dos medos: buscasse, pois, o modo de recebê-los. E acrescentou:

“— Não temas, meu filho; é verdade que vivemos pobres, mas teremos muitos bens, se temermos a Deus, se nos desviarmos de todo o pecado, se procedermos bem”.

“Então Tobias respondeu ao pai:

“— Meu pai, farei tudo o que me mandaste. Todavia, não sei de que modo poderei cobrar este dinheiro, porque nem êle me conhece a mim, nem eu o conheço a êle; que sinal lhe hei de dar? Nem mesmo sei o caminho, por onde se vai a tal terra.

“Então o pai lhe disse:

“— Eu tenho em meu poder o recibo do seu próprio punho; quando tu lho mostrares, êle te pagará logo. Portanto, agora, vai e busca algum homem fiel, que te acompanhe, mediante uma retribuição, para que cobres o dinheiro, enquanto eu estou vivo.”

“Mal havia Tobias saído (*de casa*), logo encontrou um jovem de belo aspecto, que estava cingido e como prestes a caminhar. (1) Não sabendo que era um anjo de Deus, saudou-o e disse:

“— Donde és tu, ó bom jovem?

“Êle respondeu:

“— Eu sou dos filhos de Israel”.

“Tobias perguntou-lhe:

“— Conheces o caminho que conduz à terra dos medos?”

“O anjo respondeu-lhe :

“— Conheço; tenho percorrido muitas vêzes êstes caminhos e tenho estado em casa de Gabelo,

(1) Era o Arcanjo Rafael.

nosso irmão, que mora em Ragés, cidade dos medos, que está situada sôbre o monte de Ecbátana”.

“Tobias disse-lhe:

“— Suplico que esperes por mim, até que eu avise meu pai disto mesmo”.

“Então Tobias, tendo entrado, referiu ao pai o sucedido. O pai, admirado com isto, rogou-lhe que entrasse em sua casa. Tendo, pois, entrado, saudou a Tobias, e disse:

“— A alegria seja sempre contigo”.

“Tobias respondeu:

“— Que alegria poderei eu ter, eu que sempre estou em trevas, que não vejo a luz do céu?”

“O jovem disse-lhe:

“— Tem ânimo! É fácil a Deus curar-te”.

“Disse-lhe Tobias:

“— Porventura poderás tu conduzir meu filho a casa de Gabelo, em Ragés, cidade dos medos? Quando voltares, eu te pagarei o teu trabalho”.

“O anjo respondeu:

“— Eu lá o conduzirei, e to reconduzirei”.

“Tobias então perguntou-lhe:

“— Peço-te que me digas: de que família e de que tribo és tu?”

“O anjo Rafael respondeu:

“— Procuras conhecer a família do mercenário, ou o próprio mercenário, que vá com teu filho? Mas, para que não te ponhas em cuidado, eu sou Azarias, filho do grande Ananias”.

“Tobias respondeu-lhe:

“— Tu és de uma ilustre família. Peço-te que te não ofendas por eu ter desejado conhecer a tua família”.

“O anjo disse-lhe:

“— Eu conduzirei são o teu filho, e são to re-conduzirei”.

“Tobias respondeu:

“— Fazei boa jornada! Deus seja convosco no vosso caminho, e o seu anjo vos acompanhe”.

Tudo preparado, o jovem Tobias, despedindo-se do pai e da mãe chorosa, partiu, seguido do seu cão. Na primeira pousada, junto do rio Tibre, parou.

“Quando saiu a lavar os pés, avançou da água em enorme peixe para o devorar. À sua vista, Tobias, espavorido, clamou em alta voz, dizendo:

“— Senhor, êle se lança a mim”.

“O anjo disse-lhe:

“— Pega-o pelas guelras e puxa-o para ti”.

“Tendo-o assim feito, puxou-o para terra, e o peixe começou a palpitar a seus pés. Então, disse-lhe o anjo:

“— Tira as entranhas a êsse peixe, e guarda o coração, o fel e o fígado, porque estas coisas te servirão para remédios eficazes”.

“Feito isto, assou Tobias parte da sua carne, que levaram consigo para o caminho; salgaram o resto, para que lhes bastasse até chegarem a Ragés, cidade dos medos.

“Então Tobias perguntou ao anjo:

“— Irmão Azarias, suplico-te que me digas para que remédio servirão estas partes do peixe, que tu me mandaste guardar?”

“O anjo respondeu-lhe:

“— Se tu puseres um pedacinho do seu coração sôbre brasas acesas, o seu fumo afugenta tôda a casta de demônios, tanto do homem como da mulher, de sorte que não tornam mais a chegar a êles. Quanto

ao fel, é bom untar os olhos que têm algumas névoas, tem a propriedade de os curar”.

“Tobias disse-lhe:

“— Onde queres que pousemos?”

“O anjo respondeu:

“— Há aqui um homem, chamado Raguel, teu parente, da tua tribo, que tem uma filha chamada Sara; além dela, não tem mais filho nem filha. Todos os seus bens te devem pertencer, mas é preciso que a recebas por mulher. Pede-a, pois, a seu pai, e elle ta dará em casamento”.

“Então Tobias replicou:

“— Eu sei que ela foi já casada com sete maridos, e que todos morreram; também soube que um demônio os matou. Temo que me suceda também o mesmo e que, como sou filho único de meus pais, faça descer a sua velhice com tristeza ao sepulcro”.

“Então o anjo Rafael disse-lhe:

“— Ouve-me, que eu te mostrarei quais são aquêles sôbre quem o demônio tem poder. São os que se casam com tais disposições que lançam a Deus fora do seu coração e do seu espírito, e se entregam à paixão, como o cavalo e o macho, que não tem entendimento: é sôbre êstes que o demônio tem poder. Porém tu, quando a tiveres recebido, tendo entrado na câmara, viverás com ela em continência durante três dias, e não cuidarás noutra coisa que em fazer oração com ela. No decurso da primeira noite, queimando o figado do peixe, será pôsto em fuga o demônio. Na segunda noite, serás admitido na sociedade dos santos patriarcas. (2) E na terceira noite conse-

(2) Tobias participaria da santidade dos patriarcas, para poder viver castamente com a espôsa, como os patriarcas viveram com as suas mulheres.

quirás a bênção, para que de vós nasçam filhos robustos. Passada a terceira noite, tomarás a donzela no temor do Senhor, levado mais pelo desejo de ter filhos do que por sensualidade, a fim de conseguires nos teus filhos a bênção reservada à descendência de Abraão”.

— — — —

Em casa de Raguel, Tobias, o jovem obteve Sara para sua mulher. Casou-se com ela, ela que tinha tido tantos desgostos.

“Depois de terem ceado, introduziram o jovem no aposento da espôsa. Tobias, lembrando-se do que lhe tinha dito o anjo, tirou da sua bôlsa um pedaço de fígado de peixe e colocou-o sôbre uns carvões acesos. Nessa altura, o anjo Rafael pegou no demônio e liçou-o no deserto do alto Egito.

“Então Tobias encorajou a jovem com estas palavras:

“— Sara, levanta-te e facamos oração a Deus, hoje, amanhã e depois de amanhã. Nestas três noites nos uniremos a Deus: depois da terceira noite, viveremos no nosso matrimônio, porque nós somos filhos de santos, e não podemos juntar-nos à maneira dos gentios que não conhecem a Deus”.

“Levantando-se ambos, oravam juntos com fervor para que lhes fôsse conservada a vida. Tobias disse:

“— Senhor Deus de nossos pais, bendizam-te o céu e a terra, o mar, as fontes, os rios e tôdas as tuas criaturas que nêles se encerram. Tu fizeste Adão do limo da terra e lhe deste Eva por companhia. Ora, tu sabes, Senhor, que não é por motivo

de paixão que eu tomo esta minha irmã por espôsa, mas só pelo desejo de ter filhos, pelos quais o teu nome seja bendito pelos séculos dos séculos”.

“E Sara disse:

“— Compadece-te de nós, Senhor, compadece-te de nós, e faz com que vivamos juntos até a velhice em perfeita saúde”.

“Ao cantar do galo, Raquel mandou chamar os seus criados, que foram com êle abrir uma sepultura.

“— Pode ser, dizia, que tenha acontecido a êste o mesmo que aos outros sete homens que estiveram com ela”.

“Depois que prepararam a cova, voltou Raquel para junto de sua mulher e disse-lhe:

“— Manda uma das tuas criadas ver se êle morreu, para o sepultar antes que amanheça”.

“Ela mandou uma das suas criadas. Esta, tendo entrado na câmara, achou-os são e salvos, dormindo juntamente. Voltando, deu esta boa nova, e, então, tanto Raquel como Ana, sua mulher, louvaram o Senhor”.

Raquel e Ana, depois duma ação de graças, alegres, cuidaram dum banquete, o banquete nupcial. Tobias, que julgava que Rafael fôsse homem e não anjo, chamou-o e disse:

“— Irmão Azarias, peço-te que ouças as minhas palavras. Ainda que eu me entregasse a ti como escravo, não poderia corresponder dignamente aos teus cuidados. Suplico-te, não obstante, que tomes contigo cavalgadas e servos, e vás ter com Gabelo, a Raqés, cidade dos medos. Entrega-lhe o seu recibo, recebe dêle o dinheiro e roga-lhe que venha à minha boda. Tu bem sabes que meu pai conta os dias: se eu tardar um dia mais, a sua alma se contristará.

Tu vês também como Raguel instou comigo, e que não posso desprezar as suas instâncias tão fortes”.

“Então Rafael, tomando quatro criados de Raguel e dois camelos, foi à cidade de Ragés, na Média. Encontrando Gabelo, entregou-lhe o seu recibo, e recebeu d’ele todo o dinheiro. Contou-lhe tudo o que tinha sucedido a Tobias, filho de Tobias, e fê-lo ir consigo à boda”.

Gabelo foi. E chorou, louvou a Deus e abençoou o casal. E o banquete foi celebrado no temor de Deus.

— — — —

“Enquanto Tobias se demorava, por causa das núpcias, seu pai Tobias estava em cuidados, dizendo:

“— Quem sabe por que motivo tarda meu filho, por que se tem lá detido? Porventura morreria Gabelo, e não haverá ninguém que lhe restitua o dinheiro?”

“Começou êle, pois, a entristecer-se em extremo, e Ana, sua mulher, com êle; ambos juntos começaram a chorar, porque seu filho não voltava no tempo marcado. Sobretudo a mãe derramava lágrimas inesgotáveis e dizia:

“— Ai, ai de mim! Meu filho, para que te mandamos nós tão longe, a ti, que eras a luz dos nossos olhos, o bordão da nossa velhice, a consolação da nossa vida e a esperança da nossa posteridade? Nós, que em ti só tínhamos tudo, não devíamos afastar-te da nossa companhia”.

“Tobias dizia-lhe:

“— Cala-te, não te perturbes, que o nosso filho está são; aquêlê homem, com quem nós o mandamos, é muito fiel”.

"Ela, porém, não se podia consolar de modo algum, mas, saindo todos os dias fora, andava olhando para tôdas as partes, e corria por todos os caminhos, por onde esperava que o filho poderia voltar, para o ver vir ao longe, se lhe fôsse possível.

"Entretanto, Raguel dizia a seu genro:

"— Fica-te aqui; eu mandarei a Tobias, teu pai, um mensageiro com novas da tua saúde".

"Tobias respondeu-lhe:

"— Eu sei que meu pai e minha mãe estão agora contando os dias e que o seu espírito está num contínuo tormento".

Depois de muito instar com o jovem, o sogro acabou condescendendo. E Tobias e Sara, com servos e servas, rebanhos, camelos e vacas, partiram, levando a bênção de Raguel.

"De regresso, chegaram no undécimo dia a Caran, que está no meio do caminho para Ninive. O anjo disse:

"— Irmão Tobias, tu sabes o estado em que deixaste teu pai. Se assim, pois, te parece bem, vamos nós adiante, e os teus domésticos sigam-nos devagar com tua mulher e os gados".

"Tendo Tobias achado bom êste parecer, disse-lhe Rafael:

"— Traz contigo o fel do peixe, porque será necessário".

"Tomou, portanto, Tobias do fel, e partiram.

"Entretanto, Ana, todos os dias, ia sentar-se junto da estrada, no alto duma colina, donde podia ver ao longe. Enquanto dêsse lugar espreitava a sua vinda, viu ao longe e logo reconheceu seu filho que vinha; (*logo*) correu a dar a nova a seu marido, dizendo:

“ — Eis aí vem teu filho”.

“Ao mesmo tempo, Rafael disse a Tobias:

“ — Quando tiveres entrado em tua casa, adora logo ao Senhor teu Deus e dá-lhe graças; depois aproxima-te de teu pai e dá-lhe um beijo. Unta-lhe imediatamente os seus olhos com êste fel de peixe, que trazes contigo, porque está certo que logo os seus olhos se abrirão, que teu pai verá a luz do céu e se alegrará em te ver”.

“Então o cão, que os tinha seguido pelo caminho, correu adiante e, como que trazendo a nova, mostrava o seu contentamento e fazia festas, abanando a cauda. O pai, levantando-se, começou a correr cego, tropeçando. Dando, então, a mão a um criado, foi ao encontro do filho. Abraçou-o, beijou-o, fazendo o mesmo sua mulher, e ambos começaram a chorar de alegria. Depois que adoraram a Deus e lhe deram graças, assentaram-se.

“Então Tobias, tomando do fel do peixe, untou os olhos de seu pai. Esperou quase meia hora, e, (*então*), começou a sair de seus olhos uma belida, como a película de um ovo. Tobias, pegando nela, tirou-a dos olhos do pai, que imediatamente recobrou a vista. E glorificaram a Deus, êle, sua mulher e todos os que o conheciam. Tobias dizia:

“ — Eu te bendigo, Senhor Deus de Israel, por me teres castigado e por me teres curado; eis que vejo o meu filho Tobias!”

Sete dias depois, Sara e os demais, com os rebanhos, chegaram. Tobias contou ao pai todos os benefícios que Deus se dignara fazer-lhe, por meio do

anjo, que o acompanhara, e, alegremente, festejaram, banqueteadando-se durante sete dias.

“Então Tobias chamou o filho e disse-lhe:

“— Que podemos nós dar a êste santo homem que te acompanhou?”

“Êle respondeu:

“— Meu pai, que galardão lhe daremos nós? Que coisa poderá haver proporcionada aos seus benefícios? Êle me levou e me trouxe são e salvo; recebeu de Gabelo o dinheiro; fêz-me ter mulher e afugentou dela o demônio; encheu de alegria os seus pais; livrou-me a mim mesmo de ser tragado pelo peixe; a ti, fêz-te ver a luz do céu: por êle nós fomos cheios de todos os bens. Que lhe poderemos dar que iguale tais benefícios? Rogo-te, meu pai, que lhe peças se digne tomar para si metade de tudo o que trouxemos”.

“O pai e o filho chamaram-no, pois, à parte, e começaram a rogar-lhe que se dignasse aceitar metade de tudo o que tinham trazido.

“Então êle lhes falou particularmente:

“— Bendizei o Deus do céu, dai-lhe glória diante de todos os viventes, por ter usado convosco da sua misericórdia. É bom conservar escondido o segredo do rei, mas é coisa louvável manifestar e publicar as obras de Deus. É boa a oração acompanhada do jejum, e dar esmola vale mais do que juntar tesouros de ouro, porque a esmola livra da morte (*eterna*): apaga os pecados e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna. Mas os que cometem pecado e iniquidade, são inimigos das suas almas. Eu vou descobrir-vos a verdade, não quero ocultar-vos nada. Quando tu oravas com lágrimas, enterravas os mortos, quando deixavas o teu jantar, para esconder os mortos em tua casa, de dia, e os enterrar de noite,

eu apresentei as tuas orações ao Senhor. Porque tu eras aceito a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse. Agora o Senhor enviou-me a curar-te e a livrar do demônio a Sara, mulher de teu filho. Eu sou o anjo Rafael, um dos sete (*espíritos principais*) que assistimos diante do Senhor”.

“Ao ouvir estas palavras, ficaram fora de si, e, tremendo, caíram com o rosto em terra. O anjo disse-lhes:

“— A paz seja convosco, não temais. Quando eu estava convosco, eu o estava por vontade de Deus; bendizei-o, cantai-lhe louvores. Parecia-vos que eu comia e bebia convosco, mas eu me sustento dum manjar invisível, duma bebida (*que consiste na visão de Deus*) a qual não pode ser vista pelos homens. É, pois, tempo que eu volte para aquêle que me enviou; vós, porém, bendizei a Deus, e cantai tôdas as suas maravilhas”.

“Proferidas estas palavras, desapareceu diante dêles, e êles não o puderam ver mais. Então, prostrando-se com o rosto por terra durante três horas, bendisseram a Deus; depois, erguendo-se, publicaram tôdas as suas maravilhas”.



Depois do Cântico de Tobias em ação de graças, em que se vê a profecia sôbre a salvação de Jerusalém, seguem-se os últimos dias de Tobias, o pai, as suas últimas palavras, os últimos anos de Tobias, o filho, encerrando-se o livro com a sua morte, lendo-se que “tôda a sua parentela e tôda a sua descendência perseveraram numa vida íntegra e foram amados

tanto por Deus como pelos homens e por todos os habitantes do país". (3)

— — — —

A devoção aos anjos espalhou-se pelo Ocidente vinda do Oriente. Segundo o testemunho das litâneas dos santos, de origens obscuras, os arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael já eram invocados antes da Santa Virgem. No século XV, a devoção a São Rafael como padroeiro dos viajantes estendeu-se rapidamente por tôda a parte.

Aos 2 de março de 1602, uma missa em honra de São Rafael fôra concedida ao mosteiro de São Francisco de Paula de Marselha.

A Espanha festeja o santo arcanjo aos 24 de outubro. Foi a data que o papa Bento XV adotou para a festa da Igreja universal (decreto de 26 de outubro de 1921, *Acta apost. Sedis*, t. XIII, 1921, p. 543).

* * *

(3) Tob., I-XIV.

SÃO FÉLIX (*)

Bispo de Tibiuca

Mártir

Tibiuca ficava a oeste de Cartago, na África. São Félix viveu nos tristes dias de Diocleciano. Martirizado em 303, foi uma das mais ilustres vítimas do primeiro edito de perseguição, proclamado em fins de fevereiro daquele ano.

Magniliano era o magistrado municipal. Cumprindo o edito, como São Félix estava ausente, fêz comparecer à sua presença alguns clérigos, depois, o bispo mesmo. Dizem as Actas:

“Sendo cônsul Diocleciano augusto, pela oitava vez, e Maximiano pela sétima, foi publicado para tôda a terra um edito dos césares e dos imperadores, que ordenava que, em tôdas as colônias e cidades, os príncipes e os magistrados, cada qual no seu setor, arrancassem os Livros Divinos da mão dos bispos e dos padres. O edito foi afixado na cidade de Tibiuca no dia das nonas de junho. O curador Magniliano ordenou que lhe trouxessem os anciães do povo, porque o bispo Félix partira para Cartago naquele dia; ordenou, pois, que lhe trouxessem o padre Aper e os leitores Cirilo e Vital.

“O curador Magniliano disse-lhes:

“— Vós tendes Livros divinos?”

“Aper respondeu:

“— Temos”.

“O curador Magniliano disse:

“— Entregai-nos, para que os queimemos”.

“Disse Aper:

“— Estão com o nosso bispo”.

“O curador Magniliano:

“— Onde está êle?”

“Aper:

“— Não o sei”.

“O curador Magniliano:

“— Ficareis à disposição da justiça até que vos dêem razão o procônsul Anulino”.

“No dia seguinte, o bispo Félix regressou de Cartago a Tibiuca. O curador Magniliano então ordenou que lhe levassem o bispo Félix.

“O curador Magniliano perguntou-lhe:

“— Tu és o bispo Félix?”

“O bispo Félix respondeu:

“— Eu o sou”.

“O curador Magniliano disse:

“— Dá-nos os Livros e os pergaminhos que tu tens”.

“O bispo Félix respondeu:

“— Eu os tenho, mas não os darei”.

“O curador Magniliano disse:

“— Dá-nos os Livros, para que possam ser queimados”.

“O bispo Félix disse:

“— Acho melhor que me queimem a mim, antes que as Escrituras sagradas, porque melhor é obedecer a Deus do que aos homens”.

“O curador Magniliano disse:

“— O que os imperadores dizem é mais importante do que o que dizes tu”.

“O bispo Félix disse:

“— O que diz o Senhor é mais importante do que os homens dizem”.

“Magniliano disse:

“— Pensa durante três dias, porque se deixares de cumprir nesta cidade o que foi ordenado, tu irás ao procônsul e exporás diante do seu tribunal o que aqui disseste agora”.

“Depois de três dias, o curador ordenou que lhe trouxessem de novo o bispo Félix e lhe perguntou:

“— Refletiste?”

“O bispo Félix respondeu:

“— O que disse, digo-o agora, e o repetirei diante do procônsul”.

“O curador Magniliano disse:

“— Pois então irás ao procônsul e a êle repetirás o que aqui disseste”.

“Vicências Celsino, decurião da cidade de Tibiuca, foi designado para conduzi-lo.

“Félix partiu de Tibiuca para Cartago a 14 de junho de 303. Quando chegou, levaram-no ao legado. O legado ordenou que o trancassem numa enxovia. No dia seguinte, foi interrogado.

“O legado perguntou-lhe:

“— Por que não te desfazes das Escrituras inúteis?”

“O bispo Félix respondeu:

“— Tenho-as, mas delas não me desfarei”.

“O legado então ordenou que o atirassem nas profundezas da prisão.

“Dezesseis dias mais tarde, o bispo Félix, carregado de cadeias, foi levado ao procônsul Anulino, à quarta hora da noite.

“Anulino perguntou-lhe:

“— Por que não me entregas as Escrituras inúteis?”

“O bispo Félix respondeu:

“— Não as entregarei”.

“O procônsul Anulino então ordenou que o executassem, passando-o pela espada. Era o dia dos idos de julho — 15 de julho de 303.

“O bispo Félix, levantando os olhos para o céu, disse, com voz muito clara:

“— Deus, eu te dou graças. Tenho cinqüenta e seis anos neste mundo. Guardei a virgindade, observei o Evangelho, preguei a fé e a verdade. Senhor, Deus do céu e da terra, Jesus Cristo, tu que vives eternamente, inclino meu pescoço para ti como uma vítima”.

“Terminada a oração, foi levado pelos soldados, decapitado e deposto na rota dita dos Cilitanos, na basílica de Fausto”.

No mesmo dia em que se festeja o arcanjo São Rafael, em Tongres, na Bélgica, Santo Evergilo (Ebreigiso, Eberegiselo, Eberigisilo, Ebregisilo), bispo de Colônia e mártir: tendo ido a Tongres para dar cumprimento aos deveres do cargo pastoral, quando, duma feita, durante a noite, dirigia-se ao mosteiro de Santa Maria, Mãe de Deus, foi surpreendido por facínoras, que o derrubaram com uma flechada (mais ou menos em 614).

Em Constantinopla, São Proclo, bispo, que, sendo natural daquela cidade, sofreu a influência doutrinal de São João Crisóstomo. Secretário do patriarca Ático, depois patriarca, trabalhou para impor aos orientais o edito de 433, acabando com a crise nestoriana; combateu as teorias de Teodoro, bispo de Mopsuesto, e de Ibas, bispo de Edessa, cheios de nestorianismo. Faleceu em 446.

Na ilha de Sercq, São Maglório, bispo: tendo deixado o cargo episcopal que preencheria durante três anos entre bretões e armóricos, construiu naquela ilha um mosteiro, no qual levou santamente o resto da vida. O corpo, mais tarde, foi transportado para Paris.

No mosteiro de Durino, na Gália, São Martinho, diácono e abade (século VI).

Em Campânia, São Marcos, solitário, do qual São Gregório, papa, relatou as brilhantes ações. Trata-se de Martinho, o de Montemassico, que faleceu em 580.

No País de Gales, São Cadfarch, confessor, filho de Caradoç Freichfras, príncipe de Brecknock. Falecido em 550.

Perto de Tours, São Senoch, monge, sacerdote, desaparecido em 576. Dêle São Gregório de Tours deixou bastos dados, referindo-se também sôbre os milaques que operou: natural de Poitu, converteu-se ao Senhor, foi clérigo, constituiu um mosteiro, foi monge e sacerdote. "Um cego chamado Popusito procurou-o, conta-nos São Gregório, e o bem-aventurado Senoch lhe tocou os olhos com as mãos. Assim que Popusito recebeu o sinal salutar, recuperou a vista, imediatamente. Um homem de Poitu, também cego, tendo ouvido falar da obra daquele confessor,

buscou-o, rogando-lhe a volta da visão. Sem hesitar, Senoch invocou o nome do Cristo e pousou uma cruz sobre os olhos do cego; no mesmo instante correu um fluxo de sangue, a luz entrou, e o homem enxergou”.

Na abadia de São Vandrilo de Fontenelle, na diocese de Ruão, Santo Eremberto, bispo de Tolosa (século VII).

São Fromond, bispo (fim do século VII).

Na diocese de Roul, São Florentino, confessor, falecido antes de 995.

Santa Montana, falecida na abadia de Ferrières.

Em Milão, o bem-aventurado João Ângelo Porro, servita de Maria, desaparecido em 1506. Nascido em Milão, de família nobre, buscou os servitas em 1450. Em 1471, foi nomeado prior de Chianti, depois, em 1477, mestre dos noviços de Florença. Em 1729, constatou-se que seu corpo ainda permanecia intacto. Clemente XII aprovou-lhe o culto em 1737.

Na Indochina, o bem-aventurado José Le Dang Thi, mártir, em 1860. Era um capitão (mandarim militar) do exército de Tu Duc, príncipe da Conchinchina. Morreu estrangulado pela fé.

ÍNDICE

9.º dia de outubro

São Dionísio, o areopagita, discípulo de São Paulo, e primeiro Bispo de Atenas	9
Santo Abraão e Santa Sara, antigo testamento	45
Santa Públia, abadessa	69
São Goduíno, abade	71
São Demétrio, patriarca de Alexandria	73

10.º dia de outubro

São Francisco de Borja, superior geral da Companhia de Jesus	78
São Paulino, arcebispo de York	86

11.º dia de outubro

Santos Táraco, Probo e Andrônico, mártires	88
São Cainnech ou Kenny, abade	101
São Gomário, confessor	106

12.º dia de outubro

O Beato Tiago de Ulm	111
Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil	116
Santo Edwin, rei de Northumbria	157

13.º dia de outubro

São Geraldo, conde de Aurillac	162
São Colmano, mártir	172

14.º dia de outubro

São Domingos, o Couraçado	175
São Cosmas, bispo de Maiúma	179
São Justo, bispo de Lião	184
São Fortunato, bispo	187

15.º dia de outubro

Santa Teresa, fundadora das Carmelitas Descalças	192
Bem-aventurada Filipa de Chantemilan, virgem	216

16.º dia de outubro

São Galo, abade	222
Bem-aventurado Geraldo, abade	238
São Geraldo Majella, redentorista	241

17.º dia de outubro

Santa Hedvigis, duquesa da Polônia, e tia de Santa Isabel da Turingia	253
Santa Margarida Maria Alacoque, visitandina	257
Bem-aventurado Contardo Ferrini, professor de Universidade	292
Bem-aventurado Baltasar Ravaschieri, franciscano	295
Bem-aventurado Ricardo Gwyn, mártir	297

18.º dia de outubro

São Lucas, terceiro dos quatro evangelistas e primeiro histo- riador da igreja	301
São Paulo da Cruz, fundador da Congregação dos Passionistas	307

19.º dia de outubro

São Pedro de Alcântara	318
São Vrain, bispo	334
Santo Aquilino, bispo	336
Bem-aventurado Tomás Helye, sacerdote	338

20.º dia de outubro

São João Câncio, sacerdote polonês	343
Santo Artêmio, duque do Egito e vários outros mártires sob Juliano, o apóstata	348
São Caprásio, mártir	363

21.º dia de outubro

Santo Hilarião, patriarca dos Solitários da Palestina	368
São Valfredo, monge	375
São Fintan, abade	379
Santa Úrsula e as onze mil virgens, mártires	383

22.º dia de outubro

São Filipe, bispo da Heracléia e seus companheiros, mártires	393
Santa Salomé, mãe de Tiago e de João	406
Santo Abércio, bispo	409

23.º dia de outubro

São João de Capistrano, franciscano	414
Bem-aventurado João, o Bom, ermitão de Santo Agostinho	424

24.º dia de outubro

Santo Aretas, sua esposa Rehoumy, seus filhos, numerosos árabes cristãos e mártires	429
Santo Antônio Maria Claret e Clara	448
São Rafael, arcanjo	454
São Félix, bispo de Tibiuca, mártir	473

Composto e Impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1961
